

CARMEN LÚCIA RIGONI

**“LA FORZA DI SPEDIZIONE BRASILIANA” (FEB) – MEMÓRIA E HISTÓRIA:  
MARCOS NA MONUMENTALÍSTICA ITALIANA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

CURITIBA

2003

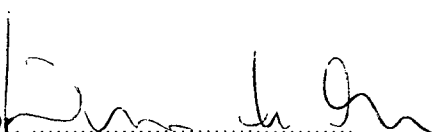


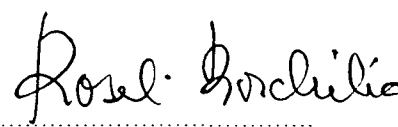
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

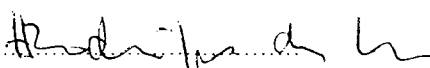
## PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação da candidata **Carmen Lúcia Rigoni**, sob o título **“La forza di spedizione brasiliana” (FEB) – memória e história: marcos na monumentalística italiana**, para obtenção do grau de **Mestre em História**, após haver realizado a atribuição de notas, são de Parecer pela *aprovada* com conceito “**B**”, sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de **Mestre**.

Curitiba, 29 de abril de 2003.

Prof. Dr.   
Presidente

Profª Drª   
1º Examinador

Profª Drª   
2º Examinador

### **DEDICO AOS:**

Combatentes da Força Expedicionária Brasileira, que um dia cruzaram os mares para lutar em terras italianas, vivenciando momentos marcantes em suas vidas com grandes perdas e sofrimentos, aqui fica o registro de agradecimento de uma geração de brasileiros e italianos que se conduzem pelas trilhas da democracia.

## AGRADECIMENTOS

### BRASIL

Arlindo Rigoni, meu marido e grande companheiro nos momentos difíceis da composição desta pesquisa, e aos meus filhos, Eder Maurício e Luciana Tereza, pela paciência e compreensão nesses últimos anos da minha dedicação exclusiva a este trabalho;

Adamastor Marques, incansável revisor, exigente nas leituras e releituras, o maior incentivador deste trabalho;

Prof. Dr. Dennison de Oliveira, pela sua firmeza e exigência na conduta de investigação nessa pesquisa;

Combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial e suas famílias, que dignificaram "*La Forza di Spedizione Brasiliana*, memória e história - marcos na monumentalística italiana", com seus depoimentos sinceros e esclarecedores;

Legião Paranaense do Expedicionário, aos associados e funcionários, pela compreensão e auxílio na abertura dos arquivos, elementos imprescindíveis para essa pesquisa;

Associação Nacional dos Veteranos da FEB do Rio de Janeiro, por meio das pessoas do seu presidente, Cel. Sérgio Gomes Pereira, e do Major Ruy Fonseca, pela acolhida e divulgação do nosso trabalho em todo o Brasil;

Cel. Emir Benedetti, adido militar em Roma, pela ajuda e colaboração em relação aos documentos que vieram da Itália;

À Tenente enfermeira da FEB Virgínia Leite, e grande incentivadora e divulgadora dos ideais da Força Expedicionária Brasileira, que abriu caminhos à realização deste trabalho;

Sra. Dil Archegas Ferreira, esposa do ex-combatente Cel. Pérsio Ferreira, pelo incentivo e colaboração em defesa dos estudiosos que trabalham com os temas pertinentes à FEB;

Ex-combatentes *in memoriam* Rubens Krizyzanosowski, Benedito de Oliveira Mello, Thomaz Walter Iwersen e Roosevelt Chueire, que acreditaram na eternidade da memória da FEB pelas mãos dos pesquisadores;

Professores, funcionários e colegas do Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, pelo incentivo, colaboração e ajuda, principalmente na pessoa da Secretaria Sra. Luci Baena;

Pesquisadores da Força Expedicionária Brasileira, em especial a Maria do Carmo Amaral.

## ITÁLIA

Universidade de Bolonha, por meio dos professores do Departamento de História, Drs. Massimo Morigi e Stefano Salmi;

*Istituto per la Storia della Resistenza*, em Bolonha, na pessoa da Sra. Brunella Dalla Casa, presidente dessa instituição;

Vito Paticchia, presidente da *Regione Emilia Romagna*;

Prefeituras de Gaggio Montano, Montese, Porreta Terme, Vergato e Pistóia, a seus prefeitos e habitantes, pela acolhida e meios que possibilitaram este trabalho, abrindo os arquivos das comunas e possibilitando nosso contato com os testemunhos locais;

Colaboradores, colecionadores, historiadores e admiradores da FEB, Fabio Gualandi, Giancarlo Macciantelli, Franco Polegatto e Giovanni Sulla, na busca quase impossível de documentos sobre a Segunda Guerra Mundial, no período de atuação da FEB em território italiano.

## NOITE DE GUERRA

Há um profundo silêncio  
No próprio silêncio desta noite fria de guerra...  
Um silêncio de sangue:  
Gritos desesperados...  
Há também os gemidos úmidos  
Das preces vazias  
O pedido formulado a Deus  
Para não morrer tão breve...  
E nos corações de todos que lutam  
Há o espinhoso pecado  
De viver lutando e matando,  
Irmãos contra irmãos...  
Há um profundo silêncio,  
Um silêncio de sangue  
Nesta noite fria de guerra...

(*front italiano*, 1944, *In*: AMIDEN, 1969)

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	IX
LISTA DE QUADROS .....	X
RESUMO .....	XI
SOMMARIO.....	XII
APRESENTAÇÃO.....	XIII
INTRODUÇÃO .....	1
<b>1 O BRASIL DIANTE DA GUERRA .....</b>	<b>17</b>
1.1 A FORMAÇÃO DA FEB .....	17
1.2 AS IMPLICAÇÕES DIPLOMÁTICAS.....	29
<b>2 COMEMORAÇÃO, MEMÓRIA E MONUMENTO .....</b>	<b>37</b>
2.1 A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: AS CELEBRAÇÕES PELOS MONUMENTOS....	37
2.1.1 Comemorações e Monumentos.....	37
2.1.2 Monumentos: Leituras Relevantes .....	48
2.2 <i>PATRIZIA DOGLIANI</i> E A PERIODIZAÇÃO DOS MONUMENTOS NA ITÁLIA.	49
2.3 O HISTORIADOR DIANTE DA MEMÓRIA.....	57
2.4 A SOCIEDADE EM GUERRA: HISTÓRIAS DE UMA MEMÓRIA FRAGMENTADA.....	61
2.5 A MEMÓRIA DO GRUPO: O ELO VIVIDO NO ETERNO PASSADO .....	68
2.6 A HISTÓRIA ORAL: ENCAMINHAMENTO ÀS FONTES.....	75
2.7 A MEMÓRIA ITALIANA NA VISÃO DE ALGUNS AUTORES .....	78
2.8 MEMÓRIA CONFLITUOSA EM <i>BIAGIONI</i> E <i>MARZABOTTO</i> : A RESISTÊNCIA E UM POSSÍVEL ENQUADRAMENTO NA HISTORIA ITALIANA .....	84
2.8.1 A Brigada Stella Rossa .....	88
2.9 A FEB NA VISÃO HISTÓRICA DOS AUTORES ITALIANOS .....	90
<b>3 HISTÓRIAS E PERCURSOS DA MEMÓRIA .....</b>	<b>98</b>
3.1 AS LEMBRANÇAS ITALIANAS E BRASILEIRAS .....	98
3.2 A EMOÇÃO DA PARTIDA: VIAJANDO RUMO À ITÁLIA.....	110
3.3 CHEGAM À ITÁLIA OS SOLDADOS DO 1º ESCALÃO .....	113
3.4 FATOS DE UMA OFENSIVA: OS COMBATES NO RIO <i>SERCHIO</i> , MONTE CASTELO E <i>MONTESE</i> .....	117
3.4.1 Combates no Vale do Rio <i>Serchio</i> .....	117

3.4.1.1 O que era o Vale do <i>Serchio</i> .....	118
3.4.2 Tomada de Monte Castelo.....	127
3.4.3 <i>Montese</i> .....	131
3.4.3.1 A Ofensiva da Primavera .....	131
3.5 RETRATOS DE IMAGENS LONGÍNQUAS - OS ACAMPAMENTOS NA ITÁLIA:	
ESPAÇOS DE SOLIDARIEDADE .....	136
3.5.1 O Primeiro Acampamento Em <i>Agnaro</i> .....	136
3.5.2 O Segundo Acampamento em <i>Tarquínia</i> .....	137
3.5.3 O Terceiro Acampamento em <i>Vada</i> .....	138
3.5.4 O Quarto Acampamento- <i>San Rossore</i> .....	140
3.6 OS SOLDADOS BRASILEIROS EM RELAÇÃO ÀS MULHERES ITALIANAS	148
3.7 OS BRASILEIROS E AS FAMÍLIAS ITALIANAS.....	151
<b>4 OS MONUMENTOS BRASILEIROS NA ITÁLIA.....</b>	<b>157</b>
4.1 UMA VISÃO ARQUITETÔNICA SOBRE OS MONUMENTOS .....	157
4.1.1 Localizando a Força Expedicionária na Itália.....	157
4.2 MONUMENTO VOTIVO DA CIDADE DE PISTÓIA .....	169
4.2.1 Origem da Cidade.....	169
4.2.2 A Cidade e seu Monumento .....	170
4.2.3 O Terreno do Cemitério de Pistóia .....	173
4.2.4 A Edificação do Monumento .....	174
4.3 A CIDADE DE <i>MONTESI</i> E OS MONUMENTOS DEDICADOS À	
LIBERDADE.....	177
4.3.1 A Localização Estratégica da Cidade .....	177
4.3.2 1.º Monumento: <i>Alla Libertà</i> .....	186
4.3.2.1 Descrição do monumento .....	186
4.3.2.3 Histórico do monumento .....	188
4.3.3 2.º Monumento: a Max Wolff Filho .....	192
4.3.3.1 Descrição do monumento .....	192
4.3.3.2 Histórico do monumento .....	194
4.3.3.3 A trajetória.....	194
4.4 GAGGIO MONTANO E OS MONUMENTOS DEDICADOS AOS COMBATES DE	
MONTE CASTELLO.....	200
4.4.1 O <i>Front</i> Brasileiro nos Apeninos .....	200



4.4.2 1.º Monumento “ <i>Brasile</i> ” em <i>Gaggio Montano</i> .....	202
4.4.2.1 Descrição do monumento .....	203
4.4.2.2 Histórico do monumento .....	204
4.4.3 2.º Monumento <i>Liberazione</i> .....	206
4.4.3.1 Mary Vieira, a saga de uma artista .....	206
4.4.3.2 Histórico do monumento .....	207
4.4.3.3 Descrição do monumento .....	213
4.5 MONUMENTO BRASILEIRO EM VERGATO .....	215
4.5.1 Cidade de Vergato .....	215
4.5.2 Descrição do Monumento .....	218
4.5.3 A História do Monumento .....	219
4.6 PROJETOS E AÇÕES EDUCATIVAS NA LINHA GÓTICA DE HOJE.....	229
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>234</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>243</b>
FONTES PRIMÁRIAS .....	243
ICONOGRÁFICAS.....	243
IMPRESSAS.....	243
JORNAIS.....	244
OUTROS.....	244
ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS .....	244
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>246</b>

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - A CHAMA.....	175
FIGURA 2 - <i>COME SE ARRIVA</i> (ITINERÁRIO HISTÓRICO).....	185
FIGURA 3 - A LIBERDADE .....	186
FIGURA 4 - O HERÓI.....	193
FIGURA 5 - O BRASIL .....	204
FIGURA 6 - O CÍRCULO (MONUMENTO <i>LIBERAZIONE A RITMI APERTI</i> ) .....	212
FIGURA 7 - COMUNE DI VERGATO .....	216
FIGURA 8 - A BATALHA .....	217
FIGURA 9 - <i>PROGETTO REGIONALE "LÍNEA GÓTICA"</i> .....	231

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - NÚMEROS DA GUERRA .....	108
------------------------------------	-----

## RESUMO

Ao passarmos pela Itália, surpreendeu-nos o número expressivo de monumentos dedicados aos soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Região Setentrional italiana, próxima à cidade de Bolonha - o *front* brasileiro na Segunda Guerra Mundial. O Brasil participou desse conflito ao lado do 5º Exército Americano (1944-1945). O presente trabalho enfocou as principais obras, nos municípios localizados na antiga Linha Gótica: monumentos *Brasile e Liberazione*, em *Gaggio Montano* (BO); monumentos *alla Libertà* e Max Wolff Filho, em *Montese* (MO); *Monumento di Castelnuovo di Vergato* (BO); e o Monumento Votivo de *Pistóia* (PI). A nossa questão central foi descobrir o motivo dessa honorificência aos brasileiros, se pensarmos que por aquela região da Itália passaram mais de 200 mil soldados, das mais diversas procedências. Para respondermos aos diversos questionamentos que se apresentaram, respaldamo-nos nesta proposta teórico-metodológica: a visão da historiografia brasileira sobre a FEB e a historiografia italiana divulgada pelo Instituto da História da Resistência Italiana, em Bolonha, quando contemplamos os historiadores: Marco DONDI, Patrizia DOGLIANI, Enzo NIZZA, Luciano CASALI e Mariano GABRIELE, entre outros autores especialistas dos temas referentes à monumentalística italiana e à FEB. Na Itália, colhemos testemunhos no período de 2000 a 2003. Muitas vezes, na impossibilidade desse procedimento, utilizamos os depoimentos organizados nas décadas de 60 a 90 pelos estudiosos italianos. Nosso objetivo foi fazer o contraponto das narrativas italianas e brasileiras. Ao trabalharmos com os monumentos aos brasileiros construídos em terras italianas, foi necessário apreendermos os conceitos apresentados pela Arquitetura e sua visão de marco histórico. Desse modo, essas construções são resultantes dos discursos encetados pelos nossos atores - os agentes que possibilitaram a construção dessas obras, que são histórias de memórias reconstruídas e que justificam o gesto de agradecimento da população italiana aos nossos soldados, lançando luzes e provocando para uma reflexão sobre tema relevante da nossa História Contemporânea, desconhecida até pela grande parte de brasileiros.

Palavras-chave: guerra, Força Expedicionária Brasileira, memória, história, monumentos.

## SOMMARIO

Al passare per l'Italia, ci sorprende il numero espressivo di monumenti dedicati ai soldati della Forza di Spedizione brasiliana (FEB) nell'area Settentrionale italiana, vicino alla città di Bologna - la fronte brasiliana in Seconda Guerra del Mondo. Il Brasile partecipò di quel conflitto accanto al 5° Esercito americano (1944-1945). Il lavoro presente focalizza i principali monumenti localizzati nella vecchia Linea Gotica: monumenti Brasile e Liberazione, a Gaggio Montano (BO); monumento alla Libertà e Max Wolff Filho, a Montese (MO); Monumento Castelnuovo di Vergato (BO); e il Monumento Votivo di Pistoia (Pi). Il nostro soggetto centrale sarà quello di scoprire la ragione di quella *honorificância* ai brasiliani, se noi pensiamo che per quella area di l'Italia passarono più di 200 milli soldati, del più diverse origini. Per che possiamo rispondere a tutti i questionamenti che si presentano vennero, noi c'appoggiammo in questa proposta teorico-metodologica: la visione della storiografia brasiliana su FEB e la storiografia italiana divulgata dall'Istituto della Storia della Resistenza italiana, a Bologna quando noi contemplammo gli storici: Marco DONDI, Patrizia DOGLIANI, Enzo NIZZA, Luciano Casali e Mariano GABRIELE, fra gli altri autori esperti nei temi che dicono rispetto alla monumentalistica italiana e la FEB. In Italia, noi abbiamo raccolto testimonianze nel periodo da 2000 a 2003. Molte volte, nell'impossibilità di quell procedimento noi usammo le testimonianze organizzate di decenni da 60 a 90 dagli esperti italiani. Il nostro obiettivo andò obbligare a fare il contrappunto delle narrative italiani e brasiliani. Per fare la ricerca dei monumenti edificati ai brasiliani nella terra italiana, era necessario che noi potessimo capire i concetti presentati dall'Architettura e la sua visione di marchio storico. Così, quelle costruzioni sono risultanti dei discorsi di nostri attori - li agenti che facilitarono la costruzione di quelli marchi, quelli sono storie di memorie ricostruito e che loro giustificano il gesto di gratitudine della popolazione italiana ai nostri soldati, gettano luci e provocano per una riflessione su importante tema della nostra Storia Contemporanea, ignota anche dalla grande parte di brasiliani.

**Parola chiave:** guerra, Forza di Spedizione Brasiliana, memoria, storia, monumenti.

## INTRODUÇÃO

Mais uma vez às trincheiras, caros amigos, mais uma vez;  
Ou fechemos as muralhas com os nossos mortos!  
Nada assenta melhor a um homem na paz  
Do que a quieta mansidão dos humildes.  
Mas quando o calor da batalha chega a nossos ouvidos,  
Imitai, então, o gesto do tigre.  
Retesai os nervos, ativai a circulação do sangue;  
Disfarçai a boa índole com a raiva incontida,  
E ao olhar daí, então, um aspecto terrível.  
(Shakespeare)

O interesse pelo tema concernente à Força Expedicionária Brasileira surgiu depois de uma visita ao Museu do Expedicionário de Curitiba (Paraná), situado na praça de mesmo nome. O acervo e documentos – bem como as bibliotecas especializadas em assuntos da Segunda Guerra – nos mostram a participação brasileira no conflito mundial numa singularidade ímpar. Observamos, naquele momento, que as fontes ali existentes eram desconhecidas, inéditas e instigantes, e que poderiam propiciar caminhos para interessantes e profundas pesquisas.

A imensa literatura existente chama a atenção, ao primeiro exame. Com conteúdo desenvolvido em forma de diários, os livros contêm narrativas que ligam às unidades militares e ao seu regimento e companhia, referindo-se, algumas, à viagem à Itália e aos preparativos para participar uma guerra em outro país, e outras, ao desembarque e contatos com povos estrangeiros, ao horror da guerra em si e às amizades que ficaram para sempre.

No projeto inicial apresentado ao programa da pós-graduação, propusemo-nos a contemplar o aspecto do cotidiano dos pracinhas, numa visão humanística da guerra. É a questão dos sentimentos tão reclamada por historiadores, como Lucien

FEBVRE<sup>1</sup>, e pela “3ª geração” da Escola dos *Annales*, que propõe uma história da sociabilidade, entendida como base das relações humanas.

Pensamos também em trabalhar com a questão da motivação para o combate, mas as fontes nos conduziam para o trabalho historiográfico propriamente militar. Com o aprofundar da temática surgiram questões relativas a técnicas de combates e assuntos de logística de guerra, que exigiam especialidades de que não dispúnhamos no momento. Além disso, as fontes documentais sobre esse assunto são precárias no Brasil, quando se trata da sua participação na Segunda Guerra. Poderíamos recorrer aos historiadores militares, principalmente aos ingleses e norte-americanos. Mas o enfoque, geralmente, é atribuído à participação dos seus exércitos, o que tornaria impraticável a nossa proposta de trabalho. Finalmente, o estudo da história estritamente militar pouco ou nada sobre as dimensões humanas do conflito, como bem o demonstra OLIVEIRA<sup>2</sup>.

Foi a oportunidade de viajar à Itália, por duas vezes, que nos motivou ao desafio da escolha da temática sobre os monumentos lá construídos, em homenagem aos soldados brasileiros<sup>3</sup>. Placas e monumentos formam conjuntos arquitetônicos desafiadores para o entendimento da história da Força Expedicionária Brasileira, cujas mensagens ali explícitas tentam nos dizer algo e nos convidam a desvendar mistérios intrigantes.

Percebemos também, a inexistência de outras obras que pudessem lembrar as unidades militares que ali também combateram e compunham o grupo dos aliados formado pelos exércitos inglês e americano, com os quais o Brasil, por

<sup>1</sup> FEBVRE *apud* GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e história científica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 28, 1993.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Dennison de; NAPOLITANO, Marcos (org). *História e Historiografia Militar*. Guia do Museu do Expedicionário. PET. Curitiba: UFPR, 2000.

<sup>3</sup> É esse o estudo que pretendemos desenvolver neste trabalho.. Os monumentos, em seu conjunto, destacavam-se de uma forma que nós, brasileiros, desconhecíamos e nos escapava à compreensão pela precariedade de informações de que dispúnhamos naquele momento. Acompanhando os ex-combatentes brasileiros em 2000, havíamos cumprido o roteiro de visitar o *front* brasileiro, localizado a cerca de 60 km de Bolonha (Itália). Ao passar pelos pequenos povoados dessa região, fomos surpreendidos pela presença marcante de monumentos e placas dedicados à Força Expedicionária Brasileira.

força de acordos internacionais, aliara-se.

Neste trabalho, pretendemos mostrar “*La Forza di Spedizione Brasiliana*” (FEB) – memória e história: marcos na monumentalística italiana<sup>4</sup>, como sinalizadores de um tempo, de uma memória que não deve ser esquecida, na qual o Estado, as famílias e os combatentes revelam suas memórias nos locais onde se situam os monumentos. São esses os “lugares da memória” - monumentos construídos aos brasileiros inseridos nos cenários de combate da 2ª Guerra Mundial, conhecido como Linha Gótica, estreitamente ligados aos rituais comemorativos de parcela importante do povo italiano (Anexo 4).

Nesse sentido, os monumentos brasileiros são vistos aqui como restabelecimentos de marcas, nos quais o passado é reelaborado na perspectiva individual, em que os momentos coletivos são revisitados, reafirmando, desse modo, a memória histórica de uma coletividade, em que se mesclam sentimentos de identidade e pertencimento.

Esses monumentos são ícones celebrados pelas comunidades, com o desejo de recordar. Não são apenas marcas visuais no sentido da estética, mas que remetem ao ausente e lembram, rememoram e eternizam.

Propomos uma reflexão sobre a existência desses monumentos na Itália e sua inserção na memória, história e monumentalística daquele país. O período de estudo está delimitado entre os anos de 1945 e 2002, com ênfase maior para o período pós 1995, com fases significativas em que localizamos os monumentos e as cidades onde foram construídos.

No contexto histórico italiano, os monumentos brasileiros foram quase que exclusivamente instituídos a partir das comemorações internacionais, que celebravam o cinquentenário do fim da guerra, em 1995. Ao entender esses monumentos, não podemos furtar-nos de verificar os momentos políticos

<sup>4</sup> Nota da Autora: O título original do estudo (em italiano) foi substituído pelo título em português: Bravos combatentes da FEB: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história (Itália 1995/2005).



vivenciados pelo país, aos quais os monumentos estão intimamente ligados e que são, em boa medida, resultantes dessas ações norteadoras.

Procuramos discutir a importância da memória no processo da construção desses monumentos, quando, através dos testemunhos brasileiros e italianos, os atores - nesse cenário do imaginário e do concreto - nos permitem mergulhar no túnel do tempo. Recuperam-se imagens, percebem-se permanências e mudanças possibilitadas pelo fascinante uso da memória, bem como os silêncios e omissões que também são intrigantes para nós que conhecemos a literatura brasileira sobre a guerra.

## AS FONTES

Ao nos reportarmos aos monumentos existentes na Itália, em homenagem aos brasileiros, propomo-nos a discutir sobre a tríade em que se baseia a pesquisa memória, história e monumento, estabelecendo entre esses elementos um elo que permita a organização do mosaico histórico que retrata os monumentos e a identificação dos fatores que propiciaram o aparecimento desses marcos simbólicos.

Ao mesmo tempo, tentamos compreender o momento político italiano, quando o ato de rememorar homenageia não somente os soldados brasileiros, mas também os mortos nessas comunidades durante a guerra, tenham sido eles *partigianos*<sup>5</sup> ou civis mortos nas represálias.

“A leitura mais imediata dos monumentos tem sido através de sua função como mensageiros ideológicos; vale lembrar que os períodos pós-guerra foram privilegiados para essas construções, e as figuras homenageadas aparecem como heróis, ora como vítimas.”<sup>6</sup>

<sup>5</sup> *Partigiano*, na língua italiana, significa aquele que é defensor de uma parte ou partido. Também a pessoa que pertencia a uma formação armada irregular, que se envolvia com ações de guerrilha em território nacional invadido pelo inimigo. Durante a Segunda Guerra Mundial, os partigianos lutaram nos movimentos de resistência contra as forças nazifascistas (ZINGARELLI, 1994).

<sup>6</sup> FREIRE, Cristina. *Além dos mapas, os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. SESC São Paulo: Annablume, 1997.

Mas o que significam exatamente esses eventos na Itália? Quais são os elementos situados no contexto? Que espaço ocupam e que papel exercem os monumentos nas comunidades que os edificaram? Essas são algumas entre tantas outras indagações inevitáveis no ineditismo desse estudo.

O desenvolvimento da pesquisa constituiu-se de várias etapas: 1) localização dos monumentos e placas existentes na Itália em homenagem à FEB, efetuada no decorrer da viagem realizada em setembro de 2000, ao passarmos pelas seguintes cidades: *Gaggio Montano*, *Pistóia*, *Porreta Terme*, *Vergato* e *Montese*, todas próximas à Bolonha, na parte setentrional da Itália; 2) distribuição de questionários, organizados no Brasil, aos cidadãos desses municípios italianos, direcionados a pessoas que vivenciaram a guerra e que, de formas diferentes, tiveram contato com a tropa brasileira, no período de 1944 a 1945 (posteriormente, esses questionários chegaram ao Brasil).<sup>7</sup> Na organização desse trabalho contamos com ajuda de pessoas ligadas ao grupo cultural "*Gente di Gaggio*", da cidade de *Gaggio Montano*; 3) pesquisa bibliográfica sobre a historiografia da FEB; e 4) nova viagem à Itália, em junho de 2001 (Anexo 15).

A quarta etapa da pesquisa foi a mais importante e produtora, e cabe descrevê-la com mais detalhes. Nessa ocasião, a nossa permanência por um mês em território italiano proporcionou-nos um contato mais direto com as populações das localidades mencionadas. Os depoimentos foram registrados em gravador e depois transcritos.

Para efetuarmos o registro dos depoimentos, percorremos todos os pequenos povoados localizados na histórica Linha Gótica (norte da Itália), local onde a FEB se fez presente como tropa aliada ao 5º Exército Americano. Os depoentes foram voluntários que se apresentaram numa etapa anterior - homens e mulheres,

<sup>7</sup> Foram distribuídos cerca de 20 questionários com perguntas sucintas. Desse total, apenas 5 foram respondidos. A falta de um acompanhamento mais direto por parte desta pesquisadora e a distância entre o Brasil e a Itália impossibilitaram a continuidade desta metodologia, que se mostrou inoperante aos propósitos deste trabalho (Anexo 14).

que na época da guerra estavam nessas localidades e tiveram contato com a tropa brasileira.<sup>8</sup> Nesta fase, foi possível conhecer pequenas bibliotecas e seus acervos, nos quais conseguimos recolher uma documentação, fundamental, que nos auxiliou na compreensão do contexto político italiano na época da guerra.

De grande valia para a pesquisa constituiu-se a possibilidade de percorrermos o *front* brasileiro da Segunda Guerra, o que auxilia bastante o trabalho do historiador que trata de assuntos pertinentes à guerra. Assim, conhecemos os locais onde os brasileiros combateram, como *Monte Castello*, *Montiloco*, *Guanella*, *Abetaia*, (*Gaggio Montano*), *Montello*, *Mazerno*, *Riva di Biscia* (*Montese*) *Porreta Terme*, *Pistóia* (*Pistóia*) e Bolonha.

Na Universidade de Bolonha, procuramos ter noção dos estudos desenvolvidos por professores e alunos do Curso de História, pertinentes à guerra. Mas foi no Instituto da História da Resistência que tivemos acesso à documentação historiográfica e aos livros editados na década de 90, que retratam a guerra nos Apeninos. A maior parte dessa historiografia é direcionada para os estudos das populações urbanas e do campo, do cotidiano das famílias, dos problemas de alimentação, saúde e justiça, do funcionamento precário das escolas, e da situação calamitosa dos desabrigados.

Organizadas por pesquisadores do Instituto e professores da Universidade de Bolonha, essas obras vieram ao encontro da nossa pesquisa, pois retratam justamente depoimentos reunidos a partir da década de 60. Estes, constituindo registros esclarecedores e oportunos às indagações que tínhamos a respeito do passado de uma população que não conhecíamos.

O Instituto da História da Resistência possui também um acervo fotográfico de grande valor para a pesquisa, sobre a guerra na região da Linha Gótica. As fotos são cópias fornecidas pelos arquivos do 5º Exército Americano, estão identificadas,

<sup>8</sup> No período em que permanecemos na Itália colhemos sete testemunhos gravados em italiano. Aqui no Brasil estes depoimentos foram traduzidos e transcritos. Veja relação na lista de anexos, e os depoimentos italianos e brasileiros localizados a partir do 3º capítulo.

e muitas delas retratam a FEB. Recentemente, o referido Instituto tornou público parte desse acervo, na obra intitulada *Combat Photo*. Trata-se de um trabalho importante para a historiografia, pois foram reunidos os depoimentos dos fotógrafos americanos, que reproduziram a guerra com suas câmeras. Nas cidades italianas já designadas, reunimos vasta documentação histórica, pois, ao trabalharmos com um tema da História Contemporânea, víamos a necessidade de conhecer a história desses locais (antigos burgos medievais, com histórias que remontam a muitos séculos e longe da nossa realidade). A necessidade do encaminhamento das idéias exigia da nossa parte a absorção prévia dos dados mencionados. Para tanto, foi preciso mergulhar na história desses povoados, pois somente assim, poderíamos avançar no entendimento dos vínculos dessas comunidades com os monumentos dedicados à FEB.

De grande valia foram os mapas e catálogos reunidos na ocasião, trabalho facilitado pela ação dos colaboradores italianos que nos ajudaram na nossa locomoção de um município para o outro e na organização do material coletado nos arquivos e bibliotecas municipais. Nessas bibliotecas – que não são normatizadas –, procuramos obter o máximo possível de referências na exaustiva consulta aos fichários. Dificuldades apresentaram-se no que tange à seleção de material, pois há vasta publicação referente ao fascismo e ao nazismo na Itália, mas é limitado o documental que se relaciona ao socialismo e ao comunismo (correntes políticas influentes tanto no período da guerra, como no período posterior – em especial, as tropas *partigianas*).

No que se refere aos monumentos que destacaremos neste trabalho, tínhamos consciência dessas limitações documentais, e os registros eram raros e desordenados. Havia a necessidade de um mapeamento completo das fontes, o que fomos organizando ao longo do trabalho, primeiramente trabalhando com as fontes orais – pessoais e familiares –, com a documentação oficial dos arquivos das prefeituras e a dos autores das obras a serem enfocadas.

Grande parte desses registros, esparsos, chegou ao Brasil no fim do segundo semestre do ano 2002. Eram como que “fios tênues”, mas vistos por nós como filigranas a serem arduamente trabalhadas como maneira de resgatar a memória histórica dessas obras pregressas.

Em relação aos monumentos que serão evidenciados no quarto capítulo, a documentação mais completa de que dispomos é a do Monumento *Liberazione*, localizado em *Gaggio Montano*, pois a autora, a artista plástica Mary Vieira, que primou pela organização e sistematização do projeto, nos permitiu a apreensão das etapas da obra, até a sua finalização, por um período de quase seis anos.

Em relação aos demais monumentos, muitos não tinham as premissas de um projeto e faltavam documentos. Por exemplo, não havia as plantas necessárias para o registro das medidas da obra. Do monumento *Brasile*, em *Gaggio Montano*, inaugurado em 1995, recebemos apenas os esboços, ou seja, se tanto, caricatura do projeto da obra, sem detalhes de autoria.

A maior dificuldade encontrada deu-se em relação ao Monumento de *Vergato*, inaugurado em 1995. Nesse caso, dispúnhamos apenas da fotografia da construção, realizada por obreiros da cidade. Sobre os monumentos de *Montese* – o Monumento *alla Libertà* e o Monumento a *Max Wolff Filho*, inaugurados respectivamente em 1995 e 2001 -, a documentação foi fornecida com ajuda de pesquisadores locais e constatamos a ausência total de qualquer projeto relacionado a essas duas obras.

Tal situação nos obrigou a usar de expedientes práticos, como fazer a leitura, através das fotografias, das placas comemorativas localizadas na base dos monumentos, com uma lupa.

Assim, diante das dificuldades apresentadas em relação à precária documentação disponível, fomos conduzidos ao trabalho árduo de consulta a uma pluralidade de fontes, orais e escritas, na tentativa da reconstrução cronológica de situações ocorridas entre os soldados brasileiros e a população italiana, que

culminaram no ato comemorativo monumental de honorificência aos brasileiros.

As entrevistas feitas ao longo da pesquisa, entre os anos de 2000 e 2002, são de vital importância na reorganização dessas memórias, observando as suas diversidades.

Para possibilitar o desencadeamento das entrevistas, seguimos duas trajetórias. A primeira é a brasileira, proporcionada pelos testemunhos dos ex-combatentes da FEB, principalmente pelos que estiveram em linha de frente. Os registros foram efetuados no Museu do Expedicionário, em Curitiba, local estrategicamente escolhido em razão das lembranças apresentadas pelo acervo ali existente. A segunda trajetória de entrevistas refere-se aos testemunhos italianos, e foi possível com a colaboração e dedicação de pesquisadores de *Gaggio Montano* e *Montese*. Dos encontros encetados pelos grupos culturais desses dois municípios, iniciamos nosso contato com os cidadãos italianos, entre os quais, civis (homens e mulheres) e *partigianos*, pessoas que viviam nas localidades por onde passaram os soldados brasileiros. Buscávamos, assim, perceber que nexos existem entre a história oral e a memória que se expressa nos monumentos.<sup>9</sup>

Não podemos deixar de destacar a importância do acervo que encontramos junto à Universidade de Bolonha e no Instituto da História da Resistência, em Bolonha, quando tivemos oportunidade de ter em mãos a mais recente produção historiográfica dessas instituições, direcionada à reconstituição dos acontecimentos da guerra, ocorridos na região. A história oral - o registro de testemunhos feitos pelos pesquisadores italianos - foi de grande valia na composição dessa pesquisa, visto encontrarmos referências sobre os combatentes brasileiros, numa situação inédita e desconhecida no Brasil.

Nessa ocasião, seguimos com o registro de depoimentos nas cidades já citadas, fontes essas que consideramos de grande contribuição para o trabalho,

<sup>9</sup> Mais tarde, contaríamos com a colaboração dos municípios de *Porreta Terme* e *Vergato*, por meio dos pesquisadores locais e bibliotecários.

conforme pretendemos demonstrar nos próximos capítulos. Assim, a partir dessas memórias, damos continuidade à trajetória da pesquisa, sedimentada também por outras fontes.

Também trabalhamos com a historiografia italiana, na busca de elementos do contexto destacado pelos autores, como os especialistas em história da FEB: o professor Mariano GABRIELE<sup>10</sup> e os historiadores do Instituto da História da Resistência de Bolonha (como CASALI e BERNADOTTI<sup>11</sup>), além de Patrizia DOGLIANI<sup>12</sup> e Mirco DONDI<sup>13</sup>.

Ainda como fontes, usamos livros produzidos pelas comunidades de *Gaggio Montano*, *Montese* e *Vergato* e os periódicos italianos como *Il Resto Del Carlino*, do período da guerra, que registravam ocorrências do *front*. Com referência a esse último, os jornais produzidos entre os anos de 1943 e 1944 foram manipulados pelos fascistas e mostravam, em seus artigos, posicionamentos contra os aliados, com fatos distorcidos, e ridicularizavam americanos e brasileiros, ao mesmo tempo em que disseminavam, na visão dos seus autores, os ideais nazifascistas. De qualquer maneira, as informações neles contidas poderiam ser detectadas - ou não - nas memórias que colhemos entre os cidadãos italianos, e por isso também foram objeto de nossa pesquisa.

Citamos também os jornais de circulação atual, que abordam aspectos importantes sobre momentos do vanguardismo italiano, como forma de ação política para a recuperação da memória e dos valores morais e que vêm ao encontro do nosso trabalho.

Neste estudo, importante papel tem o jornal italiano *Patrioti*, editado em

<sup>10</sup> GABRIELE, Mariano. **La forza di Spedizione Brasiliana (FEB) nella Campagna d'Italia** (settembre 1944 aprile 1945). Roma: Ufficio Storico SME, 1986.

<sup>11</sup> BERNADOTTI, Maria; CASALI, Luciano. **Al di qua e al di là della Linea Gotica 1944-1945. Regione Emilia-Romagna e Toscana**. Bolonha, 1993.

<sup>12</sup> DOGLIANI, Patrizia. **Luoghi della memória e monumenti**. In: CASA, Brunella Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **Bologna in Guerra. 1940-1945**. Milão: Editora Francoangeli, 1995.

<sup>13</sup> DONDI, Mirco. **Marzabotto: a la Stella Rossa, la Strage, la Memoria**. In: CASA, Brunella Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **La montagna e la guerra L'Appennino fra Savena e Reno, 1944-1945**. Istituto per la Storia della Resistenza di Bologna: ed. Aspasian, 1999.

plena guerra pelos *partigianos* da brigada *Giustizia e Libertà*. Esse jornal valoriza a ação *partigiana* e o perfil heróico dos seus homens, principalmente o dos tombados em lutas, ao tempo que conclama a população à revitalização dos valores patrióticos, na luta contra o inimigo comum: o nazifascismo.

Na mesma perspectiva, procuramos trabalhar também com os jornais brasileiros impressos no *front*. Entre os quais, O Cruzeiro do Sul (órgão oficial da FEB) e A Cobra Fumou (jornal interno do 6º R.I). Embora pertencentes à mesma FEB, a visão deles é diferente um do outro - O Cruzeiro do Sul era editado em Florença e A Cobra Fumou circulava no *front*. Isso nos permitiu o contraponto das idéias registradas em ambos, possibilitando a percepção de posicionamentos mais liberais, "sem censura" principalmente no último.

No conjunto das fontes, despontam os monumentos, - objeto deste trabalho -, com sua forte simbologia, que retratam os discursos de hoje e de ontem e nos levam à compreensão das ações encetadas, que culminaram com nessas edificações.

Nossos referenciais serão embasados por diversos autores que trabalham com a memória histórica, entre os quais destacamos Pierre NORA<sup>14</sup>, que nos ajuda na compreensão desses "lugares da memória", quando afirma que o homem, na dificuldade de manter a própria memória, a ela consagra "lugares". Cabe à história a mediação entre homens e tradição, cumprindo seu papel de inventariante dos "locais", onde a memória será colocada.<sup>15</sup>

Na abordagem do tema história-memória aproximamo-nos também da obra de Michael POLLAK<sup>16</sup>, pois as suas pesquisas referentes à Segunda Guerra Mundial dizem respeito à nossa proposta de trabalho, em razão da sua metodologia, que é

<sup>14</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1993.

<sup>15</sup> NORA, Pierre, *apud* BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora: da história do presente aos lugares da memória - uma trajetória intelectual. **História - Questões e Debates**, Curitiba, n. 24, pp. 105-125, jul/dez. 1996.

<sup>16</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.



da história oral.

Percebemos, assim, que a memória brasileira e italiana será preservada, e os rituais estimulados pelas comemorações formarão o elo entre um passado longínquo, e os acontecimentos presentes. Ao refletirmos sobre os marcos históricos na Itália, é possível demonstrar que a memória do grupo não se encerra nos monumentos, mas transcende suas linhas arquitetônicas e vai além, justificando outras comemorações, ensejando outros projetos: os da resignificação e do pertencimento.

A pesquisa sobre os monumentos brasileiros na Itália está assim organizada: no primeiro capítulo, explicamos o contexto brasileiro da criação da FEB, apenas com a intenção de localizar o nosso objeto de pesquisa, sem o comprometimento de explicar o Estado Novo, isto é, as origens do golpe de 1937 e os discursos dos vitoriosos da nova ordem. Tampouco pretendemos fazer a análise histórica sobre esse período. Parte das interpretações aqui colocadas constitui argumentações, ou melhor, um esboço da política, da economia e da sociedade brasileiras. São observações necessárias, que procuram situar mais claramente o governo estadonovista antes da declaração de guerra contra o eixo e da organização da FEB, em 1943, permitindo ao leitor perceber algumas das dimensões conflituosas da memória brasileira sobre a FEB.

Na análise concisa procuramos nos ater a três autores: GERONDER<sup>17</sup>, COSTA<sup>18</sup> e ao brasilianista MACANN<sup>19</sup>, que no conjunto de suas idéias retratam o país às vésperas do embarque da Força Expedicionária Brasileira à Itália.

Não é possível sugerir que haja pontos de vista unânimes entre os autores consultados, mas alguns consensos são perceptíveis.

<sup>17</sup> GERONDER, Jacob. **A participação do Brasil na 2.ª Guerra Mundial e suas consequências**. São Paulo: Unicamp, 1986.

<sup>18</sup> COSTA, Otávio. **Trinta Anos Depois da Volta**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

<sup>19</sup> MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil-Estados Unidos 1937/1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

Dessa maneira, Jacob GERONDER, conhecido marxista, aponta os aspectos socioeconômicos, políticos e, sobretudo militares, da conjuntura do país naquele momento, que trazem luzes para a compreensão da Força Expedicionária Brasileira.

O combatente da FEB Octávio COSTA, no posto de coronel, em obra oficial da Bibliex<sup>20</sup>, faz uma introdução semelhante, mas analisa mais de perto a campanha brasileira na guerra, pois, como militar, teve acesso direto à documentação que o auxiliou na sua exposição.

Já o brasilianista Frank D. McCann, um dos especialistas da história do exército brasileiro, tem vários livros e artigos publicados. Entre as suas obras, destacamos "A nação armada – ensaios sobre a história do Exército brasileiro" e "Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945". Este último livro é um valioso instrumento para a compreensão das políticas interna e externa do país, que possibilitaram a criação da FEB.

No segundo capítulo, trabalhamos com a concepção de BENJAMIN<sup>21</sup> e de SILVA,<sup>22</sup> sobre o significado de comemorações e monumentos, para compreender a ligação intrínseca entre os monumentos, a memória e a história, recorremos a LE GOFF<sup>23</sup>, a DUBY<sup>24</sup> e a GUARINELLO<sup>25</sup>, o que nos ajudou na articulação do texto com outros autores. Com POLLAK<sup>26</sup> e HALBWACHS<sup>27</sup>, aproximamo-nos dos

<sup>20</sup> Bibliex (Biblioteca do Exército Editora). Pertencia ao Ministério da Guerra, com sede no edifício onde ficava o Ministério, no Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> BENJAMIN, Walter *apud* MONTENEGRO, Antônio Torres. **A Invenção das Comemorações**, Universidade de Pernambuco, 1998.

<sup>22</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. O fenômeno das comemorações como objeto de análise histórica. **Espaço Plural Unioeste - Cultura Universitária sem Fronteiras**, ano III, n.º 7, pp. 19-20, março de 2001.

<sup>23</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernadete Leitão. Campinas (SP): Unicamp, 1996.

<sup>24</sup> DUBY, George. **História e Nova História**. Tradução: Carlos Veiga Ferreiro. Lisboa: Teorema, 1986.

<sup>25</sup> GUARINELLO, Norbert Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 28, 1993.

<sup>26</sup> POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 5, nº 10, 1992.

<sup>27</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

elementos constitutivos da memória e chegamos até as lembranças que se mesclam nos campos individual e coletivo, originando as narrativas, alicerçadas pela história oral, sempre em relação à história dos monumentos.

No terceiro capítulo, damos vozes aos nossos protagonistas. A partir da lembrança desses testemunhos, refazemos a trajetória dos soldados da Força Expedicionária Brasileira, saindo do Brasil, seguindo viagem, chegando a terras italianas, passando pelos acampamentos e pelas principais campanhas. Nesta narrativa, demarcamos as lembranças que extraímos desses senhores e mulheres que vivenciaram um momento singular. São marcas profundas de suas vidas e, ao mesmo tempo, registros da história de uma guerra, que foram gravados nos monumentos, com acenos aos pósteros, com o devir.

Os narradores dessa história - Aristides Saldanha Vergés, José Gonçalves, Francesco Berti, Elber de Mello, Fabio Gualandi, Giuseppe Cechelli, Caterina Bruni, Eronides da Cruz entre outros -, com suas lembranças, nos ajudaram na ordenação dos fatos não esquecidos por brasileiros e italianos. O desencadear da narrativa desses testemunhos é a fonte mais importante e possivelmente encaminhe as respostas para a nossa grande questão: “De que maneira o processo memória-história foi importante para a construção dos monumentos? Por que os brasileiros são homenageados?”

Finalmente no quarto capítulo, procuramos mostrar os monumentos como uma resultante das ações de vários discursos, cujas palavras foram registradas pelos nossos intérpretes, os testemunhos.

Todavia, no nosso entendimento, para um estudo mais completo dos monumentos focados nesta pesquisa seria necessário fazer uma abordagem também dos monumentos italianos que remontam ao início da civilização romana, por meio de uma leitura e reflexão mais apuradas, pelo fato de que aí se estabeleceram marcas, ora como simbolismo sagrado ora como manifestações monumentalísticas, como aconteceu em Roma - símbolos do poder de uma elite a

gravar seus atos e seu destino.

Tal abordagem apontava para a organização de uma densa pesquisa e que neste trabalho se mostrava inviável, visto a limitação de tempo e fontes documentais. Procuramos, portanto, nos ater aos segmentos artísticos que ocorreram na Europa, principalmente na Itália a partir do século XIII, pois essa aproximação tinha o objetivo de nos conduzir à compreensão dos monumentos brasileiros edificados na Itália a partir do século XX, objeto dessa pesquisa.

Quando tratamos dos monumentos brasileiros na Itália, sedimentamos os discursos não somente da elite representativa do Estado italiano - aqui desempenhada pela província *Emilia-Romagna*, cuja capital é Bolonha, e a administração dos prefeitos e conselheiros das cidades. Mas procuramos também nos reportar aos discursos mais consistentes, laboriosos e tenazes, patenteados neste trabalho pelas comunidades envolvidas no processo que leva a cultura dominante a escutar suas vozes, compartilhadas num reclamo em forma de resistência, que se mostra sistematizada pela dualidade *lembança* e *história*, do que não pode e não deve ser esquecido.

Nesse caso, as palavras aparecem para responder às nossas interrogações, que se apresentam no decorrer desta pesquisa e nos conduzem à reflexão. Entre elas, como e por que os pequenos povoados do norte da Itália lembram ainda hoje os soldados brasileiros? Que história os monumentos evocam? Que aspectos preferem minimizar ou desconsiderar?

Procuramos refletir também sobre o significado dos monumentos sob o ponto de vista da história da arquitetura. Buscamos, assim, inserir a problemática nesse contexto, quando analisamos mais de perto os monumentos no território italiano e a sua evolução. Vemos, desse modo, o enquadramento das obras brasileiras no ciclo monumental italiano do pós-guerra. Foi necessário recorrer à ajuda dos autores da arquitetura e especialistas em História da Arte - entre eles,

Cristina FREIRE<sup>28</sup>, Carlos BRANDÃO<sup>29</sup>, Moacir REBELLO<sup>30</sup> e Carlos FERREIRA<sup>31</sup>, quando vimos a necessidade de dominar uma linguagem específica na visão artística das obras que tínhamos de descrever.

No último capítulo, situamos os monumentos no tempo e no espaço, localizando-os nas cidades onde se encontram e fizemos a sua descrição.

Conciliamos os capítulos anteriores ao enfocar a FEB no contexto histórico e político (entre os anos 1937 e 1945) e os fatos da guerra - seja pela narrativa própria dos seus participantes ou daqueles que vivenciaram aqueles momentos. Assim, organizamos o relato histórico por um fio condutor que une memória, história e comemorações, os três pilares principais desse estudo.

<sup>28</sup> FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. SESC São Paulo: Annablume, 1997.

<sup>29</sup> BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A arquitetura e seu combate**. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.br/ia/fumec.html>> Acesso em: 06 jul. 2000.

<sup>30</sup> REBELLO, Moacir Mallemon Filho. **A origem do Halloween**. Disponível em: <<http://www.redel.com.br/~mallemon/histórias/celtas/origem-celtas.htm>> Acesso em: 03 jul. 2000.

<sup>31</sup> FERREIRA, Carlos Antero. **Arquitetura e Monumentalidade - as origens**. Lisboa-Portugal, 1964. Dissertação (Concurso Público) Escola Superior de Belas Artes Portugal.

## 1 O BRASIL DIANTE DA GUERRA

*"Humanas conditio"*, o destino do homem. Escolhi esse termo em latim como ponto de referência ao que proponho dizer, entre outras razões, porque os conflitos entre homens, a que chamamos guerras, até onde podemos observar retrospectivamente, fazem parte do destino das condições de vida dos homens. São sofrimentos criados pelo homem. E, contudo, até hoje as guerras têm ido e vindo como as inundações e tempestades, e sem que o homem as possa controlar.

(Norbert Elias)

### 1.1 A FORMAÇÃO DA FEB

Diversos autores aprofundaram-se em pesquisas pertinentes à Força Expedicionária Brasileira, principalmente nas relacionadas ao regime político do Estado Novo. A bibliografia é extensa e não pretendemos nos aprofundar nessa temática, nem traçar um quadro político, econômico e social detalhado do país, naquele período, quase 60 anos depois. Pretendemos, tão-somente, contextualizar o nosso objeto de pesquisa, que trata da FEB, de maneira que possamos nos situar tanto em relação ao desenrolar dos acontecimentos que antecederam à sua formação como unidade militar que vai para a guerra, como também em relação às implicações dos eventos para a memória histórica desse período.

Embora sem a intenção de nos aprofundarmos algumas considerações, contudo, fazem-se necessárias, sobre o período compreendido entre 1937-1945, no Brasil, marcado por uma política de cunho ditatorial. Vivíamos a época que ficou conhecida como estadonovista, com Getúlio Vargas detendo o "controle" soberano

da política brasileira.<sup>32</sup>

O período acima demarcado traça os vínculos indeléveis de um passado recente. Nesta pesquisa, procuramos demonstrar os caminhos e o alinhamento da velha ditadura, que conduziram o Brasil à guerra.

Getúlio Vargas, respaldado pela Constituição de 1937, podia legislar livremente, sem limites, sobre a administração federal, sem Congresso, sem governos estaduais autônomos, sem partidos políticos e eleições.

O Brasil - uma nação de 40 milhões de habitantes - era essencialmente agrícola, e a política econômica era controlada para servir aos interesses externos. Apesar das medidas tomadas nos primeiros anos da República, em favor da industrialização, ao iniciar a guerra dependíamos de quase todos os produtos importados.

Frank D. McCann, um brasilianista, faz uma profunda análise da conjuntura política brasileira, no período compreendido entre a decretação do Estado Novo (1937) e o fim da Segunda Guerra Mundial (1945). O autor analisa as questões internas e externas criadas pelo regime imposto por Getúlio Vargas, em 1937.

Das questões apresentadas por MCCANN, destacamos as seguintes observações:

O Brasil de Vargas era, em espírito e realidade, um país rural que apenas começava a povoar seus 8,5 milhões de quilômetros quadrados de território. Mais de 90% de seus 41 a 42 milhões de habitantes se acumulavam em 320 km de uma costa atlântica de 7.408 km da Guiana Francesa ao Uruguai. Aproximadamente 70% viviam em áreas rurais [...]. Pobreza, desnutrição e doença afligiam o interior dominado por uma agricultura monocultura - geralmente café, algodão ou cacau.<sup>33</sup>

Diante desse quadro, o governo Getúlio Vargas procurou livrar o país da

<sup>32</sup> GORENDER, op. cit., pp. 87-100

<sup>33</sup> MCCANN, op. cit., pp. 25-48.

dependência agrícola, principalmente em relação ao café, no que diz respeito ao comércio mundial, buscando, assim, uma diversificação na economia.

Na indústria, os maiores resultados foram os direcionamentos tomados em relação à criação da Cia. do Vale do Rio Doce e da Cia. Siderúrgica Nacional. Para tanto, foram feitas negociações com a Inglaterra, Alemanha e os Estados Unidos. Com esse último, a negociação de 20 milhões de dólares possibilitou construção da Usina de Volta Redonda, mas também estabeleceu os nossos primeiros compromissos com os norte-americanos.

Tais questões envolviam os acordos internacionais entre o Brasil e os Estados Unidos, que esbarravam nos interesses alemães. O Brasil não tinha a intenção de descartar um acordo com a Alemanha, pois a proposta desta para a construção de usina siderúrgica em território brasileiro era atraente.

A política dos bastidores envolvia todos esses atores. No começo de julho de 1940, o embaixador norte-americano Caffery informava ao seu governo que os alemães estavam tentando forçar os círculos militares a convencer o governo brasileiro no sentido de se financiar aqui uma usina. Tais trâmites envolviam, também, o fornecimento de armas.

Preocupado com o andamento das conversações, o governo norte-americano resolveu acelerar o processo de empréstimo ao governo brasileiro, através do *Export Import Bank*. O Brasil teria dez anos para pagar o empréstimo, a partir do terceiro ano, após a liberação de recurso. "Os Estados Unidos insistiam em atuação conjunta na designação de autoridades gerenciais, engenheiros e empreiteiras [...]. Gerentes e engenheiros americanos administrariam a usina de aço até que os brasileiros estivessem treinados e experimentados."<sup>34</sup>

A própria situação da guerra na Europa deu oportunidade ao país para que desse direcionamento à industrialização, pois os aliados temiam uma aproximação maior do Brasil em relação aos países do eixo. Com os Estados Unidos, não foi

<sup>34</sup> Ibid., p. 163.



diferente. Os norte-americanos, basicamente, solicitavam espaços estratégicos em nosso território, por temer uma guerra tão próxima do território americano.

O Brasil, um país “pacifista” durante os primeiros anos da Segunda Guerra, estava mais voltado para seus vizinhos americanos. Em 1939, foi criado em Buenos Aires (Argentina) um sistema de consulta, para o caso de ameaça à paz geral. Com a eclosão da guerra, vários países mantiveram-se neutros, inclusive o Brasil.

No mês de julho de 1940, em Havana, os países americanos declaravam que todo atentado a qualquer país (americano) seria um ato de agressão à América inteira.

O ataque a Pearl Harbour, em 7 de dezembro de 1941, ocasionou um aumento da pressão norte-americana sobre o governo brasileiro, apressou a declaração continental de guerra e, no dia 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompia relações diplomáticas com os países do eixo (Alemanha, Itália, Japão).

Com a promessa de reequipar as forças armadas brasileiras, os norte-americanos estabelecem bases aéreas em nosso território, precisamente em Belém, Natal e Recife. Em represália, começaram os ataques de submarinos alemães aos navios brasileiros.

No dia 22 de agosto de 1942, depois do torpedeamento de muitos navios brasileiros por submarinos alemães e italianos, o país, sob forte pressão popular, fez a declaração de guerra.

Foram organizadas duas comissões militares mistas (Brasil-Estados Unidos), uma em Washington, chefiada pelo general Estevão Leitão de Carvalho, e outra no Rio de Janeiro, chefiada pelo general norte-americano J. Gareshe, com o objetivo de conseguir o apoio do Brasil e participação de sua força militar, na guerra.

A Marinha de Guerra e a Força Aérea iniciaram o patrulhamento do Atlântico Sul.

A portaria de 9 de agosto de 1943 cria as bases da Força Expedicionária Brasileira que, em princípio, deveria ter três divisões. O general. Mascarenhas de

Moraes foi escolhido para ser o comandante da 1.<sup>a</sup> DIE (Divisão de Infantaria de Exército).

Em razão de dificuldades encontradas na organização das divisões (o próprio Exército possuía somente 60 mil homens), optou-se por uma só composta, de 25 mil soldados.

Na formação da 1.<sup>a</sup> DIE, não houve o aproveitamento normal das divisões já existentes. Foi um critério evidentemente político, em detrimento de prioridade militar. O que fizeram foi uma junção de unidades militares aquarteladas em São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Com o tempo, esperava-se organizar mais duas divisões que seriam constituídas de elementos do Nordeste e do Sul.<sup>35</sup>

Três grandes regimentos são unidos: o 1.º R.I. do Rio de Janeiro, o 6.º R.I. dos paulistas de Caçapava e o 11.º R.I. dos mineiros de São João Del Rei. Cada um obteve o apoio de um grupo de obuses auto-rebocado.

A Engenharia do 9.º B.E. foi organizada em Aquidauana, (M.S.), e o 1.º Batalhão de Saúde formou-se em Valença (RJ). O Esquadrão de Reconhecimento, a Companhia de Comunicações (Transmissões), a Intendência e Manutenção, Pelotões de Polícia e Sepultamento e Banda de Música foram organizados no Rio de Janeiro.

A formação da Força Expedicionária Brasileira contou com componentes de todo o Brasil, com todos os estados dando a sua colaboração para o grupamento final de 25 mil homens.

A demora para a formação dos quadros da FEB provocou expectativas a muitos, pois pensavam que a tropa brasileira não embarcaria rumo à Itália. Os problemas eram grandes. Uma das graves dificuldades foi quanto à instrução da tropa. Era uma das exigências que deveriam ser adotada, visto naquele momento estarmos aliados a novos parceiros - os norte-americanos -, com uma doutrina

<sup>35</sup> COSTA, Otávio. **Trinta anos depois da volta**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

militar diferente da brasileira.

O Exército brasileiro tinha uma história de organização e de normas dentro do espírito militar francês. Em suma, conteúdos dos manuais técnicos e táticos perpassavam por toda a oficialidade, o que levou a criar vínculos históricos com a escola francesa. Isso ocorreu em razão da estada, no Brasil, de uma Missão Militar Francesa, entre 1921 e 1940. Essa missão foi responsável pelo grande embasamento cultural dos oficiais brasileiros, que passaram pelas academias militares, de uma filosofia fortemente impregnada de conceitos defensivos.

Com os novos aliados foi necessário que se absorvessem, rapidamente, suas novas diretrizes. Não se tratava somente de uma adaptação ou de um reexame de novos ensinamentos, mas de se acatar esses novos ensinamentos e colocá-los em prática.

Tal situação esbarrou no espírito dos oficiais, que já traziam, em sua bagagem cultural, hábitos e modos diferentes de lidar com os acontecimentos e situações, o que provocou um distanciamento entre comandantes e comandados. Essa situação contribuiu para diversos problemas na Itália, principalmente aqueles relacionados às missões de guerra, quando muitos, em situações de "grande tensão", mostraram-se não estar preparados para enfrentá-las.

Do projeto à realidade, houve uma série de percalços. Para preparar um moderno exército à norte-americana, era necessária a criação de novos órgãos. Não havia pessoal nem material adequado, tudo esbarrava na realidade brasileira. As dificuldades somavam-se, mais em razão do tamanho do nosso território, pois as unidades militares eram esparsas. Enfim, houve toda uma preparação para formar uma Divisão de Exército, para a qual não se dispunha de qualificações funcionais, de material, até então não conhecido, e, o pior, com um tempo muito exíguo para propiciar as transformações esperadas pelos nossos aliados. As armas, em sua maioria, também eram desconhecidas e só foram entregues na Itália.

Aos problemas citados, soma-se o trabalho da 5.<sup>a</sup> coluna, que tudo fez

para desestabilizar os preparativos da Força Expedicionária Brasileira, na opinião do combatente Otávio COSTA “minando seus organizadores e rebaixando o moral da tropa, prestes a embarcar”<sup>36</sup>. Era o resultado das vaidades, os melindres daqueles que não queriam ir à guerra e que tramaram uma verdadeira “guerra psicológica” muito antes de o nosso soldado pisar na Itália.<sup>37</sup>

Não são muitas as referências que nos ajudem para a compreensão da questão dos “quinta colunas”, tanto em relação ao significado da palavra e suas origens, bem como na representatividade desses nesta pesquisa. O termo “quinta coluna”, geralmente, é muito usado pelos ex-combatentes brasileiros e pelos autores especialistas ou não em assuntos da Segunda Guerra Mundial, na tentativa de explicar os reveses a que foi submetida a Força Expedicionária Brasileira.

É oportuno abordarmos o recente artigo de Dennison de OLIVEIRA<sup>38</sup> quando ele analisa a ditadura e o Estado Novo na luta contra o nazifascismo. Na busca das origens do significado da palavra em questão no contexto brasileiro, o autor vai além da origem do termo, pois focaliza a época de Vargas e o momento político que antecedeu a formação da FEB.

Do culto à personalidade do ditador às instituições que reforçavam o poder da elite vigente, é possível perpassar pelos grupos distintos que se avizinhavam ao governo, com opiniões divergentes quanto à escolha dos parceiros com os quais o Brasil deveria se aliar não somente nas questões militares provocadas pela conflagração da Segunda Guerra, mas também por assuntos que envolviam acordos econômicos. Os dois grupos destacados eram assim representados: os simpatizantes aos EUA, pelo Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, e o Chefe brasileiro da Comissão Mista Brasil-EUA, Estevão Leitão de Carvalho, e o bloco pró-Eixo, formalizado pelo Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, o

<sup>36</sup> COSTA, op. cit., p. 28.

<sup>37</sup> Id.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Dennison de. *A Ditadura do Estado Novo e a Luta contra o nazifascismo*. (1942-1945). Curitiba, Paraná: UFPR, 2003.

Chefe do Estado-Maior do Exército, General Góes Monteiro, e o Chefe da Polícia Federal, Filinto Müller.

Essas questões, somadas a tantas outras, são problemáticas evidenciadas pelo autor - temas relevantes para uma discussão mais profunda, das quais destacamos: o problema de Segurança Nacional, uma preocupação séria para os governantes em relação ao sul do país, pois envolvia situações referentes às fronteiras nacionais e a imigração; e em relação ao Nordeste brasileiro, onde a pretensão de se construir bases americanas gerava polêmica dentro e fora do governo. Neste caso, os interesses em jogo eram muitos.

Diante desse quadro, não causam estranheza as dificuldades de organização da FEB e seu embarque para a Itália. Em seu artigo, OLIVEIRA aponta aspectos relevantes a esse respeito e nos conduzem a um entendimento:

Mesmo na linha de frente a FEB continuava a sofrer a pregação dos "quinta colunas" dentro e fora do governo e das forças armadas. Não deixa de ser intrigante o fato de que os reveses da FEB na linha de frente, incluindo-se [...] fossem de conhecimento quase geral no Brasil, tendo suas conseqüências negativas sido sempre exageradas por aqui. Se levarmos em conta o sigilo que envolvia as operações militares [...] bem como a censura [...] os boatos só podiam ter origem no próprio Ministério da Guerra.<sup>39</sup>

Veteranos da FEB, em suas memórias, mostram algumas passagens ao referir-se a esse episódio. É o caso de Edgar ECKERT, que em seu livro Memórias de um ex-combatente, por duas vezes, faz menção às atitudes que chamou de "patrioteiras" daqueles que saíram às ruas pedindo a entrada do Brasil na guerra. "Ora a FEB fazer uma viagem de passeio lá pela Europa [...] A gente fica com uma raiva e dá vontade de gritar para esses covardes: por que vocês, que pediram a

<sup>39</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 12.

declaração de guerra, não vêm para cá, sentir de perto como é bom esse passeio”.<sup>40</sup>

Mas nada se compara à análise feita pelo tenente-coronel da FEB, Manoel Thomaz Castello BRANCO, quando fala do combatente brasileiro. A leitura do capítulo que conclui a obra reporta-nos ao perfil claro e esclarecedor dos soldados, o modo de ser desses homens, situações que, sob o nosso ponto de vista, acabaram causando problemas que se relacionaram ao baixo moral da tropa, fator preponderante para aqueles que entraram em combate, e que provocaram graves incidentes.

Cabe ressaltar que as observações do autor são pertinentes aos soldados e oficiais. Castello BRANCO faz um paralelo entre a educação dos brasileiros e dos norte-americanos, quando o padrão cultural desses últimos era superior, visto que grande parte dos soldados brasileiros veio da zona agrícola, onde o ensino era geralmente pobre e incompleto.

No imaginário da FEB, mesmo antes de entrar em combate, essa divisão já se sentia derrotada diante de um inimigo tenaz, “um dos melhores soldados do mundo”: os alemães. “A mística do adversário, a falta de experiência, verdadeiros espantalhos para quem não era ainda veterano.”<sup>41</sup>

Ainda neste contexto duas atitudes pesavam: a que foi tomada por alguns oficiais, que achavam não haver necessidade de se combater com tanto “transe”, pois os alemães eram tidos como tropas derrotadas, e a de não se “confiar” nos norte-americanos.<sup>42</sup>

Segundo Humberto Castello BRANCO, então oficial de operações da Divisão, faltava, diante dessa situação, “coesão” à tropa da FEB, fato que será consolidado com o amadurecimento dos combatentes, adquirido depois os embates

<sup>40</sup> ECKERT, Edgard José. **Memórias de um ex-combatente**. Relato de um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Florianópolis: Ed. Insular, 2000.

<sup>41</sup> BRANCO, Manoel Thomaz. Castello. **O Brasil na II Guerra Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1969.

<sup>42</sup> CASTELLO BRANCO, Humberto de Alencar. **Marechal Castello Branco e seu pensamento militar**. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1968.

do *Serchio* e do Reno. Esses homens, na retomada da ofensiva, em 1945, já não eram mais aqueles soldados inexperientes dos primeiros dias, mas combatentes capazes de levar a termo as missões que lhes foram confiadas. Posição que converge o pensamento dos dois autores citados.

Mas não podemos deixar de assinalar a questão da propaganda usada, tanto pelos aliados como pelas tropas do eixo, com o objetivo de minar o moral da tropa. São poucos os memorialistas febianos que fazem menção à panfletagem que era disseminada à frente de combate.

Um desses registros foi feito por Leonércio SOARES, combatente do 11º R.I. O autor passa-nos a constatação da propaganda que os alemães enviavam em forma de “bombas” que explodiam no ar, com um som diferente dos morteiros ou dos canhões.

[...] sim. Todos ouviam... foi quando no alto, a uns cento e poucos metros de altura, a ‘coisa’ estourou. [...] Efetivamente acima das posições brasileiras. [...] Espatifando-se, numa nuvem de papéis, espalhou-se no alto e começou a cair, lentamente, esvoaçando, planando ou flutuando no ar pesado da tarde hibernal. Uma nova e ardilosa face da guerra.<sup>43</sup>

Esses panfletos eram sugestivos e impressionavam, pois, com suas gravuras e dizeres, iam ao encontro das circunstâncias de dificuldades em que se encontravam os expedicionários. A propaganda trazia recordações do Brasil e, entre tantas outras coisas, lembrava à juventude o sacrifício inútil que essa fazia naquele momento. Segundo o autor, as granadas não feriam os homens, mas tocavam fundo o espírito do combatente<sup>44</sup>.

A FEB chega a território italiano em um grave momento para os aliados. A

<sup>43</sup> SOARES, Leonércio. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba-PR: Edição do autor, 1998.

<sup>44</sup> Leonércio Soares ilustra a capa do seu livro com a gravura e os dizeres de um panfleto. “Então por que é que vocês ainda estão participando nesta luta contra os alemães sem motivos justificáveis, e que é travada unicamente em prol dos capitalistas americanos? O bom senso vos dirá que é melhor furtar-se ao último mais terrível episódio desta guerra passando para as linhas alemãs”. N. da A: os aliados respondiam aos “ataques panfletários” enviando os “*Front Post*” escritos em alemão com o objetivo de minar o moral dos soldados alemães.

situação causava incertezas para esses exércitos, embora na Itália muitas cidades houvessem já sido liberadas, inclusive Roma.

As estratégias belicistas planejadas pelo comando aliado, em relação ao mar Mediterrâneo, acabaram criando dificuldades para o 5.º Exército norte-americano e o 8.º Exército inglês - naquele momento, estacionados ao norte da Itália, próximos aos Apeninos.

Os novos planejamentos tinham por objetivo transferir tropas aliadas para duas frentes de batalhas: para o *front* da Grécia, são enviadas duas divisões do 8.º Exército inglês, para sufocar a guerra civil grega quase vencida pela esquerda; para alicerçar o desembarque na Normandia (França), são enviadas cinco divisões que pertenciam ao 5.º Exército norte-americano.

Os efetivos aliados diminuíram, assim, de 249 mil para 153 mil homens. Esses remanescentes deveriam combater próximo à região de Bolonha. Para os aliados essa situação era grave, visto que a sua força ofensiva era quase idêntica ao número de tropas alemãs, e a ação ofensiva sobre os inimigos bem posicionados nas alturas dominantes requeria uma suplementação maior de contingente para o combate.

Com dificuldade em manter as linhas já conquistadas, os aliados resolveram empregar a tropa brasileira, recém-chegada à Itália (agosto de 1944) como tropa de primeira linha, embora fossem visíveis as dificuldades do grupo desembarcado.

Assim, o 6º R.I., que embarcou no 1.º Escalão da FEB e foi o primeiro a pisar em território italiano, toma contato com o inimigo e, combatendo ao lado dos norte-americanos, aprende a fazer uma guerra moderna, na ofensiva contra a Linha Gótica, para, assim, desalojar os alemães que ainda se encontravam ao norte (Bolonha).

Segundo historiadores italianos, a história da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial deverá ser mais bem observada, pois os estudos e



análises realizados levaram esses pesquisadores a acreditar que tal participação não foi avaliada pela atual historiografia.

Cabe ressaltar o caráter conflituoso da memória brasileira sobre a FEB, já evidenciado no início deste capítulo. Por outro lado, é necessário ressaltar o caráter igualmente polêmico da memória anglo-americana sobre a campanha da Segunda Guerra na Itália, quando a realidade é apresentada de maneiras diferentes, ora por militares aliados, ora por grupamentos fascistas, ora por forças *partigianas*.

Quanto à observação dos historiadores italianos, é prudente ressaltar que os estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira são poucos, dos quais foram mencionados neste capítulo alguns autores, entre eles Lima BRAYNER<sup>45</sup>; o próprio comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de MORAES<sup>46</sup> e Willian WAACK<sup>47</sup>, geralmente os mais citados nos estudos referentes à participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

A maior parte do que foi publicado no pós-guerra, no Brasil, até a presente data, são livros de memórias, contendo relatos feitos pelos ex-combatentes, que de início tinham um caráter ufanista, embora a obra contundente de Demócrito ARRUDA<sup>48</sup> venha abalar as bases da FEB, juntamente com o depoimento dos oficiais da reserva, que são os depoentes. Hoje, quase meio século depois, como naquele tempo, os memorialistas, desprovidos de qualquer comprometimento com as instituições militares, tornam-se mais críticos, e procuram destacar fatos esclarecedores de momentos obscuros da FEB - uma visão particular das ocorrências vivenciadas pelos regimentos - fatos estes vivos na própria memória militar.

<sup>45</sup> BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

<sup>46</sup> MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Gal. Cordeiro de Farias. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1960.

<sup>47</sup> WAACK, Willian. **As duas faces da glória**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>48</sup> ARRUDA, Demócrito Cavalcanti. **Impressões de um infante sobre o comando da FEB** – Depoimentos dos oficiais da reserva sobre a FEB. São Paulo: Cobraci, 1949.

Dessa fase, destacamos os autores Leonécio SOARES<sup>49</sup> e Bertoldo KLAS<sup>50</sup>, que não poupam críticas ao comando da FEB e a seus oficiais. Esses autores foram partícipes diretos das ocorrências relacionadas aos primeiros combates da Tomada de Monte Castello.

Em todos esses momentos, observamos que a memória da FEB é conflituosa a partir do momento em que se contrapõe à versão oficial frente às obras movidas pelas lembranças e depoimentos dos seus narradores, isto é, dos memorialistas. Segundo KLAS, “a FEB possui uma história secreta que, até hoje, ninguém quis desvendar [...]. A guerra é compreendida melhor pelos que vivem as aventuras da primeira linha, da linha onde se recebe o tiro dos fuzis, dos morteiros e da granada de mão”.<sup>51</sup>

Procuramos centrar o presente trabalho nos pontos eqüidistantes dessas memórias e nas suas contradições, e nas convergências das lembranças que iriam nos conduzir ao entendimento dos monumentos brasileiros na Itália.

## 1.2 AS IMPLICAÇÕES DIPLOMÁTICAS

Os anos de 1920 a 1940 são marcados pela vigência do nazifascismo. Em seu auge, essas doutrinas inspiraram o aparecimento de diversas ditaduras, inclusive a que Getúlio Vargas impôs ao Brasil, em 1937. Assim, pode-se perceber o caráter conflituoso da relação que seu governo mantinha com a FEB, criada justamente para combater o nazismo-fascismo.

São muitas as implicações que perpassam por tema tão vasto e que abrange aspectos políticos, ligados à ditadura getulista. A questão da guerra - que já ocorria na Europa desde 1939 - e as situações diplomáticas envolviam nosso país

<sup>49</sup> SOARES, op. cit.

<sup>50</sup> KLAS, Bertoldo Alfredo. **A Verdade sobre Guanella - um drama da FEB**. Curitiba-Paraná: Juruá, 2002.

<sup>51</sup> KLAS, op. cit., p. 22.

com os países vizinhos e continentais, principalmente os Estados Unidos.

Não é possível desconhecemos as artimanhas da diplomacia entre o Brasil e seus vizinhos, mas não pretendemos nos deter em caminhos sinuosos da política diplomática, porém, sempre será feita uma menção a esse tema quando um esclarecimento se fizer necessário para a compreensão de outros fatos.

Uma pergunta vem à mente: por que o Brasil entrou na guerra? Não podemos deixar de levar em consideração alguns pontos: a posição geográfica do Brasil no Hemisfério Sul, a rota comercial de diversos povos, a circulação de mercadorias indispensáveis à sobrevivência de muitas nações e à nossa própria.

É sensato lembrar do imenso litoral brasileiro, pois dos nossos portos saíam mercadorias e entravam outras, também necessárias, via importação.

Na observação de Newton C. de Andrade MELLO<sup>52</sup> seria impossível haver alheamento, por parte de todos, sobre um conflito mundial que ocorria lá fora, mas que a qualquer momento poderia provocar implicações graves ao nosso país.

A posição geográfica do Brasil, fazendo fronteira com diversos países sul-americanos, próximo aos EUA, banhado pelo oceano Atlântico e relativamente próximo à África, atende a interesses estratégicos europeus e americanos, principalmente dos Estados Unidos.

O Brasil também sempre ocupou posição de destaque nos encontros americanos, sendo signatário de vários tratados, o que não nos cabe discutir aqui, por não constituir objeto de pesquisa desta pesquisa. No entanto, é necessária a apreciação de partes do discurso do chanceler Oswaldo Aranha, numa exposição feita ao presidente da República, em 29 de junho de 1939.

As ponderações apresentadas pelo chanceler diziam respeito aos países totalitários na Europa e seus vizinhos (países-satélites), que poderiam ameaçar as democracias européias, e essas hostilidades poderiam ser de curta ou longa

<sup>52</sup> MELLO, Newton C. de Andrade. **Causas e conseqüências da participação do Brasil na II Grande Guerra. Conferência.** Rio de Janeiro: DIP, 1958.

duração.

Diante do que se apresentava, apesar de se acentuar o caráter de neutralidade do Brasil ante os acontecimentos, Oswaldo Aranha mostrava sua preocupação:

“Mas a experiência mesma da Grande Guerra ensina que é difícil permanecer neutro em face de uma conflagração que só tende a se generalizar. Nessas condições será preciso, na previsão do que está por suceder, ter, desde já, em mente a atitude do Brasil no dia em que for obrigado, pelas circunstâncias, a abandonar a neutralidade”.<sup>53</sup>

São muitos os mistérios que envolvem a “política” de entendimentos entre o Brasil e os Estados Unidos. Os acordos militares secretos que resultaram na criação de duas comissões conjuntas com os norte-americanos, que basicamente colocavam um ponto final nas questões meramente retóricas da solidariedade e da neutralidade, deram o início ao alinhamento do Brasil ao lado dos norte-americanos. Desse modo, essas comissões prepararam a defesa do território brasileiro, redundando na declaração de guerra no dia 22 de agosto de 1942.

Nesse período nebuloso, o qual poucos conseguem abordar com mais clareza, justamente por serem temas militares, vamos encontrar, na obra do general Leitão de CARVALHO, ex-chefe da delegação brasileira na comissão mista de defesa do Brasil-Estados Unidos, a narrativa esmiuçada de fatos que apontam para a memória conflituosa dos seus participantes.

São suas as palavras, ao reportar-se aos diversos encontros entre as duas comissões: “O silêncio acerca dos trabalhos realizados em Washington, que o país desconhece, é impressionante. A revelação de alguns de seus aspectos, no estreito círculo de velhos camaradas de armas, foi recebida com espanto, e nada se sabia sobre o assunto. Já não dizemos no seio da população pública, mas no meio militar,

<sup>53</sup> MELLO, op. cit., p. 17.

mesmo entre os participantes da guerra”.<sup>54</sup>

O próprio autor define sua obra como um trabalho de memórias, ao justificar o estilo da narrativa empreendida. Afirmar estar escrevendo para a História, dentro de um cunho de “completa franqueza”, ao assinalar o desenvolvimento dos fatos, sem o temor de prejudicar a verdade.

A primeira parte da obra retrata o país de 1939 a 1942, explicitando as forças internas antagônicas, ora a favor dos aliados ora pró-eixo. Tais fatos mostram o período de incertezas que envolviam nossos dirigentes, o que possivelmente possa explicar o retardo da organização da FEB.

A segunda parte da obra é rica em informações sobre os antecedentes da FEB. Conseqüentemente, consulta obrigatória para aqueles que desenvolvem seus estudos mais específicos ligados à temática.

Acreditamos que a decisão de CARVALHO, ao escrever essas passagens (suas memórias) enquanto chefe da delegação brasileira da comissão mista de Washington, tenha um caráter de desabafo diante das ocorrências nos “bastidores”, frente à sua própria incredulidade nos acontecimentos. E fica patente a ação dos diversos setores hierárquicos (outros generais, entre os quais Dutra e Góes) no sentido de boicotar abertamente a comissão.

Também não fica claro para os pesquisadores, e o autor não nos esclarece sobre os antagonismos da parte governante, a posição do ministro da Guerra e do chefe do Estado-Maior do Exército, em desacordo com o chefe da delegação da comissão mista.

No último capítulo do seu livro, o general Estevão Leitão de CARVALHO faz uma retrospectiva dos acontecimentos destacados na obra, ao mesmo tempo em que mostra perplexidade diante da cúpula governamental e dos posicionamentos dessa.

<sup>54</sup> CARVALHO, Estevão Leitão. *A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952, p. 374.

São estas suas palavras: “[...] Uma acirrada luta de bastidores entre os dois grupos que se digladiavam, um querendo tornar efetiva a colaboração do Brasil com as nações democráticas, na Segunda Guerra Mundial, o outro dificultando essa colaboração, com indisfarçável resistência a toda medida de caráter prático que se conduzisse à integração do país no grupo das nações que se opunham às potências do eixo.”<sup>55</sup>

Tal situação demonstra a gravidade do quadro político militar, que incidia sobre decisões a serem tomadas, quase às vésperas de o Brasil partir para a guerra, quando o próprio chefe da comissão mista não sabia como proceder diante das autoridades norte-americanas e o que realmente dizer.

O autor dizia acreditar que o posicionamento do governo tinha o objetivo de desestabilizá-lo e colocar em jogo os propósitos do governo brasileiro, no que era concernente à colaboração que se pretendia dar aos aliados norte-americanos.

O Brasil somente vai definir sua situação depois do ataque dos japoneses a Pearl Harbour, no dia 7 de dezembro de 1941. Até então, havia divergências de posicionamentos nos mais altos escalões do governo Getúlio Vargas, ou seja, o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Oswaldo Aranha, pressionava para uma aliança mais explícita com os norte-americanos, enquanto os chefes militares mostravam evidências de grande simpatia pelos nazifascistas.

No intrincado caminho para analisar os posicionamentos das autoridades brasileiras e suas simpatias com os países totalitários - daqueles que eram simpáticos ao regime alemão -, achamos importante o que relata o jornalista Lourival COUTINHO.<sup>56 57</sup>

São interessantes duas passagens nas entrevistas realizadas com o general Góes:

<sup>55</sup> CARVALHO, op. cit., p. 383.

<sup>56</sup> COUTINHO, Lourival. **O General Góes Depõe**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco, 1956.

<sup>57</sup> O autor, formado em Direito, exerceu as funções de jornalista, foi preso político na época da ditadura de Vargas, mas depois chefiou o DIP.

Na primeira, o repórter afirma que na época do Estado Novo, a imprensa acusava o general de ser germanófilo (simpatizante do nacionalismo alemão). O episódio faz referência à visita que Góes havia feito aos Estados Unidos, e muitos queriam saber como foi o tratamento dispensado à sua pessoa.

“[...] A minha estada na América do Norte foi muito agradável e proveitosa, como também para minha família [...] De fato, os americanos me perguntaram, algumas vezes, se eu iria realmente à Alemanha e, como lhes respondesse afirmativamente, me pediram apenas que não fosse diretamente dos Estados Unidos”<sup>58</sup>. (A guerra arrebentou - setembro de 1939 - e o general não embarcou).

Sobre o famoso discurso proferido pelo presidente Getúlio Vargas, em junho de 1940, no qual deixa transparecer sua simpatia pelos alemães, Góes confirma que foi consultado a respeito do discurso que seria proferido no Dia da Marinha. Afirma ter feito algumas restrições, visto que naquele momento a França estava em via de ser esmagada pela Alemanha, e o teor do discurso poderia ser mal interpretado, quando o próprio presidente dos Estados Unidos havia feito um pronunciamento contrário à Alemanha.

Góes ponderou que tal discurso, como estava, poderia afetar as relações entre os dois países, criando dificuldades nos procedimentos e preparativos para a guerra.

Getúlio Vargas acatou as sugestões do general Góes e mandou seus auxiliares retirarem as partes conflitantes do discurso - que não deveria vir a público -, mas teria acrescentado: “Na mesa lerei o discurso na íntegra, para ser ouvido pelos oficiais generais das Forças Armadas. É necessário sacudir com força a árvore, a fim de caírem as folhas secas[...]”<sup>59</sup>

O discurso foi publicado na sua íntegra por todos os jornais da cidade, causando grande mal-estar na embaixada americana.

<sup>58</sup> COUTINHO, op. cit., p. 364.

<sup>59</sup> COUTINHO, op. cit., p. 367.

A pressão norte-americana tornou-se cada vez maior, juntando-se aos fatos citados o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães e italianos, com graves perdas de vidas entre civis e militares (969 vítimas). O clamor popular é incontestável, e o governo responde com a declaração de guerra, no dia 31 de agosto de 1942.

Foram muitas as reticências encontradas no processo de organização da FEB, principalmente no que concerne ao “jogo político de bastidores”, ainda não esclarecido pela historiografia. De que maneira as relações entre os sujeitos envolvidos ocorreram e de que modo essas nos levariam à compreensão do pensamento político da época, são fatores que demandam um exame mais apurado da documentação existente e estudos mais específicos direcionados para essas questões. Fatos relacionados nesta pesquisa, são polêmicos e provocaram novos questionamentos, no esforço de se entender a que memória os monumentos italianos se referem.

Ao auscultarmos as fontes e seu grande manancial, abrimos uma nova perspectiva de significados que dizem respeito à memória e monumentos e que pretendemos abordar nos capítulos seguintes. Esse pensamento permeia o presente trabalho, o qual desejamos fundamentar.

Embora tenhamos consciência das diferenças entre os contextos históricos a serem abordados - nesse caso o brasileiro e o italiano, com suas memórias conflitantes e suas raízes -, são as “memórias dos fatos, das provas e sofrimentos suportados que são exortados a não serem esquecidos”<sup>60</sup>, que nos conduzem à construção dos monumentos brasileiros na Itália.

Pierre ANSART, ao tratar das memórias conflitantes, usa o conceito “guerra de memória”, que tem como um dos objetivos a afirmação e a revisão das memórias e dos ressentimentos.

<sup>60</sup> ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. Memória (res) sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Tradução: Jacy Alves Seixas. Campinas-SP: Unicamp, 2001.



Essa guerra das memórias vai estar presente entre os sujeitos apresentados na pesquisa e que, em suas diferentes versões e reivindicações, nos conduzem a uma passagem que rompe barreiras e limites e se internacionaliza por outros territórios, quando neste estudo enfatizamos a Itália, por meio das comemorações do término da Segunda Guerra Mundial.

Tais ações, que resultaram nos marcos históricos (monumentos que homenageiam os soldados brasileiros), constituem-se em um gesto inédito e expressivo de gratidão das comunidades italianas. Assim, sacralizam a presença dos soldados brasileiros na história daquele país. São ações singulares, ocorridas na Itália Setentrional e direcionadas a uma única divisão de combatentes, dentre tantas outras que lutaram naquele *front*: a Força Expedicionária Brasileira.

## 2 COMEMORAÇÃO, MEMÓRIA E MONUMENTO

### 2.1 A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: AS CELEBRAÇÕES PELOS MONUMENTOS

Para compreendermos a presença de monumentos dedicados aos soldados brasileiros em território italiano, objeto desta pesquisa, algumas reflexões se fazem necessárias a respeito das concepções de diversos autores, concernentes à memória, à história e às celebrações pelos monumentos.

Os conceitos aqui enfocados visam conduzir a pesquisa em face dos meios que possibilitarão o trabalho de questionamento às fontes, pois entendemos que as concepções de história, de memória e de monumento devem ser analisadas no contexto situacional para a inserção do objeto de pesquisa.

Na análise da monumentalística italiana, pretendemos entender o sentido da comemoração e, por meio dessa, compreender o processo da construção dos monumentos italianos.

#### 2.1.1 Comemorações e Monumentos

Comemorar é lembrar, trazer à memória, solenizar recordando<sup>61</sup>.

Nos últimos anos, temos visto que os rituais de comemorações têm crescido em várias partes do mundo e apresentado características as mais diversificadas, quando expressas nas histórias nacionais de uma sociedade.

O sentido da comemoração está, por conseguinte, associado a um movimento de restabelecimento de marcas, que, pelos rituais, institui esses símbolos, assim ressignificando o passado. Desse modo, são estabelecidas as missas, as solenidades públicas - com a participação das autoridades dos diversos escalões da sociedade - os discursos, a entrega de diplomas alusivos a serviços

<sup>61</sup> Dicionário Aurélio Século XXI.

prestados, o descerramento de placas, de bustos, de monumentos, as inaugurações de prédios, etc., entre outros, que formam o universo no qual a história é reinventada.<sup>62</sup>

Logo, comemorar é reviver, de forma coletiva, a memória de um acontecimento, considerado como “ato fundador”, a “lembrança do inicial”, um retorno às origens, à busca dos valores de uma comunidade.<sup>63</sup>

Os novos paradigmas têm aberto caminhos para o entendimento desse processo das comemorações pela memória, no qual as ações humanas são valorizadas. Nesse aspecto, surge uma demanda da história das instituições, empresas e famílias, sempre num crescer, incorporando-se aos ritos celebrativos, em um processo de reconstrução das memórias individuais e coletivas, significativas para aquele grupo.

O passado é, então, reelaborado em uma perspectiva individual, na qual momentos coletivos são revisitados dentro de uma ótica particular, com as suas marcas individuais, reafirmando, assim, a memória histórica. São produzidos os livros de Memórias, que colocam o narrador diante de uma perspectiva de “festa”, na qual o passado é glorificado, vivenciado por ele (narrador) e pelo seu grupo.<sup>64</sup>

No processo da comemoração e de seus elementos constitutivos - a memória e história - buscamos a reapropriação do acontecimento passado, demonstrando seu valor simbólico, na consagração do “começo” e que nos reportam ao “devir”.

Em seu recente artigo “O fenômeno das comemorações como objeto de análise histórica”,<sup>65</sup> Helenice RODRIGUES afirma que são muitas as possibilidades de abordagens sobre esse tema, a partir do momento em que podemos enfocá-lo na

<sup>62</sup> BENJAMIN, op. cit., p. 2.

<sup>63</sup> SILVA, Helenice Rodrigues. O fenômeno das comemorações como objeto de análise histórica. *Espaço Plural*. Cultura Universitária sem fronteiras. Unioeste-PR, março, 2001.

<sup>64</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia. Memórias revisitadas. In: *O Instituto Aggeu Magalhães, na vida de seus personagens*. Pernambuco: Instituto Aggeu Magalhães. 1997.

<sup>65</sup> SILVA, op. cit., pp. 19-20.

ótica da interdisciplinaridade, e aponta três caminhos de investigação nesse campo: o antropológico (ritos e espetáculos), o filosófico (tempo e ação) e o psicanalítico (esquecimento e recalques).

Nesta pesquisa, pretendemos priorizar o enfoque das comemorações numa aproximação com a Antropologia, que, na concepção dos ritos, nos introduz à temática central desse estudo, embora tenhamos consciência de que, em vários momentos, o tempo, a ação, o esquecimento e os silêncios não são apenas assuntos subjacentes desta pesquisa, pois estão presentes nas histórias dos protagonistas que erigiram os monumentos brasileiros na Itália.

No campo da Antropologia, vemos a comemoração como um ritual no qual uma cena do passado é sacralizada no presente: “O poder da comemoração é justamente o de criar o acontecimento, captando a carga simbólica de um fato inicial. Assim, ele permite consagrar o sentido vazio deixado pela história, preenchendo-o com todos os artifícios de uma reinterpretação solene”.<sup>66</sup>

Ao priorizar o campo deste trabalho sobre os monumentos brasileiros na Itália, pela apreensão dos conceitos relacionados acima e em razão do nosso objeto de estudo, tornou-se obrigatória também, neste capítulo, a nossa aproximação do conceito de monumento na visão da história da arquitetura, quando esta dimensiona o monumento nas seguintes perspectivas:

O monumento é uma interpelação da memória; não apresenta nem carrega em si uma informação neutra, mas traz uma memória viva. Françoise Choai trabalha com a distinção entre monumento e monumento histórico. O sentido inicial do monumento, para uma comunidade de indivíduos, é a rememoração de outras gerações de pessoas, eventos, ritos, crenças [...]. Quatremere de Quincy designa que o monumento é construído para estabelecer o que é memorável (o monumento deixa de ser evidência da memória, e passa a criá-la), ou seja, o monumento histórico é um agente de embelezamento das cidades e passa a ser, também, a afirmação do design público, dos estilos, de manifestação estética. Como conceito estético, ele existe, assim, para o consumo

<sup>66</sup> JEUDI, *apud* SILVA, op. cit., pp. 19 –20.

imediatos.<sup>67</sup>

Na concepção de Cristina MENEGUELLO, o monumento não é um dado “sempre existente”, mas uma invenção ocidental, que ganha força a partir da segunda metade do século XIX, passando a ser denominado nos dicionários franceses nessa fase.

A autora destaca que a consagração do monumento histórico surge na Inglaterra e na França, ligada à Era Industrial, que varreu áreas inteiras das cidades em razão do crescimento urbano - seja em forma de celebrações representadas nesse caso pelos “grandes edifícios públicos que atestam a riqueza, seja no crescimento desordenado proporcionado pela construção de habitações operárias (os cortiços, os *slums*<sup>68</sup>) feitas pelos empreiteiros”<sup>69</sup>.

Na presente pesquisa, em relação aos ritos comemorativos efetivados pelos monumentos, a nossa abordagem vai estar direcionada para a concepção do monumento histórico - como aquele que comemora os feitos da Força Expedicionária Brasileira em território italiano -, que neste espaço faz rememorar fatos pregressos inseridos naquele contexto e, desse modo, reconstituindo a paisagem na qual se insere, possibilitando a celebração de uma memória que também muda, que também é histórica. “História, que se faz e refaz, como concordam hoje as principais correntes desses observadores que, de seu presente, se debruçam sobre o passado. E como considera e explicita magistralmente Jacques LE GOFF, no primeiro volume da Enciclopédia Einaudi.”<sup>70</sup>.

Mas do qual presente fala LE GOFF. Não seriam os presentes das

<sup>67</sup> MENEGUELLO, Cristina. *Arquitextos A preservação do patrimônio e o tecido urbano*. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto\\_007.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto_007.asp)> Acesso em: 05 jul. 2000.

<sup>68</sup> *Slums* são favelas.

<sup>69</sup> MENEGUELLO, op. cit., p.2.

<sup>70</sup> MARX, Murilo; TELLES, Augusto Carlos da Silva (org). *O teu monumento é a tua Escola*. Atlas dos Monumentos Históricos de São Paulo. São Paulo: MEC, 1975.

diferentes épocas e períodos nos quais mergulhamos, buscando ordená-los e dar-lhes um sentido? Nesse sentido o passado é significativo, é um passado que não passa, pertence a uma “categoria temporal” que se faz presente em razão de seu significado, de sua importância. “Daí o dinamismo da História, a necessidade dos estudos periódicos, com suas visões e revisões. E é o presente que impõe essas necessidades”.<sup>71</sup>

Ao vincularmos os monumentos aos ritos de celebração, obrigatoriamente nos reportamos a uma das principais simbologias de tais atos. Ela representou para várias civilizações, desde a Antiguidade, o fortalecimento do Estado e a sua ideologia, quando o espaço era marcado pelos monumentos, símbolos do seu poder.

Para compreendermos a linguagem subjacente que está contida nos discursos e nas ações dos protagonistas que levaram adiante a construção dos monumentos brasileiros na Itália, fez-se necessário algumas perguntas: Quais são as pessoas, as ideologias e as instituições envolvidas no processo? São questionamentos a que tentaremos responder ao longo deste trabalho.

Segundo EAGLETON<sup>72</sup> são várias definições de “ideologia”, e nem todas conciliáveis entre si. Na análise do nosso objeto de estudo, detectamos, ao longo deste trabalho, entre os personagens enfocados, um corpo de idéias característico e expresso pelos grupos, bem como as formas de pensamento motivadas por interesses sociais expressos no sentimento de identidade, a nosso ver pontos determinantes na compreensão das atividades desenvolvidas pelos agentes edificantes.

Achamos que foi oportuno e esclarecedor o pensamento do autor assim exposto: “A palavra ‘ideologia’ é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama

<sup>71</sup> CASTRO, Maria Almeida Couto. Monumentos Brasileiros no Patrimônio Nacional. *Revista do Icomos*. Brasil, Salvador, Bahia, 2000.

<sup>72</sup> EAGLETON, Terry. *Ideologia uma introdução*. Tradução: Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

inteira de diferentes fios conceituais: é traçado por divergentes histórias, e, mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em uma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado”.<sup>73</sup>

Essas serão histórias divergentes que nos conduzirão ao contexto histórico delineado. Ao abordarmos as fontes documentais brasileiras e italianas e entrevistarmos pessoas, ouvindo suas narrativas, a “trama” dos fios condutores será aberta na perspectiva de respostas para os nossos propósitos de investigação da singularidade construtiva dessa honorificência italiana aos soldados brasileiros através dos monumentos.

São diversas as informações que o estudo dos objetos culturais pode fornecer. Vão além do aspecto estético, pois correspondem a uma necessidade. Nesta pesquisa, o nosso olhar estará voltado para os sentimentos expressos nessas obras e a dialética dos seus construtores, quando as fontes nos permitirem tal abordagem.<sup>74</sup>

Ao examinar o tema “Educação Patrimonial”, Maria de Lourdes HORTA afirma que por trás das formas construídas pelos homens descobrimos uma “série de normas subjacentes”<sup>75</sup>, embora inconscientes na mentalidade coletiva. Esses são fatores determinantes dos valores e categorias expressos, do que é belo, do que é correto ou incorreto na produção dos bens culturais. Atrás desses bens culturais, vamos encontrar uma ou mais pessoas com vínculos partícipes. Descobrir quem são esses agentes é uma tarefa que nos propomos elucidar.

<sup>73</sup> EAGLETON, op. cit., p. 15.

<sup>74</sup> A análise que nos propomos a fazer sobre os monumentos brasileiros na Itália está vinculada aos documentos recolhidos. Tais documentos dizem respeito aos artistas, e à concepção filosófica que os conduziu no projeto de criação. Fazemos menção aos monumentos Liberazione, Libertà e Pistóia, cujas fontes nos permitiram uma maior análise desse contexto. Em relação aos demais monumentos - Max Wolff, Brasile, e Vergato - na documentação disponível, percebemos a ausência de um projeto mais ordenado, com a ausência de um artista único. São obras projetadas com simplicidade pelos obreiros dos municípios onde estão localizados, carentes, portanto, de uma explicação artística e que pretendemos demonstrar no quarto capítulo.

<sup>75</sup> HORTA, Maria de Lourdes. Educação Patrimonial. *Anais do 1.º Congresso sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística*. Porto Alegre, Pallotti, 1992.

Ao fazer uma abordagem crítica dos monumentos históricos, os arquitetos apontam para uma arquitetura seletiva. No Renascimento, abandonou-se a memória mitificada, e os olhares voltaram-se para a Antiguidade greco-romana. Da Idade Moderna à Contemporânea, o mundo europeu selecionou diferentes momentos para celebrar seus passados, ao buscar diversas origens, trajetórias e identidades culturais.

Preocupados com o discurso incisivo contemporâneo sobre o preservacionismo - promovido pela ação de centenas de instituições das mais variadas origens, espalhadas em todo mundo -, os arquitetos envolvidos nessa questão sentiram a necessidade de fazer uma leitura do passado e rever novos conceitos, dada a importância destes na obra criativa.

Já na década de 70, um dos termos correntes nos meios de informação eram os “monumentos históricos” que, colocados ao lado de outros conceitos, tornaram-se palavras de ordem. Ainda percorriam os meios culturais expressões tais como tombamento, valorização, preservação, restauração, patrimônio artístico cultural, parques naturais e o entorno. Palavras essas que conferiam ares de intelectualidade aos seus usuários e que, aos poucos, começaram a fazer parte do cotidiano de uma parte representativa da população, que as recebeu, achando-as de início um pouco estranhas, mas que lentamente foram incorporadas ao cabedal de conhecimentos das pessoas com interesse na área.<sup>76</sup>

O Patrimônio Cultural passa a ser o alvo dos estudiosos, admiradores e defensores desses bens públicos. Congressos e seminários foram organizados e resultaram em importantes projetos, que se tornaram alvos de inúmeras críticas e discussões na tentativa de nortear os caminhos, principalmente aqueles direcionados à Educação Patrimonial. A expressão “educação patrimonial” foi

<sup>76</sup> Cabe aqui a ressalva: as questões referentes ao Patrimônio Cultural no Brasil já permeavam os círculos culturais na década de 30. Resultante dessas ações é o projeto redigido por Mario de Andrade que deu origem ao Decreto de 25 de março de 1937, que enfatiza as questões ligadas ao patrimônio cultural e a preservação dos bens materiais e imateriais.



utilizada pela primeira vez no Brasil, num seminário realizado no Museu Imperial de Petrópolis, em 1983.

Foram muitos os questionamentos que tiveram origem nesse período, provocando no discurso das classes representativas um amadurecimento que permeou, assim, os cursos de Arquitetura. Estes não estavam alheios aos acontecimentos, e o debate não passou despercebido, crescendo desse modo o número de participantes, que vieram com suas contribuições, sempre na busca da compreensão pela qual o passado seria institucionalizado na nova ordem.

Conseqüentemente, o argumento sobre os monumentos históricos ocupa o espaço nessas discussões. Esses debatedores foram apoiados pela mídia global, que no seu trabalho diário sedimentou e reforçou os temas pertinentes, ao publicar reportagens científicas, informativas e esclarecedoras.

A reflexão aquece as discussões entre os arquitetos, ao colocar em jogo a questão do Patrimônio Coletivo. A polêmica diz respeito ao acervo privilegiado pelo Estado, daquilo que deve ou não ser preservado, do que deve ser institucionalizado, numa evidência da força ideológica do Estado, quando os espaços marcados pelos monumentos são os símbolos das manifestações do poder.

Dessa maneira, a contradição está presente. E procuramos demonstrá-la, parafraseando Alfredo HERTZ, quando diz: "Os outros monumentos com suas cargas simbólicas de valores e tradições do consenso populares subsistem, despercebidos, discriminados, desconsiderados e até desconhecidos do poder. A ideologia, na sua moral clássica, seleciona, exclui, escolhe e preserva, dando as determinações, selecionando desse modo os valores da sua lógica"<sup>77</sup>.

Embora todas essas considerações apresentadas sejam pertinentes à apreensão dos monumentos históricos - como valores intrínsecos ao Patrimônio Cultural de um povo -, nesta pesquisa tais construções estão vinculadas às

<sup>77</sup> HERTZ, Alfredo de Sá Earp. O sentido do passado para os arquitetos. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Arquitetos**. São Paulo, IAB, 1976.

comemorações relativas ao cinquentenário do término da Segunda Guerra Mundial, que tomaram vulto na década de 90 no mundo todo, principalmente nos países que sofreram a guerra em seus territórios.

O êxito recente do filme “O Resgate do Soldado Ryan” foi um dos motivadores do renovado interesse pela Segunda Guerra Mundial e indica que esta marcou o século XX e fez parte do ideário dos que a vivenciaram e das gerações posteriores.

Sobre o assunto, manifestou-se a Revista Expresso, mostrando, com clareza, a pesquisa feita pelos produtores do filme - evidenciando desse modo oportunos aspectos à nossa reflexão:

Contudo, o que se tem surpreendido, tanto os historiadores como os observadores das ciências sociais, é o fato de comemorar - ou seja, de preservar a memória -, à margem do discurso acadêmico e erudito, não ter diminuído com o decorrer dos anos. Em 6 de junho de 1994, cinquenta anos após o desembarque na Normandia, o número de comemorações, encontros e debates - tanto no próprio sítio como nos países que participaram dessa operação militar, que selou o destino da Alemanha nazista - ultrapassou todas as expectativas.<sup>78</sup>

Citado no artigo da Revista Expresso, o historiador George L. MOSSE em sua obra *Fallen Soldiers Reshaping the Myth of the World Wars* (1990) localiza o culto dos mortos pela pátria e o mito da morte heróica do soldado altruísta, a partir dos meados do século passado, como elementos integrantes dos nacionalismos modernos.

O culto ao Soldado Desconhecido foi estabelecido depois da Primeira Guerra Mundial, quando um soldado não identificado foi sepultado debaixo do Arco do Triunfo, em Paris, iniciando-se, dessa maneira, a esteticização da morte pela pátria e, no plano simbólico, a sacralização do combatente morto na guerra.

<sup>78</sup> REVISTA EXPRESSO. Um monumento americano. Disponível em: <[http://primeirasedições.expresso.pt/ed1349/r0661, asp.](http://primeirasedições.expresso.pt/ed1349/r0661.asp)> Acesso em: 26 dez. 2002.

Tradição essa fomentada na construção dos grandes cemitérios militares na Europa, quando a aura honorífica chamava a atenção para os tombados pela “salvação da nação”.

Nos Estados Unidos e no Brasil, a visão tem sido diferente, pois esses países não sofreram a guerra em seus territórios. Geralmente, as celebrações são promovidas pelos veteranos que participaram diretamente do conflito e por meio de suas associações, quando datas importantes são lembradas.

Com os Estados Unidos envolvidos mais tarde na Guerra do Vietnã, os acontecimentos calamitosos desencadearam memórias individuais, que se sobrepõem à memória oficial, ao pressionar as instituições. Assim, deram ouvidos àquelas palavras, pela manifestação das famílias dos mortos e dos veteranos. Essas ações resultaram na construção do memorial aos mortos, que está localizado em Washington. Nas palavras do pesquisador Simon KUIN, a obra é “uma gigantesca pedra com os nomes de milhares de falecidos, nomes que deixam decalcar, tocar, acariciar - é um outro exemplo dessa mudança de mentalidade”.<sup>79</sup>

No Brasil, as comemorações que lembram a Segunda Guerra Mundial são restritas. Em seu recente artigo, Dennison de OLIVEIRA apresenta o calendário comemorativo das Forças Armadas brasileiras, no qual estão incluídas as datas principais da FEB:

“[...] Referentes à nossa participação na 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial: a Tomada de Monte Castello pela Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Campanha da Itália em 21 de fevereiro de 1945, e o Dia da Vitória na Europa, em 8 de maio daquele mesmo ano. Dessas, a celebração da Tomada de Monte Castello é certamente a mais importante, provavelmente por se tratar de uma glória exclusiva da FEB [...]”.<sup>80</sup>

Em Curitiba, as datas da FEB são celebradas pela Legião Paranaense do Expedicionário, sob o patrocínio do Exército e o apoio do governo do Estado do

<sup>79</sup> KUIN, Simon. In: REVISTA EXPRESSO, op. cit., p. 4.

<sup>80</sup> OLIVEIRA, Dennison de. **Cultura e Poder nas cerimônias militares das Forças Armadas Brasileiras: o caso da vitória de Monte Castello**. Curitiba-Paraná: UFPR, 2000.

Paraná. Tais festejos são abertos ao público. Esporadicamente percebemos a presença de escolares nesses eventos, caracterizando, assim, essas cerimônias por uma forte simbologia militar, embora em épocas anteriores - principalmente no pós-guerra - o afluxo de civis nessas comemorações fosse mais amplo.

Entre as décadas de 80 e 90, foram desenvolvidos projetos educativos pela então coordenação pedagógica do Museu do Expedicionário, sendo as cerimônias revestidas de cunho didático-pedagógico, com a participação das escolas convidadas, principalmente aquelas localizadas estrategicamente próximas ao museu.

Na reflexão de OLIVEIRA sobre as cerimônias militares realizadas em Curitiba, ao concluir o seu artigo, o autor nos coloca diante das seguintes evidências: o culto da tradição militar e o estudo da história militar do país permanecem restritos aos mesmos indivíduos e grupos; a produção historiográfica disponível é escassa, o que dificulta o processo de pesquisa. Mesmo diante dos percalços, conclui, foi totalmente justificada, à luz da História, a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, e o retorno dessa Força ao Brasil contribuiu de forma decisiva para a redemocratização do país.

Nesse contexto, que teve como ponto de partida a apreensão conceitual da palavra comemoração, vimos o sentido dessas solenidades como estabelecimento de marcas que nos conduzem aos monumentos italianos e ao devir, quando esses sacralizam os tombados na guerra - verdadeiros ritos de celebração nos quais os soldados da Força Expedicionária Brasileira são incluídos. A FEB celebrada na Itália nos permite o confronto em relação à simplicidade de tais eventos no Brasil, motivados apenas em cerimônias militares, numa demonstração de que a participação brasileira na Segunda Guerra praticamente não existe na memória brasileira.

### 2.1.2 Monumentos: Leituras Relevantes

Neste capítulo faremos algumas breves considerações sobre os diversos conceitos que encontramos sobre a palavra “monumento”, sem, no entanto, nos aprofundarmos em suas origens históricas e arquitetônicas, pois discussão nesse sentido está organizada no quarto e último capítulo desta pesquisa, quando tratamos diretamente dos monumentos italianos dedicados aos soldados brasileiros.

O termo monumento foi usado, por muitos séculos, no sentido duplo de documento/monumento, quando se fazia referência a documentos escritos. Mesmo depois da Revolução Francesa até os primórdios do século XIX, uma grande coleção de documentos recebia o nome de monumento.

“Monumento, s. m. (do latim *monumentu*). Qualquer obra de arquitetura ou escultura erigida em honra de alguém ou para comemorar algum acontecimento notável; edifício grandioso, digno de admiração pela sua antiguidade ou magnificência; mausoléu, sepulcro suntuoso, memória, lembrança, recordação; qualquer obra intelectual ou material que, pelo seu valor, passa à posteridade.”<sup>81</sup>

Para entender a questão da monumentalidade na civilização ocidental, achamos relevante a pesquisa encetada pela Universidade de São Paulo, detentora de um grande acervo artístico-cultural. Com o objetivo de conhecer o que essa Universidade possuía nessa área, fez-se, em 1992, um levantamento das obras de esculturas situadas nos espaços interno e externo de suas dependências, bem como nos das unidades localizadas em outros campus, inclusive fora da cidade de São Paulo.

A pesquisa contida na obra em questão foi efetuada por professores da USP e nos coloca diante de outros estudiosos dos monumentos históricos, localizando-os no fim do século XVIII.

Esse estudo nos ajudou na contextualização histórica dos monumentos

<sup>81</sup> Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, Portugal: Ed. Confluenza.

ocidentais, pois deu uma visão geral da problemática. Estamos assumindo que os monumentos são vistos como marcos históricos a partir da Revolução Francesa, e nesse encaminhamento de idéias podemos chegar ao objeto particular desta pesquisa: os monumentos brasileiros na Itália, construídos a partir de 1995.

Nos primeiros tempos, logo após a Revolução Francesa, a elite governante e representante do novo Estado Nacional Moderno - preocupada com a desamortização de muitos bens públicos, da sua destruição - propõe uma atenção pública direcionada à sua salvaguarda.

O testemunho material, agora transformado em monumento histórico, recebe atenção especial dos governantes, pois diz respeito à identidade nacional. Na França, o documento pioneiro que trata de preservação é o *Servis de Monuments Historiques*, e na Inglaterra, na mesma linha de pensamento, é organizado o *National Trust*. Alois RIEGL<sup>82</sup>, um dos estudiosos mais conhecido no universo da Arquitetura, arrola em seus estudos diversos valores atribuídos aos monumentos e, ao apontar o “valor de arte” como aquele que satisfaz uma vontade ou um “querer artístico moderno”, classifica-os em dois tipos: os valores de rememoração e os valores de contemporaneidade. Assim como Maurice AGUILHON<sup>83</sup>, RIEGL diz da relação entre a obra de arte e o espaço aberto, monumento e espaço público: o que está na base do próprio espaço comum que se deseja, do ambiente que celebra, uma comunidade ou uma instituição, da paisagem neste sentido monumental. Paisagem que comemora, em sua plena modernidade, por meio dos seus edifícios, jardins e obras de arte.<sup>84</sup>

## 2.2 PATRIZIA DOGLIANI E A PERIODIZAÇÃO DOS MONUMENTOS NA ITÁLIA

Ao abordar o tema sobre os monumentos na Itália, houve a preocupação

<sup>82</sup> RIEGL, Alois *apud* MARX, Murilo. *O Teu monumento é a tua escola*. Atlas dos Monumentos Históricos de São Paulo. São Paulo: FENAME, 1975, pp.21-24.

<sup>83</sup> AGUILHON, Maurice *apud* MARX, op. cit., pp. 21-24.

<sup>84</sup> MARX, op. cit., p. 21.

inicial de nossa parte de centrar a primeira investigação na leitura que nos conduzisse aos autores italianos, e ao enfoque destes em relação à monumentalística.

Dos pesquisadores selecionados, chamou-nos a atenção o artigo *Luoghi della memoria e monumenti*, escrito por Patrizia DOGLIANI<sup>85</sup>. A autora é pesquisadora da Universidade de Modena.

Nesse artigo, a autora fala da pesquisa italiana em relação aos assuntos sobre a guerra, destacando que a grande produção historiográfica na Itália diz respeito à Primeira Guerra Mundial. Na sua opinião, no exterior pesquisa-se muito mais sobre a Segunda Guerra, no caso a Inglaterra, a França e a Alemanha, mais recentemente, com estudos mais abrangentes, através de uma pesquisa com maior complexidade, com problemáticas diferentes.

Nesses países, ela ressalta a interdisciplinaridade da pesquisa, que caracteriza a nova investigação, fruto da integração de historiadores da política com psicólogos, pedagogos, conservadores<sup>86</sup>, artistas e outros.

Por outro lado, mostra-se a tendência dos historiadores direcionados para história política e social, e o estudo da monumentalística é visto, apenas, pelo lado simbólico, quando haveria necessidade de um estudo mais complexo. Outros aspectos deveriam ser examinados juntamente com os financiamentos públicos e privados, as tendências artísticas, e que fossem feitos questionamentos à comunidade sobre usos comunitários e políticos desses espaços.

Para DOGLIANI a experiência americana é diferente, porque a ênfase atual diz respeito aos mortos da Guerra da Coreia e do Vietnã. São várias associações de ex-combatentes e mesmo de familiares dos mortos voltados para essa memória, que independe da participação do Estado. São elas as patrocinadoras dessa memória,

<sup>85</sup> DOGLIANI, Patrizia. *Luoghi della memória e monumenti*. In: CASA, Brunella Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). *Bologna in Guerra. 1940-1945*. Milão-Itália: Editora Francoangeli, 1995.

<sup>86</sup> Conservadores, nesse caso, são pessoas especialistas que trabalham com técnicas peculiares na conservação dos bens culturais.

pois recolhem testemunhos e constroem monumentos. Situação semelhante ocorre na Itália e no Brasil.

No caso brasileiro e norte-americano, trata-se de uma guerra que aconteceu longe da pátria. Os monumentos, conseqüentemente, representam o drama infligido aos soldados em terras estrangeiras, as experiências por que passaram. O monumento é uma forma de pertencimento e deverá lembrar, a todos, os momentos que não podem ser esquecidos. No seu artigo, DOGLIANI cita outro autor, Enzo NIZZA<sup>87</sup>, que fez a introdução do livro *Monumenti alla Libertà*. Ali, ele faz menção aos estudos sobre os monumentos italianos, construídos no período entre 1945 e 1985.

Os estudos apontados por NIZZA revelam a estreita relação quanto ao número de monumentos dos grandes centros populacionais, como é o caso das regiões da *Emilia-Romagna* e *Friuli-Venezia Giulia*. Em resumo, pode-se afirmar que quanto maior a concentração de habitantes empenhados na luta pela libertação, maior será o número de monumentos homenageando os mortos de guerra.

NIZZA ainda constata a grande proliferação dessas construções no período que vai de 1945 a 1949. Não somente monumentos, mas placas que indicam os nomes dos mortos, seja em represálias seja na luta armada contra o fascismo e nazismo.

Percebemos que, nesse caso, é uma exigência da Resistência, no sentido de que nada seja esquecido, que o testemunho ali presente venha recordar sempre. A produção literária é grande nessa fase.

O autor descreve a construção de monumentos. Nas suas palavras, "alguns muito importantes". A euforia da construção dos monumentos, como veio, também se foi.

De 1949 a 1963, os levantamentos feitos por ele apontam para a construção de 24 monumentos, dedicados a todas as vítimas - tenham sido elas da

<sup>87</sup> NIZZA, Enzo *apud* DOGLIANI, Patrizia, op. cit., pp. 464-466.



Resistência, da Primeira ou da Segunda Guerra Mundial. Diz o lema: "Aos mortos de todas as guerras". Nas cidades administradas pela esquerda, exaltavam-se os *partigianos* - como em Bolonha, Imola e Parma.

Durante o governo de centro-esquerda, na Itália, que coincide com o período também conhecido como o da guerra fria<sup>88</sup>, foram reduzidas as construções monumentalísticas dedicadas à Resistência, mas de 1963 a 1968, foram inauguradas 49 construções, com vistas a preparativos que se faziam para a celebração dos 30 anos do fim da guerra. Eram monumentos erigidos então à Liberdade.

De 1965 a 1975 surgem na Itália cerca de 62 monumentos, uma média anual de 6,2 obras, havendo agora uma conotação política maior nos acordos feitos entre os partidos, com a participação da administração pública. Não podemos esquecer que é uma época de efervescência política na Europa – com a presença maciça de operários e estudantes -, de mensagens ideológicas, de modelos de lutas anti-revolucionária, anticolonialista (Terceiro Mundo).

O ano de 1968 é o momento do encontro das duas gerações - os jovens e *partigianos* -, e os valores são vistos como uma estreita coligação entre eles, que não pode ser esquecida. Valores esses, como o anticapitalismo e o antifascismo, tão bem delineados no ideal da Resistência. Os velhos *partigianos* agora contam "suas histórias" e a saga da Segunda Guerra Mundial. Existe agora um público ávido de saber (os jovens), o que constitui momentos importantes que fazem proliferar a pesquisa e os monumentos.

<sup>88</sup> A guerra fria ocorreu logo depois da Segunda Guerra Mundial, sob duas diferentes perspectivas: a americana e a soviética. Na explicação desse período encontramos situações conflitantes procurando evitar uma nova guerra e resguardar as respectivas nações, que provocou esse novo conflito. A Rússia, para evitar um novo ataque alemão, organiza um bloco político militar com os países do Leste Europeu, promovendo acordos bilaterais de colaboração na tentativa de romper os laços entre a Europa Oriental e o Ocidente. Por outro lado, os Estados Unidos julgavam que a desmobilização após a Primeira Guerra havia encorajado os agressores. Era preciso um poderio militar apto para repelir os futuros ataques hostis em todos os cantos do mundo. Para compreender melhor esse período, vide DUNN, Keith: artigo Um conflito de idéias: as origens da Guerra Fria, *In: Military Review*. ECEM, EUA, 1977.

A história dos monumentos na Itália é seguida de “vozes” alternadas pelos “silêncios”. Muitos não aceitavam a projeção de monumentos e placas, não por uma questão estética, mas pelo que seria inscrito. *No, no, no vogliamo che i morti della resistenza siano onorati con monumenti ai caduti de tutte le guerre*<sup>89</sup> não devendo, então, ser nominados os bispos, prefeitos, presidente do tribunal, comandante, etc. Melhor o silêncio. Nesse caso, esta manifestação tende a projetar uma imagem suspeita das pessoas homenageadas como simpatizantes do fascismo (1922-45).

Não é possível esquecermos o impacto sobre a memória coletiva dos fatos ocorridos antes da guerra. A memória do *Risorgimento* está presente (1848-1849). Muitas vezes, ela está inserida nas comemorações da Resistência, quando os nomes de seus principais vultos são lembrados na Itália inteira e ilustram hoje nome de praças, placas e ruas, tão à vista de quem passa com um olhar mais curioso (Anexo 10).

Na celebração da República (1861), Bolonha também não foge dessa tradição e as homenagens são, na verdade, a vontade de revitalizar a tradição democrática e republicana. Nomes ilustres são lembrados, como Cavour, Marco Minghetti e Giuseppe Garibaldi.<sup>90</sup>

Essas celebrações tentam mostrar como a cidade mudou com o desaparecimento do fascismo, bem como da classe que o havia apoiado. A memória monumental bolonhesa apresenta, por consequência, características especiais, ou seja, tem conotação política bem precisa: é popular, de classe, de partido, de tradição comunista, socialista e antikapitalista.

<sup>89</sup> Tradução: “Não, não, não queremos que os mortos da resistência sejam honrados com os monumentos aos mortos de todas as guerras.”

<sup>90</sup> Os vultos históricos relacionados acima estão ligados à unificação da Itália que teve início na primeira metade do século XIX. A primeira fase do *Risorgimento* foi marcada por revoltas e ações terroristas, conduzidas pelas sociedades secretas como a dos Carbonários, e a figura principal é Giuseppe Mazzini. Na segunda fase, a unificação é dividida entre os monarquistas do *Piemonte*, chefiados por Camilo di Cavour e as tropas do republicano Giuseppe Garibaldi. Ajudados pela França, os piemonteses derrotam os austríacos no norte: Garibaldi expulsa os Bourbon de Nápoles e da Sicília. O novo Estado nasce em 1861, com a proclamação de Vittorio Emanuele II, rei da Sardenha e *Piemonte*, como soberano da Itália.

Na observação de NIZZA é possível, numa averiguação dessa memória, percebermos duas Itália: uma que é vivida e revivida através dos monumentos, que recordam não apenas a questão belecista ligada à ação da guerrilha, mas aquela ligada à ação do extermínio de civis e das deportações, na qual se tenta ainda hoje recordar o passado de tragédias vividas antes da guerra.

Há alguns anos, os pesquisadores de Bolonha organizaram um trabalho fotográfico catalogando monumentos e lápides que foram feitos aos mortos nos anos de 1943 a 1945, indicando os locais onde se encontravam.

Seguindo os mais precisos registros da memória, as lápides foram colocadas nos lugares onde as pessoas foram mortas em ação, ou onde tenham trabalhado tanto as pessoas ligadas à Resistência ou os simples civis. Portanto, vamos encontrá-las nas escolas, nas universidades, nos hospitais, nos tribunais, nos cárceres, em muros, em locais de execução, nas fábricas e em enfermarias clandestinas, permeando assim o cotidiano das pessoas.

Dos anos 60 em diante, o que pudemos perceber na Itália são os monumentos dedicados à paz e à liberdade. Essas obras são erigidas com recursos da própria comunidade, agora num senso diferente, não sendo mais possível expressar em uma coloração política.

Um exemplo do novo pensamento italiano é o monumento erguido em 1975, na cidade de *Marzabotto*, local da maior represália alemã, durante a Segunda Guerra, contra os civis italianos. A epígrafe dessa obra, colocada em 1979, chama atenção para os anseios e necessidades psicológicos dos novos tempos. Fala de uma recordação lapidária - lembrando o passado etrusco, que diz respeito à humilhação da população civil de lavradores -, faz um paralelo com o ocorrido na represália e clama a consciência para o sentido da força e a esperança da luta no devir. (No sacrário de *Marzabotto*, foram reunidos os restos mortais de 782 pessoas, entre civis e *partigianos*) (Anexo 1).

Na década de 90, percebemos novamente um “crescer” celebrativo na

Itália. Principalmente, nas comunas localizadas no *front* aguerrido da Linha Gótica. (1944-45).

No município de *Gaggio Montano*, percebem-se a influência e a participação constante dos seus moradores - entre os quais, fortes remanescentes de partigianos (*Brigada Giustizia e Libertà*) e *bersaglieri* (alpinos)<sup>91</sup>, que lutaram ao lado dos aliados - nas decisões que envolvem os “festejos” de datas comemorativas.

Os atos celebrativos envolvem a comunidade como um todo. E tais fatos são expressos nas reuniões da comuna, na participação da sociedade, nas comemorações das datas cívicas e nas decisões que envolvem novas homenagens.

Tanto *Gaggio Montano* como *Montese* e *Vergato* constituem, ainda hoje, pequenos povoados com, aproximadamente, 5.000 habitantes cada um, o que torna fácil o ato de aglutinar pessoas.

Ali estão presentes, portanto, pessoas do mesmo grupo, que no convívio diário são consultadas e interferem nas decisões que dizem respeito aos “atos sociais”, como festas, inaugurações, restaurações, sempre no intuito de manter vivas as tradições e lembranças.

Em 1992, o governo italiano inaugurou um monumento à brigada italiana *Giustizia e Libertà*, ao lado da centenária Igreja de *Ronchidoso*, local histórico para essa brigada e também para os brasileiros que ali sofreram violentos ataques, quando a igreja foi quase destruída, restando apenas uma de suas paredes<sup>92</sup>.

Na inauguração desse monumento as lembranças afluem, são outra vez retomadas, não no sentido único de valorizar a ação *partigiana*, mas sinalizando para um outro momento delicado vivido pela Itália, na década de 70, quando os atos

<sup>91</sup> O reconhecimento ao soldado alpino é manifestado pelo comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, no boletim interno n.º 127 de 7 de maio de 1945: “Os soldados alpinos italianos colaboraram brilhantemente com a Força Expedicionária Brasileira. Participando dos acontecimentos da nossa gente, sofreram conosco os ataques inimigos, junto dos nossos soldados. Transportando pelas montanhas os alimentos e munição para os nossos homens.” *Ai soldati alpini*, dal libro *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo, 1947.

<sup>92</sup> RIGONI, Carmem Lúcia. *Nas trilhas da 2.ª Guerra Mundial – as experiências, as vivências e os sentimentos do soldado brasileiro*. Curitiba: Editora Torre de Papel. 2002, pp. 102 e 103.

provocados pela Máfia causaram muitas vítimas, com repercussão internacional, criando um desafio para as autoridades governamentais no combate a essa rede, que desafiava a ordem constitucional do país. Trata-se de um claro exemplo de como as preocupações contemporâneas moldam as celebrações e comemorações.

A inauguração do monumento aos *partigianos* da *Giustizia e Libertà* contou com a presença do presidente da República, Oscar Luigi Scalfaro. Nesse ato, percebe-se a demonstração de uma nação procurando lembrar a todos fatos que não poderiam ser esquecidos, e que servem de referências ao presente e que foram expressos na carta do jornalista Franco PECCI, escrita no dia 11 de novembro de 1992 ao redator da Revista *Gente di Gaggio*:

Existem e podem existir duas resistências? Sim, porque o tempo e os adversários, os meios de instrumentos da resistência histórica de 43-45 e desta nova, cujo número crescente de vozes invoca, como a do presidente da República e do juiz Caponnetto (assassinado) ou daqueles que marcharam na cidade de Assis (15.000 pessoas) não podem ser diferentes. Mas os legados históricos, políticos e morais são fortíssimos e estão gravados no coração dos homens. Não poderia haver uma nova resistência, se não tivesse existido aquela (resistência) histórica para libertar a Itália. E, portanto, esta nova resistência, para libertar a Itália da Máfia, de todas as máfias que oprimem, e para dar vida a uma nova primavera [...] *Ronchidoso* se revela como uma via-crúcis, o primeiro episódio desta nova possibilidade de resistência histórica (...) a legitimar os valores, os mortos, os sacrificados e o empenho de um novo renascimento[...]<sup>93</sup>

A brigada *Giustizia e Libertà*, uma das menores formações das montanhas bolonhesas, nasceu em *Gaggio Montano*, sendo formada na sua maior parte por *gaggenses*, no dia 24 de junho de 1944, na pequena Igreja de *Ronchidoso*, onde se reuniram os primeiros participantes. O comandante dessa brigada era o capitão Toni (Antonio Giuriolo). Além das ações militares no *front* de *Gaggio Montano*, *Porreta Terme* e *Sila*, coube a essa brigada o auxílio direto às populações remanescentes

<sup>93</sup> PECCI, Franco. Carta à redação. *Revista Gente di Gaggio*. n.º 7. p. 6 *Gaggio Montano*, Itália. 1992.

desses locais, bem como a liberação da cidade de *Gaggio Montano*, fato preponderante para os aliados recém-chegados a essas localidades.<sup>94</sup>

Na Itália, a década de 90 é marcada pelo episódio que recebeu o nome de “Operação Mãos Limpas”, quando se desencadeou uma luta da justiça contra a corrupção em todos os níveis da vida nacional. Líderes políticos, ex-chefes de governo e empresários vão parar nos bancos dos réus. O resultado foi a implosão do sistema político, no período mais crucial depois da guerra.

Os monumentos construídos na Itália em homenagem aos soldados brasileiros pertencem, por consequência, a esse novo ciclo político e histórico do país. Todos os monumentos são posteriores a 1995, exceto o monumento votivo de Pistóia (Cemitério), que no período da guerra funcionou como local próprio para os funerais de emergência, visto que a necessidade de sepulto para os corpos vinha da frente de batalha, onde permaneceram até 1960.

Havia necessidade de se organizar o funeral desses combatentes ou, então, exumar os corpos dos brasileiros enterrados em cemitérios particulares. Em Pistóia, o terreno foi cedido ao Brasil na forma de empréstimo, até 1960, quando houve o traslado dos corpos ao país, assunto de que trataremos melhor no último capítulo do trabalho.

## 2.3 O HISTORIADOR DIANTE DA MEMÓRIA

Estou convencido de que nosso ofício perde o sentido de permanecer fechado em si próprio. A história, a meu ver, não deve ser principalmente consumida por aqueles que a produzem [...] Mas não tenho ilusões, não atingirei a maior parte do público. Esse prefere, e com razão, a fábula ou o inquérito policial, em vez do que lhe posso contar. Mesmo assim, faço tudo para que a minha voz produza efeitos.

(Georges Duby)

<sup>94</sup> Para saber mais sobre essa brigada, vide BERTI, Francesco. *Lotte sociali e lotta armata. La Resistenza nelle zone montane delle Province di Bologna, Modena e Pistóia*, no artigo *L’Azione civile della Brigata Giustizia e Libertà a Gaggio Montano*. Archivio Comunale di Gaggio Montano, Gaggio Montano, Bolonha, Itália, 1999.

Para falarmos de História e Memória é necessário refletir um pouco sobre o papel do historiador, a partir das reflexões de George DUBY, em seu artigo “O Historiador Hoje”. Ali, ele consegue nos situar diante de algumas das implicações deste ofício.

Todo historiador põe na sua escrita muito de si próprio. “Ao tentarmos fazer hoje uma história mais científica, mais objetiva, sob a luz das mais diversas fontes, não deixamos de ser nós mesmos, com as paixões e ideologias que carregamos”<sup>95</sup>.

Ao depararmos com a história de determinados acontecimentos, herdeiros que somos de uma historiografia ratificada pela análise e crítica rigorosa do documental, sem desprezar tais procedimentos, o historiador hoje utiliza o mesmo processo, mas com mais liberdade de escolha, questionando as novas fontes, para responder dessa maneira aos seus próprios questionamentos, quando a verdade objetiva não é o fim, mas o início do processo.<sup>96</sup>

Na busca incessante de um norteamento das idéias sobre memória-história, surge uma pergunta que às vezes nos aflige e nos faz divagar por alguns momentos, o porquê da escolha de uma temática sobre a guerra, quando sabemos que o assunto é árido e polêmico. Acreditamos que os pressupostos adquiridos nestes anos ajudaram na definição desse argumento.

O historiador é fruto do seu “tempo”. Mesmo trabalhando sobre um passado que é próximo, ele está conectado ao presente pelas fibras do seu tempo, da comunidade a que pertence.<sup>97</sup> “Há duas histórias, a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada e anacrônica. A tarefa da história científica é corrigir essa memória falseada, esclarecê-la e ajudá-la a retificar seus erros.”<sup>98</sup>

<sup>95</sup> DUBY, op. cit., p. 28.

<sup>96</sup> Id.

<sup>97</sup> GUARINELLO, op. cit., pp. 180-193.

<sup>98</sup> LE GOFF, Jacques *apud* GUARINELLO, op. cit., pp. 180-193.

A história como a conhecemos, vista como ciência, tem mais de um século, dentro de preceitos rígidos de averiguação e objetividade. A memória coletiva ainda é vista com certo ceticismo por grande parte dos pesquisadores, porque esses a julgam um grande arsenal de inverdades.

O historiador é também produtor da memória, no caso a experiência nos coloca diante das fraquezas da memória, com os esquecimentos, bem como a da preservação do ocaso que ficou. Esse último interessa à história, pois as pesquisas assinalam novas descobertas que estariam fadadas ao esquecimento.

Em seu artigo "Memória coletiva e história científica", GUARINELLO mostra seu ponto de vista entre suas duas especialidades: a de arqueólogo e historiador, em relação à memória que se preserva.

Para o autor, o antropólogo destrói um sítio arqueológico para preservá-lo como documento: "Penso que os historiadores não sejam assim, tão drásticos"<sup>99</sup>. Mas na forma que elegem suas temáticas de pesquisa não estariam procedendo da mesma forma?

Na mesma linha de pensamento, nesse trabalho seletivo, o historiador mescla aos documentos seus próprios silêncios e desatenções. Desse modo, a contribuição do historiador para a memória histórica é frágil e seletiva. Por outro lado, a produção científica dos historiadores tem o seu valor, pois enriquece a memória coletiva ao lhe fornecer conceitos, condições e instrumentos rigorosos, ao mesmo tempo em que esses estudiosos apontam as distorções, os exageros e os esquecimentos da memória coletiva.

A idéia de uma história sempre e totalmente objetiva e verdadeira teve seus alicerces abalados pelo debate acadêmico ocorrido nos últimos tempos. As questões da memória e a preservação do passado passam por outro enfoque agora sedimentado pela discussão interdisciplinar e pelos novos paradigmas de pesquisa.

<sup>99</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. op. cit. p. 180-193.



O otimismo positivista do século anterior desaba progressivamente.<sup>100</sup>

A memória coletiva passa por estudos, e grandes transformações decorrem dos novos posicionamentos, principalmente o enfoque dado a essa no campo das ciências sociais.

Ao falar dos lugares da memória, Pierre NORA<sup>101</sup> aborda com propriedade as questões da memória e história. A memória é vida, por estar entre os grupos existentes, está sempre evoluindo e sempre aberta às lembranças e esquecimentos do inconsciente, vulnerável à manipulação, com períodos de latência e revitalizações.

A memória é um fenômeno atual, o elo vivido no presente. A história é a representação do passado, sempre incompleta de algo que não existe mais.

A memória surge pelo interesse do grupo, conseqüentemente deparamo-nos com outras tantas memórias, diversificadas por interesses particulares, e inseridas na sociedade. No significado dos lugares da memória, Pierre NORA aponta com exemplos claros: a memória tem suas raízes no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. A história, por outro lado, liga-se à continuidade temporal e às relações das coisas.

“A memória é um fenômeno vivo sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”.<sup>102</sup>

Pierre NORA constata uma transformação no mundo moderno: com a aceleração da história, afastamo-nos das vivências, tradições e costumes. Na crise evidenciada, do temor da perda dessas referências, surge a obsessão do registro. Aí estão situados os arquivos, as coletâneas, as comemorações, os museus, as bibliotecas especializadas, “os lugares” da memória.

O homem contemporâneo, na dificuldade de manter sua própria memória,

<sup>100</sup> LE GOFF, op. cit., p. 472.

<sup>101</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1993.

<sup>102</sup> Ibid., p. 8.

consagra a ela “lugares”, e a história cumpre o seu papel de mediadora entre os homens e a tradição, cabendo a esta o papel de inventariante dos “lugares” onde essa memória está colocada.

Os “lugares da memória”, conseqüentemente, estão na encruzilhada entre história e memória. Nas palavras do autor: “Lugares mistos, híbridos, mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e eternidade, em uma espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel”.<sup>103</sup>

Diante dos caminhos percorridos pela memória e história, NORA nos fala de “lugares topográficos”, aqueles intimamente ligados à localização desta memória, cujas raízes profundas remetem a uma localização exata onde os fatos ocorreram.

## 2.4 A SOCIEDADE EM GUERRA: HISTÓRIAS DE UMA MEMÓRIA FRAGMENTADA

O Instituto Nacional para a História do Movimento de Libertação na Itália, abriu as comemorações do cinquentenário do pós-guerra lançando a especial obra “Bolonha em Guerra 1940 –1945”, onde foram reunidas as pesquisas não somente de historiadores, mas também de estudiosos das mais diversas áreas.

Uma das organizadoras da obra foi Brunella Dalla CASA<sup>104</sup>, licenciada em Letras e especializada em História Moderna e Contemporânea; atualmente, presidente do Instituto.

Como diz o título da obra, a intenção foi focar de perto aspectos da população de Bolonha e das cidades vizinhas que fazem parte da província. O estudo apontava para a grande perspectiva do que seria desenvolvido, o que seria perguntado, quais seriam as fontes, além das orais, que direcionavam os

<sup>103</sup> Ibid., p. 22.

<sup>104</sup> CASA, Brunella Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **Bologna in guerra. 1940-1945**. Milão-Itália: Editora Francoangeli, 1995.

especialistas no encontro com aquela população e suas memórias relacionadas ao fascismo e às forças democráticas.

Os estudos feitos pelo Instituto Histórico vinham ao encontro dos novos interesses e aspectos sobre as populações dessas cidades. No recorte efetuado entre 1943 e 1945, esses temas não foram aprofundados pela historiografia italiana, mas se aproximavam da história social ao evidenciar o tema “sociedade e guerra”.

A compreensão desse contexto era necessária para a nossa percepção da reconstrução da memória italiana - a partir do momento em que os resultados mapeavam a visão das comunidades entrevistadas, e o resgate do passado apontava para nuances de momentos vivenciados. A maneira como esses indivíduos e grupos constroem e reconstroem o passado e a ordenação e seleção dos eventos indicaria os caminhos na ordenação da pesquisa.

O tempo e os lugares demarcados na pesquisa realizada pelo Instituto nos colocavam diante dos protagonistas italianos, pessoas essas das comunidades tão relacionadas aos brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São conexões que a historiografia tenta fundamentar, embora esta esbarre a todo o momento na memória pública, plasmada pela memória individual e coletiva, herdadas ou as construídas pela história nacional.

Como os pesquisadores italianos vêem a questão da “memória e guerra” em seu país? Os estudos iniciados na década de 60 indicavam novos caminhos para essa apreensão, mas somente a partir de 1989, os encontros promovidos pelo Instituto, mais tarde consolidados por dois simpósios realizados entre 1990 e 1992, colocam na evidência deste novo olhar sobre a guerra. A posição de uma crítica reflexiva amadureceu entre os pesquisadores e apontou novos caminhos: a temática sobre a guerra ia além do esforço combativo da Resistência, e havia a necessidade de se conhecer melhor as populações em questão.

A reflexão sobre a produção historiográfica italiana tem fundamento, pois a grande produção literária ocorrida logo no pós-guerra exaltava os feitos da

Resistência sem uma preocupação de verificar os anos precedentes à guerra, ou seja, a década de 30 e a análise de sua atuação no regime fascista.

Partindo do princípio de que seria necessário ser escrita uma “nova história da Resistência,” abrangendo o período do fascismo, e com um exame mais centrado no biênio 1943-1945, os pesquisadores reclamavam uma maior atenção e a inserção desses episódios na história italiana do século XX.

As indagações eram muitas, períodos obscuros da história da guerra criavam lacunas na recomposição histórica; e os estudiosos sentiam que aquele era o momento de enfrentá-los. Eles tinham em mãos uma monumental publicação sobre a “guerra da libertação”, mas uma ausência quase total dos aspectos sociais daquelas populações em relação à guerra vivida.

Quais são os pesquisadores do Instituto Histórico nessa fase? O quadro de estudiosos era composto de jovens laureados e doutores em pesquisa, historiadores de profissão e memorialistas. Conseqüentemente, o tema não seria abordado apenas na visão acadêmica, visto que seus participantes provinham das mais diversas formações e interesses.

Na crítica contundente que faz aos historiadores italianos, o historiador alemão Lutz KLINKHAMMER<sup>105</sup> alerta para a “interpretação monumental da Resistência”, afirmando que seria necessário sair desse caminho, pois ele impede qualquer ato de reflexão e crítica da própria experiência de guerra. Os estudiosos italianos não aceitam inteiramente a observação, mas acham que existe fundamento para tal afirmação.

Seria preciso rever as fontes e metodologias a serem aplicadas no ciclo de estudos sobre a guerra e a sociedade. Optaram os estudiosos pelas pesquisas quantitativa e qualitativa - com a história demográfica, as fontes orais e história de gênero. Formou-se um “corpo de estudos” não homogêneo, mas direcionado para a mesma temática.

<sup>105</sup> KLINKHAMMER, Lutz *apud* CASA e PRETTI, op. cit., p. 20.

As dificuldades encontradas no uso das fontes foram indescritíveis: arquivos malcuidados e ausência de documentos que foram suprimidos, principalmente aqueles que diziam respeito ao regime fascista, a começar pelo próprio Mussolini, e não encontrados nas prefeituras da Região *Emilia-Romagna*, por causa da “miopia e negligência” dos homens que tinham responsabilidades na luta da liberação.<sup>106</sup>

Os primeiros resultados demonstraram realidades diferentes entre uma cidade e outra. São memórias que - submetidas ao impacto da guerra, com o pavor diante da contingência da morte - são agora redesenhadas dentro das peculiaridades de cada ambiente ou cidade. São memórias ainda ligadas ao nacionalismo fascista da década de 30, que abriram sulcos profundos entre a elite e a população mais simples da periferia.

São momentos difíceis de serem rompidos, são lacerações do tecido social que denotam forte carga de tensões detectadas nas narrativas dos depoentes, nas lacunas e silêncios que se apresentaram, mesmo decorridos mais de cinquenta anos do pós-guerra.

Tais momentos são evidenciados, por exemplo, em Nápoles, ainda durante a guerra, quando o fascismo já não é visto como uma ordem nacional. Esse é deslegitimado mesmo durante a guerra. O *front* interno o derruba em 1943, e a nova representação estatal é vista como a anglo-americana. O circuito ilegal do contrabando e o mercado negro tomam vulto, mesmo sob a ocupação aliada, enfatizando um contraste entre o norte e o sul da Itália, que permanece até hoje.

Outras cidades despontam na pesquisa com situações peculiares. É o caso de Turim, com a história da sua resistência ao fascismo. A vocação operária da cidade se faz presente na voz dos trabalhadores da Fiat, que nessa guerra particular se apropriam do *sciopero* (greve) para se autoproteger.

Com o esfacelamento da autoridade constituída, os operários respondem

<sup>106</sup>Ibid., pp.11-34.

com uma série de comitês, dos quais emergem medidas protecionistas não apenas à fábrica, mas para a cidade inteira – demonstrando assim um confronto direto com o governo italiano.

Outras particularidades foram encontradas nas cidades como Gênova, Milão, Mantova e Florença. São memórias estreitamente ligadas à história das cidades, mas que não cabe discuti-las nesse momento.

Mas neste trabalho nos perguntamos: qual é a memória de guerra na Itália? Que papel representa a guerra nos acontecimentos históricos contemporâneos daquelas cidades e para os cidadãos? Aonde chegaram os pesquisadores? Que resultados apontaram as pesquisas organizadas na década de 90?

Os estudiosos destacam a necessidade de um estudo mais aprofundado da década de 30, que possa levar a uma reconstrução analítica e compreensiva daquele período, dando ordem aos estudos setoriais e dimensionando-os.

É indubitável que o regime fascista tenha marcado a memória de uma vasta geração que remonta à Primeira Guerra Mundial, quando a Itália abandonou a Alemanha, Áustria e Hungria e passou para o lado dos novos aliados: França e Reino Unido.

Com o fim do conflito, o país foi sacudido por agitações sociais. A esquerda revolucionária se fortaleceu e liderou ocupações de fábricas do norte, e a crise econômica levou ao crescimento do fascismo.

Em 1922, uma marcha das milícias fascistas, liderada por Benito Mussolini, o levou à chefia do governo, as instituições são preservadas até 1929, quando foi estabelecido o regime de partido único sob o comando do “*Dùce*”<sup>107</sup>. O novo líder organizou os empresários e os trabalhadores em corporações do Estado; foram proibidas greves, e muitas indústrias estatizadas.

<sup>107</sup> *Dùce*, s. m. Em italiano significa chefe; nesse caso Mussolini, chefe do fascismo. Dicionário “*Lo Zingarelli minore*”. Bolonha-Itália: Editora Zanichelli, 1994.

No plano externo, a Itália fascista conquistou a Abissínia (Etiópia). Internamente, encorajou um nacionalismo exacerbado, com regras muito duras que permearam toda a população por mais de uma década. O regime adotado por Mussolini conduziu o país a uma série de erros, culminando com a entrada da Itália na Segunda Guerra ao lado dos alemães.

Os italianos passaram a conviver com uma idéia de guerra a partir de 1935, com a campanha de agressão à Etiópia. Passados tantos anos, essa memória ainda é preservada. Não somente na Itália, mas em toda a Europa, a crise das relações internacionais e a afirmação do fascismo, com sua carga de agressividade e da exaltação da violência, fazem com que as imagens de um eventual conflito generalizado se configure com o desenvolvimento de novas técnicas de destruição em massa.

A propaganda fascista clama a população para a esfera do altruísmo do passado; a imprensa reforça esse pensamento com diversas informações do novo avanço que pode fazer da Itália um Estado imbatível dentro da vocação histórica romana. A população é bombardeada por esse aparato de mobilização, que passa a gerir a vida dos cidadãos. Estes são obrigados a participar dos novos rituais políticos e coletivos destinados a calcar nessa geração uma motivação para a volta às armas.

Ao concluir a presente investigação sobre memória e guerra na Itália, vemos na proposição dos autores consultados de que maneira essa memória fragmentada e conflituosa se apresenta:

- 1) A guerra contada pela propaganda oficial, pela imprensa fascista e seus colaboradores. Imagens e fatos evidenciando o que o poder desejava mostrar, trabalho colossal foi desenvolvido pelas grandes agências de propaganda do Estado.
- 2) A guerra retratada pelos soldados da RSI<sup>108</sup> (do regime fascista) e suas versões, reforçadas pelos depoimentos e pelo documental fotográfico

<sup>108</sup> R.S.I. (República Socialista Italiana).

encontrado entre os corpos das vítimas. Hoje, esses documentos estão sendo analisados pelo Instituto Histórico.

- 3) A guerra contada pelos jornalistas - ora fascistas no início da guerra, mais tarde socialistas, quando a Itália é tomada pelos aliados.
- 4) A memória de um país dividido; a guerra civil e seus protagonistas, através da força *partigiana* da Resistência.
- 5) As lembranças da população civil inserida no contexto da guerra. Nesse caso, as famílias representadas pelas elites das cidades, pela população da periferia e do campo; a posição de silêncio da Igreja; e o alheamento e marginalidade dos professores são manifestações que não escapam do olhar atento dos pesquisadores.

Mesmo diante de tantas memórias, pontos comuns tornaram-se convergentes e colocaram novas questões aos pesquisadores. São registros inesquecíveis que dizem respeito à perseguição civil perpetrada pelas forças do poder e ao caráter destrutivo da aliança entre o fascismo e o nazismo. Uma das consequências mais graves dessa situação foi a brutalidade da ocupação alemã, marcas profundas que permanecem nessas memórias de guerra.

O método “*policiesco*” do exército alemão, que funcionava mais como um exército de ocupação, permanece ainda hoje na memória da população italiana. São histórias de homens e mulheres que vivenciaram momentos diferentes na mesma guerra.

Dessa memória fragmentada, conflituosa e multifacetada, procuramos uma aproximação com os fatos que possam evidenciar a lembrança italiana em relação aos soldados brasileiros da Força Expedicionária Brasileira. Lembranças que pretendemos decodificar pelas diversas simbologias representadas nos monumentos, indagando sempre de que maneira essas foram incorporadas na história italiana.



## 2.5 A MEMÓRIA DO GRUPO: O ELO VIVIDO NO ETERNO PASSADO

No transcorrer da pesquisa de campo, na pequena cidade de *Gaggio Montano*, na Itália, em junho de 2001, na sede da biblioteca local, ouvimos o depoimento de Caterina Bruni, residente neste município, cuja família habita esta região por muitas gerações. Durante a guerra ela tinha vinte anos, e conviveu com os soldados brasileiros e foi testemunha de vários fatos.

Me chamo Caterina Bruni e quero contar a minha história. Partimos no dia 13 de dezembro de 1944, eu meu irmão Evaristo, minha cunhada Rina [...] saímos para Abetaia, passando por Spondella para pegar um pouco de comida e roupas, pois o capitão brasileiro chamado Covas havia dito que Abetaia estava liberada dos alemães e que ali se encontravam brasileiros. [...] Quando passávamos por Caramella, encontramos muitos soldados. [...] vimos uma fila de soldados mortos, a cabeça de um tocava os pés do outro. [...] resolvemos voltar para trás mas os soldados alemães nos acompanharam e fizeram um grande interrogatório. Diziam que nós éramos espiões, pois não tinham visto de onde tínhamos vindo. [...] passamos por Montese, debaixo de um fogo alemão [...] quando estávamos no cimo do morro de Pietracolora, começaram a chover os bombardeios americanos e nós estávamos descobertos, começamos a correr. [...] pela manhã fomos encontrados pelos brasileiros que haviam ocupado o local expulsando os alemães. [...] os brasileiros foram para nós de grande ajuda. Naqueles dias, vivi uma verdadeira libertação. Me ajudaram a comer e a viver, eu vestia a roupa do corpo. [...] no dia 13 de dezembro de 1944, vi os corpos dos brasileiros. Era o dia de santa Lucia, uma coisa que não se esquece.<sup>109</sup>

O depoimento de Caterina Bruni, decorridos tantos anos do fim da Segunda Guerra Mundial, coloca-nos diante de evidências particulares e ilustrativas de momentos vivenciados pela população civil, que permaneceu na frente de batalha. A narrativa de Caterina diz respeito ao dia posterior ao 12 de dezembro de 1944, quando os brasileiros formalizaram a terceira tentativa para a tomada de

<sup>109</sup> BRUNI, Caterina. Entrevista concedida à Carmen Lúcia Rigoni. *Gaggio Montano* (BO). Itália, 30 de jun. 2001.

Monte Castello.<sup>110</sup>

O inevitável desaparecimento de uma geração de combatentes brasileiros, que participaram da Segunda Guerra Mundial, tem provocado uma séria preocupação por parte dos pesquisadores que trabalham com este tema militar e de importância relevante para a história contemporânea brasileira.

Em nossa proposta de pesquisa, direcionada para os campos de batalha na Itália, ao utilizarmos a história oral como fonte metodológica, temos como objetivo uma aproximação com as populações que habitam ainda hoje aquelas localidades e saber da sua convivência com os soldados brasileiros.

Os soldados brasileiros são lembrados pela população italiana quase 60 anos depois de ocorrida a Segunda Guerra Mundial. Como essa memória é preservada e institucionalizada?

Esse será o nosso questionamento direcionado às fontes, principalmente àquelas que dizem respeito à história oral, tenham sido esses documentos produzidos por nós, durante a ação investigadora, ou produzidos pelos pesquisadores italianos. A essas questões que tentaremos responder ao longo do estudo.<sup>111</sup>

Sob o nosso ponto de vista, as “lembranças” formarão o fio condutor na compreensão da existência de monumentos dedicados aos soldados brasileiros, na Itália. Contudo, nesse processo de investigação, temos necessidade de uma reflexão teórica que venha dar respaldo e sedimentação à pesquisa, a partir do momento em que percebemos que as fontes utilizadas pertencem a diferentes

<sup>110</sup> Na organização desse ataque repetiram-se os erros cometidos nos combates anteriores, ou seja, um ataque frontal ao Monte Castello com pouco pessoal. (Dias 24, 25, 29 de novembro de 1944). A frente de combate era muito extensa e havia necessidade de atacar com pelo menos duas divisões. O intenso fogo de morteiros e de armas portáteis obrigou os brasileiros a efetuar a retirada.

<sup>111</sup> Como ressaltamos na introdução desse trabalho, quando definimos a metodologia a ser empregada no processo de investigação das fontes, principalmente aquelas relacionadas à história oral, utilizamos também os documentos (depoimentos) já registrados pela historiografia italiana, com o objetivo de cruzar informações que dizem respeito à nossa problemática, é o caso dos testemunhos que aparecem na seção 4.3, quando nos referimos aos combates ocorridos na cidade de Montese na chamada **Ofensiva da Primavera**.

períodos e locais, bem como os agentes e as instituições que as produziram.

Os agentes da ação que envolve o ato de fundação dos monumentos brasileiros na Itália formam um grupo heterogêneo, já destacado nos capítulos anteriores. Ele é alicerçado pelos pesquisadores da Universidade de Bolonha e do Instituto da História da Resistência e pelas pesquisas de caráter acadêmico, mas com uma ativa e preponderante participação das comunidades, representadas pelos prefeitos e grupos culturais. Esses agentes serão revelados na exposição das unidades monumentais por nós particularizadas neste estudo. Desse modo, vamos descobrir e desvelar fatos singulares dessas comunidades e da história dos brasileiros nelas inserida e projetada na representação arquitetônica.

Na Itália, ao percorrermos o *front* brasileiro, constatamos a presença dos monumentos dedicados aos brasileiros, bem como das placas honoríficas nos locais estrategicamente localizados, onde os fatos mais significativos ocorreram. É o caso dos monumentos de *Gaggio Montano*, localizados nas proximidades de Monte Castello, locais comuns a brasileiros e italianos. Em *Montese*, o monumento à Liberdade está localizado na via principal que separa a cidade do bosque natural, local de acesso para a entrada dos combatentes brasileiros em abril de 1945. O Monumento a Max Wolff Filho, inaugurado recentemente, depois de diversos estudos da comunidade montesina, foi erigido no local onde o sargento tombou, já num local distante do centro da cidade, o que mostra a aproximação da tropa brasileira nas cercanias da cidade.

O Monumento construído na cidade de *Vergato*, por sua vez também está localizado fora do centro da cidade, ou seja, na região chamada *Castelnuovo*, que dista do centro de *Vergato* cerca de 7 km. Logo depois da conquista da região pelos brasileiros (5 de março de 1945), foram encontrados os corpos dos brasileiros mortos naquela região, em 24 de janeiro de 1945, e inumados pelos alemães. No local, uma cruz assinalava o local com a seguinte inscrição: "3 *Tappere-Brasil-24-1-*

1945.”<sup>112</sup> Os soldados pertenciam ao 1.º Regimento de Infantaria.

É surpreendente a existência hoje deste monumento aos brasileiros, em *Castelnuovo de Vergato*, visto que a historiografia aponta a cidade de *Vergato* como um objetivo ofensivo no mês de março de 1945, totalmente exercido pelos americanos. Desconhecemos também a existência de monumentos ou placas dedicadas aos soldados americanos nesta localidade.

Tomamos a decisão de ordenar a pesquisa, trabalhando com pessoas muito idosas - no caso brasileiro - os ex-combatentes, que ainda recordam passagens marcantes, ou como tem ocorrido em diversas situações, direcionamos nossa pesquisa para outros testemunhos. Nesse caso, dirigimo-nos aos testemunhos italianos, aqueles que estavam na zona de guerra durante a permanência dos soldados da FEB em território italiano.

As nossas perguntas estavam direcionadas para as lembranças dos ex-combatentes, do cotidiano da guerra, daquilo que recordavam da Itália. No confronto de fontes, perguntávamos como os italianos se lembravam dos brasileiros. Procurávamos assim cruzar informações e examinar a recorrência de menções a eventos específicos.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratem de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.<sup>113</sup>

Como nos demais países que sofreram os momentos da guerra em seu

<sup>112</sup> *Tappere* em alemão significa valente, heróis. Não encontramos maiores informações sobre os corpos de brasileiros encontrados nessa região, mas entre os combatentes brasileiros o fato é mencionado, muitas vezes, como ato de heroísmo. Os corpos encontrados 60 dias depois eram dos soldados José Graciliano C. da Silva, Aristides José da Silva e Clóvis da Cunha Paes. Mais informações sobre o assunto ver PINHEIRO, Juarez Bastos. **Castelnuovo no contexto da FEB**. Rio de Janeiro: ANVFEB, 1975.

<sup>113</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 51.

território, na Itália, memória e lembrança ainda são fortemente demarcadas, e num processo de repassar essas recordações às gerações futuras - no caso italiano -, foi instituída a Jornada Nacional da Memória, no dia 28 de janeiro de 2001.

Os jornais italianos, nesta fase, procuravam chamar a atenção para essas jornadas da memória:

*“La memoria un dovere”* - “Roma - Não esquecer nunca mais. É o apelo que o presidente CIAMPI tem feito a todos os italianos, celebrando a Segunda Jornada da memória”. “Não esqueceremos nunca mais as vítimas da barbárie do século, a ideologia nazista, nem dos hebreus europeus vítimas do holocausto. Não esqueceremos quantos arriscaram suas vidas para socorrer aquelas vítimas inocentes”. Para CIAMPI, é “um dever da memória”.<sup>114</sup>

Esse “dever da memória” a que se refere o presidente da República Italiana e outras manifestações ocorridas - não somente em território italiano, mas também nos países europeus -, foram resultados conseqüentes das celebrações comemorativas do cinquentenário do fim da Segunda Guerra Mundial, que na Itália tem o enfoque especial da libertação do país.

Nas sucessivas manifestações, o dia 25 de abril de 1945 representa para a Itália a libertação do povo do jugo nazista e o fim da guerra civil. Vistos aqui como “acontecimentos” políticos ligados à massa e, desse modo, ultrapassando a questão do *Risorgimento*, quando as ações foram mais encetadas pelas elites. O dia 25 de abril passou a ser comemorado como uma festa de todos.

A grande preocupação hoje é a de que os fatos ligados a esses momentos não se percam na retórica celebrativa da data ou dos “discursos” inflamados da direita e da esquerda da política italiana, reivindicando, cada qual, seu papel na Resistência italiana.

Conseqüentemente, “as jornadas da memória”, através dos seus

<sup>114</sup> BONASI, Hugo. Cronache. In: IL RESTO DE CARLINO, Bolonha, p. 13, 28 de jan. 2002.

participantes, exortam a população italiana ao debate das principais questões decorrentes da guerra, num questionamento amplo e aberto a todas as associações da Resistência.

Naturalmente, questões atuais da vida italiana são colocadas nas discussões, principalmente no campo político. O que mudou nos cinquenta anos é visível e mostra que a influência de antigas referências, como o socialismo, não existe mais com a mesma força, pois a experiência do comunismo hoje se mostra falida.

Os reclamos da população agora estão mais direcionados para assuntos pertinentes à cidadania, por exemplo: a reforma administrativa do Estado; as privatizações dos bens públicos; a pressão fiscal; e o assistencialismo insuportável. Todas essas questões são levantadas em face da posição de relevância que a Itália deve e quer projetar no cenário europeu e internacional.

Para essas vozes, que exortam as lembranças do cinquentenário da libertação da Itália, não podem ser esquecidos os tributos da vitória aliada aos *partigianos* e do Corpo do Exército da Libertação. Segundo eles, a unidade nacional deve muito à Resistência. Os partidos de massa - o Democrata-Cristão e o Comunista -, apesar dos momentos de grande tensão, não caíram na cilada de uma guerra civil, no pós-guerra, cujas leis de exceção poderiam ter redundado no "suicídio do Estado".

Do passado histórico italiano foram tiradas sábias lições, na visão atribuída aos seus cidadãos. Da Itália nascida da Resistência renunciou-se conscientemente a uma ilusória política de grande potência, que a levou à ruína, entre 1890 e 1945.

Paz e progresso social são conquistas sempre recordadas, e não recebidas como doação, mas contribuições alcançadas com sofrimento e sacrifício do próprio povo italiano.

As "jornadas da memória", reforçadas pela lembrança, têm hoje na Itália o objetivo de mostrar os valores de ontem como pontos de referência de hoje. Valores

esses calcados nos ideais que moveram os homens e mulheres, principalmente aqueles que devolveram a dignidade ao povo italiano - pela confiança, consciência e vontade de alimentar mais uma nova batalha democrática de civilidade.

Essas lembranças mostram muitas vezes um “lugar comum” aos nossos personagens. São acontecimentos marcantes em tempo de guerra, que assinalaram profundamente suas vidas, “lugares da memória” para os testemunhos italianos e brasileiros das regiões bombardeadas ao norte da Itália. Nomes e locais não soam estranhos, são pontos geográficos demarcados nos registros da memória e que o tempo não apagou; Monte Castello, *Montese*, *Ronchidoso*, *Vale do Serchio*, *Guanela*, *Porreta Terme* e *Abetaia* tornaram-se marcos na recordação de uma história a ser narrada.

Locais longínquos sedimentam a memória deste grupo, que se inter-relaciona e ocupa espaço na sociedade. A memória individual fundamenta a memória coletiva e com o seu poder aglutinador reforça os laços de amizade e pertencimento.

Os laços identitários entre brasileiros, e italianos demonstrados no decorrer desta pesquisa, dizem respeito à língua de raiz latina comum aos dois povos, elemento essencial a nosso ver, que facilitou a comunicação entre os soldados e a população, propiciando uma maior facilidade de comunicação no cotidiano que a guerra permitia. Também a religiosidade manifestada pela tropa, em diversos atos públicos, sedimentou momentos de sociabilidades mais valorosas não ocorridas freqüentemente com soldados de outras nações.

No arquivo paroquial da Igreja de San Michele e Nazario - em Gaggio Montano (BO) -, localizamos a cópia de uma carta enviada pelo pároco local, Dom Oreste Marchi, a um sacerdote brasileiro, em 6 de dezembro de 1948.

No dia 18 de novembro de 1944, chegaram a esse pequeno povoado os primeiros soldados do Brasil. Aqui perto, os soldados alemães estavam aninhados nas alturas (montanhas). Para nossa sorte, os brasileiros foram valentes defensores e amigos, do

princípio ao fim dessa desastrosa guerra. Nós recordaremos sempre, a generosidade e a piedade edificadas no meio de tantos sacrifícios da vida no *front*. Sabíamos que era possível contar com a benevolência e ajuda dos brasileiros. [...] Recordo especialmente os reverendíssimos capelães do Exército Brasileiro, com os quais tivemos a sorte de encontrar e estar em contato desde o dia 20 de novembro de 1944 a maio de 1945.<sup>115</sup>

Os laços de amizade foram fortalecidos e demonstrados pelas fontes consultadas, que pretendemos expor nos próximos capítulos. Este seria o fator primordial que conduziu a população da Itália Setentrional a construir monumentos para os soldados da FEB em suas cidades, num ato de agradecimento.

Na pesquisa anterior, propusemo-nos a uma apreensão dos mecanismos da memória na leitura efetuada de diversos autores. Nessa abordagem, procuramos deter-nos diante dos estudos realizados pelos pesquisadores italianos, visto que, na ordenação da busca pelos acontecimentos relacionados à Segunda Guerra Mundial, as fontes trabalhadas e a metodologia praticada - principalmente em relação à história oral - vinham ao encontro do nosso interesse, ao tentarmos fazer uma leitura da memória italiana.

## 2.6 A HISTÓRIA ORAL: ENCAMINHAMENTO ÀS FONTES

Dos livros oficiais, sabemos quase que apenas de uma FEB meramente formal e técnica. Por um lado, alguns de seus autores estavam comprometidos com as suas instituições militares ou as associações de ex-combatentes e com o próprio governo. Por outro lado, faltavam, no grosso do contingente recém-chegado, as condições básicas de qualquer tipo de manifestação.

Primeiramente, os desembarcados deram-se conta de que a FEB não existia mais. Com receio de um golpe contra o seu governo, Getúlio Vargas a

<sup>115</sup> MARCHI, Oreste. Carta. Arquivo Paroquial de Gaggio Montano. 16-12-1948. Bolonha, Itália 3 de julho de 2001.



dissolveu legalmente ainda em alto-mar, durante a viagem de volta ao Brasil. Passada a euforia, a triste realidade da volta para casa, a falta de emprego e as distâncias dos grandes centros impediam qualquer tipo de aglutinação. Com quem falar da guerra? Existiam espaços para pronunciamentos? Dentro do próprio exército havia um segmento que estava disposto a esquecer o episódio da Segunda Guerra Mundial.

Foram poucos os que conseguiram levar adiante o ideal das associações que no início, surgiram apenas nos centros mais politizados.

Muitos escreveram suas memórias, em uma tentativa de não esquecer. Essas foram mais abundantes no período imediato ao pós-guerra, e as centenas de bibliotecas militares espalhadas pelo Brasil atestam o fato. Foram feitas narrativas pessoais, sem conotação histórica, sem comprometimento aparente, apenas pelo simples fato de lembrar.

Nossos depoentes hoje, em sua maioria, são constituídos de pessoas com mais de 70 anos. No caso dos ex-combatentes, todos se aproximam dos 80 anos e muitos já ultrapassaram esse limite de idade.

Dos 25 mil homens que embarcaram para a Itália não existe uma estatística que possa dizer quantos estão vivos, acredita-se que esse número esteja perto de 7 mil, portanto, um fator de preocupação entre os estudiosos. O próprio exército, com o auxílio da Fundação Getúlio Vargas e o Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) organizaram recentemente um trabalho com os depoimentos dos combatentes, resultando desta pesquisa uma coletânea de oito volumes, em que estão entrevistados soldados e oficiais<sup>116</sup>.

Os documentos colhidos para a nossa pesquisa histórica foram direcionados principalmente aos soldados da Infantaria, da Artilharia da FEB e do Grupo de Caça, todos residentes em Curitiba (Paraná). A idade avançada de todos e

<sup>116</sup> MOTTA, Aricildes de Moraes. *História Oral do Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

as questões relacionadas à saúde restringiram muito o estudo.

Assim, vários dos nossos testemunhos não apresentavam mais condições de participar das entrevistas que buscávamos organizar e muitos se encontraram acamados e, sob ordens médicas, foram preservados pelas famílias. O peso da idade e a fragilidade da memória (esquecimentos) criaram barreiras quase intransponíveis à execução da pesquisa. Tal situação deixou uma lacuna na narrativa dos soldados brasileiros e constituiu uma perda irreparável para esse ciclo de investigação.

Na Itália, a pesquisa passou por situações diferentes: entrevistamos a população civil, de idades variadas; dependendo do enfoque e da região em que essas pessoas se encontravam, mas sem perder de vista o *front* onde a campanha ocorreu.

Na leitura que fizemos da obra de Ecléa BOSI<sup>117</sup> também vamos encontrar diretrizes que nortearam a presente pesquisa. Ao trabalhar com as memórias de velhos, ela registrou a “voz a vida e o pensamento” dos seus depoentes, buscando assim compreender a memória social, familiar e grupal dessas pessoas dentro da conjuntura de uma tese que depois se transformou em livro.

O seu posicionamento de “deixar fluir” a memória dos velhos foi por nós adotado numa primeira abordagem que, diante dos pressupostos, nos conduziram depois às averiguações mais completas, não no sentido de buscar a verdade, mas para evitarmos as implicações e falhas da memória, que poderiam induzir a uma leitura equivocada de fatos e lugares. A mesma percepção encontramos em Maria Isaura de QUEIROZ<sup>118</sup>, quando em suas pesquisas sobre história de vida e depoimentos organiza o relato oral, também base desse estudo.

Na análise feita por GUARINELLO<sup>119</sup>, este cita a obra de Ecléa BOSI e,

<sup>117</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** - Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>118</sup> QUEIROZ, Maria Isaura de. **Variações sobre a Técnica do Gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Queiroz, 1991.

<sup>119</sup> BOSI, Ecléa *apud* GUARINELLO, op. cit., p. 186.

numa reflexão sobre a cientificidade da história, comenta que, em seu livro “Lembranças de Velhos”, a autora menciona não ser o seu trabalho um produto científico, mas um fluir natural da memória, sem imposições de normas ou sentido.

A consolidação da história oral, nessa investigação, acentua a função estratégica das fontes orais, com evidência confiável como aquela proporcionada pelos documentos escritos.

Na percepção do papel do historiador, alicerçada pela reflexão dos encadeamentos entre a memória e a história, nos levou a procurar, depoimentos, dados informativos e factuais que respondessem aos nossos questionamentos apresentados no decorrer da presente pesquisa.

O encaminhamento das nossas perguntas está evidenciado nos próximos capítulos, a partir do momento em que vamos nos fixar nos conteúdos dos depoimentos registrados no intuito de perceber o significado dos mesmos, quer seja do ponto de vista da memória individual ou coletiva e sua íntima ligação com a história representada pelos monumentos, assunto de interesse dessa investigação.

Essas memórias serão os “múltiplos refletores” a iluminar a nossa problemática na busca da apreensão e do encaminhamento dos resultados.

## 2.7 A MEMÓRIA ITALIANA NA VISÃO DE ALGUNS AUTORES

Da pesquisa feita anteriormente - da apreensão que fizemos da leitura sobre memória e guerra em território italiano e sua fragmentação -, podemos dizer que foram fatores preponderantes para o encaminhamento que nos dispúnhamos a concretizar, na ação investigadora da memória italiana pela visão dos seus pesquisadores.

Havia da nossa parte uma necessidade de conhecer o informativo temático sobre a história italiana na Segunda Guerra Mundial - não propriamente em sua abordagem total, mas a apenas a guerra localizada na região setentrional da Itália

(Bolonha), ponto onde se concentraram as forças aliadas entre 1944 e 1945 - o 5.º Exército Americano, do qual o Brasil fez parte.

Na busca desse contexto, foi providente o nosso encaminhamento ao *Istituto Nazionale per la Storia del Movimento di Liberazione in Italia*, em Bolonha. Sua biblioteca e os arquivos documentais e fotográficos são considerados modelos referenciais para os pesquisadores cujas temáticas envolvam a guerra.

De acordo com o que já vimos nos capítulos anteriores, nesse acervo estão reunidos os trabalhos mais recentes da historiografia italiana. É sobre essa bibliografia que pretendemos discutir, através dos seus autores e publicações, para que tais estudos nos levem a compreensão dessa parte da guerra referida. Conhecer a memória da população será a condição essencial, no processo de aproximação das imagens deixadas pelos soldados brasileiros, imagens essas tão bem reveladas pelos autores e que nos guiam em direção aos monumentos brasileiros na Itália.

Mas foram os livros editados pelo Instituto da Resistência, esforço de seus organizadores e estudiosos, que nos colocaram diante de uma outra perspectiva da pesquisa sobre a memória italiana e seus monumentos.

Da biblioteca do Instituto da Resistência obtivemos um exemplar do livro *Montese 1943-1945*<sup>120</sup> Essa obra, assim como a *Esplorando il Passato*<sup>121</sup>, foi organizada por pesquisadores, professores e alunos da escola elementar de Vergato, no período entre 1974 e 1975.

Outra obra, *Montese 1943-1945*, é citada em quase todas as pesquisas efetuadas na Itália, e as informações e depoimentos ali contidos levaram os estudiosos a uma intensa e reveladora produção historiográfica daquela fase.

Ao tratar dos acontecimentos ligados à cidade de *Montese*, durante a

<sup>120</sup> MODELLI, Ferruccio. (Org.). *Montese, 1943-1945*. Bologna: Scuola Grafica Salesiana, 1975.

<sup>121</sup> ARBIZZANI, Luigi. *Esplorando il passato, testimonianze e documenti della Seconda Guerra Mondiale*. Vergato-Bolonha: Artgraf, 1989.

guerra, o assunto diz respeito ao Brasil, pois os momentos registrados em *Montese 1943-1945* nos descrevem os ataques feitos em abril de 1945 à cidade, fortemente defendida pelos alemães. A difícil missão de retirar os alemães daquela localidade foi delegada aos soldados da FEB.

A introdução da obra é que mais nos chama a atenção. Ela é composta de 12 capítulos que antecedem os depoimentos e nos colocam diante do quadro histórico da Itália. Numa linguagem clara, os pesquisadores relacionam momentos políticos de um país conturbado, citando cronologicamente os acontecimentos, fator que facilita aos pesquisadores estrangeiros, como a nós, compreenderem o emaranhado histórico, político e social de um país em guerra, e vivendo sobre a autoridade de dois governos.

O quadro político e social descrito pelos pesquisadores, quando relatam comportamentos e pensamentos dessa população, nos dá uma amostragem do que seria uma comunidade italiana, que naquele momento sofria as aflições e mantinha as esperanças de um povo batido por tantas batalhas. Essa era também a situação de *Montese* quando lá chegaram os brasileiros.

Segundo os autores, graves incidentes, represálias e mortes de ambos os lados ocorreram nesse período, e muitas famílias ficaram marcadas para sempre. A fase mais crítica para a população civil deu-se de maio a setembro de 1944, pois nesse período o povo foi vítima das milícias fascistas, dos alemães e também das interferências dos *partigianos*. Enfim, era a guerra civil – termo esse pouco usado pelos historiadores na recomposição dos fatos ocorridos naquela fase, mas que se mostram verdadeiros à luz das evidências históricas disponíveis.

No outono de 1944, os alemães tomam conta da região, que ainda não tinha sofrido grandes bombardeamentos. Era uma zona pacífica que, em alguns meses, se transformaria em palco e espaço de tragédias e massacres, num círculo vicioso de resistência e contra-resistência, abrangendo os locais de *Belvedere*, *Ronchidoso*, Monte Castelo, Monte *della Torraccia*. Locais onde estava mais tarde

atuando a Força Expedicionária Brasileira.

De setembro de 1944 em diante, os soldados de *Kesserling* (comandante supremo alemão na Itália) e as milícias fascistas (ou seja, os soldados da RSI) começam as represálias contra os civis, em várias localidades, culminando com um ato de grande terrorismo contra a população de *Marzabotto*, fato que marcou profundamente o povo italiano, assunto abordado no capítulo seguinte.

O inverno parece estagnar um pouco o avanço das forças aliadas. Mas os alemães desferem novo golpe à população, ao recrutar todos os homens válidos para a TODT.<sup>122</sup>

Os alemães tinham terminado seu trabalho (reforço da Linha Gótica) com a chegada do inverno e, pela falta de alimentos, começam a assaltar as casas dos lavradores - levando o que podiam, além dos grãos carregavam os animais.

Os brasileiros aparecem na história de *Montese* no período chamado “Ofensiva da Primavera”. Aqui, muitos depoimentos retratam instantes de grande sensibilidade - em partes narradas pelos moradores que foram espectadores de graves momentos, aos quais fazemos referências no terceiro capítulo deste trabalho ao relatarmos as memórias.

Na organização dessas memórias, contamos com os estudos sobre a força *partigiana* apresentados pelo Instituto da História da Resistência em Bolonha, quando é colocada em evidência a pesquisa de Roy DOMENICO<sup>123</sup>. Este autor trata do tema referente às brigadas guerrilheiras italianas apresentando evidências esclarecedoras que nos conduziram à compreensão dos fatos ligando brasileiros e

<sup>122</sup> A TODT (Organização Alemã do Trabalho Voluntário). Era uma estrutura militar alemã cujo nome deriva de seu fundador, o engenheiro Fritz Todt, que projetou nos anos 30 a primeira auto-estrada alemã. Essa organização atuou na Linha Gótica recrutando a população italiana. O pagamento pelo trabalho era efetuado conforme o grau de periculosidade ou serviços em zona de primeira linha (estradas principais). Os honorários variavam de 60 a 90 liras, ao dia, e 18 liras, para os menores de idade. Muitos aceitavam o serviço pois além da garantia de emprego tinha-se o direito ao porte de documentos. TROTA, Ezio. *Cronache di guerra fra Reno e Samoggia (1943-1945)*. Ed. Il Modena. Itália: Fiorino, 2000.

<sup>123</sup> DOMENICO, Roy. *Impressioni anglo-americane riguardo ai patigiani sulla Linea Gotica: il caso del Patriots Branch*. In: *Al di qua e al di là della Linea Gotica, 1944-1945: aspetti sociali politici e militari in Toscana e in Emilia-Romagna e Toscana*, 1993.

*partigianos*, especialmente em relação à tendência atual da historiografia italiana, alicerçada pela história oral como principal fonte de pesquisa.

Suas pesquisas foram organizadas na década de 90 e envolveram os estudiosos do norte e do sul da Itália. A redação feita e as notas escritas foram mantidas nos seus originais e depois publicadas sem alterações, o que constitui, ao nosso ver, uma documentação particular e de interesse no esclarecimento da participação *partigiana* na Segunda Guerra.

Com o título *Impressões anglo-americanas a respeito dos partigianos na Linha Gótica, o caso dos Patriotas Branch*, DOMENICO nos coloca diante de documentos e resoluções nas tratativas aliadas com esses “patriotas”.

Até que ponto a questão *partigiana* interessa ao nosso tema central? Poderia ser um questionamento daqueles envolvidos ou não com os acontecimentos, no sentido de esclarecer pontos obscuros ocorridos na guerra, ou seria mais propriamente uma reabilitação da força *partigiana*?

Acreditamos que os objetivos dos pesquisadores não interfiram em nossa problemática. À medida que os pesquisadores italianos avançam na coleta de dados, ouvindo diretamente os co-participantes - sejam eles *partigianos* ou civis -, realmente essa pesquisa traz à luz importantes dimensões da história dos soldados brasileiros.

Em relação às dificuldades encontradas no andamento dos trabalhos, o autor nos chama a atenção não somente pela documentação extensa, mas pela própria indefinição dos quadros *partigianos* que, na maioria das vezes eram considerados ilegais (*extra-legale*).

A memória italiana também é confusa na avaliação sobre a força *partigiana*, por que seus homens foram considerados suspeitos por contrerrâneos e pelos aliados.

O autor apresenta as fontes disponíveis, no caso David ELLWOOD e

James MILLER e o arquivo militar de Kennneth MUNDEN<sup>124</sup>. Todos bastante difíceis de ser encontrados, embora alguns já tenham sido traduzidos para o italiano.

DOMENICO afirma que não está fazendo uma pesquisa exaustiva dos arquivos norte-americanos, mas deverá analisar melhor o documento *Patriots Branch da Allied Control Commision (ACC)*.

Em setembro de 1943, Winston Churchill e Franklin Roosevelt oficializaram a causa *partigiana*, incentivando o povo italiano a golpear com firmeza os alemães e expulsá-los do seu país. Os aliados encorajam as iniciativas, lançando, por via aérea, materiais para aqueles que lutavam na clandestinidade.

Qual foi o papel destinado aos *partigianos* na região da Linha Gótica? A eles, foram dadas as missões de guias, de intérpretes, de polícia provisória e de combatentes.

Com a libertação de Florença, fica mais fácil observarmos as relações entre aliados e *partigianos*. Esses últimos não seguiam os regulamentos, mas os oficiais do 5º Exército Americano sabiam da importância desses homens, principalmente na guerra antifascista à retaguarda inimiga.

A situação entre os aliados e os *partigianos* vai se descontrolando. Conseqüentemente, no dia 21 de julho de 1944, aqueles resolvem criar uma instituição para controlar o movimento *partigiano*. Tratava-se do *Patriots Branch*, que seria encarregado de encaminhar esses homens de uma condição militar para a vida civil.

A nova instituição foi comandada pelo coronel McCarthy, que exerceu papel importante nas ações direcionadas, especialmente no encaminhamento dos *partigianos* aos seus locais de origem.

Dada a posição *partigiana*, em relação à deposição das armas, os aliados procuram tratar da desmobilização com mais atenção, porque era temida qualquer

<sup>124</sup> ELLWOOD, David; MILLER, James; MUNDEN, Kennneth *apud* DOMENICO, Roy. In: *Impressioni anglo-americane riguardo ai patigiani sulla Linea Gotica: il caso del Patriots Branch*. pp. 335-353.



reação por parte dos “patriotas”. As orientações diziam que o desarmamento deveria ser feito “com tato e de maneira correta”.

As ações *partigianas* foram reconhecidas como verdadeiras na luta contra o nazifascismo. E o trabalho do *Patriots* foi considerado positivo. Ao enfatizar esse aspecto a historiografia italiana reabilita não somente a força *partigiana*, mas também a participação brasileira na Segunda Guerra. Ambas, até então, capsuladas e reduzidas aos eventos ligados ao 5º Exército Americano.

Os monumentos dedicados aos *partigianos* e brasileiros seriam uma forma de responder ao tão pesaroso juízo?

## 2.8 MEMÓRIA CONFLITUOSA EM *BIAGIONI* E *MARZABOTTO*: A RESISTÊNCIA E UM POSSÍVEL ENQUADRAMENTO NA HISTÓRIA ITALIANA

No sentido de elucidar um pouco melhor a questão *partigiana* e sua memória, aproveitamos dois modelos clássicos dos estudos organizados na Itália, até a presente data: os fatos que ocorreram nas localidades de *Biagioni* e *Marzabotto*. Eles nos mostram uma memória conflitante, produzida não somente pela população civil, mas também aquela dos próprios participantes das “bandas”<sup>125</sup>, que residiam nessas localidades.

Embora os brasileiros não tenham participado de missões de guerra junto desses combatentes, o estudo efetuado com esses grupamentos aponta-nos para a compreensão da luta *partigiana* e sua conexão com a tropa brasileira em outros contextos que serão delineados nos capítulos terceiro e quarto desta pesquisa.

A memória *partigiana* recebe a atenção e o interesse de inúmeros pesquisadores. Nesse caso, uma obra que colabora na compreensão da questão *partigiana* e da resistência é apresentada por Alessandro Borri, autor do livro 4

<sup>125</sup> Bandas eram assim também chamados popularmente os grupos *partigianos*.

*Luglio 1944, la strage di Biagioni*<sup>126</sup>.

No dia 4 de julho de 1944, a pequena cidade de *Biagioni* situada no Apenino Tosco Emiliano passa por uma tragédia, que marcou profundamente os seus participantes e esse fato nos mostra o quanto a memória pode ser conflituosa, quando os significados tomam rumos diferentes na voz dos seus protagonistas.

Aquele dia, *Biagioni* é cercada por tropas da SS alemã e italiana fascista, que procuravam dois homens. Durante uma manhã de violência, nove homens foram mortos.

A pesquisa, em documentos inéditos e nos testemunhos orais, trouxe à luz novos fatos, num paralelo feito pelo apresentador, daquilo que era dito pela memória coletiva interna dos moradores da cidade, para com os residentes fora dela.

Esse fato nos mostra o quanto a memória pode entrar em conflito, já que existem acusações mútuas de delação, e tudo afronta a história oficial; o pároco da cidade é acusado de traição, os *partigianos* acusam os moradores de fascistas. Enfim, o que aconteceu?

Difícilmente a memória italiana teria esquecido a “*strage*”<sup>127</sup> de *Marzabotto*. O episódio marcou profundamente a população da cidade e a brigada Stella Rossa, uma das mais influentes e prestigiadas divisões *partigianas*.<sup>128</sup>

Os estudos referentes a essa tragédia, perpetrada pela represália ocorrida na comunidade com a morte de centenas de civis e que legou expressivos registros nas lembranças dos sobreviventes, mostram uma parte da narrativa ofuscada pela história oficial. Os acontecimentos às vésperas do massacre e o cotidiano dos cidadãos foram muito bem levantados pelos pesquisadores, no sentido de reproduzir os encadeamentos dos fatos.

A tragédia de *Marzabotto*, a maior represália em território italiano, deixou

<sup>126</sup> BORRI, Alessandro. *4 Luglio 1944, la stragedi Biagioni*. Bolonha: Ed. Aspásia, 2000.

<sup>127</sup> *Strage* significa matança. Isto ocorreu muito na Europa, como resultado de represálias.

<sup>128</sup> DONDI, Mirco. *Marzabotto: a la Stella Rossa, la Strage, la Memoria*. In: CASA, Brunilla Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). *La montagna e la guerra L'Appennino fra Savena e Reno, 1944-1945*. Istituto per la Storia della Resistenza di Bologna: Ed. Aspasia, 1999, pp. 285-342.

marcos indelévels na memória do povo italiano, não apenas, na memória dessa pequena comuna, mas na de toda uma geração que insiste em não esquecer. O episódio de *Marzabotto* é citação obrigatória na historiografia produzida pela Resistência.

O episódio de *Marzabotto* (represália ocorrida no dia 29 de setembro de 1944) é lembrado, todos os anos, no imaginário de uma população que não esquece.. A manchete do jornal estampa o título evocativo: “Momentos fatais” que relembra ao público os momentos vivenciados pela pequena cidade.

*“Momenti Fatali.” “Marzabotto – Il Plotone dei nazisti mitragliò”. Mario Lippi (partigiano) conta como conseguiu salvar-se da fúria assassina dos soldados nazistas: ‘Eu me escondi debaixo de um cadáver.’ [...] A neve cobre ainda a pequena praça perto da igreja. Ali perto, uma pequena banca de jornal, gente que faz fila para comprar o jornal para saber, interpretar os pensamentos daquilo que está escrito, principalmente a respeito dos acontecimentos ligados a Walter Reder (comandante que perpetrou a represália)” [...] Guerrino Cavina, o vice sindaco de Marzabotto, não conheceu pessoalmente Reder. “Nunca falei com ele, mas, depois da guerra, soube que ele esteve na cidade”. Uma vez eu senti que ele me seguiu por 200 metros, senti os seus passos, tive medo.<sup>129</sup>*

Num *front* muito próximo às tropas brasileiras, a história dos habitantes de *Marzabotto* com a sua tragédia nos traça paralelos de acontecimentos não pela *strage* em si, pois os brasileiros não passaram por tal situação, mas por sofrimentos causados pela guerra.

A memória que lembra os mortos na atrocidade é a mesma que homenageia italianos e brasileiros. São registros da memória coletiva que levam aos momentos críticos, à angústia, à aflição e à amargura daqueles que tombaram pela Itália. Desse modo, a análise dos acontecimentos havidos com aquela população nos aproxima das lembranças, que unem os homens no ato de recordar.

<sup>129</sup> NORDIO, Oddone. *Momenti Fatali. In: IL RESTO DEL CARLINO*. Bolonha, pp. 20, 29, set. 2002.

Na observação dos pesquisadores, a brigada Stella Rossa retrata o funcionamento de outras tantas divisões *partigianas* que atuaram na Segunda Guerra Mundial. A ação da Stella Rossa demonstra bem os objetivos da Resistência, argumento de interesse na condução desta pesquisa no momento em que a historiografia italiana aproxima *partigianos* e brasileiros, como já mencionamos anteriormente.

Essa brigada agia na zona dos Apeninos até os limites da Toscana, e a base operativa do grupo ficava em *Marzabotto*, local fortemente delimitado pela memória.

Pode-se dizer que a pesquisa feita por BORRI<sup>130</sup> envolveu os arquivos da Resistência em Bolonha, bem como os de diversos tribunais e ainda trabalhos efetuados com 54 testemunhas oculares, que ora se colocam como participantes, ora como observadores dos acontecimentos. As entrevistas ocorreram em épocas diversas. De forma surpreendente houvera interpretações também diferentes para uma mesma situação.

Nos pequenos povoados viviam também as autoridades fascistas, que eram temidas não somente pela coluna *partigiana*, mas pela própria população, que receava as delações e represálias.

Na questão de *Marzabotto*, a memória dos feitos *antipartigianos* é expressiva e contraditória e aparece nos depoimentos, mais precisamente nas frases como “Se os *partigianos* não tivessem matado os alemães, os alemães não teriam matado ninguém”.

As notícias eram imprecisas: falava-se de uma retirada dos alemães, ainda no mês de setembro, e a brigada permanecia ao sabor dos boatos de que os ingleses estavam próximos e que o general Alexander havia feito uma convocação geral às forças *partigianas*, para que juntos empreendessem uma luta contra o nazifascismo.

<sup>130</sup> BORRI, op. cit., p. 211.

A retirada de um grupo de soldados tchecoslovacos nas proximidades de *Marzabotto* impressionou, pois acharam que era uma retirada alemã. A rede de comunicação falhou e, na madrugada de 29 de setembro de 1944, os alemães invadem a cidade com cerca de 1.500 homens.

Para as populações vizinhas de *Mazarbotto*, principalmente para os habitantes de *Monzuno*, a tragédia ocorrida marcou centenas de famílias, dada a agressividade dos alemães, em relação à população civil.

Esses extermínios ocorreram em lugares diversificados: igrejas, cemitérios, praças, campos, estradas, ao todo, 115 lugares diferentes. Padres e religiosos, também perderam a vida. Alguns lugares ficaram tão marcados pelos acontecimentos que permanecem até hoje abandonados.

Os historiadores dizem acreditar que a memória ligada aos extermínios, principalmente o de *Marzabotto*, não é a fotografia de um momento, mas todo um corpo espesso, emocional, passional, que é construído de novo, de outros fatos, repensados e inéditos. Permanece em aberto a questão das responsabilidades pela eclosão e consumação do massacre, pesando o evento de forma negativa contra a celebração da memória *partigiana*.

### 2.8.1 A Brigada Stella Rossa

Ao escolhermos a brigada Stella Rossa, para ilustrar a presente pesquisa, tínhamos em mente a importância do grupamento, não apenas para a historiografia italiana, mas para o local por ela ocupado na memória italiana, ainda em nossos dias, em razão dos acontecimentos ocorridos com essa brigada em setembro de 1944.

O episódio de *Marzabotto*, na lembrança italiana, passou a constituir um referencial que conduz os pesquisadores à compreensão de outras brigadas *partigianas*, e os estudos resultantes da avaliação da Stella Rossa se tornaram o marco inicial para a compreensão da Resistência Italiana.

Portanto, o possível enquadramento da memória italiana, analisada pelo autor Marco DONDI, em relação a essa brigada, leva-nos a compreender a represália não apenas como um fato isolado, mas de que maneira essa memória se processa no ato de recordar e homenagear seus mortos.<sup>131</sup>

Na análise efetuada pelo historiador, sobre o estudo apresentado pelos pesquisadores que o auxiliaram nessa investigação sobre a memória *partigiana*, estabelece seis enfoques que direcionam a este enquadramento: 1) a memória *partigiana*; 2) a memória proposta pela Igreja; 3) o desinteresse das instituições; 4) o conflito da memória sobre os episódios-chave; 5) o uso da memória *antipartigiana*; e 6) a memória de um lugar ferido.

Durante a guerra, os alemães em sua experiência de ocupação haviam compreendido que a maneira mais eficaz de combater os *partigianos* era a de colocar a população civil contra os mesmos. Essa memória está ligada à "boa fé" que a população tinha em relação aos alemães, que transformava todo *partigiano* em bandoleiro.

Essa memória procura desvincular o momento vivenciado (a guerra) e não consegue ver o alemão como inimigo, destacando a ação *partigiana* como irresponsável. Jamais fazem referência aos fascistas. Muitos diziam acreditar que a guerra teria terminado se os *partigianos* não existissem.

A leitura dos acontecimentos proposta pela Igreja, em relação à tragédia de *Marzabotto*, mostra uma tendência de identificação dos mortos como "mártires da fé". Nessa interpretação, a instituição localiza as "vítimas" entre o neopaganismo das tropas da SS e o catolicismo praticado pelos que tombaram.

A explicação será reafirmada, se forem verificados os locais onde as pessoas encontravam-se abrigadas no momento da represália, tais como: igrejas, oratórios, cemitérios - lugares que se acreditava inatingíveis por qualquer tropa - mas que não foram respeitados, conferindo a esses incidentes uma forte simbologia.

<sup>131</sup> Id.

Os dados sobre os números de mortos na represália só foram levantados em 1995, depois de grande indagação cerca de 40 anos depois dos acontecimentos, o que demonstra a ineficiência dos órgãos públicos no que diz respeito ao atendimento dos objetivos dessa pesquisa.

A memória oficial, por longo tempo, colocou-se diante da épica da Resistência sem questionamentos, isto é, negando as distensões entre os seus componentes. Paralelamente, existe uma “voz difusa” que tenta explicar a morte de Musolesi, o chefe da brigada, dizendo que esse não foi morto pelos nazistas, mas sim por um companheiro. A polêmica não foi sustentada pelos próprios *partigianos* e acabou dando força para o surgimento de uma memória fragmentada.

O uso da memória *antipartigiana* encontra espaço entre aqueles que não desejam se comprometer. Não falam da brigada, nem antes e nem depois da guerra. Muitos pretendem responsabilizar o grupamento pela própria represália nazista, esquecendo, assim, a brutalidade das tropas da SS nazista.

Ao longo da área do extermínio, permaneceu o peso da memória de um lugar “despedaçado”, pois ali os corpos ficaram insepultos por mais de um ano. Esse ato destruiu para sempre a tradição e a cultura de uma cidade.

Para relembrar o grave incidente, foi criado em 1989, pela Lei Regional n.º 19/89 - da região *Emilia-Romagna* -, o Parque Natural de *Monte Sole*, que compreende as cidades citadas. São 6 mil hectares de terras, compostos por campos e edifícios de observatórios e laboratórios ligados à Escola da Paz, onde pesquisas sobre as causas desse conflito são realizadas permanentemente, com o objetivo de custodiar a memória dos acontecimentos e orientar as novas gerações para o caminho da paz (Anexo 1).

## 2.9 A FEB NA VISÃO HISTÓRICA DOS AUTORES ITALIANOS

A Itália enfrentava tempos difíceis, seja pelas lutas internas partidárias e

pela situação desastrosa em outras guerras fora do país, seja pelo fascismo cultivado durante tantas décadas. Desse modo, mesmo derrubado Mussolini foi elevado à posição de grande mandatário, ainda aliado de Hitler, e compondo assim as forças do eixo (Alemanha, RSI e Japão), o que acabou lançando o país a uma situação política e economicamente calamitosa (1943).

Com a invasão dos aliados, o exército italiano é dividido e, basicamente, desaparece, ou é rechaçado nos pontos de confrontos com seus aliados nazistas.

É nessa parte da guerra (1944) que entram os brasileiros, aliados aos americanos. E vamos encontrá-los nas referências e nos levantamentos efetuados na história da Resistência. Tais estudos, na Itália, hoje têm uma conotação de investigação direcionada ao cotidiano da guerra.

Grande parte desses depoimentos foi colhida pelos estudiosos a partir dos anos 70, na tentativa de recompor o quadro histórico da época da guerra. Muitos desses levantamentos transformaram-se em livros e foram publicados recentemente na Itália e aqui serão objetos de nossa análise.

Entre as obras de escritores italianos destacamos a de Mariano GABRIELE<sup>132</sup>. A sua obra serve hoje de referencial para os que desejam abordar não somente assuntos de guerra vivenciados pelo Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas também é uma visão política e econômica da época que antecedeu a participação brasileira no conflito mundial.

A consulta a GABRIELE se faz necessária, pois, através dele, temos acesso aos *allegati* (anexos). São boletins americanos e ingleses já traduzidos para o italiano. É resultado da investigação feita pelo Instituto da História da Resistência, e muito bem organizada no corpo da pesquisa.

Em seu trabalho, o autor aborda questões de vital importância para a explicação de momentos delicados da FEB, como é o caso da campanha do Vale do

<sup>132</sup> GABRIELE, Mariano. *La forza di Spedizione Brasiliana (FEB) nella Campagna d'Italia* (setembre 1944 aprile 1945). Roma: Ed. Ufficio Storico SME, 1986.



Rio Serchio.

Nos dados mais recentes, a pesquisa chama a atenção para uma mudança brusca dos rumos da guerra na Itália, quando divisões americanas e inglesas são enviadas, respectivamente, à França e à Grécia, desorganizando seus efetivos e assim criando vazios *no front* de Bolonha, fato que exauria as forças dos que tinham de combater sem revezamento, pois não havia substitutos.

Esse foi o momento da chegada da tropa brasileira em território italiano, sendo deslocada quase imediatamente para a zona de conflito. Por conseguinte, tornou-se prematuramente um grupamento destinado a exercer suas funções na frente de combate.

Na visão de GABRIELE a FEB passa a ocupar o seu lugar como tropa de primeira linha, embora, pelos motivos expostos, venha a fazê-lo com grande dificuldade.

As campanhas de Monte Castello e *Montese* também passam por uma crítica desse historiador e, pela primeira vez, é possível verificar a informação segura da presença da força *partigiana* ao lado da FEB, que nos relatos brasileiros, talvez pela influência americana, tenha sido reduzida a qualificativos não apropriados - como desordeiros, guerrilheiros, guias, etc. – ponto de vista que os estudiosos italianos não aceitam mais.

Inversamente, tanto GABRIELE como GIANNASI<sup>133</sup> usam o termo “mérito” para qualificar a atuação do 9º Batalhão de Engenharia da FEB.

A pesquisa italiana aborda documentos que dizem respeito à atuação desse grupo, que foi o primeiro a entrar em combate na Itália, e as características complicadas do trabalho a ser efetuado pelos brasileiros.

Entre o mês de fevereiro e março de 1945, o *front* volta a movimentar-se. Os brasileiros e americanos lutam na região de *Castelnuovo*, auxiliados por 50

<sup>133</sup> GIANNASI, Andréa. *Il Brasile in guerra: la FEB nella campagna d'Italia*. Tese. Universidade de Pisa, Itália, 2000.

*partigianos*, juntamente com uma companhia anticarro do 11º R.I., que estiveram sempre precedendo ou ao lado da tropa brasileira. O inimigo sofreu pesadas perdas e muitos foram os prisioneiros.<sup>134</sup>

Os relatórios americanos citados por GABRIELE nos põem a par dos acontecimentos de *Montese*, caracterizados como “sanguinários”, contra obstinadas posições de artilharia e morteiros. Entre os dias 14 a 16 de abril a Força Aérea Brasileira ataca linhas férreas, e depósitos de munição e centrais elétricas inimigas são destruídos. Sobre a Infantaria, GABRIELE reconhece a sua ação “laboriosa e determinada”.

Um dos capítulos interessantes do livro de GABRIELE é aquele que faz referência aos brasileiros e à Resistência. Para surpresa dos pesquisadores, ele nos diz que as relações entre os soldados e os *partigianos* eram intensas - tanto de uma parte, quanto da outra.

Os brasileiros lutavam num exército regular, enquanto os *partigianos* formavam um corpo voluntário, mas ambos contra um mesmo inimigo: os alemães.

Nos depoimentos colhidos pelas Associações da Resistência, a imagem dos soldados brasileiros aparece sempre como colaboradores e amigos, especialmente no que concerne à ajuda alimentícia a essas brigadas.

Afirma-se que a grande contribuição *partigiana* aos ataques na região do *Serchio* foi decisiva aos brasileiros. Embora a literatura brasileira ignore o fato a partir da entrada do Brasil no *front* central italiano, a colaboração *partigiana* torna-se alegadamente mais intensa.

Ainda se verifica que o número de *partigianos* era expressivo. A brigada Armando chegou a marcar presença com mais de mil homens, que nessa fase já sofriam as restrições dos decretos aliados.

Esses homens receberam ajuda abundante do comando brasileiro, no que

<sup>134</sup> MATHEWSON, Nathan S. *Storia Operativa della 1.ª Divisione di Fanteria del Corpo di Spedizione Brasiliano*. P.R.O., War Office. Allegato n.º 3, 204, 5848. In: GABRIELE, op. cit.

diz respeito a armas de diversos tipos e munição, gêneros alimentícios, roupas e remédios.

GABRIELE constata a participação da força *partigiana* na operação *Encore*, que tinha como objetivo a conquista do maciço de Soprassaso e Castelnuovo. O autor apóia-se nas anotações dos boletins americanos, dos quais já fizemos referência.

"[...] Sobre o flanco esquerdo, a Cia. anticarro do 11.º R.I., com 50 *partigianos*, move-se contra as posições de *Serrasiccia* e *Monte Capel Buso*. A outros 20 *partigianos* foi dada a ordem de avançar, na noite seguinte, próximo à cadeia de montanhas. No dia 4 de março, as forças brasileiras conseguem conquistar o maciço de *Castelnuovo* [...], anota o coronel Mathewson."<sup>135</sup>

Causa estranheza que nos relatos brasileiros a presença *partigiana* seja quase nula durante as situações de combates.

Para GABRIELE, os soldados brasileiros foram banidos da historiografia, pela evidência dada ao exército americano pelos seus historiadores, mas no cômputo geral o comportamento dos brasileiros deixou boas referências.

Tais fatos são representativos em razão do volume de obras produzidas pelos autores americanos, quando os destaques da campanha na região da Linha Gótica enaltecem os feitos das tropas americanas, principalmente os da 10ª de Montanha, deixando de lado aspectos importantes da campanha, como é o caso da conquista de *Montese*, um dos baluartes do exército alemão e fato preponderante no desenrolar da campanha, que foi uma vitória exclusiva da Força Expedicionária Brasileira.

Concluindo sua exposição GABRIELE afirma:

Os acontecimentos da guerra propuseram à FEB situações das mais diferentes, uma mistura de improvisações, colocando-a em contato com grandes unidades adversárias,

<sup>135</sup> MATHEWSON, Nathan. S. *Rapporto di situazione nº 23 dell' 11 marzo di 1945*. Public Record Office. Allegato. 204. 1324. *In*: GABRIELE, op. cit.

algumas das quais com notável experiência... Lembra aqui reconhecer que sem tentar esconder os momentos de crise dos quais os fatos demonstraram, que as forças sul-americanas tiveram dignidade em campo, merecendo o respeito do inimigo.<sup>136</sup>

Os autores Maria Adriana BERNADOTTI e Luciano CASALI há muito trabalham com a temática relacionada à Resistência Italiana. Deles encontramos, no livro *Al di qua e al di là della Linea Gótica, 1944-1945*, o artigo, produzido em conjunto, *Brasiliani e partigiani. L'immagine della Resistenza nella memorialistica brasiliana sulla Seconda Guerra Mondiale*.

Como o próprio título do artigo indica, BERNADOTTI e CASALI<sup>137</sup> procuram desvendar os relacionamentos entre brasileiros e *partigianos*. De que maneira pronunciam-se essas lembranças, ora destacando um lado (*partigianos*) ora referindo-se ao outro (brasileiros)?

Ao referir-se aos *partigianos*, os autores fazem menção às brigadas<sup>138</sup>, que teriam atuado junto da FEB. Entre essas divisões *partigianas* se achavam o Batalhão Pippo, da brigada Armando, sob o comando de Manrico Duccesi, e a divisão "Armando" ou Modena, cujo comandante era Mario Ricci.

São poucos os documentos de que dispomos no momento sobre as brigadas que atuaram com a FEB na região do Serchio e Fornovo e, mais tarde, na campanha que levaria à rendição da 148ª D.I. alemã. Obtivemos mais sucessos com informações sobre a brigada *Giustizia e Libertà*, que agia mais em Bolonha e Gaggio Montano.

<sup>136</sup> GABRIELE, op. cit.. A FEB esteve em contato com nove divisões alemãs (a 42.ª ligeira, a 232.ª de infantaria, a 94.ª de Infantaria, 114.ª ligeira, 29.ª motorizada, 334.ª de infantaria, 305.ª de infantaria, 90.ª motorizada e a 148.ª de infantaria). Três da República de Salò (Itália, Monterosa e San Marco).

<sup>137</sup> Casali foi professor de História Contemporânea na Universidade de Bolonha, trabalhou na Academia Militar de Modena, lecionou nas Universidades de Valência e Barcelona na Espanha. Foi vice-diretor do Departamento de História da Universidade de Bolonha de 1994 a 2000. Presidiu o comitê das revistas *Ricerche Storiche* e *Annali*. E seu trabalho mais profícuo está relacionado à Resistência Italiana.

<sup>138</sup> Brigada era denominação dada ao grupo armado de *partigianos*. Dos autores italianos relacionados nesta dissertação - como GIANNASI, GABRIELE, CASALI e FIASCHI -, todos fazem referência a essas divisões.

Os autores definem como “longa colaboração” a ação da brigada Armando junto dos brasileiros (até abril de 1945).

Na visão dos autores, num jogo em que definem como “peões”, esse desprezo dos americanos em relação aos brasileiros como tropa aliada, também foi aplicado aos *partigianos* modenese. Segundo a revelação de muitos testemunhos, tal situação não criou dificuldades entre os brasileiros e a brigada Armando, pois desenvolveram entre si estreitos laços de solidariedade e “real e profunda” comunicação de idéias.

Os autores tentavam comprovar a hipótese inicial do seu trabalho questionando qual a imagem *partigiana* havia sido projetada no Brasil pelos brasileiros quando retornaram.

Sem querer antecipar todos os resultados da pesquisa, os estudiosos quase afirmam que essa imagem foi negativa, mas por quê?

Partindo de observações preliminares, destacam que a literatura sobre a FEB foi produzida, principalmente, por oficiais que atuaram na guerra, cujo objetivo era apenas informar a contribuição brasileira para a vitória na Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que consideravam a força da resistência, através dos *partigianos*, como elemento negativo.

As publicações européias e norte-americanas dessa fase não fogem da mesma impressão: os *partigianos* eram vistos como elementos de má-fé, sanguinários, vingativos e, sobretudo, perigosos à ordem constituída, isto é, capitalista.

Outros autores brasileiros foram consultados por CASALI, na tentativa de este descobrir relatos que mencionassem os *partigianos*. Entre os quais, Agostinho José RODRIGUES, Joaquim Xavier da SILVEIRA, Raul da Cruz LIMA JR., Olívio Gondin de UZEDA e Adhemar Rivermar de ALMEIDA.

Os estudiosos italianos detectaram gestos de simpatia e de fraternidade emergentes nos depoimentos *partigianos*, fato que não ocorre na lembrança dos

brasileiros quando narram suas memórias. Os assim denominados *garibaldinos*<sup>139</sup> (também *partigianos*) são vistos apenas como bons guias para as patrulhas, porque conheciam bem as montanhas e as florestas.

Para os estrangeiros que analisam a historiografia da FEB, o imaginário dos militares vê sempre os *partigianos* com uma imagem negativa absoluta, com características irregulares que aparecem na memorialística do pós-guerra e depois nas publicações dos anos 60, fortemente influenciados pela guerra fria e o posicionamento do Exército brasileiro, então dominado pela doutrina de segurança nacional desenvolvida pela Escola Superior de Guerra.

Nem Armando (brigada) nem outra qualquer, que viveram meses junto dos brasileiros, são mencionadas ou recordadas por esses. Na visão dos autores, é um estudo que ainda não foi feito. Mas deverá ser efetuado com pesquisas mais profundas, nos moldes de outras realizadas na Itália. Novos fatos, segundo eles, poderão ajudar a compreender melhor a conexão histórica entre brasileiros e *partigianos*.

Mas, ao concluir este capítulo, somos obrigados a nos render diante das evidências de que existe um distanciamento entre a memória dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira e as milícias *partigianas*, demonstrado pela unilateralidade desses últimos, quando recordam dos brasileiros, em suas narrativas, e nós, os pesquisadores, não encontramos uma recíproca brasileira, mesmo após um exame profundo da questão.

<sup>139</sup> Garibaldinos (italiano), a) adj. Deriva de Garibaldi, herói do *Risorgimento*, podendo significar impetuoso, audaz e temerário; b) s. m. Voluntários de Garibaldi. Durante a Resistência, as formações *partigianas* assumiram esse nome. Lo Zingarelli Minore. Bolonha: Ed. Zanichelli, 1994. p. 420.

### 3 HISTÓRIAS E PERCURSOS DA MEMÓRIA

A memória que os homens desenterram nasce como desejo indestrutível de reviver o tempo: aquela duração da existência que não é mercadoria nem tem valor de troca, mas penetra e envolve toda experiência humana; tempo denso que está fora e dentro de nós, enquanto História, enquanto memória.

(Dossiê Memória – USP, São Paulo, 1999.)

#### 3.1 AS LEMBRANÇAS ITALIANAS E BRASILEIRAS

Este capítulo dará vozes aos protagonistas que vivenciaram estas histórias, são relatos brasileiros e italianos falando do passado, que ressoam aqui e agora. São lembranças gravadas pelos acontecimentos ocorridos em tempo difíceis, num país que se encontrava em guerra.

Com a liberação das primeiras cidades italianas, as juntas das comunas, que assumiram a responsabilidade da reorganização das cidades, enfrentaram momentos caóticos. Muitos povoados estavam completamente destruídos, primeiro pelos alemães em retirada, depois pelos bombardeios aliados. A reconstrução era uma emergência e deveria ser feita com o auxílio do novo exército de ocupação.

A população, sem governo e com costumes diferentes, passa a conviver com exércitos oriundos de países longínquos, numa situação inusitada para aquela gente que precisava de tudo.

Neste momento chegam os brasileiros e, nessas circunstâncias, alguns setores próximos ao front foram colocados sob a administração da FEB, que passa a ter um contato direto com a população. Incidentes ocorreram com a tropa de ocupação aliada e o Brasil não está isento de culpa, em relação aos contratempos provocados pelos seus soldados.

Objetivo desta pesquisa não é o de justificar a existência dos monumentos brasileiros na Itália, pois esses marcos históricos lá se encontram e ali foram colocados pela comunidade. O gesto da homenagem é que nos impulsiona para uma reflexão mais profunda.

O nosso questionamento, dirigido às fontes, torna a pesquisa intrigante. Pois elas nos apontam para um universo de situações de guerra, no qual a única Divisão Brasileira<sup>140</sup> participava de um conflito mundial, de uma guerra que caminhava para o seu fim.

O local era a Itália setentrional, onde 290 mil soldados, das mais diversas nacionalidades, entre as quais ingleses, americanos, poloneses, australianos, sul-africanos, neozelandeses, com suas divisões estavam presentes e, muitos desses, há mais tempo que os brasileiros (Anexo 2).

O ponto de partida desta reflexão nos conduz nesse intricado nas relações entre soldados e a população italiana, mas nosso olhar está voltado no sentido de compreender as causas da honorificência dos monumentos edificadas, na Itália, em homenagem aos soldados brasileiros.

Acreditamos que os testemunhos possam mostrar como os brasileiros eram vistos, que lembranças deixaram e de que maneira essas lembranças são significativas. São memórias revisitadas - em nosso ofício de historiador instigamos - que se direcionam na busca de indivíduos ou de grupos, nossos sujeitos históricos e suas reconstruções do passado.

A proposta metodológica por nós apresentada - a opção pela história oral com seus procedimentos metodológicos - nos conduzirá a esses sujeitos e suas

<sup>140</sup> A formação da Força Expedicionária Brasileira contou com componentes de todo o Brasil. Todos os estados deram sua colaboração para o grupamento final de 25 mil homens. A organização da FEB foi demorada, pois muitos até pensaram que a tropa brasileira não embarcaria rumo à Itália. Os problemas eram muito grandes. Uma das grandes dificuldades que se apresentaram foi a questão da instrução da tropa. Era uma das premissas que deveriam ser adotadas, visto naquele momento estarmos aliados a novos parceiros, ou seja, os norte-americanos. Mais informações sobre o assunto, ver RIGONI, Carmen Lúcia. **Nas Trilhas da Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Torre de Papel, 2002.



lembranças. O diálogo entre entrevistado e entrevistador possibilitará o florescer de muitas versões da história que pretendemos demonstrar. São espaços para a intersubjetividade mas também para os diálogos de diferentes identidades.

Ao percorrer esses caminhos, vamos procurar estabelecer as relações históricas existentes entre os monumentos brasileiros localizados na Itália e a população que os edificou. No processo, buscamos reconhecer a importância de cada depoente e a sua vinculação à sociedade em que está inserido, sem perder de vista a existência de um amálgama maior, que é a coletividade nacional.

Diante dessa perspectiva, será possível questionar: “O que foi, como foi e o que deixou de ser” na história que alicerça os monumentos? Devemos estar cientes, nesse processo, de que a reconstrução histórica dos monumentos será a busca da realidade apresentada pelos testemunhos, no fluir natural da narrativa.

Mas de qual realidade?

Em suas considerações sobre procedimentos metodológicos, PORTELLI<sup>141</sup> ao defender o testemunho oral na construção histórica, aponta para a intenção do método que “tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos em que os pedaços são diferentes, mas formam um todo depois de reunidos”.

Perceberemos, na simultaneidade entre nossos sujeitos, também as vozes brasileiras a nos dizer de suas lembranças na Itália, do cotidiano da guerra, do encontro e convivência com a população civil nos raros momentos em que a vida parecia voltar à normalidade.

No rastreamento das lembranças, dialogamos com muitas pessoas no Brasil, com os ex-combatentes e seus familiares. Na Itália, ouvimos os habitantes de *Gaggio Montano*, *Montese*, *Vergato*, *Porreta Terme*. Muitos desses hoje residentes em Bolonha.

<sup>141</sup> PORTELLI, Alessandro *apud* NEVES, Lucila de Almeida. Memória, história e sujeito. *Revista História Oral*, n. 3, São Paulo, 2000.

Os testemunhos foram colhidos nos últimos dois anos. Muitos dos quais com os próprios combatentes brasileiros e, na ausência desses, entrevistamos os parentes - no caso, viúvas, filhos e netos. Na Itália, ouvimos os velhos *bersaglieri* “alpinos” e “*partigianos*”, homens e crianças - hoje adultos -, pessoas que compõem o quadro de “atores” naquele particularmente vivenciado pela guerra.

Na ausência do testemunho oral, recorreremos a documentos organizados pela Resistência italiana. Memórias individuais e coletivas, que se mesclam compartilhadas pela coesão e pelo próprio desejo do grupo em transmitir e recriar o seu passado.

O nosso ponto de partida será a saída dos soldados do território brasileiro rumo à guerra na Itália, bem como os fatos que se mostram dignos de ser lembrados nessa viagem. São lembranças que nos ajudarão a compor o quadro histórico do trabalho, que na busca da subjetividade dos argumentos individuais não perde a sua objetividade destacada pelo grupo.

Faremos um trajeto histórico com a Força Expedicionária Brasileira, por terras italianas, não visualizando a guerra feita pelos soldados brasileiros na sua plenitude, o que seria impossível devido à sua abrangência.

Na verdade, seguiremos o roteiro dos batalhões, dos seus comandantes e soldados e não o trataremos aqui como uma narrativa de guerra, ou como análise das principais campanhas, mas para buscar o entendimento do que constituiu as lembranças brasileiras e italianas.

Será como entrar no túnel do tempo, instigar as lembranças e, a partir delas, tentar compor o fio condutor da história que nos levará aos monumentos brasileiros e à compreensão do gesto italiano, em relação aos combatentes brasileiros.

Antes de tratarmos especificamente dos monumentos brasileiros na Itália, no último capítulo desta pesquisa algumas respostas vão se delineando, em nossa pesquisa, dos questionamentos que permeiam todo este trabalho.

Temos consciência de que no processo de investigação da oralidade e memória, ao optarmos pela forma de questionários ou por registro em gravador, nossa abordagem visava sempre à opinião particular dos testemunhos, mas as narrativas, quase em sua total abrangência, tinham um caráter de liberdade, e não atrelávamos perguntas obrigatórias, no sentido de impedir o ato de recordar, mas deixar fluir as lembranças.

Porém na reflexão crítica que fazíamos dos testemunhos colhidos, o "processo silenciador" era algo que incomodava. Era intrigante percebermos que propúnhamos a essas pessoas um espaço para suas lembranças de uma época de guerra que marcou tão profundamente suas vidas, mas que não eram expressas nas narrativas: haviam-se congelado ou foram selecionadas de propósito?

Sabíamos que muitos desses silêncios diziam respeito ao cotidiano da guerra. O território italiano foi palco da passagem de muitos exércitos - quer tenham sido tropas aliadas ao fascismo, no caso os alemães e os aliados aos americanos e ingleses organizados em contingentes enormes. Enfim, a população manteve contato com milhares de soldados, e muitas vezes foram criadas situações intoleráveis de abusos e violação dos direitos, dos quais aqueles soldados e os brasileiros não estão isentos.

São os nossos depoentes testemunhos oculares. Alguns foram vítimas de crimes hediondos perpetrados pelos homens no palco da guerra, onde se imaginava que tudo fosse permissível: os fuzilamentos sumários, perseguições, matanças perpetradas não apenas pelo inimigo mais próximo (os alemães), mas, muitas vezes, pelas próprias facções contrárias e amplamente manifestadas na guerra civil.

Parafraseando o arcebispo sul-africano Desmond Tutu, quando este se manifestou sobre a resistência ao *apartheid* na África. "Há milhões de pessoas cujas lágrimas nem sempre foram registradas. Esperamos que vocês façam relatos profundos sobre aqueles que ficaram nas sombras, para que todos saibam o preço

da liberdade na África do Sul".<sup>142</sup>

Nesse sentido, percebemos as diversas formas de silêncios que se delinearam ao longo da investigação que realizamos com os nossos depoentes. Quais as razões que levam as pessoas permanecerem caladas ou a seguirem o caminho do silêncio? Para muitos, são experiências dolorosas, outras vergonhosas... é melhor perder da lembrança. Outros não aceitam a visão oficial da história, não querem ser rotulados como vítimas de um processo, de uma guerra, mas querem sim ser vistos como atores sociais. Enfim, como construtores coletivos da história. Diante de fatos oficializados, alguns entendem que é melhor calar.

Da volumosa bibliografia consultada, são muitas as referências encontradas nos depoimentos da população italiana em relação aos soldados estrangeiros que lá combateram.

Entre os anos de 1943 e 1945, a perseguição perpetrada pelos soldados alemães sobre a população civil, e as tragédias ocasionadas pelas matanças, provocou uma aversão enorme por esses soldados, que desprezavam completamente qualquer ato de solidariedade com a população italiana.

Os ingleses foram duramente criticados pelos italianos. Suas tropas coloniais provocaram inúmeras atrocidades contra crianças e mulheres inocentes, inclusive com estupros e mortes.<sup>143</sup> Depois da retirada dos alemães, chegam os americanos, ingleses e os brasileiros. Esses últimos eram considerados benevolentes e alegres, traziam com eles uma nova ordem administrativa para os povoados, a prestaram àquela população os primeiros socorros necessários. Principalmente em relação ao abastecimento com os gêneros de primeira necessidade para a população, que se encontrava famélica.

Mas a expectativa da pesquisa nos colocava diante de outra realidade. Que outras circunstâncias foram omitidas pelos testemunhos?

<sup>142</sup> GROSMANN, Jonathan. Violência e Silêncio: reescrevendo o futuro. **Revista História Oral**. Gandalfi, São Paulo, 2000. pp. 7-23.

<sup>143</sup> MORRIS, Eric. **Circles of hell the war in Italy (1943-1945)**. New York: Crown, 1993.

A guerra é o recurso máximo de extrema violência lançado pelos homens para a solução de conflitos e provoca um quadro de desordens que causa a quebra de todos os princípios de moralidade humana.

Muitas vezes, as tropas de ocupação de um país consideram aquele território como “terra de ninguém”. Os encontros desordenados entre grupos inimigos, bandos sediciosos, criam o espaço ideal para as mais terríficas ações humanas, das quais os soldados aliados - entre os quais, norte-americanos e brasileiros – também podem ter participado.

Por sua vez, os exércitos procuram mover-se dentro de princípios regulamentadores, submetendo seus homens à lei e, assim, evitando o caos.

Em relação aos soldados brasileiros, aqui cabem algumas considerações sobre o perfil desses soldados. Muitas delas abalizadas pelos seus chefes superiores ou pelos próprios camaradas de campanha.

Muito se tem discutido sobre o efetivo da FEB. Para entender sobre a formação dos seus quadros, temos de nos reportar ao perfil do Exército Brasileiro em 1942. Os oficiais provinham, em sua maior parte, da classe média urbana. Os recrutas, oriundos das classes trabalhadoras, se constituíram de analfabetos ou com baixo nível de escolaridade e eram tratados pelos seus superiores como pessoas inferiores. Não foram realizados testes psicológicos e a ausência desses acarretou situações comprometedoras nas campanhas. Na Itália, foram tratados 443 casos de perturbação mental.

Somando-se a esses fatos, os recrutas apresentavam baixa resistência às doenças - o que demonstraremos mais adiante; além do que o moral da tropa dependia sempre da liderança dos oficiais. Alguns regimentos da FEB passaram pela constante troca dos comandantes em plena campanha, criando situações de instabilidade entre os soldados.

Grande parte desses homens não sabia o que era uma guerra, nem aonde iam lutar. O segredo de embarque do 1.º escalão envolveu a todos na mais completa

especulação dos seus destinos, gerando incertezas e dificuldades manifestadas. Esses foram os fatores que contribuíram para o desencadeamento de comportamentos desastrosos para algumas unidades da FEB.

No geral, os fatos nefastos relacionados à FEB - não mencionados na historiografia - permanecem como uma sombra. Muitos deles considerados tabus, principalmente aqueles que envolveram o Serviço de Justiça Militar.

O Relatório Secreto do general Mascarenhas de MORAES, que compõe o volume I, ao tratar da seleção da tropa quanto ao moral, diz o seguinte:

Casos houve em que os contingentes das unidades não pertencentes à FEB e que deveriam integrar a 1ª DIE foram compostos, na sua maioria, de homens de má conduta. Houve mesmo uma unidade que indicou para serem transferidos à FEB soldados cumprindo sentenças e outros ainda em curso de processo [...]. Erro grave, pois muitos desses elementos foram mesmo incluídos na FEB e seguiram para o Teatro de Operações. Foram eles, certamente, os autores de fatos escabrosos que nos envergonharam além-mar<sup>144</sup>.

A Justiça Militar que acompanhou a FEB foi criada por lei especial. No período em que esteve em atividades, ela realizou 65 seções (14 em Nápoles e 51 no Distrito Federal-R.J); foram efetuados 278 julgamentos, sendo que desses 137 delitos foram condenados. Entre os casos mais graves, 2 foram homicídios dolosos e 14 culposos, além de outras categorias como furtos, roubos, insubordinação, violência contra superiores, inobservâncias do dever militar, abandono de posto, 34 deserções<sup>145</sup> e 8 casos referentes a crimes sexuais.

As estatísticas não são bastante claras, mas no período citado, segundo Manuel Castello BRANCO [...], “ocorreram 33 crimes, sendo 2 punidos com a pena

<sup>144</sup>MORAES, Mascarenhas de. **Relatório Secreto**. Vol. I. MINISTÉRIO DA GUERRA, 1948.

<sup>145</sup> Os 34 casos precipitadamente considerados como deserção, a maioria foi em razão da desobediência aos prazos de licenciamento ou de dispensas do serviço e não decorrentes de evasão na hora do combate.

capital. O Presidente da República de então os comutou para prisão perpétua. Posteriormente, houve um indulto para todos os condenados, excluindo inicialmente os dois citados criminosos que, entretanto, tempos depois também seriam indultados”<sup>146</sup>.

Por outro lado, são muitos os casos não informados - quer seja pela omissão das autoridades constituídas ou mesmo pela omissão das vítimas que não registraram suas queixas, impossibilitando, desse modo, a pesquisa.

Os fatos acima citados, sobre os acontecimentos registrados pela Justiça Militar, estão relacionados à nossa pesquisa em território italiano. Quanto aos combatentes brasileiros e seus depoimentos, percebemos que são muitos os tabus encobertos até hoje, por um período “esfumaçado”, como a prostituição de massa que se alastrava nas cidades maiores.

Outras tantas formas de “silêncios” são percebidas, mas a questão dos doentes e feridos em território italiano nos chamou a atenção. Poucos sabem a respeito do destino daqueles que sofreram ferimentos mais graves durante a guerra, e a atual historiografia pouco esclarece. Alguns boletins “secretos” nos põem a par dessa tragédia particular dos que vivenciaram momentos de grande dor.

Na correspondência do Chefe da Delegação Brasileira, general Estevão Leitão de Carvalho, enviada ao Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, no período de 7 de dezembro de 1944 a 16 de março de 1945, encontramos dados esclarecedores sobre a situação dos feridos brasileiros que foram conduzidos para os hospitais norte americanos.

Os pontos ressaltados na correspondência do Chefe da Delegação Brasileira demonstram a falta de responsabilidade e planejamento das autoridades brasileiras, principalmente do Exército, para a situação de descaso e humilhação a que foram submetidos os feridos em combate.

<sup>146</sup> BRANCO, Manoel Thomaz Castello. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

A pedido do general Estevão Leitão - expresso na carta ao Ministro da Guerra enviada no 7 de dezembro de 1944 -, sai do Brasil um pequeno grupo de médicos e enfermeiros, encarregados de acompanhar os brasileiros feridos de volta ao Brasil. Esses profissionais chegaram aos EUA no dia 14 de dezembro de 1944.

Nesse momento, também começava para os médicos e seus assistentes e para os doentes um período de dificuldades: a falta de roupas brancas e de uniformes condizentes com as baixas temperaturas daquele país, o que levou à solicitação do fornecimento de 500 uniformes americanos; a má vontade dos enfermeiros brasileiros; e a falta de pagamento aos praças feridos e ao grupamento de saúde, que criou situações constrangedoras aos soldados brasileiros. São observações que não escapam de Estevão Leitão de Carvalho em suas longas missivas.

A respeito do retorno dos brasileiros, diz: "Desde que sejam os nossos militares evacuados por avião comercial, além do conforto que merecem como reconhecimento ao sacrifício que lhes foi imposto no cumprimento do dever, resultará em economia [...]".

Enfrentando a guerra num país com características muito diferentes do Brasil, o soldado viveu momentos singulares na sua vida de combatente. Ele confrontou-se com o outono italiano com o tempo chuvoso, a lama que impedia o acesso de viaturas e homens aos locais de combate; depois o rigoroso inverno, com temperaturas abaixo de zero. Provocaram muitas baixas.

Os feridos mais graves em campo de batalha foram conduzidos aos Estados Unidos, para um longo tratamento. Foi uma sofredora recuperação aos feridos que deveriam submeter-se a cirurgias plásticas ou a implantes de membros mecânicos. Os brasileiros feridos ficaram concentrados em dois lugares: o Lagard General Hospital, na Lousiânia, e o Hospital Militar na Carolina do Sul.

No Lagard, estavam cerca de 500 feridos brasileiros que haviam perdido os membros, as vistas ou haviam sofrido queimaduras. No Hospital de Carolina do Sul,



se encontravam os brasileiros com ferimentos de maior gravidade. Em 1945, sai do Brasil uma missão militar especial para trazer de volta os remanescente da FEB, os feridos que ainda estavam fora do país. As observações que seguem fazem parte das anotações de um diário transformado mais tarde em livro.

"[...] Uns estavam atacados pela tuberculose, outros loucos e alguns com fortes e terríveis lesões. [...] Um soldado mato-grossense, um mulato simples, bom, de mentalidade bastante primária, ali estava sem ambas as mãos, sem uma vista e com o rosto todo deformado por terríveis queimaduras [...]".<sup>147</sup>

Do quadro referente à hospitalização dos soldados, fizemos um recorte (abaixo), em que é possível avaliarmos a situação, tanto em relação ao período da campanha bem como o da estação climática.

QUADRO 1 - NÚMEROS DA GUERRA<sup>148</sup>

Fases	Mês	Doentes	Acidentados	Em ação	Total
Ofensiva do vale do Reno	Nov.	486	85	241	812
	Dez.	1.497	146	267	1.910
Ofensiva da Primavera	Jan.	1.247	87	111	1.445
	Fev.	1.208	109	176	1.493
	Mar.	1.627	118	205	1.950
	Abr.	1.127	252	486	1.865
	Mai.	430	133	4	567
SOMA		8.400	1.145	1.577	11.202

<sup>147</sup> ALBRICKER, Jarbas. **Memórias de um pracinha**. Minas Gerais: Imprensa Oficial Belo Horizonte, 1983.

<sup>148</sup> De acordo com o quadro acima, enfocamos duas situações que chamam atenção: a) no mês de dezembro de 1944, em plena campanha no **Vale do Reno**, sem que houvesse grandes ações militares, o número de soldados doentes, principalmente com problemas respiratórios, foi bastante intenso no inverno, com baixa hospitalar de 1.497 homens. Esse número permaneceu quase que estável nos meses seguintes - já próximo da primavera. Também foi expressivo o número de baixa em ação nessa região durante os meses de outubro, novembro e dezembro, num total de 267 - entre mortos e feridos -, muitos dos soldados provenientes da campanha do Vale do Rio Serchio. b) Na **Ofensiva da Primavera**, entre os meses de fevereiro, março e abril, durante a campanha da tomada de Monte Castello e Montese, os feridos nas ações ocorridas nos dias 14, 15, 16 e 17 de abril, nessa última, somaram-se 486, demonstrando assim que a frente de batalha em Montese, diante dos bombardeios sofridos pela tropa brasileira, foi mais significativa que a tomada de Monte Castello, em fevereiro de 1945, com 111 baixas. Somando-se aos fatos citados, podemos apontar os problemas referentes ao desgaste físico e psicológico da tropa na zona de combate, assunto bem enfocado por CLARK, Mark em **Risco Calculado**.p. 412.

## QUADRO 1 - NÚMEROS DA GUERRA (CONT.)

**Mortos da FEB (dos três regimentos):**

1.º Regimento de Infantaria	128
6.º Regimento de Infantaria	087
11.º Regimento de Infantaria	116

FONTE: RELATÓRIO SECRETO, FEB (1948).

São poucos os relatos sobre os feridos na guerra e que se encontram à disposição dos pesquisadores. Nessas narrativas é contrastante a qualidade do tratamento médico oferecido pelos hospitais norte-americanos - em relação ao descaso do serviço de saúde prestado no Brasil, principalmente pelo Hospital Central do Exército. Inclusive nas situações básicas, desde a higiene ao tratamento hospitalar como um todo.<sup>149</sup>

Diante dos fatos citados anteriormente, as diversas formas de esquecimentos e silêncios manifestadas pelos nossos testemunhos, e também vistos por outros pesquisadores, constituem hoje a preocupação de áreas de estudos mais específicos, principalmente no campo da Psicologia. São interrogações que nós fazemos ao deparamos com o cotidiano da reconstituição histórica e que, nos últimos anos, também são motivo de interesse dos que trabalham com os temas do tempo presente.

Somos cientes de que, nesta pesquisa, seria impossível abranger todas as formas de silêncios e experiências vivenciadas que nos conduziram no estudo dos monumentos na Itália. Ao tentar apontar aspectos não simbolizados nos monumentos, o fizemos com o que era de maior evidência, dos muitos assuntos tabus que envolvem a FEB.

Mas os monumentos existentes na Itália demarcaram as boas lembranças

<sup>149</sup> Os feridos brasileiros passaram por uma verdadeira odisséia no retorno à pátria. Muitos passaram pelos hospitais do Recife e Natal. O desconforto, a falta de especialistas, a péssima alimentação, uma verdadeira via-crúcis para os que passaram por essa situação. Para uma visão melhor desses acontecimentos vide: AMIDEN, Jamil. **Eles não voltaram**. Rio de Janeiro: Gráfica Riachuelo, 1960.

deixadas pelos brasileiros, pois esses irromperam nas Comemorações do Cinquentenário do pós-guerra, impulsionados em escala internacional.

Como esses homens são lembrados ainda hoje? Os brasileiros foram considerados bons combatentes e o demonstraram nas campanhas. O espírito de solidariedade, de grande caráter humano; generoso, amigo e leal para uma causa - uma luta que não era deles, do seu país -, suplantou as deficiências da FEB e seus soldados, que, nesse contexto, pretendemos dar a conhecer e defender nesta pesquisa.

### 3.2 A EMOÇÃO DA PARTIDA: VIAJANDO RUMO À ITÁLIA

Quando o comandante do 15 falou, o nosso comandante do 20 falou, deu impressão que nós ia direto para a guerra e aquelas moças da Legião Brasileira, colocando as medalhinhas em nós e chorando, foi uma emoção muito grande, ficamos coma garganta seca... Olhando ao lado, vendo meus companheiros, com lágrimas nos olhos, senti muita falta da minha família, da minha mãe. Para acalmar ela, eu não disse bem a hora que eu ia embarcar. Então senti uma falta imensa e dei graças a Deus de entrar para o trem e partir.<sup>150</sup>

Sobre a viagem à Itália, são muitos os depoimentos. Principalmente dos embarcados no primeiro escalão, no mês de julho de 1944, e daqueles que saíram em setembro de 1944, compondo os segundo e terceiro escalões.

Quase todos os memorialistas da FEB retratam as passagens da viagem ocorridas durante o transporte dos soldados do primeiro e segundo escalões para a Itália. São memórias divergentes, dependendo quase sempre da ótica particular de cada um, geralmente centrada no seu batalhão e regimento.

<sup>150</sup> VERGÉS, Aristides Saldanha. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Curitiba, nov. 2000.

Uma das narrativas mais completas e contundentes nós encontramos na obra de BRAYNER, quando esse analisa as origens da FEB, os percalços encontrados na sua formação, o embarque dos escalões para a Itália e a permanência da FEB como força aliada ao V Exército Americano<sup>151</sup>.

Podemos imaginar o que teriam sido esses dias de viagem em alto-mar. Os navios foram adaptados à tropa, mas o serviço de refrigeração do navio não funcionou, o calor era infernal, pois os soldados ficavam fechados nos “*decks*”, com capacidade para 200 homens, e alguns desses estavam situados abaixo da linha d'água. As camas em forma de beliche estavam superpostas de quatro em quatro. O banho era restrito e com água salgada, o que incomodava a muitos.

Não havia lavanderia a bordo, cada qual cuidava da sua roupa. A comida, de acordo com os relatos, era saudável, pois prevalecia a questão da qualidade à quantidade. Para alimentar mais de 5 mil homens (1.º escalão) eram servidas duas refeições ao dia: às 9 h e às 16 h. Só tinha direito a uma 3.ª refeição quem prestasse serviço a bordo.

O cardápio era muito nutritivo... *rice krispies*, bacon, leite, omelete, frutas em calda, creme, café, geléia; comida com sal, geralmente pré-cozida, carne, feijão branco, carne e batata.<sup>152</sup>

Os relatórios americanos registram os desencontros ocorridos durante a viagem do 1.º escalão. Principalmente aqueles relacionados à alimentação da tropa, quando foram servidas cerca de 13 mil refeições e os embarcados eram cerca de 5 mil homens.

Na viagem de setembro, com os 2.º e 3.º escalões, essa situação foi

<sup>151</sup> Com muito sigilo, embarcou o 1.º escalão da FEB à noite do dia 30 de junho de 1944. Segundo o autor, o evento merecia um capítulo à parte, dada a importância do que se apresentou. Nos aspectos referentes à viagem, o autor coloca, com seu espírito observador, o leitor diante de fatos não evidenciados em outras obras, principalmente aquelas referentes à tripulação americana do navio Gen. Mann. Para quem deseja saber mais sobre os embarques dos escalões brasileiros, vide: BRAYNER, Floriano Lima. **A verdade sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

<sup>152</sup> RIGONI, Carmen Lúcia. **Nas Trilhas da Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Ed. Torre de Papel, 2002, p. 47.

resolvida, pois agora estavam afinados o comando brasileiro e a tripulação do navio. O embarque desses 10 mil homens foi alvo de elogio nos relatórios seguintes.

Aparentemente, a pouca comida deu a muitos a sensação de “muita fome”, pois os “praças” estavam acostumados, nos quartéis, a refeições plenas de arroz, feijão e carne seca, embora nem sempre de boa qualidade. Mas, aos poucos, todos foram se habituando àquela refeição diferente do paladar brasileiro.

Muitos sofreram de enjôo e não conseguiam comer nada. Dessa maneira, desembarcaram abatidos. A partir do terceiro dia, da saída do navio, as cantinas norte-americanas foram abertas e todos tinham liberdade de comprar alguma coisa, principalmente chocolate, que todos apreciavam.

Essa viagem foi longa, com diversas situações de perigo aflorando a cada momento, sem saber exatamente o que ocorria, pois as notícias não eram repassadas.

A própria condição de viajar em comboio criava a sensação de insegurança que, para muitos, “pairava no ar”: poderia o navio a qualquer instante ser atacado... Os exercícios de tiros americanos não poderiam ser confundidos com um ataque de verdade? Muitos não dormiam tranquilos, pois o próprio soar da sirene era algo amedrontador, e os soldados viajavam agarrados às suas coisas pessoais, mesmo à noite. Podemos imaginar o que passava na cabeça desses.

Sobre a questão de segurança, GABRIELE faz referência à entrada do primeiro comboio brasileiro no mar Mediterrâneo no dia 14 de julho de 1944, quando a BBC de Londres anuncia, para a surpresa de todos os embarcados, a chegada da tropa brasileira. O sigilo havia sido quebrado muito antes de a tropa desembarcar em terra firme. Onde estava a segurança?<sup>153</sup>

<sup>153</sup> MACNEALY, Dean B.A.G. D. *Rapporto Storico del Reparto Brasiliano di Collegamentto*. In: GABRIELE, Mariano. *La Forza di Spedizione Brasiliana*. Itália: Ufficio Storico SME, 1986, p. 418.

### 3.3 CHEGAM À ITÁLIA OS SOLDADOS DO 1º ESCALÃO

O desembarque em Nápoles colocou a tropa diante do quadro real da guerra: uma cidade semidestruída, o céu coberto de balões para evitar ataques aéreos. A tropa deveria seguir, a pé, até a estação ferroviária de *Bagnoli*, e o destino seria um acampamento em *Agnano*, onde ficaria estacionada. Outro grave problema causado pelos norte-americanos foi a ausência de barracas, que deveriam estar armadas esperando os componentes do 1º escalão (barracas para 5 mil homens).

A falta de organização era muito grande, pois ali perto, em uma localidade chamada *Caserta* (Nápoles), havia um enorme depósito norte-americano com tudo. Quando a questão foi levantada já eram 2 horas da tarde, e a burocracia americana, conhecida de todos, deixou os soldados ao relento por dois dias. O local não era dos melhores, pois os homens estavam estacionados na cratera do *Astronia*, e o pó fino e escuro do vulcão incomodava a todos.

Por sorte, não choveu. Apesar de ser verão na Itália, a temperatura sempre cai à noite (ainda hoje). Conforme alguns relatos, foram dez horas de bastante frio; os homens procuraram proteger-se com seus capotes e cobertores. “Para alcançar a zona de estacionamento, a tropa percorreu 25 quilômetros - parte de trem, parte a pé. Os oito quilômetros do cais à estação ferroviária foram percorridos em meio à curiosidade popular, que nada tinha de simpática. Como a tropa estava desarmada e desequipada e com a fisionomia macambúzia e assustada, muitos populares indagavam: “São prisioneiros?”<sup>154</sup>

Os acordos feitos pela Comissão Mista Brasil e Estados Unidos vinham, há tempo, organizando o treinamento de oficiais brasileiros nos Estados Unidos. O ten. Wilson Teixeira, um dos oficiais que participou dos treinamentos da Escola norte-americana em *Santa Agata dei Gotti, Caserta* (Itália), retrata em seu livro alguns comentários que destacamos:

<sup>154</sup> BRAYNER, op. cit., p. 119.

O quartel-general do general Alexander, das Forças Armadas Aliadas, no teatro de guerra do mar Mediterrâneo ficava localizado ali. Os norte-americanos, na chegada dos brasileiros, em razão do pouco treinamento ocorrido, sentiram a necessidade de preparar melhor os tenentes e capitães para a eficiência combativa.

Na organização do 1º escalão, recém-chegado à Itália, percebeu-se os claros existentes, isto é, a falta de pessoal para compor o quadro geral do regimento. Não havia comando com experiência e determinadas especialidades exigidas na composição de um grupamento que vai para a guerra. Foi necessário um treinamento urgente. Não fora suficiente o efetuado anteriormente nos Estados Unidos - por onde passaram mais de mil oficiais -; poucos dos quais ingressaram na FEB. Faltavam as táticas do teatro do Mediterrâneo, isto é, as novas técnicas ditadas pela experiência na frente de combate.

Situação parecida enfrentava o exército norte-americano. Era preciso aproveitar a experiência em campo de batalha, a ação dos velhos infantos no Norte da África e repassar os ensinamentos. Isto era um dos objetivos da Escola *Leadership and Battle Training School*, norte-americana.

“O treinamento nessa escola seguia as diretrizes do que era praticado nas escolas norte-americanas, com exercícios práticos, muito próximos da realidade. Segundo testemunhas, as balas das armas automáticas passavam centímetros acima dos capacetes e as granadas de artilharia de morteiro chegavam ao limite de segurança desses homens.”<sup>155</sup>

Lima BRAYNER, chefe do Estado-Maior da FEB, ao tecer comentários sobre esse tipo de treinamento, diz que o mesmo deveria ter sido extensivo a todos, não apenas a um grupamento pequeno de oficiais. A questão preocupava, e o jornal *O Cruzeiro do Sul* retrata esse pensamento:

<sup>155</sup> MENDES, Wilson Teixeira. *A Escola Americana de Treinamento e Comando de Pelotão de Santa Agata dei Gotti*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1949.

Reconhecemos as faltas, a imprevidência, e os erros, que podem ser apontados com justiça. Somos os primeiros a enumerá-los. A extraordinária mobilização material e humana levada a efeito, em curto espaço de tempo, por nossos aliados e amigos constituiu uma lição que os bons brasileiros anotaram como máximo de cuidado. Com imperfeito treinamento, os nossos soldados vieram à Europa. Porém dispostos a vencer qualquer dificuldade[...] <sup>156</sup>

Foram muitos os periódicos de campanha que circularam entre os regimentos. Hoje, eles são considerados uma fonte importante para os estudos sobre a FEB. No levantamento efetuado pelo maj. Ruas Santos combatente da FEB, esses são relacionados como os “oficiais”, que eram impressos com o apoio do comando, e os “livres”, organizados pelos regimentos. Tinham um caráter informativo e de divertimento e que hoje se tornaram fontes preponderantes na investigação das circunstâncias em que viviam os soldados brasileiros na guerra.

Segundo o cel. Rua Santos – ex-combatente e profundo conhecedor da historiografia ligada à FEB -, foram esses periódicos os responsáveis pelo “filtro” dos fatos que ocorriam no Brasil, dotados de um pensamento livre, sem a preocupação com a censura do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda, surgido no Estado Novo), como ocorria no Brasil. Esses impressos circulavam facilmente nos batalhões e, com a sua diversidade e simplicidade de comunicação, agradavam a todos.

Destacamos abaixo os mais conhecidos, dos quais poucos exemplares foram preservados e estão à disposição dos pesquisadores: <sup>157</sup>

**Zé Carioca** - jornal editado pelo Serviço Especial da FEB.

**E a Cobra fumou** - jornal humorístico do 6.º R.I.

**Marreta** - jornal do Esquadrão de Reconhecimento.

**Sampaio** - jornal do 1.º R.I.

<sup>156</sup> O CRUZEIRO DO SUL. Publicação do Serviço Especial. Itália. 8 de abril de 1945.

<sup>157</sup> O pesquisador da FEB pode encontrar raríssimos exemplares na Associação Nacional de Veteranos da FEB, no Rio de Janeiro, e no Paraná, nos arquivos do Museu do Expedicionário em Curitiba.



**Vem Rolando** - folha editada diariamente pela Companhia de Serviços do 11.º R.I.

**Jornal do I Batalhão** - do 1.º R.I.

**Tá na mão** - jornal da Companhia de Petrechos Pesados do Batalhão, do 11.º R.I.

**Tocha** - do Serviço Especial a bordo do navio Meigs.

Dos jornais oficiais<sup>158</sup> destacamos:

**O Stars and Strips** - do exército norte-americano, editado na Itália 1944-1945.

**O Cruzeiro do Sul** - jornal oficial da FEB, editado em Florença pelo Serviço Especial da FEB.

Cabe uma ressalva quanto à questão da censura em relação a esses periódicos. Era natural que os jornais editados oficialmente sofressem uma censura prévia do comando - principalmente O Cruzeiro do Sul e o Zé Carioca, destacados na lista acima. Quanto às outras publicações, acredita-se que a censura praticada tenha sido um pouco mais amena. Mas no cômputo geral havia sempre o olhar dos superiores, pois muitos desses redatores colaboradores eram oficiais.

<sup>158</sup> Segundo Ruas Santos, não existe uma classificação rígida desses periódicos, muitos deles jornalzinhos, pois muitas vezes ao longo do tempo passavam a ser apoiados pelo comando. Sobre periódicos, jornais e tablóides que circularam durante a campanha vide relação de SANTOS, Francisco Ruas. **Fontes para a História da FEB**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.

### 3.4 FATOS DE UMA OFENSIVA: OS COMBATES NO RIO *SERCHIO*, MONTE CASTELO E MONTESE

*"Brasiliani buoni e bravi."*<sup>159</sup>

#### 3.4.1 Combates no Vale do Rio *Serchio*

O Brasil se fez presente em um conflito internacional e - embora o número dos participantes não tenha sido expressivo (25 mil homens) em relação a outras unidades militares estrangeiras -, os soldados brasileiros, como aliados, lutaram ao lado de combatentes experientes, os norte-americanos, em várias frentes de luta nas quais já estavam engajados.

São muitas as maneiras pelas quais os soldados podem ser lembrados em uma guerra. Os livros retratam as campanhas das diferentes unidades militares, sob a ótica dos seus autores - seja de forma histórica ou literária. Os relatórios da frente de combate, por sua vez, nos reportam a registros técnicos e sucintos, nos quais o grupo e/ou o soldado são lembrados por atos de bravura.

Esse estudo de caráter histórico tenta focalizar as lembranças brasileiras e italianas, determinando as circunstâncias em que elas ocorreram e como foram registradas. Sempre numa visão da amplitude humana, embora tenhamos consciência de que a documentação apresentada não seja suficiente para os historiadores contemporâneos brasileiros e italianos.

Com base em pesquisa da autora em entrevistas e questionários realizados<sup>160</sup>, procuramos mapear essas lembranças, que serão sedimentadas por outras fontes, quando as primeiras não forem consideradas suficientes. Será a visão

<sup>159</sup> Expressão popular italiana para indicar que os brasileiros eram bons e bravos, corajosos e valentes.

<sup>160</sup> Ao longo da pesquisa foram realizadas cerca de 20 entrevistas com veteranos da FEB e 10 entrevistas com cidadãos italianos. Os questionários enviados à Itália foram direcionados a 10 entrevistados italianos, residentes nas cidades de *Gaggio Montano*, *Montese*, *Porreta Terme*, e *Vergato*. (Itália)

do próprio soldado brasileiro, dos comandantes, dos ex-combatentes italianos e da população italiana com seus registros de memória.

Nas páginas seguintes, faremos um contraponto entre as fontes por nós selecionadas, cujas referências estão intimamente ligadas aos combates ocorridos do Vale do Rio *Serchio*, Monte Castello e *Montese*.

Procuramos ordenar cronologicamente essas campanhas, sem a preocupação de um detalhamento mais profundo. Priorizamos algumas passagens que achamos oportunas, na expectativa de encontrar as lembranças retidas por brasileiros e italianos quando transportam a nós as imagens dos acontecimentos, da ação beligerante dos soldados da FEB. Então nos apropriamos dessas considerações, que dão, ao nosso ver, um sentido da imagem brasileira projetada nos monumentos, e não seriam apenas os atos de bravura e de coragem, mas vão além, vistos aqui pelas recordações como verdadeiros atos de abnegação.

#### 3.4.1.1 O que era o Vale do *Serchio*

O vale onde está localizado o rio *Serchio* fica ao norte de Pisa. Os alemães estavam ali e defendiam a localidade com muita obstinação. Tinham esperanças de que a guerra continuasse por mais tempo, que novas superarmas pudessem fazer o processo ser revertido a seu favor (Anexo 3).

Nesse local ficava *Castelnuovo di Garfagnana*, considerado ponto-chave, um entroncamento de estradas importantes na região. Vários pontos estavam assinalados nas cartas topográficas e constituíam objetivos da FEB. Esses pontos seriam *Calomini*, *C. Casela*, *Monte San Quirico*, *Colle*, *Cota 906* e *Lama di Soto*.

O comando brasileiro sabia da presença da 232ª D.I., alemã, e junto dela havia notícias de que a divisão italiana *Monterosa* estaria apoiando a defesa da localidade. A frente do ataque era constituída de 4,5 quilômetros de largura, e a tarefa de enfrentamento estava entregue a um batalhão de 871 homens. Os fatos demonstraram a fragilidade da logística, que resultou no primeiro revés brasileiro na

guerra<sup>161</sup>.

Para compreendermos o revés de *Sommacolonia*<sup>162</sup> e a importância desse nas memórias brasileiras e italianas, damos vozes aos protagonistas.

Do comando brasileiro elegemos as apreciações do general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, e do seu chefe do Estado-Maior, coronel Lima Brayner. Procuramos nas palavras do capitão José Gonçalves compreender a posição de quem esteve combatendo na linha de frente na Região por nós enfocada, ou seja, *Garfagnana*.

Dando continuidade à linha de pesquisa, e organizando melhor as fontes, chegamos ao combatente italiano Cesare Fiaschi, da divisão *Monterosa*, que participou ao lado dos alemães do mesmo combate.

Por conseguinte, são muitos os personagens que participaram da mesma campanha, que culminou com os acontecimentos do dia 30 de outubro de 1944. São as memórias intrincadas de um mesmo lugar, o espaço geográfico é o vale do rio *Serchio*, na linguagem bélica esse era o teatro de operações. O combate passa para os anais da FEB como o revés de *Sommacolonia*.

A região onde a FEB entrou em combate estava localizada na famosa Linha Gótica, isto é, próxima ao rio *Serchio* e às cidades de *Lucca* e *Pistóia*. Mark CLARK<sup>163</sup>, comandante do V Exército Americano, em seu livro “Risco Calculado”, nos dá uma idéia sobre o *front* já mencionado por Mariano GABRIELE, Cesare FIASCHI, Enzo TROTTA<sup>164</sup> e outros escritores, em relação a essa zona estratégica.

Os relatórios norte-americanos demonstram, de uma forma técnica, os fatos ocorridos com o grupamento brasileiro ainda no mês de setembro de 1944.

<sup>161</sup> Segundo os especialistas, para uma frente de batalha naquelas características, o comando deveria ter usado pelo menos quatro batalhões.

<sup>162</sup> *Sommacolonia* é um pequeno lugarejo onde se reuniram a 1.ª e a 2.ª Cias. do 1.º batalhão antes do ataque decisivo a Catelnuovo di Garfagnana.

<sup>163</sup> CLARK, Mark W. *Risco calculado*. Tradutor: Newton C. Andrade Mello. Rio de Janeiro: Bibliex, 1970.

<sup>164</sup> TROTTA, Ezio. *Cronache di guerra fra Reno e Samoggia (1943-1945)*. Modena (ITA): Fiorino, 2000.

Tais documentos, já traduzidos para o italiano, possibilitaram uma visão mais abrangente no que diz respeito à mobilização desses soldados.

*“17 settembre [...] Nel loro primo giorno di combattimento le trupe brasiliani, avanzarono e occuparono la città di Massarosa alle 17,30 [...] 18 settembre, elementi della 2.<sup>a</sup> compagnia rinforzati da un plotone carri e da un plotone anti carro iniziarono un movimento verso Camaiore. La città venne raggiunta e occupata alle ore 18,30[...]*”<sup>165</sup>.

Além das já citadas, outras cidades foram liberadas pelo 6.º R.I. Em Monte Prano e Pescaglia, a população os recebeu como verdadeiros libertadores. É possível verificar a alegria estampada nos rostos daqueles que foram fotografados, ao acompanhar a tropa pelas ruas da cidade.

O Regimento avançava sobre o rio *Serchio*, abrindo dessa maneira uma brecha na Linha Gótica, tão tenazmente defendida pelos alemães. Esses batem em retirada, rumo ao norte. Do lado brasileiro, as baixas foram em torno de 24, sendo cinco mortos (Anexo 4).

O terreno montanhoso e as defesas organizadas pelos alemães constituíram-se em problemas para o V Exército Americano e a FEB. Segundo os observadores, a Linha Gótica, sobre a qual já fizemos referência, tinha a mesma densidade de Cassino.<sup>166</sup>

No mês de outubro de 1944, os aliados enfrentam sérias dificuldades com as tropas que se encontravam naquelas localidades, pois os meios estavam restritos. Libertar Bolonha antes do Natal era a expectativa geral. A cidade estava próxima, mas o outono chuvoso e o frio anunciavam um inverno rigoroso,

<sup>165</sup> MATHEWSON, tenente-coronel. Nathan S. Public Record Office, Londra, War Office, 204, 5848. Tradução: “17 de setembro. No primeiro dia de combate, a tropa brasileira avançou e ocupou a cidade de Massarosa. Às 17,30 do dia 18 de setembro, elementos da segunda companhia e um pelotão anticarros iniciaram uma movimentação próximo a Camaiore, a cidade foi ocupada às 18:30”.

<sup>166</sup> Das batalhas ocorridas em território italiano, a de Cassino foi a mais exaustiva e cruciante. As fortificações alemãs (construídas nas montanhas) tornavam aquele lugar inexpugnável. O 5º Exército Americano passou ali o inverno de 1943, deixando naquele solo milhares de vidas. Para saber mais sobre esse assunto, consulte: CLARK, op. cit., p. 323.

atrapalhando assim o planejamento aliado.

A oposição alemã tornava-se cada vez mais ferrenha, a cada quilômetro vencido pelo 6º R.I., que sob violento bombardeio tentava se proteger das ações das patrulhas. No dia 11 de outubro de 1944, toma a cidade de *Fornaci di Barga*, tendo ao lado um grupamento de *partigianos* da brigada “Pippo”, comandada por Manrico Ducceshi. Nesse local, encontrava-se uma importante fábrica de material militar.

Nos relatos da FEB, são raras as informações sobre bombardeios no *front*, principalmente as dadas pelos soldados e que evidenciavam momentos de grande tensão. Vejamos o que diz Aristides Vergés, que participou com sua companhia na tomada da cidade de Fornaci di Barga.

[...] Os alemães tinham uma boa visão de onde nos encontrávamos e ficavam nos bombardeando, havia momentos que era um tiro atrás do outro, estávamos mais ou menos em 100 homens, naquele local, dentro de um prédio comigo cerca de 30 homens, era um pelotão, devia ser uma hora da tarde e durou quase até a noite. O barulho das bombas caindo, tudo ali perto, sendo a primeira vez que isto acontecia com o nosso grupo, ficamos muito apavorados, deitados no chão e orando, cada um do seu jeito, para que nada nos acontecesse, o perigo maior é quando ela passa chiando (a bomba), a gente escuta quando o tiro é dado, às vezes passa meio longe, estavam comigo soldados e um sargento. Nós tínhamos a instrução para permanecer deitados...”<sup>167</sup>

As opiniões divergem no que diz respeito à campanha do *Serchio*. Os relatórios oficiais produzidos pelo comandante da FEB, mal. Mascarenhas de MORAES, e o chefe do Estado-Maior da FEB, Lima BRAYNER, procuram mostrar sob a ótica do comando as principais causas que teriam levado a FEB, através do 6.º R.I., ao seu primeiro revés, depois de um magnífico período de ações dos seus soldados.

Na observação de BRAYNER, no dia 30 de outubro seria a jornada final no

<sup>167</sup> VERGÉS, Aristides Saldanha. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Curitiba, 25 out., 2000.

Vale do *Serchio*, quando a tropa teria sua última missão naquela região, e deveria atingir os povoados de *San Quirico* e *Lama de Sotto*. O ambiente era de otimismo, mas ninguém no comando se apercebia de que os combatentes estavam no limite e o cansaço era extremo. Otimismo exacerbado e subestimação do inimigo são fatos também apontados, por esses observadores, como as principais causas do revés.

Vejamos o depoimento do capitão da reserva José GONÇALVES<sup>168</sup>, comandante do pelotão de fuzileiros e comandante do pelotão de obuses, observador avançado, que era integrante do 6º R.I.: A quem caberia a culpa pelo primeiro revés sofrido por nossas tropas? Poder-se-ão considerar revés os acontecimentos desenrolados na região de *Garfagnana*?

Como combatente participante dos fatos ocorridos naquela localidade, GONÇALVES não aceita a avaliação e culpas que foram imputadas à sua companhia e ao 1º batalhão do 6º R.I. Ele diz que essas foram deprimentes e ofensivas, não poupando mesmo aqueles que tudo fizeram e foram sacrificados.

Segundo as narrativas de diversos veteranos, a frente de combate era muito extensa e o terreno criava todo o tipo de dificuldades, em razão de a topografia ser acidentada, e era de difícil acesso. O transporte de víveres e munição para a tropa, debaixo de chuva, comprometia as reservas, entre outras questões afeitas ao comando.

Fica patente na narrativa desses testemunhos o choque conflituoso das memórias expressas na historiografia da FEB pelo comando brasileiro. Por outro lado, percebemos a narrativa dos soldados tentando sobrepor-se à primeira, dentro da ótica dos que estavam em frente de combate, que realmente sentiram de perto as dificuldades que a guerra apresenta.

Por seu lado, a imprensa fascista tinha o objetivo de desestabilizar as forças aliadas, e muitos jornais da época (1944-1945) encontravam-se em mãos dos

<sup>168</sup> GONÇALVES, José. Nosso Revés em Somacolonia. In: **Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Cobraci, 1949, p. 185.

fascistas, que, a serviço da imprensa alemã, divulgavam notícias infundadas. Um deles, *Il Resto del Carlino* (editado em Bolonha), nos dá uma idéia de como as notícias de guerra eram publicadas.

Sobre os brasileiros, encontramos poucas informações e sempre difamatórias. No jornal do dia 16 de outubro de 1944, os brasileiros são chamados de “mercenários”, assim como os ingleses.

*I mercenari brasiliani deludono i loro padroni.*

*Uni corrispondente neutrale informa che um aiutante di campo del generale Clark há dichiarato che al Quartili generale anglo-americano in Itália si criticano aspramente le forze armate brasiliane, l'addestramento delle quali si è dimostrato non troppo completo, anche per quanto riguarda la disciplina.*

*Nel combattimento presso Castelnuovo di Garfagnana di cui há dato notizia il bolletino germânico di ieri, tra i numerosi prigionieri brasiliani fatti dagli alpini, ne sono stati trovati alcuni che portavano persino um ombrello a tracolla e altri talmente infagotati e coperti di undumenti che fu assai facile catturali. Tutti si lamentavano e hanno chiesto di venire internati in campo di concentramento situati in zone temperade.<sup>169</sup>*

Não tivemos acesso a um estudo mais profundo realizado sobre a imprensa fascista na fase em que o Brasil combatia na Itália. A vitória do fascismo em 1922 gerou uma base ideológica e política que perdurou até a queda de Mussolini, em 25 de julho de 1943. Mas a imprensa ainda estava nas mãos dos fascistas e havia um público voltado para o que ela viesse a publicar.

A elite fascista, que sempre desfrutou de bem-estar, prosperidade,

<sup>169</sup> IL RESTO DEL CARLINO. Bolonha, 3 de nov., 1944 – “Os mercenários brasileiros iludem seus próprios chefes. (Diz respeito aos combates do mês de outubro de 1944 no rio *Serchio*). Um correspondente neutro informa que um ajudante de campo do gen. Clark declarou que no quartel-general anglo-americano se criticam asperamente as Forças Armadas brasileiras. O adestramento não foi muito completo e se observa a disciplina. Nos combates que ocorreram em *Castelnuovo di Garfagnana*, do qual me deu notícias o boletim germânico de ontem, entre os numerosos brasileiros feitos prisioneiros pelos alpinos, alguns foram encontrados usando um guarda-chuva a tiracolo, e outros vestidos com roupas tão pesadas e cobertores que foi fácil capturá-los. Todos se lamentavam do clima e pediram para ser colocados num campo de concentração em zona temperada.”



prestígio e benefícios do Estado, procurava manter-se no poder ainda sobre as demais facções, seus adversários constituíam-se principalmente de comunistas.

O regime fascista, ao estender o seu campo ideológico por todo o país, criou um aparato de mobilização, uma rede de organismos específicos, que tinham o papel de gerenciar a estrutura da propaganda. Assim, a imprensa era um dos meios pelos quais as situações factuais eram delineadas, com o objetivo de atingir a grande massa e desse modo gerar comportamentos psicológicos favoráveis ao regime.

Os fascistas, com a chegada dos aliados, tentam reviver os antigos rituais políticos coletivos, incitando nos jornais a população contra os que estavam lutando contra a Alemanha. As informações são invertidas numa forma de desestabilizar o comando aliado na Itália. Desse modo, brasileiros, americanos e ingleses passam a ser desacreditados diante da opinião pública.

Na análise dos historiadores italianos, podemos perceber, a respeito dos primeiros embates da Força Expedicionária Brasileira no vale do rio *Serchio*, que esses assuntos ainda são desconhecidos no Brasil. Aqui, já destacamos a opinião dos autores GABRIELE<sup>170</sup>, BERNADOTI e CASALI<sup>171</sup> quanto ao primeiro período, quando das atividades desse grupamento, que, de início, não era combativo e foi acompanhado de perto pelos componentes do B.L.D. (*Brazilian Liaison Detachment* - Seção Brasileira de Coligação), formado por uma dezena de oficiais americanos, entre os quais o cel. Nathan S. Mathewson.

Uma das questões colocadas pelos autores citados era: os brasileiros não foram treinados? Os relatórios dizem que sim, embora esse treinamento tenha passado por vários percalços, a começar pela própria comunicação, entre orientador e orientando, já que a língua era inglesa e poucos a entendiam. Quanto à questão de fornecimento de materiais bélicos, a própria situação das demais divisões explica

<sup>170</sup> GABRIELE, op. cit., pp. 403-473.

<sup>171</sup> BERNADOTI e CASALI, op. cit., pp. 533-551.

que o material chegou atrasado para todos, inclusive para as americanas.

O Brasil não tinha na sua tradição uma história de guerra fora do país, os soldados sofreram as consequências de acordos praticados, dentro de um emaranhado diplomático e político, que envolviam o Estado Novo Brasileiro e os Estados Unidos.

Na avaliação feita dos soldados brasileiros pelos historiadores italianos podemos dizer que esses foram considerados bons soldados, com extrema boa vontade. O 6º R.I. mostrou estar à altura dos propósitos que lhes foram designados, demonstrando junto dos seus oficiais um grande desejo de combater. Vejamos as palavras do general Mark CLARK, ao visitar o Q.G. Brasileiro:

[...] A missão não era agradável, mas nós a cumprimos. Se assim não fizéssemos, a história seria outra. Vencendo as vicissitudes de um clima rigoroso, um terreno duro, enfrentamos com vantagem o agressivo inimigo durante o longo inverno. Estou aqui para agradecer o auxílio que esta boa tropa tem prestado, cumprindo sempre a tarefa que lhe é dada, e declarar que confio no seu concurso até obtermos a vitória final.<sup>172</sup>

Reportando-se ao mesmo período, vamos encontrar o ex-combatente Cesare FIASCHI,<sup>173</sup> da Divisão Italiana Monterosa (fascista), que em recente obra publicada tenta recuperar a imagem da divisão italiana e suas brigadas, narrando episódios de um momento difícil, quando praticamente já havia grandes dilacerações nessa unidade.

Ao tratar de episódios ocorridos no vale do rio Serchio. FIASCHI basicamente nos mostra os oponentes da tropa brasileira, principalmente aqueles pertencentes à Divisão Monterosa, ou seja, os grupamentos formados pelas brigadas *Bergamo*, *Aosta* e *Bréscia*.

<sup>172</sup> O CRUZEIRO DO SUL. Itália, Publicação do Serviço Especial. 8 de abril de 1945.

<sup>173</sup> FIASCHI, Cesare. *La Guerra Sulla Linea Gotica occidentale Div. Monterosa 1944-45*. Bolonha, Itália: Lo Scarabeo, 1999.

Além dessas divisões, havia o II/6.º batalhão de Infantaria da marinha *San Marco* - composto de diversas companhias e a 1.044 R.I., da 232.ª D.I. alemã. O batalhão também foi citado por Lima BRAYNER, mas com poucas referências na narrativa de FIASCHI, que segue demonstrando os percalços dessa unidade até a frente de batalha. Nas palavras deste autor, os episódios foram muito traumáticos, pois os soldados da *Monterosa* chegaram caminhando parte a pé, parte em carro de combate, perfazendo um caminho de 150 quilômetros - sob chuva, lama e sem tempo hábil para organizar-se com as unidades alemãs, que já se encontravam no local.

Em alguns momentos tenta diminuir o espírito combativo dos brasileiros. Mas, por outro lado, não consegue esconder que a barreira brasileira foi eficaz causando grandes baixas do lado italiano.

Os alemães e italianos permanecem estáticos com o avanço da FEB. Às 11h45min, a FEB ataca e conquista dois povoados - *Lama di Soto* e depois *Lama di Sopra* -, prosseguindo para seus dois objetivos principais, o povoado de *Garfagnana* e *San Quirico*, defendidos pela brigada *Aosta*. À noite, a FEB está em posse dessas regiões.

Na madrugada do dia 31 de outubro, inicia-se um contra-ataque ítalo-alemão. Diante das intempéries climáticas daquela jornada e da falta de munição e mais a desorganização do comando, a FEB se retira, deixando sobre o terreno mortos, feridos e muitos prisioneiros.

As brigadas italianas sofreram também pesadas baixas. Os mortos e prisioneiros do efetivo de 200 homens da Companhia *Aosta* somaram-se mais de 80 homens.

Podemos, então, concluir o quanto essa memória é conflitante e multifacetada.

Do lado brasileiro, temos as narrativas do comando e dos soldados que participaram diretamente dos combates em *Garfagnana* - cada qual tentando dar a

sua visão histórica dos acontecimentos. Do lado do inimigo, somam-se as narrativas - ora alemãs, ora italianas (fascistas) -, na tentativa de mostrar fatos específicos ocorridos com seus grupamentos.

Hoje, essas narrativas chamam a atenção, dada a especificidade de cada caso, o que torna o tema sobre os combates no Vale do Rio *Serchio* um momento singular, que a historiografia tentará futuramente recompor novamente.

### 3.4.2 Tomada de Monte Castelo

Três ataques foram efetuados contra o Monte Castelo - nos dias 24, 25 e 29 de novembro (Anexo 5). Nos dois primeiros, a FEB esteve sob o comando da *Task Force* 45. O terceiro ataque (29 nov. 44), referido por Lima BRAYNER, foi planejado da mesma forma que os anteriores, ou seja, um ataque frontal ao morro, que era todo guarnecido pela tropa alemã. Repetiram-se, dessa forma, os erros anteriores, com perda de vidas e muitas baixas.

O depoimento de José Alves da SILVA, um combatente voluntário da FEB pertencente à 7.<sup>a</sup> Cia. do 11.<sup>o</sup> R.I., mostra as dificuldades dele e de seus companheiros, quando partiram para o terceiro ataque a Monte Castello, no dia 29 de novembro de 1944.

Ansiosos para entrar em combate, no dia 20 de novembro de 1944, o III/11<sup>o</sup> R.I. (Regimento Tiradentes) [sic] deslocou-se para a região de *Filetolli-Vechiano*, para realizar grandes exercícios, onde se aquilataria se estávamos em condições de entrar em combate. Era pura hipótese, porque, habilitados ou não, a nossa sorte já estava lançada: iríamos de qualquer maneira para o matadouro... a dureza do treinamento, o terreno ingrato e aquele dilúvio transformaram nosso corpos em bagaço. [...]. O treinamento terminou na madrugada do 27, próximo do amanhecer, e com os corpos ensopados nos dirigimos ao acampamento, ansiosos para trocar de roupas e dormir algumas horas. No dia 28, às 19:00 horas, impreterivelmente, subíamos o morro em direção ao front, que distava 6 km, distância pequena para os infantess... Apanhei dois talabartes de munição, com 150 tiros cada, que cruzei sobre o peito, intercalei nas bandeirolas do talabarte meia dúzia de granadas de mão e, no bernal apropriado meti duas granadas mini-foguetes. No corpo sobre a farda, um capotão inglês, pesado, e quando molhado só ele devia pesar mais e 100 kg... Isto significa que cada homem virou um burro de carga. As 19:00 horas

em ponto, deixamos o casarão transportando a ponte de fumaça e começamos a subir o morro, enlameados semelhantes a muare carregando pesados cargueiros. Quando faltavam apenas 15 minutos para as 8 horas daquele triste e inesquecível 29 de novembro de 1944, estávamos conjecturando sobre os dias de repouso que teríamos antes de entrar na luta, quando apareceu o tenente comandante do pelotão reunindo seus sargentos e dizendo: "sincronizem seus relógios, porque às 8 horas em ponto atacaremos aquele morro à nossa frente". Como a área estivesse muito calma, supomos que se tratasse de mais um dos fatigantes exercícios... Logo em seguida ouvimos rajadas de metralhadoras e alguns tiros de morteiros, de inquietação, e só então caímos na realidade [...].<sup>174</sup>

Os ataques a Monte Castello são referências que sempre estão presentes na mente dos *gaggenses*, pois essa elevação encontra-se praticamente ao lado da cidade. Muitos habitantes, que não abandonaram suas casas, são testemunhas dos acontecimentos. No relato de um deles, residente em *Guanella* (pequeno burgo), temos o seguinte:

As primeiras tentativas para a tomada de Monte Castello foram feitas com muitas perdas da parte brasileira: Nossos campos aqui perto ficaram recobertos de cadáveres: foram ataques mal preparados. Somente em 1945, Monte Castello é tomado pelos brasileiros [...]. Recordo dos brasileiros. Ali da casa Franchi, dava para ouvir o bombardeamento de grande intensidade sobre o morro. Aquilo era crescente, crescente... ensurdecador. Não se tinha idéia de onde vinham, talvez de cinco canhões.<sup>175</sup>

Organizar os testemunhos e documentos da guerra ocorrida no país tem sido uma preocupação dos pesquisadores da Resistência italiana. Os jornais da época, principalmente aqueles editados pelas brigadas *partigianas*, formam hoje uma grande coletânea editada recentemente.<sup>176</sup> Entre esses jornais destacamos o *Patrioti*, que pertencia à divisão *Giustizia e Libertà*.

<sup>174</sup> SILVA, José Alves. *A saga de um catarina na FEB*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2001.

<sup>175</sup> BERTI, Francesco Arnaldo de. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Guanella, Itália. Jun. 2001.

<sup>176</sup> LA RESISTENZA A BOLOGNA, TESTIMONIANZE E DOCUMENTI, *La Stampa Periodica Clandestina*, v. II, Bologna, 1996.

O *Patrioti* veio em benefício desta pesquisa, porque sua edição era feita na clandestinidade e distribuída à população, e que assim se mantinha informada das ações da guerrilha. Desse jornal e da brigada já mencionada, extraímos informações sobre as cidades italianas onde a tropa brasileira atuou, no período de outubro de 1944 a fevereiro de 1945. São notícias vinculadas pelos boletins *partigianos* e que nos reportam agora às ações militares - quer seja da parte dos aliados ou da brigada.

Como já fizemos referência no capítulo anterior, a divisão *Giustizia e Libertà* nasceu na cidade de *Gaggio Montano*. Não temos informações da ação conjunta dessa brigada com os brasileiros, mas os fatos destacados pelo jornal dizem respeito às situações análogas vivenciadas pela brigada e pelos brasileiros ali estacionados.

Dos fatos ocorridos e que permanecem nas lembranças de seus habitantes destacamos o ataque efetuado nas proximidades da Igreja de *Ronchidoso*, a *strage* (matança) contra a população de *Gaggio Montano* (*Cason dall'Alta*), onde foram mortas mais de 80 pessoas no mês de setembro de 1944.

Na época assim se pronunciava o jornal, ao chamar a atenção para a causa *partigiana*, registrando desse modo a sua autocelebração:

O que foi feito não será esquecido. Nem os dias, nem os homens podem apagar aquilo que foi escrito com sangue. (O *partigiano*) deixou a sua casa, sua mãe, para ir às montanhas. Te chamaram de "bandido", "rebelde". A morte e o perigo acompanhavam os teus passos. Sapatos rotos, frio, fome e um inimigo que não perdoa. Você é um simples filho deste povo sofrido e que sofre, lavrador ou estudante, montanhês ou operário. Ninguém te ensinou sobre este caminho, tu seguiu sozinho, porque seu coração dizia assim: 'Muitos dos seus companheiros permanecem sobre os montes, não retornarão. Nenhuma cruz assinala a terra onde repousam.'<sup>177</sup>

<sup>177</sup> PATRIOTI, 1.<sup>a</sup> Brigata *Giustizia e Libertà*, n. 1, Bolonha, Itália, dez. 1944.

No dia 20 de outubro de 1944 a brigada consegue libertar a cidade de *Gaggio Montano* das mãos alemãs; e o jornal assim se pronuncia:

Prévios acordos com o comando americano. Na noite de 20 ocorreu uma ação que possibilitou a conquista de *Gaggio Montano*. Às 17:00 horas a artilharia (americana) iniciava um violento martelamento [...] das posições inimigas. Às 17:30 horas, as nossas patrulhas avançavam ao lado da cidade, caçando os alemães nos seus postos, onde estavam entrincheirados, mas nosso homens penetraram pelo meio. Às 20:00 h, depois de rastreamos casa por casa, podíamos dizer que a cidade estava em nossas mãos.<sup>178</sup>

Residentes ainda hoje na região de *Gaggio Montano*, os velhos *partigianos* são testemunhos das ocorrências que marcaram a fase da entrada de americanos e brasileiros na zona de atuação da brigada *Giustizia e Libertà*, incluindo as cidades vizinhas de *Gaggio Montano*, como *Silla* e *Porreta Terme*.

Obtivemos, desses combatentes *partigianos*, alguns relatos como o de Francesco BERTI, quando este narra sobre a criação da brigada.

[...] na noite do dia 24 de junho de 1944, na igreja de *Ronchidoso*, da qual eu mesmo abri as portas, porque as chaves eu as recebi de Gigino Amaduzzi. [...] Com naturalidade, fomos até a igreja, ali formamos o primeiro grupo, uns cinco na primeira noite, que depois foi crescendo dia a dia, chegando a um grupo de trinta. Poucos dias depois, chegou o capitão Pietro (Pietro Pandiani), que nos guiou, até o fim, a Bolonha.

[...] A brigada, quando entrou em *Gaggio Montano*, encontrou uma cidade vazia, dividida entre a espera e o temor, tanto dos morteiros alemães, como dos canhões americanos. A liberdade de *Gaggio* chega verdadeiramente como uma libertação, no senso mais completo, um "suspiro de alívio", pois os tiranos se retiravam. [...] A *Giustizia e Libertà* chega a essa cidade como uma "ponta de lança" da consciência política que renasce...<sup>179</sup>

É Francesco Berti (Checco, seu nome de guerra) quem nos relata sobre

<sup>178</sup> Idem.

<sup>179</sup> BERTI, Francesco Arnoaldi. *L'Azione Civile della brigata Giustizia e Libertà*, Bologna, Itália, 1999.

seu irmão Paolo Berti, que também pertenceu à brigada e esteve a serviço da FEB:

O efeito sobre o bombardeamento sobre os alemães era terrível. Meu irmão Paolo estava na brigada junto do irmão de Fabio. Ele serviu de guia a um oficial brasileiro, logo após a conquista de Monte Castello, pois as trilhas do morro eram muito confusas, quando passavam por Le Roncole, viu um jipe da FEB, com dois prisioneiros alemães, ele ficou impressionado com o semblante desses homens... Eles lembravam um "rosto de fome".<sup>180</sup>

### 3.4.3 *Montese*

#### 3.4.3.1 A Ofensiva da Primavera

Depois da conferência realizada no quartel-general do IV Corpo, realizada no dia 20 de março de 1945, sabia-se que a guerra estava por terminar, seriam os movimentos finais. Das ações militares efetuadas pela FEB, o saldo foi considerado positivo, a conquista de Monte Castello no dia 21 de fevereiro de 1945, reforçava o pensamento de vitória entre os combatentes brasileiros, criando a imagem de um novo soldado, redimindo desse modo os primeiros percalços da FEB, vista agora como tropa de primeira linha.

Mas havia informações seguras da presença alemã na cidade de *Montese*. Essa cidade com suas fortificações naturais - como *Montelllo* e *Monte Buffoni* - asseguravam refúgio importante das tropas remanescentes que ali estavam estacionadas.

O ataque aliado contra os alemães estava marcado para o dia 12 de abril, mas havia mau tempo e o dia seguinte, dia 13, era considerado de mau presságio para os americanos. Com essas condições, os aliados atrasaram a ofensiva contra a

<sup>180</sup> BERTI, Francesco. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Guanella, Itália. Jun. 2001.



cidade de *Montese*.

A FEB também encontrava grandes dificuldades nas imediações de *Montese*, porque os alemães haviam disseminado minas na zona sul, que circunda a cidade, criando desse modo uma barreira, fazendo vítimas não somente entre os soldados do 11.º R.I. brasileiro, mas também entre os americanos da 10.ª de montanha.

O dia 12 de abril de 1945 marcou profundamente a passagem da tropa brasileira por *Montese*. Do posto de comando da FEB em *Monteforte*, batalhões deveriam enviar algumas patrulhas de reconhecimento com os objetivos de colher informações sobre a presença de inimigos, tentar fazer prisioneiros e fazer o reconhecimento dos locais onde seriam lançadas as forças contra o adversário.

Havia notícias de grande movimentação dos alemães na área, incertezas nas informações que nada esclareciam, pois poderia tratar-se de um reforço ou de uma retirada total das tropas alemãs ali estacionadas. Comandada pelo sargento Max Wolff Filho, uma das patrulhas brasileiras - nesse dia, composta de 12 homens - parte com a missão de averiguar o terreno, onde algumas horas depois Max Wolff Filho tombou (Capítulo IV – vide Trajetória p. 213).

A resistência alemã, fortemente entrincheirada nos morros vizinhos, provoca muitas baixas na tropa americana. A Divisão Brasileira, em razão dos acontecimentos desse dia, num golpe de sorte e audácia conquista a cidade (Anexo 6).

Foi um ponto determinante naquele momento, a ação das patrulhas e de elementos mineiros (que desarmavam as minas), além do grande desempenho da artilharia.

Vejamos as “*Considerações de um soldado brasileiro*”, título de uma carta do ten. Maurício da Silva, da Companhia de Fuzileiros do 3º Batalhão do 11.º R.I., enviada a um amigo da cidade de *Montese* em novembro de 1989.

Atacamos a montanha à direita de *Montese*. Da base da partida víamos, com muita tristeza, víamos aquela bela cidade castigada pela nossa artilharia. Naquele momento, pensamos que seria melhor poupá-la da destruição, ainda que a custo de lutar um tempo maior e mandar embora os alemães dos montes *Paravento* e *Serretto*, os nossos objetivos; não obstante os intensos bombardeios sobre a cidade de *Montese*, tivemos embates fortíssimos, e somente a nossa tenacidade conseguiu superar a admirável dureza dos ataques *tedescos*.<sup>181</sup>

Muitos habitantes não abandonaram suas casas e foram testemunhos dos fatos narrados nas jornadas de 12 a 17 de abril de 1945. O testemunho do pároco Don Augusto Banorri diz respeito ao forte bombardeio à qual a cidade foi submetida e destruída.

Os mesmos aliados chamaram a luta para a conquista de *Montese*, uma segunda Cassino. Não se conhece com precisão o número de mortos, mas a voz do povo diz que foram mais de 1.000 e que os *tedescos* haviam colocado em prática um embuste: hastear a bandeira branca.

Os alemães acreditavam que os *partigianos* tinham se apoderado da cidade e avançado numerosamente. Agora o inimigo começara das casas um grande disparo, matando muitos soldados aliados, principalmente brasileiros. No final, os alemães foram desbaratados e constritos a abandonar o território de *Montese*.<sup>182</sup>

A imprensa brasileira foi representada, na FEB, pelos correspondentes de guerra Egidio Squeff, de O Globo; Joel Silveira e José Leite, dos Diários Associados; Ruben Braga, do Diário Carioca; Raul Brandão, do Correio da Manhã; Silvio da Fonseca e Thassilo Mitke, ambos da Agência Nacional. Muitos desses jornalistas encontravam-se nas proximidades de *Montese* e, no instante em que a cidade foi libertada, descreveram os momentos presenciados, mostrando algumas impressões

<sup>181</sup> SILVA, Maurício da. *Montese - fascismo, guerra, ricostruzione*. Montese-Modena, Itália: Il Trebbo. Golinelli Editore, 1990, p. 275.

<sup>182</sup> BANORRI, *Ibid.*, p. 276.

a respeito de *Montese* e sobre a situação em que se encontravam os soldados brasileiros.

Escreve Egidio Squeff:

Escrevo de dentro de *Montese* destruída. *Montese* não existe mais, nenhuma casa permaneceu intacta. A cidade é um deserto, pleno de ruínas. Nas casas destruídas, as marcas de sangue testemunham a violência da batalha. Mas a completa destruição ainda não chegou. Transcorreram mais de 48 horas, e os alemães, com a artilharia, continuam atirando as bombas sobre a cidade, quase ininterruptamente. A cada minuto se ouvem explosões. Tanques de guerra destruídos, paredes caídas, uma bomba aérea que não explodiu, montes de ruínas nas ruas, silêncio dos homens cansados. Esta é *Montese*. A sua torre é semidestruída, o cemitério é danificado. Procurei encontrar algum habitante, mas em vão. Vi somente portas arrebentadas, leitos vazios, quartos em desordem.<sup>183</sup>

Thassilo Mitke, por sua vez:

17 de abril *Montese* cidade fantasma. Estou em *Montese*, em companhia de Joel Silveira e Egidio Squeff, de onde envio este despacho. Pela via principal da cidade, continuam a passar colunas de brasileiros destinados a *Montello*, ao norte, onde o inimigo resiste, causando mortes entre os soldados brasileiros. O avanço prossegue e eu tenho a sensação que seja iminente o golpe decisivo para quebrar o mais importante ponto de força alemão nesta zona. Soldados descansados chegam empenhados na operação, cujo objetivo é de caçar os nazistas próximos do vale do Pó. A artilharia divisionária, apoiada pela aviação, continua a golpear severamente as posições inimigas. *Montese* ora é bombardeada pela artilharia alemã ou pelos canhões, como no ataque do dia 15. As estradas que levam à cidade, estão intransitáveis cheias de minas e explosivos deixados pelos nazistas durante a retirada.<sup>184</sup>

Encerra-se aqui esse ciclo, que nos reportou à fase de combates encetados pela FEB, pois a análise das campanhas como um todo não é o nosso objetivo. Como ficou definido anteriormente, conduzimo-nos pelas lembranças que permaneceram em momentos tão delicados, quando os olhares estão voltados para os soldados e suas ações em tempo de guerra.

<sup>183</sup> SQUEFF, Id., p. 276.

<sup>184</sup> MITKE, Ibid., p. 278.

Nesse capítulo sobre as campanhas da FEB, abrimos espaço para as vozes dos nossos protagonistas, que alternadamente foram montando o grande mosaico histórico da presença do soldado brasileiro nos campos da Itália.

Qual foi a nossa apreensão dos diálogos proporcionados pelas fontes privilegiadas?

A história nos conduziu por terras italianas e, retornando no tempo, com a clareza dos testemunhos, passamos pelos campos de batalha. Verificamos o quanto a memória pode ser conflitante na narrativa de um mesmo fato.

De um lado os militares brasileiros, comandantes e comandados; do outro lado, os combatentes alemães e italianos. Cada qual chamando para si os valores e méritos das campanhas realizadas, e atribuindo aos outros a selvageria e violência. Fazendo a junção desses eventos, vamos ao encontro da população civil - vozes de uma sociedade em guerra a registrar suas memórias, fatos evidentes que não foram esquecidos.

Na voz de seus protagonistas, a FEB nos mostra o caminho difícil de quem seguiu para a guerra. São os comandantes tentando explicar o que não deu certo e os soldados dizendo que, nas condições existentes, fizeram o melhor. Verberam em altos brados os livros de memórias como o do pracinha José GONÇALVES e tantos outros, no derradeiro desagravo da memória.

O despertar da memória chama também os soldados italianos, sejam eles da força regular ou não. Vimos Césare FIASCHI retratar a divisão *Monterosa*, da qual ele fazia parte, com clareza de objetivos ao nos participar passagens singulares dessa divisão junto das unidades alemãs e seus percalços no fim da guerra.

Nessas narrativas alcançamos a história *partigiana*, das suas brigadas, aqui relatadas pelos historiógrafos italianos. Com destaque para os comandantes, como Duchesi, e o batalhão "*Pippo*", na ação bélica no vale do rio *Serchio*.

O processo de nascimento da brigada *partigiana Giustizia e Libertà* foi consolidado na voz de Francesco Berti aqui, com este procurando demonstrar a

ação libertadora desse e de outros grupos *partigianos*. Por conseguinte, a tomada firme de posição pró-reconhecimento da causa *partigiana* na Itália.

Todas essas memórias compactam a lembrança do soldado brasileiro nos campos de guerra, com aspectos preponderantemente positivos. Mas nada foi tão importante quanto as reminiscências da população civil, daqueles que permaneceram na zona do front. São os testemunhos oculares, que vivenciaram em um dado momento as históricas batalhas enfrentadas pelos brasileiros e promoveram o ato de juízo sobre as tropas brasileiras, ao afirmarem que os soldados da FEB foram bons combatentes e cumpriram sua missão. Dessa forma, estes conceitos foram por eles instituídos pelos monumentos como legados às gerações que hão de suceder.

### 3.5 RETRATOS DE IMAGENS LONGÍNQUAS - OS ACAMPAMENTOS NA ITÁLIA: ESPAÇOS DE SOLIDARIEDADE

#### 3.5.1 O Primeiro Acampamento Em *Agnaro*

Às doze horas e vinte minutos do dia dezesseis de julho, domingo o navio atracou no Porto de Nápoles. No cais havia um destacamento norte-americano de quarenta e cinco homens e uma banda militar, para as honras militares... às treze horas descia o primeiro escalão da FEB... O Regimento seguiu para a estação ferroviária de Nápoles e embarcou em várias composições para *Bagnoli*, indo acampar na zona de *Agnaro*, na cratera de um vulcão. O pessoal baixado foi direto, em caminhões do "Gal. Mann" (navio) para o hospital de base. Passamos a analisar a cidade, a impressão inicial não satisfaz.<sup>185</sup>

<sup>185</sup> SILVEIRA, Antorildo. **O 6.º Regimento de Infantaria Expedicionário**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1946.

No acampamento de *Agnaro*, aliás, na cratera do vulcão Astrônia, os brasileiros permaneceram por dez dias. Havia água corrente para o banho, que era quente, pois vinha das profundezas do vulcão, e funcionava até as 20 horas. Havia também o “banho de lata”, feito sob revezamento, um mal necessário, para tirar o pó escuro (do vulcão), que insistia em grudar no corpo e na roupa.

Em *Agnaro* nos deparamos com os primeiros problemas relacionados ao Corpo Expedicionário, que acabara de chegar. Era deplorável o estado dentário da tropa. Na inspeção feita por oficiais americanos, constatou-se que a maioria dos homens não usava meias e havia incidência de doenças venéreas.<sup>186</sup>

### 3.5.2 O Segundo Acampamento em *Tarquínia*

Saindo de *Agnaro*, o destino do 1.º Escalão será a velha cidade de *Tarquínia*. Os deslocamentos foram feitos parte por via férrea e o restante, em caminhões. Os soldados iam se aproximando à linha de frente. Pelo caminho era possível constatar o grau de destruição provocado pelos bombardeios. Cidades destruídas, ferros retorcidos, madeira carbonizada, crateras no leito das estradas, dificultando a passagem das viaturas.

O acampamento ficava distante cerca de dois quilômetros. Havia dificuldade com a água onde os camburões eram cheios, para atender às necessidades desses homens.

A miséria chama a atenção de todos e, diariamente, aumentava o número de civis italianos que ficavam ao redor do acampamento para pedir comida, ou nas estradas para pedir condução. Esse foi o contato mais próximo dos soldados com a população local.

No dia 16 de agosto, foram distribuídos os primeiros armamentos. Eram os fuzis Springfield, bazucas, carabinas e metralhadoras - a maior parte usada, mas em

<sup>186</sup> HENRIQUES, Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959.

bom estado de conservação. Os homens permaneceram poucos dias nesse local, depois de receber o armamento completo, e o deslocamento do Regimento deu-se entre os dias 19 e 20 de agosto de 1944.

### 3.5.3 O Terceiro Acampamento em *Vada*

Havia a necessidade de um contato maior dos brasileiros com essa guerra que, na Itália, já se processava há longo tempo. O general Mark Clark junto com o comando da FEB decidem pelo deslocamento do 6.º R.I.

Esse deslocamento visava aproximar mais o grupamento à frente de batalha. Só assim, os soldados teriam um contato direto com a guerra. O local escolhido foi Vada Rossignano, cerca de 200 quilômetros ao norte de Tarquínia. Dessa maneira, os treinamentos continuariam, agora de forma mais objetiva.

Um comboio de 500 viaturas foi organizado com um rigoroso esquema de marcha, saindo de cada vez 25 viaturas, com horário certo, para se evitar congestionamentos na estrada de passagem, pois no caminho estavam também tropas americanas.

Depois de ter passado por tantas dificuldades, logo após o desembarque, o 6.º R.I., finalmente, ficaria estacionado nesse acampamento melhor. Era bastante espaçoso, e ocupava os dois lados da estrada que dava para o povoado de Vada.

No dia 21 de agosto, chegam os primeiros instrutores americanos. Esse acampamento ficava próximo à praia. No local ainda encontravam-se minas, redes de arame e outras fortificações.

Foram organizados estágios para os oficiais na linha de frente, com revezamento constante, além daqueles que seguiram para *Caserta* (Nápoles) para freqüentar cursos nessa escola americana.

Em todos os acampamentos, onde os brasileiros ficaram, era comum a presença dos civis, principalmente de mulheres e crianças. Quando os praças terminavam suas refeições, para evitar aglomeração, essa população era organizada

em uma coluna e todos se abasteciam dos alimentos que os soldados haviam deixado.

As condições materiais da população italiana, que habitava a região da Linha Gótica na época da guerra, foram objeto de estudos de ex-membros da Resistência italiana, através do *Istituto Nazionale per la Storia del Movimento di Liberazione in Italia*.

O artigo de Giuliana BERTAGNONI<sup>187</sup> que encontramos é oportuno, embora a autora tenha feito um estudo localizado na cidade de *Monzuno*, pequeno povoado localizado na zona rural. Ele nos serve de parâmetro para compreender a situação das famílias ali residentes, embora possamos deduzir que a situação dessas famílias e dos habitantes dos grandes centros era de fato uma outra realidade.

Por outro lado, a história italiana e os depoimentos mostram as condições de vida das famílias citadas, quando grande parte da população transforma-se em retirante, de acordo com o termo italiano, em verdadeiros “*sfollati*”<sup>188</sup> e engrossam o número de habitantes nas localidades menores, criando enorme dificuldades para os administradores e a força aliada.<sup>189</sup>

Na pesquisa realizada em *Monzuno*, a autora recolheu muitos depoimentos e constata que a “fome” não foi algo dramático naquela localidade durante a guerra, mas era uma situação grave, principalmente para as mulheres, pois a elas cabia a tarefa de alimentar a família.

Alguns depoimentos nos mostram a situação:

<sup>187</sup> BERTAGNONI, Giuliana. *Condizioni materiali e consumi a Monzuno fra guerra e doppo guerra*. In: CASA, Brunilla Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). *La montagna e la guerra L'Appennino fra Savena e Reno, 1944-1945*. Istituto per la Storia della Resistenza di Bologna: Ed. Aspasia, 1999.

<sup>188</sup> Os *sfollati* eram os refugiados italianos que circulavam de um lado para o outro do “front”.

<sup>189</sup> FACCI, Mario; BORRI, Alessandro. *Porreta dall' Unità alla Repubblica (1858-1948)* Comuna di Porreta. Bolonha, Itália: ed. Zampighi, 1998.



Pelo menos aqui na nossa cidade, poucos, penso eu, sofreram o problema da fome. Quem tinha um pouco de terra e se tivesse porcos, preparava as coisas que davam para um ano. Os bosques estavam ali perto e agora se fazia o uso da castanha.

[...] Andava-se pelos campos a procurar ervas, que hoje ninguém conhece mais [...]. A minha mãe é daquelas que não sente medo, sempre disposta a sair à procura de alimentos, mesmo quando havia bombardeio [...]. Lembro também que minha mãe andava 10 quilômetros até um moinho, para encontrar três quilos de farinha para fazer o pão.

Se comia mais do que duas vezes ao dia, era quase sempre polenta. [...] Mas era uma fortuna quem possuía galinhas. Nós todos tínhamos porcos em casa; o óleo era uma coisa desconhecida e não havia temperos. Frutas? Era uma raridade, somente os doutores podiam usufruir dessa regalia. Comer peixe era uma festa quando isto acontecia. [...] A solidariedade entre as pessoas era muito grande.<sup>190</sup>

O depoimento de Anna Menini nos coloca diante de fatos e realidades vistos sob uma ótica diferente de outros testemunhos: a situação do povoado *Monzuno*. Ali a vida foi relativamente normal até 1944, quando a região passou a ser alvo da ação das forças alemãs. A dificuldade de se conseguir alimentos básicos é exposta na narrativa da depoente.

No período de setembro de 1944, as tropas alemãs que atuavam sobre a Linha Gótica encontraram dificuldades para alimentar seus soldados e tomaram de assalto o que encontraram pelo caminho, fato constatado em diversos depoimentos.

A situação dos *sfollati* – abandonando os grandes centros, ou os locais de fortes bombardeios - não é caso singular, mas criou dificuldades para os aliados, que se viam na contingência de alimentar essas pessoas.

Nos acampamentos militares brasileiros localizados na zona da Linha Gótica não era possível fugir da situação de atender essas populações, episódios registrados pelos depoimentos dos soldados brasileiros e dos testemunhos italianos.

<sup>190</sup> MENINI, Ana. *Depoimento*. In: BERTAGNONI, op. cit., p. 175-176.

### 3.5.4 O Quarto Acampamento-*San Rossore*

Esse local era, antes da guerra, uma propriedade da família real, destinado ao lazer da família do rei. Com todas as comodidades, possuía uma boa casa, que deveria ser a sede, e infra-estrutura para diversos esportes, praia para banhos e um lindo bosque com variedades de animais.

Ali, foi organizado um dos melhores acampamentos para os soldados. As instalações eram perfeitas - desde barracas a banheiros, com as melhores condições de higiene. De *San Rossore* era possível ouvir o barulho dos canhões na frente de combate e, à noite, ver a ação da bateria antiaérea, com suas balas traçantes, respondendo a um ataque a *Livorno*. Tanto as praias de *Livorno* como as estradas vizinhas estavam minadas, amplamente balizadas por cartazes, orientando aqueles que passavam. Mesmo assim ocorreram vários acidentes causando mortos e feridos.

Iniciam-se, nessa fase, os treinamentos para o desarmamento de minas, que eram efetuados na Marina de Pisa. Foi preciso passar segurança e experiência para os homens que trabalhavam com minas armadas, entre elas as antipessoal e anticarro. Um dos acidentes mais violentos provocou a morte do tenente Márcio Pinto. Segundo os sapadores<sup>191</sup>, quem trabalha com minas “erra uma só vez”.

Acompanhando os escalões que chegaram à Itália no mês de setembro de 1944, o repórter Rubem BRAGA faz algumas observações:

“Todos os brasileiros eram bem recebidos na Itália. O que ajudava muito era a aproximação da língua latina, que resolvia muito as questões de camaradagem. Mas o que chamava mais a atenção era a generosidade daqueles que partiam em comboio, pois era comum jogarem dos caminhões caramelos, chocolates e cigarros para a população que acenava alegremente no caminho”.<sup>192</sup>

<sup>191</sup> Sapador - função daquele que arma e desarma minas na guerra.

<sup>192</sup> BRAGA, Rubem. *Crônicas de guerra*. (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964, p. 49.

Ao redor dos estacionamentos da tropa, juntavam-se pedintes, mulheres, homens e crianças, que sempre diziam a mesma coisa: *"Tutto rovinato. Tutto bombardato, gli tedeschi hano portato via tutti quanti. Niente a mangiare, molto lavorare. Una sigaretta, cioccolata, carameli una scatoleta."*<sup>193</sup>

Os nazistas se retiram, com a chegada dos aliados. Esse é o momento da passagem dos brasileiros pelas estradas, pelas montanhas. Sempre que uma cidade italiana é liberada, a população que estava escondida começa a descer das montanhas: são homens, mulheres e crianças.

É possível avaliar o que ocorreu em ambos os lados, à população e aos recém-chegados. A miséria e a lamúria da população é tocante, não é possível manter-se alheio a fatos tão gritantes. Os brasileiros ficam chocados diante de um povo tão miserável, sofrido. Os italianos estavam envolvidos em querelas políticas, sem alimento, vestindo a roupa do corpo, ou carregando o mínimo para sua sobrevivência. Essa era a realidade do *"front"* que se iniciava.

Na rapina efetuada pelos nazistas, tudo foi levado ou destruído: não havia água, luz, alimentos, nem organização civil.

No documentário gravado em vídeo pelo Museu Atílio Rocco, São José dos Pinhais, temos o testemunho do ex-combatente Antônio DOMBROWSKI:

No acampamento, a comida era feita nas cozinhas brasileiras, e muito boa. Ao redor do acampamento, juntavam-se pessoas famintas, e nossos soldados davam os restos das marmitas e outros gêneros alimentícios. O comandante nos chamou a atenção dizendo que não devíamos proceder assim, pois poderia faltar comida para o contingente. [...] Eu pegava minha marmita e comia lá no fundo da barraca. Outros comiam na frente dessa gente, era de cortar o coração.<sup>194</sup>

<sup>193</sup> Tradução: Tudo destruído, tudo bombardeado, os alemães levaram tudo, não há nada para comer, temos de trabalhar muito (por favor)... Um cigarro, chocolate, caramelos, uma caixa (ração).

<sup>194</sup> DOMBROWSKI, Antônio. **Depoimento**. Videodocumento. Museu Atílio Rocco. São José dos Pinhais, PR, out. 1994.

Uma população famélica vai chegando, doente do espírito e do corpo. O comando brasileiro avalia essa situação, e apetrechos de cozinha e alimentos são entregues a cada povoado, vilarejo ou conjunto de casas por onde a tropa passa. Por esse motivo a tropa é sempre bem recebida.

Um desses testemunhos é o de Aristides Saldanha VERGÉS, cujo grupamento pertencia ao 6.º R.I. quando foram liberadas várias cidades, próximas ao rio *Serchio*. Vejamos aqui seu testemunho: “Por onde nós íamos passando o povo italiano ia nos aplaudindo e gritando *Liberatori*,<sup>195</sup> e até nos parava... ofereciam vinho, mas a gente tinha cautela... a gente meio que refugava... mas a gente não resistia e tomava o vinho. Eu me recordo da cidade de *Filetoli*...”<sup>196</sup>

Os diários de guerra retratam momentos de sensibilidade que não encontramos na literatura factual da FEB. Muitas dessas anotações ficaram perdidas no tempo, guardadas em alguma gaveta, esquecidas ou não por seus autores, que as julgavam sem importância. São breves e sucintos rascunhos escritos sem grandes pretensões, objetivando apenas não esquecer um dado momento.

Recentemente, tivemos conhecimento da publicação do livro do ex-combatente José Edgar ECKERT, que pertenceu ao 2.º batalhão do 1.º R.I. (Regimento Sampaio). Do seu diário, colhemos as seguintes informações:

Itália, 29 de novembro de 1944.

Passamos por uma enorme coluna de famílias italianas, homens, mulheres, mocinhas e crianças; todos maltrapilhos, carregando enormes trouxas, arrastando-se pelas estradas. Eram refugiados da guerra que estavam voltando na direção de suas casas. Dá pena de ver tudo isso. Gente que fugiu dos horrores da guerra depois de haverem perdido quase tudo e agora aproveitando o tempo em que os exércitos estão fazendo uma ligeira parada, em defensiva, na Serra dos Apeninos, conseguiram uma brecha e arriscam a vida para tentar voltar às suas casas (se é que ainda vão encontrar um pouco mais que ruínas).

<sup>195</sup> Libertadores! Até hoje quando brasileiros visitantes passam por essas cidades são assim saudados pela população.

<sup>196</sup> VERGÉS, Aristides Saldanha. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Curitiba, 20 nov. 2000.

Vendo aquilo tudo, sinto no meu íntimo uma raiva impotente contra os provocadores das guerras do mundo todo [...].<sup>197</sup>

Os comandantes dos batalhões e regimentos se reportam à situação das famílias italianas. O coronel Olívio Gondin de UZEDA, comandante do 1.º batalhão do 1.º R.I. (Sampaio), em seu livro de crônicas, lembra a situação dos *sfollati*, aquela gente que circulava entre o *front* e as montanhas - ora ao lado das linhas inimigas, ora ao lado da linha aliada.

Outros emigravam porque tinham fome e frio, ou por estarem doentes, fugindo dos alemães, sempre sob os olhares desconfiados dos aliados. UZEDA lembra de tantas famílias que foram conduzidas pelas companhias de soldados, até o comando do batalhão e lá chegavam famintas e friorentas; geralmente pela manhã, pois aproveitavam a noite para fugir dos alemães.

O comando insistia pela separação entre soldados e *sfollati* dentro das linhas brasileiras, mas sempre a situação dessa gente causava muita piedade entre os homens, que procuravam alimentá-las.

A situação dos desabrigados era de angústia e aflição. O inverno não havia ainda terminado e a odisséia da população continuava. Na tentativa de fugir dos bombardeios aliados ou da perseguição alemã, a população procurava abrigo nos pequenos povoados que já haviam sido liberados. Essa gente conseguia chegar a pé, carregando pequenos pertences, outros com carroças e animais. Muitos outros ainda procuravam arriscar, atravessando a “terra de ninguém”, para chegar até as linhas aliadas.

Os primeiros dias de dezembro de 1944 foram de intenso afluxo a esses locais, e a cidade de Bolonha, considerada “cidade aberta” pois desmilitarizada, viu sua população crescer repentinamente, quase dobrando, chegando a perto de 500

<sup>197</sup> ECKERT, José Edgar. **Memórias de um ex-combatente**. Florianópolis: Insular, 2000. pp. 60-63.

mil pessoas.

Faltavam víveres para alimentar toda esta gente e combustível para os aquecedores, obrigando a população a usar de outros expedientes. Para facilitar os meios de transporte foi permitido aos agricultores entrarem em Bolonha com suas carroças e animais. Uma estatística demonstra que entre 1944-45 havia cerca de 14 mil cabeças de gado que circulavam pelas ruas, inclusive no centro histórico da cidade<sup>198</sup>.

Nos campos, muitos se arriscavam a passar pelos postos de comando alemães, na tentativa de chegar às suas casas e à procura de víveres e roupas para o inverno. Mas muitas vezes era decepcionante encontrar somente as ruínas causadas pelos bombardeios. Outros eram surpreendidos pelas patrulhas e fuzilados sumariamente.

Muitos eram forçados a refugiar-se em galpões ou em lugares inóspitos, acarretando a situação graves problemas sanitários.

Também era comum chegarem os feridos italianos por tiro, arame farpado ou por minas; os alemães não perdoavam ninguém. Parte dessa gente refugiada tinha ainda o grande temor ao se deparar com soldados, por que havia ficado o estigma do tratamento alemão e muitos demonstravam essa insegurança no momento de se submeter a um auxílio médico.

São inúmeros os depoimentos que fazem referência aos atos de solidariedade brasileira relativos à alimentação e saúde. Vejamos o caso narrado, na cidade de *Gaggio Montano* (Bolonha), por Fabio Gualandi, um dos seus moradores. Gualandi tinha 15 anos de idade em 1944 quando ali chegou o 11.º R.I., que permaneceu alguns meses na localidade.

Gualandi, ajudante de cozinha de um desses batalhões, basicamente alimentou sua família com o que levava para casa. Nessa fase, a cidade já havia

<sup>198</sup> TROTA, Ezio. *Cronache di guerra fra Reno e Samoggia (1943-1945)*. Modena, Itália: Edizione Il Fiorino, 2000, pp. 43-68.

sido liberada pelos americanos em outubro daquele ano.

A miséria da guerra foi assunto que sempre esteve presente em todas as nossas entrevistas, enfocado por pessoas que vivenciaram a guerra e que podemos chamar “geração da guerra”.

Gualandi, no seu depoimento, nos fala do acampamento em *Gaggio Montano*:

Os americanos chegaram em *Gaggio Montano* no dia 13 de outubro de 1944, era uma sexta feira. Na metade do mês de novembro chegaram os brasileiros. Procuravam um lugar para erguer o seu acampamento, ocupavam as casas vizinhas, as maiores. Faziam amizade facilmente e procuravam as senhoritas [...]. Na cozinha do acampamento se fazia um pouco de tudo: o mingau feito de leite em pó, o churrasco, que era feito com carne de boi ou de porco; arroz e feijão escuro (feijoadado) [...], com ovo em pó, fazia-se uma espécie de omelete. Mas o que todos apreciavam mesmo era o pão crocante, que vinha da Toscana (Florença), o pão não era fabricado ali. Faziam também um creme doce e café... bastante café, que era colocado num grande recipiente. [...] Levavam para casa (os habitantes). Ali, comia uma centena de pessoas (companhia) [...]. Havia frutas, principalmente laranja. Quando os soldados terminavam, basicamente a população invadia o acampamento. Os refugiados não passaram fome dessa forma [...].<sup>199</sup>

A população dos pequenos povoados e os refugiados não podiam contar com um serviço especial de saúde. A administração pública havia sido desmantelada e os civis foram socorridos nos hospitais militares próximos, como ocorreu em *Porreta Terme* (PI).

Com o início do verão de 1944, as forças aliadas estavam próximas de Bolonha, e os mais diversos batalhões ocupavam as pequenas cidades. *Porreta Terme* (PI), uma cidade famosa por suas termas medicinais, abrigou o comando brasileiro, que ali se estabeleceu durante longos meses.

Misturando-se à tropa, vamos encontrar os refugiados que vinham de vários lugares: eram os próprios habitantes que retornavam aos seus lares. Todas

<sup>199</sup> GUALANDI, Fabio. Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni. Gaggio Montano, Itália, 3 jun. 2001.

essas pessoas abrigaram-se nos edifícios públicos ou nas próprias termas e dividiam os espaços com os militares.

*Porreta Terme* tornou-se um objetivo militar, visto estar situada no entroncamento principal de rodovias que ligavam o país, principalmente, a estrada 64 (*Porretana*). Em consequência de novos bombardeios, a administração pública foi transferida para o pequeno município de *Castelluccio*, e a população, receosa, também se transfere.

Para os *porretanos*, a chegada dos aliados foi considerada um período de graves problemas para seus moradores, pois de setembro em diante a cidade é bombardeada todos os dias, com impedimento de qualquer atividade civil, além da grande destruição em seus edifícios públicos, provocada pelos constantes ataques.

O hospital de *Porreta* passa a atender não só os militares que vinham da frente de combate, mas toda a população necessitada. No inverno anterior (1944), o hospital acusava uma mortandade mais atípica, entre velhos e crianças, e os casos de desnutrição eram gravíssimos.

Com a queda de Bolonha, os habitantes de *Porreta* enfrentaram outra grande tragédia: os alemães em retirada tinham minado as estradas, os campos, as praças, além de aquedutos e pontes. Os habitantes dos povoados vizinhos, que retornavam aos seus lares (como *Marzabotto*, *Montese*, *Castel d'Aiano* e *Vergato*), foram vítimas dessas minas, mas todos foram socorridos no hospital de *Porreta*.

Na lembrança de um *gaggense*<sup>200</sup>, temos a narrativa de um fato marcante vivenciado por ele e sua família, na pequena cidade de *Gaggio Montano*.

Adelfo, meu filho, estava muito doente e tinha 2 anos durante a guerra, quando a tropa brasileira esteve aqui havia um médico, não me recordo o nome... Adelfo tinha 2 anos, pois nasceu em 18 de abril de 1942. [...] Ele não podia respirar, eu estava só não sabia o que fazer. O médico (brasileiro) esteve em *Firenze* (Florença) e apareceu uma noite com o remédio. [...] Meu filho sarou, em dois dias não tinha mais nada. Aqui não havia nada, nem

<sup>200</sup> Gaggense - habitante de Gaggio Montano.



remédios, comida era uma miséria. Morávamos aqui nesta casa (antiga burgo medieval) mais ou menos umas 20 pessoas. Esse tenente médico foi para mim como um irmão, meu filho não estaria aqui [...]. Eu tenho sempre uma boa recordação dos brasileiros... Meu filho teria morrido... Quando digo que eram bravos...<sup>201</sup>

Na narrativa da população italiana registrada aqui, perceberemos quanto foram importantes os atos de solidariedade, principalmente aqueles que dizem respeito aos alimentos que eram fornecidos aos desabrigados pelos regimentos da FEB. Essa é uma lembrança que realmente deixou marcas e constantemente é referendada nos testemunhos por nós colhidos. Para uma população famélica, o socorro dado pelos soldados brasileiros foi verdadeiramente a grande oportunidade de sobrevivência de muitas famílias. São cenas inesquecíveis, imagens retiradas das sombras que o tempo não conseguiu apagar.

### 3.6 OS SOLDADOS BRASILEIROS EM RELAÇÃO ÀS MULHERES ITALIANAS

Os sociólogos e antropólogos italianos têm trabalhado, nos últimos tempos, com a questão das famílias que habitavam a zona de conflito durante a Segunda Guerra. Aqui nos reportamos a duas autoras: Sabrina da ROIT, graduada em Ciências Políticas e atualmente diretora de pesquisa em Sociologia na Universidade de Bolonha, e Roberta Monticelli.

No artigo publicado *La famiglia in guerra e il nuovo ruolo delle donne*<sup>202</sup>, ROIT afirma que as pesquisas sobre as famílias foram, há muito tempo, deixadas de lado, favorecendo-se apenas as pesquisas dos acontecimentos bélicos.

<sup>201</sup> CECHELLI, Giuseppe. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Gaggio Montano Itália, jun. 2001.

<sup>202</sup> ROIT, Sabrina da; MONTICELLI, Roberta. *La famiglia in guerra e il nuovo ruolo delle donne*. In: CASA, Brunilla Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **La montagna e la guerra L'Appennino fra Savena e Reno, 1944-1945**. Istituto per la Storia della Resistenza di Bologna: Ed. Aspasia, 1999, pp. 123-141.

Tais estudos eram considerados banais e insignificantes, sem nenhuma validade científica, o que provocou um vazio muito grande em torno desses objetos, pois era assunto ainda a ter sua importância reconhecida.

Na análise feita pelas autoras, a pesquisa está voltada para as famílias que moravam nos Altos Apeninos (Bolonha e municípios vizinhos), com o objetivo de retratar a realidade das mesmas e a figura da mulher.

A pesquisa nos interessa de perto, visto que essas famílias são aquelas que os brasileiros aproximaram-se por contingência do deslocamento da FEB, quer nos campos ou povoados. São esses relacionamentos que dizem respeito à nossa pesquisa.

Os estudos efetuados pelas escritoras nos mostram as famílias ainda sob o impacto do fascismo, e considerando o agravamento quadro social com a situação da guerra. Segundo as análises, nesse período iniciava-se o embrião da mudança do que seria a nova família italiana, com a mulher passando a ter um novo papel na representação dessa na sociedade.

Enquanto a guerra não havia chegado a essas localidades a vida era normal, as crianças iam à escola, brincavam; as noivas se casavam. Com os bombardeios, a vida mudou rapidamente, era o pavor que atingia aqueles que não tinham fugido. A miséria era tocante e, juntando-se todos esses medos, as mulheres agora tinham outras preocupações.

Próximo dos acampamentos dos soldados estão os locais onde vamos encontrar os velhos, as mães de família, as mocinhas e as crianças. Era a maneira mais fácil de se obter alguma coisa para comer, trocar serviços por vestuário, ou ganhar umas poucas liras.

As famílias italianas são sempre lembradas nos depoimentos que colhemos. O que emerge dessas informações diz respeito à solidariedade entre os soldados que estavam longe de seus familiares. E esses núcleos familiares se uniam em razão de várias necessidades.

O tema sobre as famílias aparece na entrevista feita com o ex-combatente Paulo Stankevecz:

Eu era motorista de um jipe [...], levava no *front* tudo o que era necessário (armas, comida, munição), onde a tropa ia [...]. Estive em *Porreta*, em *Juniano de Sopra*; ficamos lá dois meses esperando a neve passar; atacamos o Monte Castello [...]. Não conheci muitas famílias, porque nós não paravam com as famílias, ficava num acampamento. [...] Lembro de um velho chamado Domenico, as famílias ficavam escondidas ali; foi uma passagem rápida e nós paramos ali.<sup>203</sup>

Sobre as mulheres italianas:

O que a gente conheceu, pouco conheceu, eram boas [...]; no *front* dava tempo de dançar, as moças nós ia buscar na casa delas. Nós tínhamos uma folga, tinha lugar que não dava para avançar.[...]. Muitos deixaram as italianas apaixonadas, eu tenho um cartão [...], não me lembro do lugar [...], era perto de *Lucca*. Havia vários lugares assim, nós ia lá, eles convidavam a gente para dançar. Em *Juniano*, estivemos com as moças. Ali teve um bombardeio muito grande, não sei como não morremos todos.<sup>204</sup>

Um assunto tabu entre os ex-combatentes diz respeito à prostituição nessa época da guerra. Se imaginarmos a miséria que grassava pelo país e as dificuldades de todas as ordens, muitas mulheres, para atender às necessidades de sua família, eram obrigadas a passar por essa provação.

Entre os depoimentos colhidos, apenas dois combatentes fazem menção a esse tipo de situação, que é, para muitos, constrangedora.

Vejamos o que nos disse o ex-combatente Aristides Saldanha Vergés, quando lhe perguntamos sobre a prostituição:

<sup>203</sup> STANKEVECZ, Paulo. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. São José dos Pinhais, PR. 28 fev. 2002.

<sup>204</sup> Id.

Acho que já falaram aí (gravador). Em *Francolise*, das filas [...]. O pessoal fazia fila e levava as moças para o mato. Mas tinha também casas de prostituição onde às vezes distribuíam senhas, pois podia ter uma moça mais bonita, e assim não iam todos para lá [...]. Pagávamos essas moças com as liras americanas de ocupação ou então em comida. E elas preferiam, por isso que eu digo os cozinheiros é que estavam melhor, ficavam sempre na retaguarda.<sup>205</sup>

O depoimento do combatente Eronides da Cruz traz outras informações:

Uma ocasião pegamos um trem para Nápoles (um passeio até Pompéia), antes de Pompéia, havia um lugar chamado *Torre Anunciata*, nas vizinhanças do Vesúvio[...]. Resolvemos descer e, quando você mal desce, vem uma enxurrada de garotada oferecer as "*signorine*" (prostitutas). Os colegas diziam: "como é? vamos lá!" [...]. Eu, claro, acompanhei [...]. Entramos lá, tinha uma sala grande; umas moças sentadas e um casal de velhos. Assim e tal [...]. Cada um conversava com uma *signorina* [...]. Eu fiquei de pé [...]. Observando a fragilidade humana, eu sentei. Veio uma moça e eu perguntei: "Quem são eles?".-Ela disse: "Meu pai e minha mãe". Confesso que aquilo me chocou profundamente.<sup>206</sup>

### 3.7 OS BRASILEIROS E AS FAMÍLIAS ITALIANAS

A questão dos relacionamentos revela momentos de grandes sentimentos entre brasileiros e italianos. A maior parte das famílias italianas era composta por mulheres ou homens de bastante idade. Os homens em idade militar estavam no *front* (exército italiano), eram prisioneiros em outros países, estavam desaparecidos ou tinham morrido.

A simplicidade dos homens que compunha os quadros da FEB logo atraiu a simpatia dos italianos. A língua não foi problema, pois a raiz latina aproximava

<sup>205</sup> VERGÉS, Aristides Saldanha. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Curitiba, 25 out. 2002.

<sup>206</sup> CRUZ, Eronides. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Curitiba, 20 dez. 2000.

bastante os dois povos.

Na entrevista que realizamos com o *partigiano* Francesco Berti foi possível constatar o fato:

– Como você vê o relacionamento entre cidadãos italianos e brasileiros?

– Posso dizer que era excelente, não tem dúvida. Os brasileiros são latinos, como nós. Esta comunhão de raízes, a própria língua, isto facilitava tudo. A comunicação era muito fácil, os brasileiros eram muito alegres, logo se identificaram com nossa população, principalmente as crianças que acompanhavam as cantigas como [...] “Mamãe eu quero” (musica de carnaval). À noite, sempre passavam com as famílias que os hospedavam; e havia grande solidariedade, coisa que não acontecia devido à barreira da língua.<sup>207</sup>

Outros depoimentos de ex-combatentes brasileiros atestam a profundidade desses relacionamentos. Mesmo andando em patrulhas, ou junto de suas companhias - ao passar pelos campos ou pequenos povoados, a reação dos habitantes era sempre positiva, conforme relata uma crônica de Celso ROSA:

Chegamos ao povoado, e fomos recebidos com grande alegria. Tratava-se de uma dessas pequeníssimas aldeias (minúsculas aglomerações), de umas poucas casas, denominadas genericamente pelos italianos de “*Piccolo paese*” [...]. Nossa recepção foi festiva: “*E viva i liberatori*”, diziam alguns. Fomos recebidos como verdadeiros libertadores e percebia-se que as manifestações eram espontâneas e sinceras [...]. Dentro de poucos minutos, nossos soldados eram donos do povoado. Espalharam-se por todos os cantos e recantos, como se derramasse um saco de laranjas em uma superfície plana.<sup>208</sup>

Inúmeras informações a que temos acesso atualmente, relatando-nos passagens do cotidiano do soldado vivenciado com as famílias italianas, chegam-

<sup>207</sup> BERTI, Francesco Arnaldo. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Gaggio Montano, Itália. 30 jun. 2001.

<sup>208</sup> ROSA, Celso. **O pracinha na guerra**. São Paulo: Café Editora Expressa, 2000, pp. 155-157.

nos através de centenas de diários de guerra, muitos hoje transformados em livros de memória.

Desiludidos dos benefícios do fascismo, fora do jugo de Mussolini, e oprimidos pela fome, os italianos nos foram muito úteis. Por amizade, identidade de princípios, por harmonia de idéias ou por necessidade, eles colaboraram para as vitórias aliadas na Itália. Não só os *partigiani*, que foram minando, destruindo, removendo, vencendo as resistências do inimigo, mas também a população.

Não foram só os alpinos transportando as nossas munições e armamentos, os nossos abastecimentos. As populações civis estimavam-nos com suas acolhidas [...]. A população de *Piacenza* nos recebeu entre alas, com palmas e flores. Quando o nosso batalhão conquistou Monte Castello, recebemos convites de muitas famílias de Silla. Que nos queriam homenagear [...]. Inegavelmente, essa acolhida, esse carinho, sobretudo para os que estão fora dos seus, é um estímulo, é um fortalecente.<sup>209</sup>

Vejamos as palavras do sr. Giuseppe Cechelli, em *Gaggio Montano*, sobre os brasileiros:

Eu me recordo dos brasileiros [...]. Minha mãe fazia o café que eles apreciavam tanto antes de ir para o combate; rezavam muito. Como nós, eles tinham muita fé, e eram também alegres, cantavam muito; as crianças gostavam de estarem por perto, meu filho mais velho... Recorda-se.[...]. Não posso esquecer dos combates no Monte Castello, principalmente aquele do dia 21 de fevereiro de 1945. Eu e minha família podíamos ver tudo daqui de casa. Aliás, nunca abandonamos nossa casa e sempre ficamos aqui. As tropas americanas também estavam aqui, para apoiar o combate. Era possível ver o fogo cerrado sobre *Ronchidoso*. A nós, o que mais assustava não eram os tiros de canhões, mas sim as metralhadoras, pois vinham de todos os lados e atingiam as paredes da casa. Nós permanecíamos num abrigo mais abaixo da casa.<sup>210</sup>

<sup>209</sup> UZEDA, Olívio Gondin. *Crônicas de Guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952, pp. 208-209.

<sup>210</sup> CECHELLI, Giuseppe. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Gaggio Montano, Itália. 30 jun. 2001.

São muitos os relatos feitos por *partigianos*, que atuaram junto da nossa tropa. Os pesquisadores CASALI e GABRIELE valorizaram essa participação em suas obras.

O que predomina nos depoimentos tomados pelo pesquisador são as frases ditas pelas testemunhas, os *partigianos*, e pronunciadas com muito afeto e grande simpatia em relação aos brasileiros. Nos confrontos em que participaram com aqueles estranhos soldados (brasileiros), que não sabiam combater, não se submetiam a ordens, mas procurando sempre nas vizinhanças o apoio e a colaboração *partigiana*. Era quase um relacionamento que um irmão mais velho pode oferecer.<sup>211</sup>

Também são inúmeros os depoimentos que falam dos brasileiros. Da brigada *Folloni*, extraímos as palavras de Ezio Bompani, explicando sobre uma patrulha *partigiana* e americana:

[...] Nós havíamos dito (aos americanos) que era muita gente na patrulha, haveria muito barulho, para efetuarmos uma vingança com os alemães. Resolvemos separar os grupos e fizemos o tipo de um jogo, quem retornasse mais rápido com mais prisioneiros, ganharia a aposta. Era uma patrulha feita durante o dia, quando retornamos (os americanos) não haviam chegado ainda, trazíamos conosco alguns prisioneiros alemães. Quando retornaram, juntos vieram os brasileiros, a quem nós queríamos muito bem e nos faziam dar saltos de alegria.<sup>212</sup>

Outra grande vantagem que aproximava os brasileiros dos italianos era a religião. Mesmo sob bombardeio, os pequenos povoados italianos mantinham a tradição, e as missas eram celebradas.

Em uma narrativa do capelão brasileiro, podemos avaliar como se rezava

<sup>211</sup> CASALI, Luciano; BERNADOTTI, Maria. In: ARBIZZANI, Luigi (a cura di). *Al di qua e al di là della linea gotica: 1944-1945: aspetti sociali, politici e militari in Toscana e in Emilia-Romagna*, Bologna-Firenze, Regioni Emilia-Romagna e Toscana, 1993, p. 538.

<sup>212</sup> GABRIELE, Mariano. *La forza expedicionária brasileira (FEB) sulla linea gotica. In: Linea gotica 1944 esercite popolazione partigiani*. Milano: Angeli, 1986. p. 106.

uma das missas naquelas condições:

Era o dia 8 de dezembro de 1944, festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, a pequena cidade chamava-se *Marano* e ficava perto da estrada 64 (*Porretana*), muito visada pela Artilharia inimiga. Depois de três fortes bombardeios sobre a tropa brasileira, o padre Jacob Emilio deixou o refúgio para verificar se algo sucedera aos soldados. “Estávamos todos meio atordoados. Mas ilesos, graças a Deus, e ao “santo forte de cada um”. As casas eram de pedra grossa, mas as granadas penetravam pelos telhados.[...]. A convite do padre Antonio Poli, desde logo um grande amigo, me fez rezar missa, e ainda me convidou para o dia seguinte, festa da Imaculada.”<sup>213</sup>

As testemunhas italianas que encontramos fazem referência à significativa lembrança dos brasileiros em relação à religiosidade.

Estas são as palavras de Maria Marchi, moradora de *Gaggio Montano*, Itália:

Eu era sobrinha do pároco local (igreja da cidade), morava ao lado. Conheci todos os capelães e acompanhava o movimento dos soldados durante a guerra. A cidade era bombardeada todos os dias; as mulheres, jovens e crianças haviam abandonado o local, permanecendo apenas os mais velhos, que queriam cuidar de suas coisas. Era perigoso ficar ali [...]. Na época, eu tinha 20 anos e fiquei. Conheci todos os capelães que por ali passaram [...]. O capitão Leite, Francisco, Elói [...]. A maior parte dos brasileiros era católica e assistia às missas, outros nem tanto [...].<sup>214</sup>

Para compreender a maneira pela qual os cidadãos italianos recordavam-se dos soldados brasileiros, de que modo a FEB é vista ainda hoje por essas pessoas que compartilharam momentos vivenciados numa guerra, é que nos propusemos à retomada de fatos históricos esclarecedores.

<sup>213</sup> SCHENEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um capelão da FEB*. Curitiba: Edições Rosário, 1983, pp.58-59.

<sup>214</sup> MARCHI, Maria. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Gaggio Montano, Itália. 30 jun. 2001.



Ao percorrer os caminhos da FEB, nos reportamos a diversas situações que pontuam a presença marcante dos brasileiros e que hoje, na memória italiana, fazem lembrar as dificuldades desses soldados em campo de batalha.

As recordações falam de perdas de ambos os lados, vítimas de um inimigo tenaz que a maioria insiste em não esquecer. Todavia, o mais importante é a gratidão pela generosidade, uma das características apercebidas por nós durante as entrevistas e que, portanto, confirma os testemunhos citados por César Campiani MAXIMIANO<sup>215</sup> em sua obra.

<sup>215</sup> MAXIMIANO, César Campiani. **Onde estão nossos heróis** - uma breve história dos brasileiros na 2.<sup>a</sup> Guerra. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 1995, p. 108.

## 4 OS MONUMENTOS BRASILEIROS NA ITÁLIA

A repercussão que teve tal expedição em todo o país é que sobreviverá, pelo futuro em fora, graças ao bronze que a eterniza.

(João Batista M. Matos)

Mas, além de enfrentar a violência dos inimigos persas, a arquitetura grega, como também a romana, a medieval e a renascentista, combatia um adversário mais cruel: o tempo que tudo arruína. Sabedores da efemeridade da existência humana, sua arquitetura era o instrumento privilegiado através do qual supunha-se dotar a vida de um sentido de permanência. Por isso criaram-se os "monumentos". "Monumento" não é aquilo que é grandioso, áulico, majestoso ou refinado, mas aquilo que se mostrou capaz de transmitir por toda a história futura a mensagem de um tempo, de um contexto e de uma cultura.

(Carlos Antônio L. Brandão)

### 4.1 UMA VISÃO ARQUITETÔNICA SOBRE OS MONUMENTOS

#### 4.1.1 Localizando a Força Expedicionária na Itália

Aos soldados brasileiros são erigidos monumentos, descerradas placas e rezadas missas. Tais atitudes instigam a pesquisa, a partir do momento em que desconhecemos a presença dessa honorificência a outro conjunto de tropa militar que tenha atuado nos Apeninos (local geográfico conhecido como a Linha Gótica), onde atuaram mais de 190 mil homens das mais variadas nacionalidades e procedências.

O Brasil fez parte do 15.º Exército aliado, que, por sua vez, foi formado pela fusão de unidades de quase todas as partes do globo. Era na verdade um conglomerado de raças e línguas.

Essa força contava, em julho de 1944, com 20 divisões. Assim discriminadas: 5 divisões britânicas (do Reino Unido); 7 divisões dos domínios

britânicos; 5 divisões norte-americanas; 1 divisão italiana e 2 divisões polonesas. Mais tarde, por volta de outubro de 1944, juntando-se a essas viriam a 92.<sup>a</sup> D.I. americana e a 1.<sup>a</sup> DIE (FEB) e, ao fim do ano de 1944, mais um grupamento americano chegava ao território italiano, era a 10.<sup>a</sup> Divisão de Montanha, que dividiu as responsabilidades com os brasileiros em muitos setores.

Nesse teatro de guerra, por sua vez, a força inimiga era composta de 28 divisões (26 alemãs e 2 italianas). O alto comando alemão mantinha o substancial efetivo na Itália, pois, além das divisões já citadas, era expressivo o número de tropas da S.S. guarnecendo localidades no interior do país.

Derrotados no sul e no centro da Itália, os alemães se retiram para instalar-se ao norte. A Linha Gótica era denominação dada pelos alemães à posição dos Apeninos, constituída por uma faixa que abrangia pontos notáveis com propriedades topotáticas criadas com o objetivo de barrar a posição das tropas atacantes e manter o domínio com tiros bem ajustados. Do total das divisões alemãs fixadas na Itália, 18 guarneciam o local.

O comando aliado elaborou um plano chamado de “Operação Olive”, que previa romper a Linha Gótica no período de 25 de agosto a 28 de setembro de 1944. Nessa fase, a Força Expedicionária Brasileira entra em ação.

Ao todo, a FEB enfrentou nove divisões alemãs. Muitas delas estavam naquele momento bastante desfalcadas devido à escassez de material, veículos e principalmente de combustível, que há muito estava racionado. A falta de munição também se constituiu em grave problema - mesmo limitada apenas à artilharia, uma vez que as armas portáteis eram bem supridas. Todos os percalços enfrentados não diminuíram o ímpeto do soldado alemão que lutou com combatividade em todas as frentes, como o demonstra o baixo número de prisioneiros capturados.

Durante a campanha do Vale do Rio *Serchio*, no início os brasileiros demonstraram destreza e progressão à frente inimiga e acrescentaram vastos conhecimentos sobre a logística de uma “guerra moderna”, mas não conseguiram,

nem a tropa norte-americana, desalojar os alemães. Os inimigos continuaram dominando algumas localidades até o fim da guerra.

Seguindo o planejamento tático organizado pelos aliados, a FEB é deslocada e os brasileiros se dirigem, no início do mês de novembro, para a região do Vale do Reno. A topografia era favorável aos alemães, pois as montanhas formavam um arco de oeste para leste, e as tropas hostis tinham uma excelente visão do terreno. Seus observatórios localizavam-se em *Monte Belvedere*, *Monte Gorgolesco*, *Mazzancana*, *la Torraccia*, *Torre de Nerone* e *Monte Castello*, e os atiradores de elite e observadores de artilharia ali fixados faziam desses lugares postos quase inacessíveis.

Nas proximidades ficava o *Soprassasso*, na época considerado a maior barreira para o avanço aliado. Ao norte, no fim desse arco, ficava *Castelnuovo de Vergato*. É nessa frente que a FEB vai combater por quatro longos meses, enfrentando os maiores transtornos, quer seja pelo terreno, quer seja a chuva outonal italiana, que barrava soldados e maquinários, e depois pelo inverno rigoroso da região apenina.

Os monumentos aos brasileiros em território italiano, que evidenciaremos nesta pesquisa, nos dizem da história dessas campanhas e de que maneira os soldados da FEB são lembrados. Não é apenas o fragor da batalha tão decantada na literatura dos heróis e nas vitórias granjeadas que é lembrado, mas também momentos ímpares de simplicidade que a memória registrou.

Neste capítulo, quando encerramos o estudo sobre os monumentos situados na Itália homenageando os soldados brasileiros combatentes na Segunda Guerra Mundial, procuramos por uma questão de direcionamento da investigação fazer uma introdução no contexto histórico então vivido pela arquitetura, para nos situarmos em relação aos diversos conceitos encontrados sobre a palavra monumento, partindo da sua etimologia e chegando às noções enfatizadas pelos arquitetos, historiadores, literatos e poetas.

Não tivemos o intuito de nos aprofundar na temática em si, ou seja, o monumento na visão arquitetônica, pois não é este o objeto do nosso trabalho, mas no sentido de que tais conceitos possam dar suporte aos nossos questionamentos.

Desde os primórdios da civilização, o homem tem recorrido a um simbolismo no qual o tempo, em decurso, foi alargando os significados. Nas mais antigas sociedades, o santuário e a necrópole foram as primeiras manifestações, os primeiros exercícios de expressão arquitetônica feitas pelo homem, e que podemos compreender como monumentalidade. Conseqüentemente, temos os cultos das divindades e dos mortos, traduzidos pelas formas apresentadas, corporizando as atitudes humanas diante dos grandes enigmas da existência.

No estudo sobre a origem dos monumentos, chamam a atenção construções megalíticas encontradas na Europa, as mais antigas de que se tem notícia. Segundo os estudiosos, pressupõe-se que esses círculos sejam consagrados, um desejo manifesto de proteção materializada.

“A rigorosa ordenação repetitiva dos alinhamentos e dos círculos e a composição das pedras dos dólmenes assinalam já a observância de uma ordem que comanda o ato criador e é prosseguida de cada vez que haja de produzir-se nova criação. Desse modo, delineando-se um devir que breve será tradição.”<sup>216</sup>

Esse ato criador transpõe, para o produto de sua ação, uma intenção específica que terá uma função representativa, na tentativa de perpetuar algo, constituindo-se, assim, num marco. Marco que assinalará aos pósteros um evento digno de vir, festejar-se ou comemorar-se.

“A monumentalidade, que numa fase remota se identificava através de uma configuração plástica simbólica, surge posteriormente da necessidade humana de criar símbolos, para marcar os seus atos e seu destino, para suas convicções religiosas e sociais”<sup>217</sup>.

<sup>216</sup> FERREIRA, Carlos Antero. **Arquitectura e Monumentalidade - As Origens**. Dissertação, Escola Superior de Belas Artes. Lisboa. Portugal. Gráfica dos Anjos. 1964.

<sup>217</sup> GIEDIOU, Arquitetura e comunidade, *apud* FERREIRA, op. cit., p. 63.

Estudos efetuados pelos pesquisadores nos mostram que, os monumentos estão intimamente relacionados à evolução histórica da arquitetura. No momento em que o homem percebe que a sua necessidade não é apenas a de construir para se proteger, surge também o desejo de erigir monumentos simbólicos ou espirituais; nesse caso, os monumentos megalíticos.

Nos estudos desenvolvidos pela arquitetura, a arte romana está mais próxima do nosso objeto de pesquisa, visto que tratamos da temática referente aos monumentos na Itália. A arte romana, em linhas gerais, nos legou seis espécies de construções voltadas para suas diversas funções: de cunho religioso voltado para os templos e os mortos, as construções das basílicas direcionadas ao comércio e ao civismo. Para o divertimento público estavam destinados os teatros, anfiteatros e circos.

Mas são os monumentos decorativos, representados pelos arcos e colunas, que chamam a atenção na monumentalística italiana. Pois possuem grande referência histórica dos feitos dos imperadores e seus generais vencedores - como o Arco do Triunfo e a Coluna de Trajano, que, sob nosso ponto de vista, transmitem uma forte identidade ao povo italiano.

Essa identidade perpassa muitas gerações e chega aos nossos dias pelas cerimônias comemorativas, tão bem demonstradas pelos estudiosos dos monumentos italianos, vistos nesta pesquisa como a possibilidade do enquadramento dos monumentos erguidos no pós-guerra. As investigações foram efetuadas pela historiadora Patrizia DOGLIANI e pelos pesquisadores do Instituto da Resistência, em Bolonha, já mencionados neste trabalho nos capítulos anteriores.

O Império Romano, caracterizado por um poder político e militar, sempre em expansão, era imponente e dinâmico e necessitava do trabalho dos artistas e pessoas cultas para desenvolver seus empreendimentos. Os projetos arquitetônicos se consolidam com construções articuladas que comunicavam a cidade com os territórios conquistados.

A arquitetura se desenvolveu até a Idade Média e teve sua ação dinamizada pela Igreja, seja no campo da arte como no da cultura. À parte dos segmentos artísticos que ocorriam na Europa nessa fase, a Itália deu início, no fim do século XIII, aos monumentos arquitetônicos grandiosos, ao recuperar a cultura clássica grega e latina. O papel do arquiteto alcança aqui uma conotação nunca vista anteriormente, na valorização e prestígio dentro da sociedade. Era o começo da secularização da arte com a tradição cristã. A arte é então “elitizada”, ficando muito distante da maioria do povo. Criando, desse modo, uma barreira entre as possibilidades reais da vida comum e do mundo da arte.

Contra a idéia da arte elitizada, também em nossos dias, assim se manifesta Carlos Antônio Leite BRANDÃO, em sua aula inaugural do curso de Arquitetura da Fumec:

[...] E todos esses projetos, por mais simples ou complexos que fossem, como os pequenos templos gregos ou as imensas igrejas medievais, eram discutidos pelos habitantes, os quais avaliavam a obra quotidianamente e se engajavam ativamente em sua construção. Não eram obras dos arquitetos, mas obras dos cidadãos e aqueles que os projetavam e construíam sabiam-se instrumentos dos desejos e das necessidades de todos os habitantes. Ao contrário, o que vemos hoje? Prédios são destruídos e construídos sob os olhos passivos de toda a sociedade [...]<sup>218</sup>.

A Igreja avança com seu poder centralizador e, após o Concílio de Trento, consolida sua estrutura poderosa e triunfante em uma nova forma de representação, aquela das expressões artísticas. Capital do papado, Roma se torna o paradigma de cidade barroca. A aliança entre os pontífices e os arquitetos, embora iniciada no Renascimento, atinge agora o seu auge.

A nova ordem estética do barroco rompe com a frieza das normas clássicas, expande as liberdades sem limite. Permitem-se novas estruturas

<sup>218</sup> BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A Arquitetura e seu bom combate**. Fumec, 1998. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.br/ia/fumec.html>> Acesso em: 06 jul. 2000.

curvilíneas e uma multiplicidade de elementos decorativos. Aproveita-se a luz natural, que proporciona jogos entre claros e escuros. O urbanismo e o paisagismo são integrados à obra final.

No século XVIII e no início do XIX surge o Neoclassicismo, cujas construções tinham a finalidade de acolher, em seus interiores, as instituições e os chefes de uma ordem política emergente. Nessa fase, aparece o interesse pela decoração dos interiores, pelo mobiliário, pela pintura mural e pelos elementos decorativos.

Mas foi com o advento da Revolução Industrial que tais elementos arquitetônicos foram abandonados e foram privilegiadas as concepções do espaço habitável, que acabou transcendendo as questões artísticas ou estéticas.

Na análise arquitetônica das cidades contemporâneas, o pesquisador incógnito da *Relacus* relata-nos os sinais dos novos tempos:

As cidades tornaram-se corpos vivos", com referências e necessidades próprias [...]. A tecnologia permitiu o uso do concreto e a utilização do vidro. Deu-se credibilidade aos novos materiais que marcam a formação do novo arquiteto. Aboliu-se o elemento decorativo e valorizou-se o "fato construtivo", último momento no qual o arquiteto sentiu-se artesão de sua própria obra. A decoração morreu! Os arquitetos do século XX chegaram<sup>219</sup>.

A abordagem histórica da civilização romana e suas obras artísticas se tornaram de grande valia para a compreensão da arquitetura enquanto "monumento". Esse exame sucinto na introdução do quarto capítulo teve o objetivo único de integrar nossa temática ao contexto da Arquitetura, sem a preocupação de explicar os estilos, formas e detalhes. Dessa maneira, chegamos ao século XX, período em que está inserido o nosso objeto de estudo: os monumentos brasileiros

<sup>219</sup> RELACUS, acústica arquitetônica. *História da Arquitetura. O "A" da Arquitetura no tempo*. Disponível em: <<http://planeta.terra.com.br/serviços/relacus/arquitetônica/história>> Acesso em: 02 jul. 2000.



na Itália.

No primeiro capítulo fizemos uma pequena introdução ao significado etimológico da palavra monumento e sua origem romana. Mas havia a necessidade de ouvirmos outros discursos, enfoques diversos que nos ajudassem na apreensão dos monumentos.

Sobre esse tema, que imagem nos passam os arquitetos, os poetas, os memorialistas, os historiadores da arte e os conservadores de patrimônio? Em que se fixam os olhares desses estudiosos ao analisarem os monumentos inseridos nas cidades em nosso século?

Com certeza, haverá aqui um enfoque surpreendente para desvendar e compreender esse processo cultural.

Em entrevista dada recentemente ao jornalista Label France, François BARRE (1993-1996), ex-presidente do Centro Pompidou, faz suas reflexões quando indagado sobre patrimônio e preservação, que consideramos pertinente à nossa pesquisa:

Trata-se de um fenômeno, sem dúvida, ligado a uma forma de desordem neste final de século, a uma incerteza sobre o nosso futuro, a nossa impossibilidade de determinar valores, de inscrevê-los na história. Nós não deixamos restos, nós guardamos tudo. A tal ponto que o museu é o equipamento público mais construído no mundo depois de uma guerra.[...]. Sobre o sucesso das “jornadas do patrimônio” [...], um sucesso crescente em suma, no qual é necessário ver uma vontade da re-legitimação de identidade nesses tempos de crise de grandes projetos coletivos. Para os franceses, a arquitetura é o patrimônio por excelência, um local de memória ao qual se apegam por uma espécie de veneração quase religiosa.<sup>220</sup>

As questões relativas ao patrimônio estão fortemente inseridas na cultura do povo italiano. Na busca dessas origens encontramos um encaminhamento

<sup>220</sup> BARRÉ, François. **Entrevista a Label France**. O patrimônio entre memória e o projeto. Disponível em: <<http://www.ambfrance.org.br/label/label35/patrimoine/01memoire.html>> Acesso em: 20 nov. 2002.

sugerido através de Edouard Pommier, professor da Escola do Louvre, quando esse se reporta à Renascença na Itália.

Muito cedo, os italianos tomaram consciência de que além da língua, seu país, tão dividido, tão retalhado, encontrava um elemento de identidade e de união na expressão artística em plena efervescência [...] a partir de 1540, surge nos Estados pontificiais a idéia de que o poder público pode e deve exercer um direito soberano de controle sobre o movimento das obras de arte.[...]. Roma, Estado pontifical não relaxa o controle, a tal ponto que em 1750 um decreto de extrema precisão regulamentará o mercado de obras de arte. A palavra patrimônio não é ainda pronunciada, mas a noção é induzida por essa idéia de que existem criações importantes demais para se renunciar a elas<sup>221</sup>.

Desse modo, o elemento de identidade e de expressão artística, ao qual faz referência Pommier, é a herança cultural que transita entre o povo italiano através dos séculos. A geração do pós-guerra é motivada pelos últimos acontecimentos vivenciados na História Contemporânea e esses, registrados na memória, possibilitaram o aparecimento de novos monumentos que, atrelados às cerimônias comemorativas, sacralizam a memória como história.

Mas que coisa tais marcos comemoram? Quais identidades são ali produzidas? O que eles nos ensinam? Qual o significado? Que história eles celebram? Do que nos falam esses monumentos?

Ao conduzir uma pesquisa sobre os monumentos da cidade de São Paulo, Cristina FREIRE, no primeiro capítulo de sua obra, diz que “a cidade imaginária” constrói uma proposta importante para a compreensão desse processo cultural.

Pensar a relação dos habitantes de uma cidade com seus monumentos é ver a cidade além de sua finalidade imediata, é privilegiar, antes de tudo, seu componente histórico e estético. Afinal, o que são os monumentos numa cidade? Longe de se referirem a traçados urbanos abstratos, carregam-na de sentidos simbólicos; testemunham sistemas

<sup>221</sup> BARRÉ, François. **Entrevista concedida a Daniel Bermond**. Disponível em: <<http://www.ambfrance.org.br/label/label35/patrimoine/01memoire.html>> Acesso em: 20 nov. 2002.

mentais da época em que foram criados e solicitam, não raro, uma relação não apenas perceptivas mas também efabuladora, que mistura os tempos presente e passado (...).<sup>222</sup>

Assim, toda cidade mantém as imagens do tempo que se espalham pelas ruas e praças, refletidas nos espaços pela arquitetura e pelos monumentos deixados pelos homens. Nesses lugares, a cidade se torna um museu que expõe suas obras e seus monumentos, transformando-se em “lugares da memória”, conseqüentemente, referências no espaço e no tempo.

O homem impregnado de recordações imagina uma “impossível eternidade”, descobre um sentido para viver o presente e projetar o futuro; ‘fabrica crenças’ confortáveis e registra, com sua escrita, o tempo que deseja ser infinito, bem como os modelos de vida que vai armazenando na cidade-museu. Tal como capítulos de uma história, registros escritos em pedras, num texto variado de estilos arquitetônicos, arquétipos do passado. Aqui vistos com os olhos do presente, na visão de um poeta-arquiteto em “Cidade-Espelho do Tempo”.<sup>223</sup>

Os espaços da cidade vêm sendo tomados pelos artistas plásticos. Como observa Cristina FREIRE: “O urbano como elemento incitador de suas poéticas” e a implementação de monumentos.

Na leitura efetuada em “Além dos mapas”, visualizamos um momento da história grega quando o museu visto como um lugar reservado à guarda de objetos era algo inconcebível. Os jardins das casas eram os depositários das obras de arte; nesse caso, a estatuária que representava as figuras de filósofos da época.

O traçado urbano era caracterizado a partir dos monumentos nas cidades antigas, medievais e barrocas. Assim, essas cresciam ao seu redor. Isto permitia às pessoas poder fruir do lugar onde viviam. Logo, o monumento era o marco de

<sup>222</sup> FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC – Annablume, 1997. p. 56.

<sup>223</sup> RESENHA. **Nave da palavra. Cidade-Espelho do tempo**. Disponível em: <<http://almandradex@ig.com.br>> Acesso em: 02 jul. 2000.

referência.

Ainda sobre as cidades antigas, no confronto com as cidades novas, a citação da autora nos acena com algumas reflexões deixadas por Argan, quando este analisa a história da cidade na visão arquitetônica.

A visita era o coroamento da formação cultural dos jovens destinados por classe ou por censo a funções do governo. Admirando os "marabilia urbis", tomava-se consciência dos valores históricos que os monumentos representavam e significavam plasticamente. Contudo, seu verdadeiro significado consistia em que estavam ali, na sua realidade física, não como memórias ou marcas do passado, e sim, como um passado que permaneceu presente, uma história feita espaço ou ambiente concreto de vida.<sup>224</sup>

Seguindo próximo a essa linha de pensamento, o arquiteto Leite BRANDÃO questiona os arquitetos de hoje, ao mesmo tempo em que afirma a necessidade de combater uma arquitetura desvinculada de qualquer compromisso público. Combater a idéia de construções sedentas do novo, e que pelo fascínio da novidade sufocam e destroem aquelas que construíram a história das cidades, da sociedade, a história dos antepassados e a nossa própria história.

Sobre a construção do "marco do centenário" da cidade de Belo Horizonte, assim se manifesta o autor, indagando: "Que coisa tal marco comemora? O centenário ou o óbito da nossa cidade? Que identidade ele promove? O que ele simboliza e nos ensina? Qual a sua necessidade e o que ele nos fala?"<sup>225</sup>.

São discursos arquitetônicos que chamam a atenção para os monumentos erigidos em nosso tempo. Segundo seus autores, as formas devem falar, persuadir, convencer plástica e simbolicamente, mas de que símbolos eles falam?

Segundo Cristina FREIRE, os símbolos são testemunhos mentais de uma época, das memórias pessoais às memórias coletivas, que em um dado momento se

<sup>224</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*, apud FREIRE, op. cit., p. 90.

<sup>225</sup> BRANDÃO, Ibid.

tornam uníssonas.

Os monumentos erigidos na Itália nos falam do discurso dos seus moradores, que habitam o tempo, o verdadeiro lugar; *habitus e habere*, “hábito” e “haver-se” ou “ter-se”, produzindo desse modo a sua própria identidade, conforme sugere Leite BRANDÃO em seu texto.<sup>226</sup>

Com a maior parte deles investida de simplicidade plástica, tais monumentos nos falam de uma “*arche*”<sup>227</sup>, palavra vista aqui como valor comum, algo criado pela sociedade e para ela destinada. Por essa razão, seu sentido terá a conotação de documento pelos qual o homem gravou sua passagem pela terra e transmitiu aos pósteros sua visão de mundo. Isto é, o que lhe foi peculiar em dado momento.

Segundo a leitura que nos foi proporcionada sobre o pensamento dos arquitetos em relação à monumentalística, um projeto deve começar tendo o que falar sobre uma dessas coisas, e seu construtor tem de, antes de saber desenhar, construir o “saber mexer” no computador, ser poeta, ter o que dizer. O monumento é linguagem, é a frase que diz ao mundo, é a história de quem é, quem somos nós e o que estamos fazendo aqui.

Desse modo, mesmo na transição para o século XX, o monumento ainda é visto como *res publica*, como algo, uma coisa que apenas está em exposição na cidade. Esperamos que nossa investigação sobre os monumentos na Itália possa afastar essa imagem - a partir da narrativa dos próprios atores, ou seja, dos habitantes dos diversos povoados que vivenciaram a guerra junto dos soldados brasileiros, em que suas narrativas alicerces as imagens simbólicas, históricas e pedagógicas abrigadas nesses monumentos.

Com esse propósito, e diante das evidências históricas que pretendemos

<sup>226</sup> BRANDÃO, Id.

<sup>227</sup> “Para distinguir as construções que tinham um sentido simbólico, os gregos criaram a palavra *arche*, com triplo sentido: comando (arconte), o sentido cronológico e o princípio como valor” BRANDÃO, op. cit., p. 2.

apresentar, visualizamos alguns monumentos dedicados aos soldados brasileiros pelos habitantes da Itália Setentrional e pela sociedade italiana do pós-guerra. Essa será a nossa perspectiva histórica e humanística de tais obras.

## 4.2 MONUMENTO VOTIVO DA CIDADE DE PISTÓIA

### 4.2.1 Origem da Cidade

A cidade de *Pistóia* é capital da província com o mesmo nome e se situa ao nordeste de Florença, na Toscana. Estabelecida nos pés dos Apeninos, sua superfície é de 236,77 quilômetros e sua população, composta de 85.843 habitantes. Das cidades vizinhas Florença, ela dista 35 km; de Pisa, são 67 km; de Bolonha, 91 km; e de Roma, capital da Itália, ela dista 306 km (Anexo 10).

A origem de *Pistóia* está ligada aos romanos, no II século a.C. No início, essa localizada era um simples acampamento militar, transformada depois em uma cidade fortificada com o nome de *Pistoria* ou *Pistorium*. A história mostra a presença de duas etnias na cidade: a dos *Ligueros* e a dos *Etruscos*.

Quando dos trabalhos de escavações, foram encontrados, no centro da cidade, algumas tumbas pertencentes a esses dois grupos; ligados, conseqüentemente, à fase da expansão territorial romana. A cidade permaneceu nas mãos romanas até a invasão dos *Godos*, vindos do norte, conforme registros datados do ano 406, ou seja, 70 anos antes da queda do Império Romano.

A documentação referente aos séculos subseqüentes é rara e nos reportam para o século VI, quando a cidade é tomada por novos invasores. No caso, os *Longobardos*, vindos da região de *Lucca* (PI). Durante bastante tempo constituiu-se num baluarte desse povo, que, constantemente, se batiam com os Bizantinos (România), em lutas freqüentes pela posse da região. Os defensores da cidade

constroem nova muralha, que se sobrepõe sobre a antiga, que era romana e media 1.200 metros de extensão.

Os séculos subseqüentes mostram a cidade diversas vezes sitiada e em guerra. Foram lutas entre famílias rivais, com as de *Lucca* e *Florença*. Tais desordens se multiplicam e agravam-se com o aparecimento da peste negra, que incide sobre a metade da população *pistoiese*.

A história das guerras internas tem continuidade, pela efervescência política e a luta pelo poder, da qual Pistóia não é excluída. Várias vezes ela viu seu território ser ocupado, inclusive por tropas papal e austríaca. As questões do ressurgimento e da unificação italiana deixam também suas marcas na cidade. No início do ano 1900, ocorre um grande desenvolvimento econômico na localidade pela sua industrialização.

Em 1927, Benito Mussolini cria a província de Pistóia entre tantas outras, sob a sua orientação, e com essa intervenção há o aparecimento do fascismo no território, fato causador de graves problemas para o município, principalmente pelo cerceamento das liberdades, que culminaria com a entrada da Itália na Segunda Guerra Mundial.

#### 4.2.2 A Cidade e seu Monumento

Durante a Segunda Guerra Mundial, Pistóia foi escolhida para servir de quartel-general da retaguarda da Força Expedicionária Brasileira. Ali, estavam concentrados os principais serviços, entre os quais o Hospital de Campo e a Intendência e Finanças, que se localizavam na *Praça San Lorenzo*; o Depósito, na via *Baroni*; o Serviço Postal, no *Parco Alto*; e na *Via Monte Sabotino* uma grande estação de rádio, que tinha uma ligação direta com o Brasil.

O cemitério militar de Pistóia é o único na história militar do Brasil. Não há registro similar no exterior, muito menos administrado pelas Forças Armadas brasileiras e, por tão longo tempo, depois de sua instituição no fim da Segunda

## Guerra Mundial.

A Força Expedicionária Brasileira, como as demais forças aliadas envolvidas na Segunda Guerra Mundial, percebeu a necessidade de instalar um cemitério militar para os mortos provenientes dos campos de batalha.

Uma reunião com o comando do 5.º Exército Americano, do qual fazia parte o gen. Mascarenhas de Moraes, instituiu comissão composta de americanos e brasileiros, no sentido de que esses escolhessem um terreno na cidade de Pistóia, onde se localizava o quartel-general recuado da FEB, para a organização do cemitério.

Foi escolhido um terreno na localidade chamada São Roque, situada a 4 quilômetros do centro de Pistóia e perto do cemitério municipal e da igreja local. Com uma área inicial de 15.389 metros quadrados e uma frente de 200 metros, o terreno fazia divisão com as ruas Carota e Molina e Sei Arcoli.

Aprovado o terreno, foi redigida, no dia 2 de dezembro de 1944, a requisição militar da área, pelo cel. Oswaldo Araújo Motta e pelo comandante da Engenharia do 5.º Exército, R. F. Fitzsevald. A área pertencia ao advogado italiano Pietro Landini. Como o lote requisitado fazia limite com o cemitério italiano, foi aberta uma faixa de 4 metros separando as duas partes.

Coube ao 1.º pelotão de sepultamento, comandado pelo tenente Lafayette Brasileiro, organizar e instalar o cemitério de Pistóia, cujo espaço de início foi dividido em 12 quadras, sendo ocupado, no começo, a sua parte central. As quadras foram divididas em coluna por três e marcadas com letras maiúsculas do alfabeto. A quadra E foi destinada a dar sepultura aos alemães recolhidos pelos brasileiros. O primeiro sepultamento brasileiro nesse local se deu no dia 2 de dezembro de 1944.

Foi necessária uma sede para o pequeno grupamento de sepultamento se estabelecer na cidade. Assim, foi requisitada uma casa na “Vila Landini”, um velho edifício situado na Rua Bartolomeu Sestini, a cerca de 150 metros do cemitério de Pistóia. O primeiro pelotão de sepultamento fora constituído em julho de 1944,



quando a FEB já se encontrava viajando para a Europa.

Os primeiros corpos de brasileiros que haviam morrido anteriormente à instituição do cemitério foram sepultados nos cemitérios aliados, ou mesmo nos cemitérios das pequenas comunas, e depois trasladados para Pistóia.

Ao tratarmos do cemitério militar brasileiro de Pistóia, temos de fazer menção à pessoa do tenente Miguel Pereira.<sup>228</sup>

Em agosto de 2002, Miguel Pereira nos concedia uma entrevista na cidade de Pistóia, este relato desdobrou-se em várias etapas neste trabalho, pois na ausência de fontes escritas, o depoimento do 1º guardião de Pistóia, ajudou a elucidar fatos importantes sobre o cemitério militar brasileiro na Itália, dos quais destacamos alguns trechos:

Em 31 de dezembro de 1946 fui designado para ir para a Itália, nosso grupo era eu como sargento, um cabo e quatro praças [...] saímos no dia 31 de dezembro num velho cargueiro da primeira guerra mundial, que foi quebrando por todo o caminho. [...] Perto de Lisboa, o navio foi rebocado e chegamos à Itália somente no dia 28 de fevereiro de 1946 [...] eu ia com a promessa de permanecer em Pistóia por dois anos. [...] Alguns meses depois, vieram as ordens para que toda a guarda retornasse ao Brasil, devendo permanecer apenas Miguel Pereira. [...] Eu ficaria sob as ordens do cônsul em Florença.<sup>229</sup>

Com o retorno dos restos mortais dos ex-combatentes brasileiros ao Brasil, vai prevalecer a idéia e a vontade do mal. Mascarenhas de Moraes, de tornar o antigo cemitério de Pistóia em um monumento votivo. Essa era preocupação do então comandante da FEB, no pós-guerra. A idéia só pode ser concretizada depois

<sup>228</sup> Miguel Pereira embarcou como voluntário para guerra, sua função era de radiotelegrafista, com seu grupamento esteve em diversas frentes de campanha. Em novembro de 1944 assume o seu trabalho junto ao quartel da FEB em *Porreta Terme*, junto do comandante Mascarenhas de Moraes, de quem se tornaria, depois da guerra, grande amigo e protegido, fator de preponderância que definiria sua atuação no cemitério de Pistóia, exercendo o posto de guardião do cemitério de Pistóia, cargo que exerceu até a sua morte e mais tarde substituído por seu filho Mario Pereira. Miguel Pereira faleceu em 2003.

<sup>229</sup> PEREIRA, *Ibid.*

de organizado o local, ou seja, o monumento destinado a receber e guardar as urnas funerárias.

Em seu livro de Memórias, publicado em junho de 1969, o comandante da FEB diz o seguinte:

Por minha solicitação, o presidente Getúlio Vargas, em decreto de 10 de outubro de 1952, nomeou a comissão de repatriamento dos mortos do Cemitério de Pistóia, do qual fui presidente até a conclusão da obra planejada. Seus componentes pertenciam a três Ministérios militares, já que se tratava simultaneamente dos mortos das Forças Armadas.<sup>230</sup>

O local escolhido para a construção do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial foi uma área no Aterro da Glória (parque do Flamengo), uma continuação da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Aberta a concorrência pública para erigir o novo monumento, foram apresentados 36 projetos dos quais 5 foram escolhidos.

Da comissão julgadora participaram profissionais da área da Arquitetura, Engenharia e artistas ligados a Belas Artes. O modelo apresentado pelos arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto venceu a concorrência. As obras, iniciadas em 1957, foram concluídas em 1960. Trata-se ainda hoje do mais importante monumento dedicado aos mortos militares em nosso país.

#### 4.2.3 O Terreno do Cemitério de Pistóia

Em Pistóia, o local onde se encontra hoje o monumento militar brasileiro foi ocupado, desde 1945, com os restos mortais dos brasileiros. A posse definitiva do terreno, velha aspiração do Exército, no sentido de preservar a memória dos

<sup>230</sup> MORAES, João Baptista B. Mascarenhas de. **Memórias**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984, p. 348.

tombados na Itália, causou alguns problemas burocráticos.

A legislação internacional orientava de que esse ato se tornaria possível mediante a permanência no local dos restos mortais de pelo menos um dos nossos soldados. Se este requisito não fosse obedecido, implicaria demanda de solicitações periódicas da renovação de permissão para o uso do cemitério, e talvez a perda desta possível concessão, ou seja, o retorno da propriedade para o governo italiano.

Para a solução do impasse foi importante a ação enérgica do embaixador D'Alamo Lousada, que alcançou êxito, por meio de inúmeros expedientes e contatos com as autoridades italianas, no sentido da não permanência dos restos mortais de brasileiros na Itália. Esse fato provocou certa polêmica com o mal. Mascarenhas de Moraes, que não aceitava a idéia de uma dessas urnas retornar do Brasil para a Itália.

Como o assunto permanecesse sem solução, em 2 de dezembro de 1960, a título de usufruto, o governo cedeu essa gleba italiana ao Brasil, prorrogável por mais 30 anos e, através de documento firmado na Intendência de Finanças de Pistóia, podendo ser prorrogado por três períodos consecutivos de 30 anos cada.

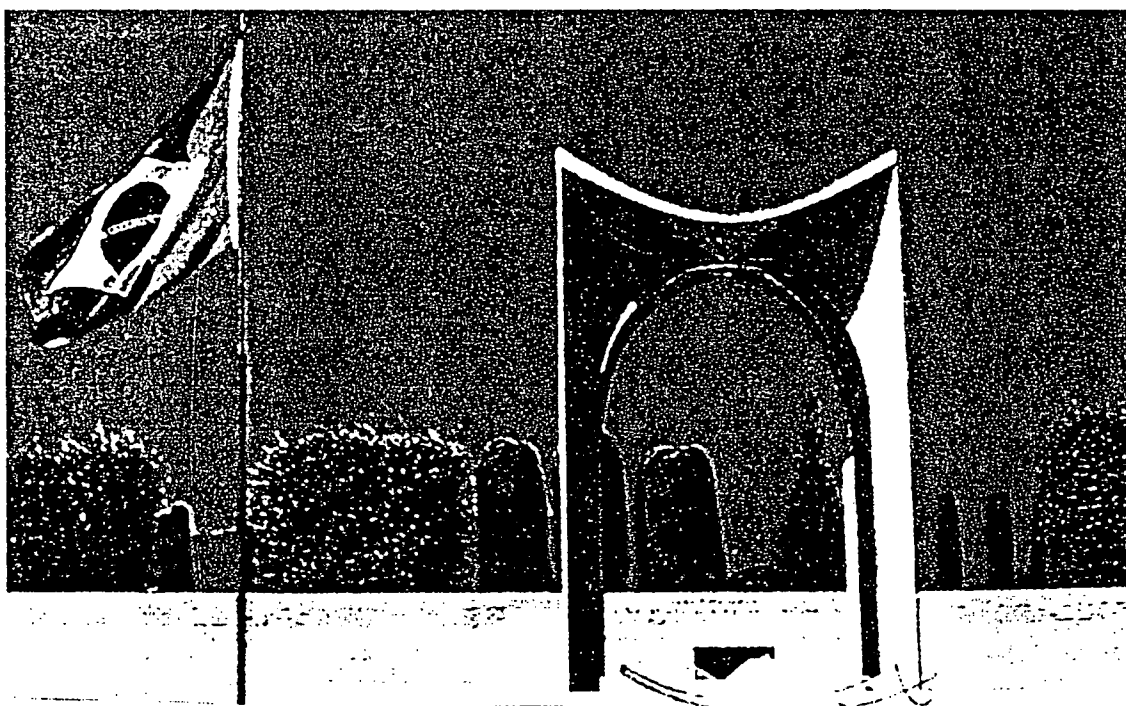
#### 4.2.4 A Edificação do Monumento

Na mesma área onde ficava o ex-cemitério militar de Pistóia, foi erigido o monumento militar de Pistóia, tendo sido inaugurado em 7 de junho de 1966. O projeto foi do arquiteto oficial do Itamarati, Olavo Redig de Campos, por indicação do então embaixador em Roma, D'Alamo Lousada.

Vencidos os trâmites normais da burocracia italiana, em relação à posse definitiva do terreno, o monumento é finalmente inaugurado e os jornais italianos manifestam-se em várias publicações, que dizem respeito à beleza plástica do monumento, bem como chamando a atenção para os valores desse ato para a comunidade pistoiense. Na descrição das linhas arquitetônicas do monumento e seus significados, o jornal publica:

A obra se caracteriza pela dignidade da sua composição. O motivo principal do monumento é um longo muro de pedra, sobre o qual estão inseridos os nomes dos brasileiros mortos, este muro emerge de um lago artificial. Diante deste muro encontra-se uma esplanada de mármore, onde estão localizados o altar e a pira com a chama perene. Sobre o altar se eleva uma edícula em forma de arco, que em seu movimento ascendente representa a vida do espírito. O cimento armado, com sua natureza elástica e suas qualidades plásticas, e a estrutura forte da sua superfície mantêm seu aspecto natural, em contraste entre o arco, que é todo movimento de ascensão e o muro de pedra, todo estático e colocado. O caminho que conduz ao altar, em mármore, traz inserido no piso o nome das principais batalhas vencidas pelo Corpo Expedicionário. As linhas que delimitam os canteiros de flores, formam uma imensa cruz branca, que se ressalta entre a grama baixa e verde.<sup>231</sup>

FIGURA 1 - A CHAMA



Dos discursos pronunciados na época, que enaltecem a beleza plástica do monumento, registramos o do chefe da missão especial brasileira, general Lima Brayner, que na época da guerra comandava como coronel do Estado-Maior da FEB:

<sup>231</sup> CRONACA DI PISTOIA. Pistóia. Itália. 9 de junho de 1966.

O momento em que o cortejo das autoridades chegou diante do monumento, ofereceu-se-lhe um espetáculo inesquecível: guardado por gigantescos ciprestes canadenses, estendia-se diante de seus olhos o caminho de mármore na qual foram inscritos os nomes das vinte batalhas ganhas pela Força Expedicionária Brasileira. À direita e à esquerda, canteiros delimitados entre as linhas de mármore em forma de cruzes. Mais adiante uma grande esplanada de mármore em cujo centro se encontram a pira de chama perene e o altar acima do qual se projeta uma delgada edícula com um teto com a aparência de um véu. E no fundo, o grande muro em que foram inscritos os nomes dos soldados brasileiros mortos.<sup>232</sup>

Os jornais de Pistóia dão destaque à inauguração, publicando os discursos das autoridades italianas presentes, entre as quais o do ministro da defesa L'on Cossiga, que retrata com palavras expressivas, os vínculos existentes entre o Brasil e a Itália.

Vínculos de sangue apertam o elo de afinidade eletiva entre os nossos povos, mesmo a distância não veta esta afinidade e ela se mantém com saldo profícuo. O nome da Itália em terra brasileira não significa apenas civilidade e grandeza latina, mas também um símbolo inteligente de trabalho e ardoroso pioneirismo [...] a grande coletividade italiana no Brasil está muito perto de nós nesta jornada que renova o pacto de verdadeira e duradoura amizade.<sup>233</sup>

Miguel Pereira exerceu papel importante no pós-guerra, primeiro como único responsável pelo cemitério militar brasileiro em Pistóia, depois com o trabalho de exumação dos corpos dos brasileiros desaparecidos durante a campanha, sobre os quais havia informações esparsas e dependia mais das lembranças da população, no sentido de indicar a localização dos mesmos.

Em seu depoimento Pereira diz sobre este trabalho que ele sempre perseguiu: encontrar os brasileiros desaparecidos.

<sup>232</sup> ALBUQUERQUE, Ivo de. *Alocução: Sobre o Monumento Militar de Pistóia*. Petrópolis, RJ. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/docs/ial\\_19990624.htm](http://www.ihp.org.br/docs/ial_19990624.htm)> Acesso em: 19 mar. 2003.

<sup>233</sup> CRONACA DI PISTOIA. *Pistóia*. Itália, 8 de junho de 1966.

Do meu conhecimento faltavam 9 corpos, recuperei todos, no período que vai de 1946 a 1966. O primeiro que recuperei estava enterrado no cemitério local de Gaba. O último eu o encontrei em *Montese*. Fui avisado por um lavrador, que esteve presente na inauguração do monumento aqui em Pistóia, que em seu quintal havia o corpo de um soldado brasileiro. Ele contou que certa noite ouviu muitas vozes (alemãs) de um grupo que se aproximava da casa. [...] entre esses um brasileiro prisioneiro. [...] Uma granada com forte estrondo atinge o grupo. [...] muitos morreram ali. [...] pela manhã, os habitantes locais vendo o corpo do soldado brasileiro o enterraram ali mesmo. [...] o italiano tirou do corpo do morto, o capote, o relógio e os borzeguins. [...] Diante desta narrativa e com a ajuda do prefeito da cidade de *Montese*, desenterramos o corpo, havia sinais de que era brasileiro, não conseguimos identificá-lo. [...] este é o que permanece enterrado aqui no monumento.<sup>234</sup>

Os atos de celebração que recordam os brasileiros na Itália não estão restritos apenas às cerimônias cívicas da tomada de Monte Castello e *Montese*. Em Pistóia, o dia dedicado aos mortos é reverenciado no dia 2 de novembro de cada ano, com a participação das autoridades brasileiras e italianas, além da comunidade. Fato sempre destacado pela imprensa local.

Cerimônia para todos os mortos, flores sobre todas os túmulos. “[...] Solene comemoração em *San Rocco* na presença do embaixador do Brasil em Roma, coroa de flores são depositadas pelas crianças das escolas. [...] Crianças das escolas elementares (fundamental) depositaram flores na colunata situada no centro do monumento.”<sup>235</sup>

#### 4.3 A CIDADE DE MONTESE E OS MONUMENTOS DEDICADOS À LIBERDADE

##### 4.3.1 A Localização Estratégica da Cidade

<sup>234</sup> PEREIRA, Miguel. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Pistóia. Itália, agosto de 2002.

<sup>235</sup> CRONACA DI PISTOIA. **Pistóia**. Itália, 3 de novembro de 1966.

A cidade de *Montese* está localizada nos contrafortes dos Apeninos (Anexo 7), a 841 metros acima do nível do mar. É formada pela própria sede (*Montese*) e por dez pequenos povoados ao seu redor: *Maserno*, *Castellucio di Moscheda*, *Iola*, *Salto*, *San Martino*, *San Giacomo Maggiore*, *Montalto*, *Semelano*, *Montespecchio* e *Bertocchi*. Todas essas localidades são pontos de referências dos brasileiros que combateram em *Montese*.

A capital, *Modena*, está localizada a 58 quilômetros de Bolonha. Para alcançar *Montese* o caminho é acidentado. Atualmente as estradas são asfaltadas, mas ainda há muita dificuldade para os veículos que sobem a serra, pois os caminhos são estreitos.

Os bosques de plantas silvestres foram recuperados após a Segunda Guerra Mundial. Hoje, encontramos algumas variedades como castanheiras e árvores chamadas *quércias*.

A história de *Montese* se perde um pouco no tempo, e um dos documentos mais antigos se reporta ao ano de 1197, quando a pequena cidade, por motivo de proteção, aliou-se à cidade de *Modena*, conforme documento firmado entre a população e seus vizinhos. Tal ato não envolvia os castelos vizinhos e os que moravam nos locais mais altos (rochas), isto é, os militares e homens armados; esses últimos eram isentos das taxas ou dízimos.

Para a pessoa que visita *Montese* na atualidade, chamam a atenção os antigos casarios, e o mais preponderante desses é *La Rocca* (a rocha) com sua torre, local estratégico para as populações antigas e um marco nas construções medievais, onde os habitantes procuravam proteção. Em *La Rocca* foi construído um castelo por volta do século XIII, e até 1945 o lugar formava um conjunto arquitetônico, juntamente com o campanário e a igreja, mas, em grande parte, foram demolidos pelos bombardeios ocorridos em abril daquele ano.

Hoje, desse conjunto restam a igreja, que foi recuperada, e a torre. Do local, é possível descortinar o panorama em torno da cidade - com seu visual nos

reportando à Idade Média. As casas localizadas logo abaixo do morro, onde estão situados o castelo e a igreja, também não foram poupadas de serem devastadas pela guerra.

A História Contemporânea da cidade é fortemente marcada pela Segunda Guerra Mundial, com toda sua tragédia - com muitos mortos e feridos - e pela sua destruição. A cidade foi alvo direto de bombardeios alemães e aliados.

A liberação de *Montese* está intimamente ligada à história da campanha efetuada naquela localidade pelos brasileiros, em abril de 1945. O episódio de liberação da cidade recebeu o nome de Ofensiva da Primavera. Para os brasileiros, até aquele momento a campanha apresentava um saldo positivo, e a tomada do Monte Castello, ocorrida no dia 21 de fevereiro, nas proximidades de *Montese*, colocava os soldados brasileiros numa posição de tropa veterana e ofensiva.

No dia 20 de março, o general Mascarenhas de Moraes compareceu à Conferência no quartel-general do IV Corpo, em *Castelnuovo*, onde foi discutido o novo plano de operações desse IV Corpo - inserido nas manobras do XV Grupo de Exércitos. Era o início da Ofensiva da Primavera.

O plano tinha estes objetivos: libertar a cidade de Bolonha, a travessia do Rio Pó e bloquear o Passo de Brenner (fronteira da Itália e Suíça e principal rota de retraimento do inimigo).

O comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, participaria ainda de mais duas conferências na pequena cidade de *Castelluccio*, realizadas nos dias 27 de março e 8 de abril de 1945, quando foram esboçadas, em linhas gerais, as manobras a serem efetuadas pelo IV Corpo do Exército.

Aqui cabe ressaltar que essas manobras envolviam a 10ª Divisão de Montanha americana, uma tropa de elite, cujo comandante era o general George Hays, a quem foi dada a missão de romper as linhas inimigas, em direção ao Monte *della Spe-Tolè*, num envolvimento direto com o maciço de *Montese*. Tal situação era preocupante, pois naquele momento não se dispunha de informações seguras sobre



as reservas inimigas situadas nas proximidades.

Para atingir o eixo principal do ataque, de acordo com o esquema tático, a 10.<sup>a</sup> de Montanha passaria pela cidade de *Montese* pelo flanco oeste. Esse era um setor desconhecido e sobre o qual não havia informações precisas. O comandante da divisão americana expôs a preocupação aos demais generais e, por sugestão do general Mascarenhas de Moraes, foi feita uma reorganização das divisões americana e brasileira, cabendo à tropa brasileira o ataque frontal à cidade de *Montese*, cobrindo, dessa forma, o caminho para a 10.<sup>a</sup> de Montanha atingir seu objetivo.

Em suas memórias, o general Mascarenhas de Moraes retrata o fato, ao narrar seu diálogo com o comandante da 10.<sup>a</sup> de Montanha:

General Hays: *'Tem a Divisão Brasileira a certeza de tomar Montese?'*

*Gracejando*, respondeu o general Mascarenhas: *'Sim, tenho, mas quero também saber se o general Hays tem a certeza de aproveitar o sucesso brasileiro sobre Montese.'*

Um movimento de aplausos da seleta assistência acolheu as palavras do nosso chefe divisionário, afirmando que a sua tropa estava em condições de conquistar Montese (liberando as unidades empenhadas sucessivamente nesse flanco para a ação principal de ruptura) e progredir na direção de *Zocca-Vignola*.<sup>236</sup>

Enquanto era desencadeada a ação conjunta contra os alemães que estavam dentro da cidade de *Montese*, o 14 de abril de 1945 assinalava uma data importante na história da guerra italiana. As forças do V e VIII Exércitos convergiram sobre Bolonha, e a guerra caminhava para o seu fim.

O 11.<sup>o</sup> Regimento de Infantaria Brasileiro, já na encosta de *Montese* - principalmente na baixada do monte *Montaurígola* -, enfrenta uma jornada difícil, sob

<sup>236</sup> MATTOS, Carlos de Meira. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*. vol. I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983, pp. 175-177.

fortes bombardeios. Às 11:07 horas desse dia, uma patrulha de reconhecimento brasileira se encontrava detida por um campo minado, com a apresentação de muitas baixas.

Esse fato e tantos outros são lembrados pelos montesinos, no livro *"Montese - fascismo, guerra, ricostruzione"*. Nessa obra, foram reunidas as pesquisas organizadas pelo grupo cultural *Il Trebbo* e publicadas em 1990, trabalho que consiste em uma fonte importante para a ordenação desta tese, pois ali estão ordenados, de uma forma cronológica, os fatos ocorridos nessa cidade no período de 1943 a 1945, que diz respeito à participação brasileira na liberação da cidade.<sup>237</sup>

Estão registradas nessa obra as diversas fases históricas da cidade. Reconstituída, ali, pela observação dos seus autores sobre essas fases, englobando a época do fascismo vivido pelos seus habitantes, a guerra e destruição e, por último, a reorganização da cidade na reconstrução.

Os depoimentos encontrados na comunidade nos ajudaram a reconstituir a história ligando brasileiros e *montesinos*. Ao recompor esses fatos - os dos momentos marcados e vivenciados pela população civil e pelos soldados -, aproximamo-nos da materialização de dois monumentos que homenageiam os brasileiros como libertadores da cidade.

Os testemunhos dos sobreviventes italianos, de pessoas que não saíram de suas casas e delas fizeram abrigos, e o relato dos soldados brasileiros participantes das ações bélicas de *Montese* - nas jornadas dos dias 12 a 17 de abril de 1945 - conduzem a momento críticos e fragmentados de uma história. São narrativas que se completam e que recompõem episódios singulares que levam seus participantes ao não esquecimento.

O episódio ocorrido em Montaurígola - o campo minado, que fez muitas vítimas brasileiras e italianas - também é visto pelos memorialistas brasileiros.

<sup>237</sup> BELLISI, PICCINELLI, MORSIENI *et al.* *Montese – fascismo, guerra, ricostruzione*. Modena-Itália: Golinelli Editore, 1990.

Reportamo-nos aqui à narrativa de um dos participantes da campanha de Montese:

Tomando conhecimento das pesadas baixas ocorridas naquele pelotão, o Dr. Yvon acompanhado do tenente Ary [...] iniciaram uma longa e perigosa caminhada cortada de campos minados e varrida incessantemente pelo fogo alemão, até alcançar estreita e rala ravina entre Montaurígola e as faldas de *Montese*, quando foram também detidos por fortes rajadas de "lurdinhas", morteiros e artilharia.<sup>238</sup>

Às 18 horas do dia 14 de abril, a cidade de *Montese* estava em poder dos brasileiros. E os correspondentes brasileiros que estavam nas proximidades acompanharam os grupamentos brasileiros, que faziam o reconhecimento no interior da cidade - casa por casa - e organizavam os prisioneiros, que se entregavam.

Escreve Joel Silveira, correspondente brasileiro de O Globo:

Para os brasileiros a vitória é ainda incerta. Os nazistas, esparsos pelos morros aos redores, despejam sobre a cidade, minuto após minuto, uma chuva de morteiros... Há quatro dias que a cidade está em mãos dos brasileiros, mas ainda é um longo tempo sem paz. As ruas estão desertas. Ontem, um morteiro alemão derrubou mais uma parede da torre. Uma bomba incendiária acertou o posto de socorro brasileiro, que ainda queima...<sup>239</sup>

*Montese* foi a cidade da província de *Modena* a mais devastada na Segunda Guerra Mundial. As estatísticas levantadas logo após a liberação da cidade pelos brasileiros mostram que foram destruídas 1.121 casas; os feridos e mutilados por estilhaços e minas superaram o número de 700 pessoas; e os mortos, entre homens, mulheres e crianças, passaram de 189.

Como outros tantos pequenos povoados italianos, *Montese* sofreu diretamente as ações agressivas causadas pela guerra, que culminaram em destruição e mortes na sua pequena população. E agora tem procurado rememorar

<sup>238</sup> ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. *Montese - Marco glorioso de uma trajetória*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985.

<sup>239</sup> BELLISI, PICCINELLI, MORSIENI, *et al.*, op. cit., p. 278.

essas ocorrências de diversas formas. Não são apenas os eventos comemorativos de caráter cívico, mas vai além. Trata-se de um trabalho conjunto com a administração da cidade, na qual são desenvolvidos projetos culturais intimamente ligados aos acontecimentos do passado.

Um dos projetos organizados recentemente diz respeito à sinalização da cidade quanto ao seu itinerário histórico. Esse roteiro conduz o turista pelos prédios antigos da cidade, chamando a atenção para o complexo formado pelo castelo e sua torre, todos da época medieval.

As igrejas históricas e os pequenos oratórios destacados são parte da rede de caminhos denominados de “singulares residências” - segundo Luciano Mazza, prefeito de *Montese*. Ao referir-se a essas construções os descreve como testemunhos de uma riqueza histórica, da espiritualidade e da fé religiosa entre outras, que se associam aos eventos legados por uma tradição cultural.

Mas o passado da guerra traz marcas profundas para a cidade e além dela. São os pequenos burgos que compõem o quadro referencial das batalhas ali ocorridas, com todos distando a poucos quilômetros do centro de *Montese*. Esses são os caminhos que interessaram à presente pesquisa.

As marcas que assinalam o passado histórico da cidade estão registradas na *Montese Carte dei Sentiere*, ou melhor, no mapa dos caminhos. O guia turístico chama a atenção do visitante que chega, pois o slogan diz: *Montese, un territorio da conoscere*.<sup>240</sup> Segundo o roteiro, ali estão os indicativos de que os passeios podem ser feitos a pé, a cavalo ou de bicicleta.

Os *sentieri*, ou caminhos, contêm os itinerários históricos naturais e didáticos. A Linha Gótica é o roteiro didático histórico, que compreende as localidades de *Montello*, *Maserno*, *Riva de Biscia* (lugar onde tombou Max Wolff Filho) e *Montespecchio*. Todas essas localidades estão ligadas aos combates ocorridos ali com a presença dos brasileiros, sempre lembrados.

<sup>240</sup> *Montese, un territorio da conoscere* – Montese, um território para se conhecer.

As trilhas são numeradas, tanto na carta como nos caminhos, através de placas indicativas, orientando os caminhantes.

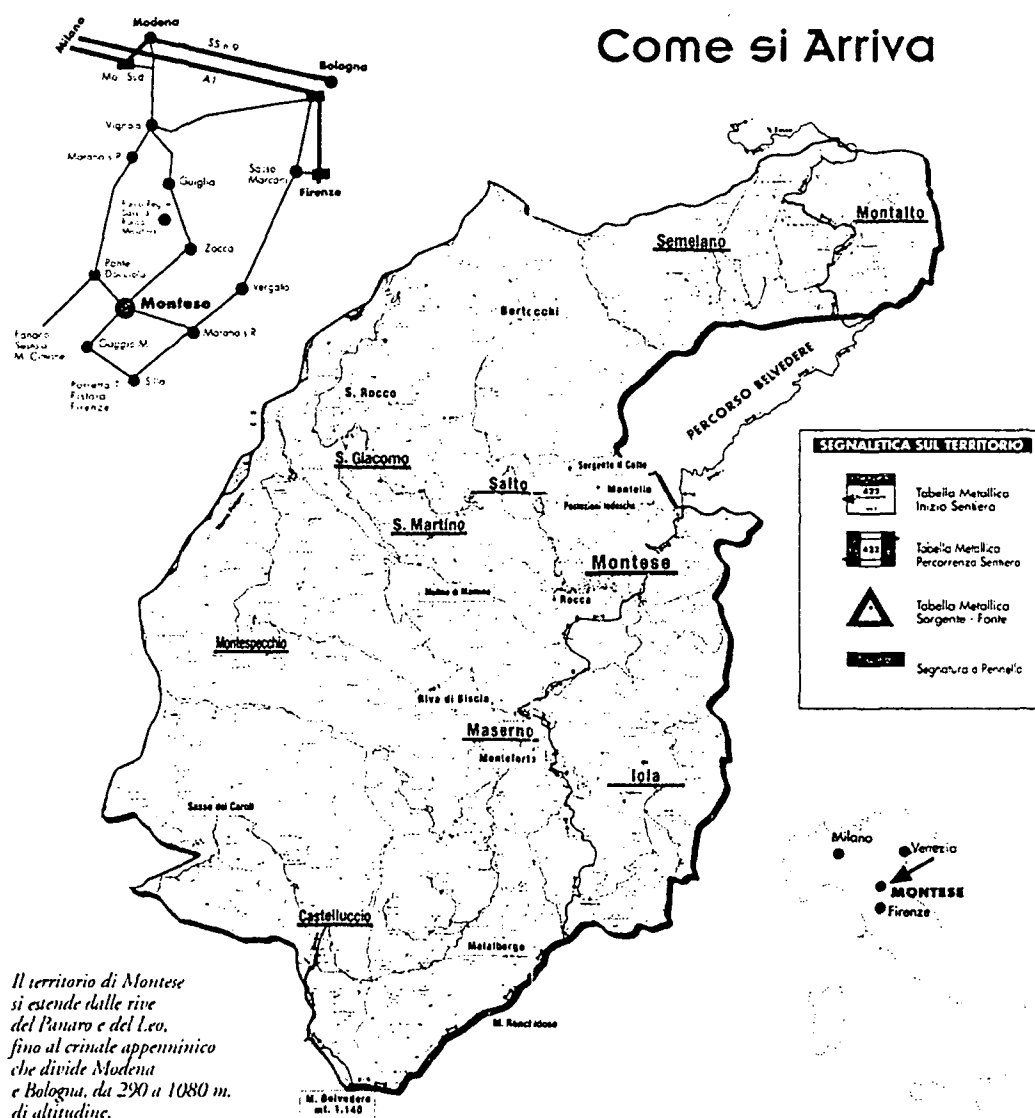
O itinerário histórico não diz respeito apenas a *Montese*. Lá encontramos também o *Itinerário didattico della memoria*, que compreende a localidade da serra de *Ronchidoso*, onde estão situados a centenária Igreja dos Imigrantes, o Monte Castello e *Belvedere*, relacionados à história da Segunda Guerra Mundial - sempre com a presença de soldados americanos e brasileiros.<sup>241</sup>

Outro roteiro importante para a cidade e seus visitantes recebe o nome de "*Itinerário didattico della Linea Gotica*"; a direção é *Montello*. Chegando a esse local, um grande cartaz orienta para o percurso que pode ser percorrido em 1 hora de caminhada a pé por um trecho de 2,5 quilômetros, onde é possível ver as posições alemãs, que ainda se encontram juntas à cinta de pedra que protegia a cidade na época medieval (Anexo 7).

*Montello* está ligada à memória brasileira e ela é lembrada também no circuito histórico da Linha Gótica, pelo grande letreiro colocado no início da trilha, e demonstra o grau de dificuldade enfrentada pela FEB nos dias que seguiram à tomada de *Montese*.

<sup>241</sup> MAPA MONTESE. *Carte dei sentieri* - comune di Montese e Assessorato alla Cultura e al Turismo, Montese, Itália, 1999.

FIGURA 2 - COME SE ARRIVA (ITINERÁRIO HISTÓRICO)



A posição de *Montello* a 919 m domina grande parte do território de Montese, a sua defesa foi organizada pela *Wehrmacht* sobre a Linha Verde (como os alemães chamavam a Linha Gótica). Era o último sistema de defesa da Linha Gótica, com um sistema de fortificação que compreendia também a cota 927 (Monte Bufone), cota 888 e CA'FERDINANDO, setores pertencentes ao 14.º Exército alemão. [...] eram constituídas de posições para metralhadoras MG 42, posições para fuzis, trincheiras, posições para metralhadoras leves, observatórios cobertos e postos de comando.[...]. As obras realizadas aproveitaram a morfologia do terreno, rica em escavações naturais e paredes rochosas.[...]. As armas também eram camufladas pelas pedras, troncos de árvores e folhas.[...]. Da análise dos diários alemães, das fontes brasileiras e dos testemunhos civis foi possível avaliar a defesa desse complexo alemão, cujo sistema defensivo era efetuado pelo menos por 300 homens.[...]. A eficácia do fogo sobre toda a linha do *front* constituiu um verdadeiro desafio para os batalhões brasileiros.<sup>242</sup>

<sup>242</sup> CARTAZ. *Itinerário didático della Línea Gótica*. Montello, Montese, Itália, 2001.

Fica desse modo gravado pelos cidadãos italianos o reconhecimento e o agradecimento às tropas brasileiras, pelo esforço demonstrado na campanha de Montese e em outras ações beligerantes. Nessa avaliação, os brasileiros conseguiram mostrar o espírito de combatividade e de moral elevado ao enfrentar um inimigo tenaz e preparado para situações altamente defensáveis.

#### 4.3.2 1.º Monumento: *Alla Libertà*

Esse monumento está no “Largo Brasiliano”, que se localiza ao lado da estrada asfaltada que circunda a cidade. É uma área verde onde foram replantadas árvores nativas da região. O *Alla Libertà* foi inaugurado no dia 14 de abril de 1995, por ocasião dos festejos dos 50 anos da libertação da cidade.

FIGURA 3 - A LIBERDADE



##### 4.3.2.1 Descrição do monumento

A escultura feita em pedra mede 1,50 m de altura por 1,80 m de largura. Tem como suporte uma base retangular em mármore. Uma pequena placa em

bronze está inserida à direita da base do monumento, e apresenta a seguinte inscrição: *"A perenne memoria dei soldati della forza di Spedizione Brasiliana che il 14 aprile liberarono Montese", Montese, 14 aprile 1995.*"<sup>243</sup>

As figuras ali são representadas por dois personagens - um homem e uma mulher -, e apenas os rostos são projetados, com uma carga simbólica que aponta para um momento de dor. Na face feminina, o artista realça uma lágrima que corre dos olhos semicerrados. No rosto masculino, a boca está aberta - como num grito de dor.

Por trás das formas construídas na escultura, apercebemo-nos da linguagem subjacente implícita de realidade mesmo inconsciente do autor na sua proposta criativa.

Anda percebemos aqui nas figuras projetadas esteticamente, a expressão de emoções advindas das recordações que marcaram a população *montesina*. É o retrato da grande desolação, dos gestos de sofrimentos ocasionados pela guerra.

É visível o pranto que lembra os mutilados pelos campos minados; os funerais que não foram celebrados e corpos que não tiveram uma sepultura digna. O lamento das mães pela perda dos filhos vítimas das febres e da difteria são fortes registros. Perde-se o norteamento e os sedimentos básicos para a sobrevivência. Onde está a casa, a igreja?... Constatar que essas não existem mais é perceber-se da degradação que a guerra proporciona.

Viver longo tempo escondido nos fossos e assustar-se com o barulho dos aviões e o trovoar das bombas, rezar a Jesus, Maria e José pedindo graças plenas, que o amanhã seja mais tranquilo, que os atacantes desistam pelo menos num instante, que se retirem... Vã esperança dos homens em guerra refletidos na obra de Italo Bortolotti.

Encimando a escultura estão assinalados prédios históricos de *Montese*,

<sup>243</sup> Inscrição que está colocada no monumento: "A eterna memória dos soldados da Força Expedicionária Brasileira que no dia 14 de abril liberaram Montese, 14 de abril de 1995."



como a Torre Medieval, quase destruída nos bombardeios da cidade. Na base desta, completando a representação escultural, estão outros prédios históricos da cidade, em uma formação circular como a demonstrar a cinta (medieval) protetora da cidade. Percebe-se a intenção do autor, no ato de estabelecer marcas ele registra a cidade afixando-a no conjunto monumentalístico de *Montese*, na sua perspectiva a cidade resiste.

#### 4.3.2.3 Histórico do monumento

O monumento *alla Libertà* foi projetado e esculpido pelo artista Ítalo Bortolotti, que nasceu na localidade de *Fanano (Modena)*, em 1933. A obra foi patrocinada pela comuna de *Montese* e pelo *Lions Clube Appennino Oeste*, também de *Montese*. Uma das grandes incentivadoras desse ato foi a advogada e presidente da instituição, a sra. Maria Barbieri.<sup>244</sup>

Questionado sobre sua concepção artística, o artista assim se manifestou:

Ao conceber essa escultura, eu pensei numa fábula, uma realidade vivida e sonhada, uma guerra... afortunadamente longe, que procurei traduzir na recordação de uma mulher que chora, de gente que grita, de casas destruídas e animais assustados. Somente a torre se mantém vigilante, a testemunhar a continuidade da vida e a reorganização das coisas. Aos mártires brasileiros, um grande mérito.<sup>245</sup>

A notícia da inauguração desse monumento não teve muita repercussão no Brasil. Alguns dias depois de a inauguração ter ocorrido na Itália, a revista *Manchete* publica, no dia 6 de maio de 1995, uma reportagem.

<sup>244</sup> A família de Maria Barbieri sofreu grandes perdas na guerra com os bombardeios.

<sup>245</sup> BORTOLLOTTI, Ítalo. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Montese, Itália, 4 de agosto de 2002.

O jornalista italiano Amos Zesmer diz [...] que Montese é a única cidade do mundo que lembra o Brasil de muitas maneiras. Realmente, esse centro do Appennino Modenese dedicou ao grande país sul-americano uma praça, que se encontra ao lado da rua Augusto Righi. O povo de Montese é muito ligado ao Brasil. Daqui, nos anos passados, imigraram seus habitantes à procura de trabalho e, muitos deles escolheram o Brasil como segunda pátria. Logo depois do fim da guerra, numerosos pracinhas e seus familiares visitaram os lugares onde combateram.<sup>246</sup>

A falta de divulgação da notícia da inauguração desse monumento no Brasil também causou surpresa entre os ex-combatentes brasileiros e as suas associações. Acreditamos que tal fato tenha ocorrido pela omissão das autoridades brasileiras, principalmente dos representantes militares adidos à Embaixada Brasileira que participaram do evento, juntamente com o ministro do exército Zelindo de Lucena.

Na Itália, os meios de comunicação divulgaram esses eventos. Embora tenham caráter local, também são transmitidos para as demais províncias, em razão da rede informativa do jornal *Il Resto del Carlino*. Essas notícias são divulgadas regularmente e vão ao encontro do interesse dos leitores, pois percebemos na imprensa italiana, de modo geral, que as notícias sobre a Segunda Guerra e os fatos a ela relacionados são temas apreciados pelos leitores, tornando-se muitas vezes uma constante na observação mais atenta.

No dia da inauguração do monumento, o jornal local traz a seguinte manchete:

***“Montese per ricordare la liberazione.*** Esta manhã, às 9:45, com um evento extraordinário à população, o Conselho comunal de Montese dará o título de Largo Brasil à via Panorâmica Baixa. E às 11 horas será inaugurado o monumento criado pelo escultor Ítalo Bortolotti para recordar os soldados da Força Expedicionária Brasileira.”<sup>247</sup>.

<sup>246</sup> MONTESE E NOTIZIE. PERIODICO DI INFORMAZIONE E CULTURA SPECIALE. Fortaleza, Ceará – Brasil, ano VII. Il Trebbo, Montese. Itália. Setembro de 2000.

<sup>247</sup> IL RESTO DEL CARLINO. Modena. Itália. 16 de abril de 1995.

Nas recordações *montesinas*, pelos depoimentos ali colhidos e registrados por nós em junho de 2001, foi possível entrelaçar fatos marcantes para brasileiros e italianos que nos ajudaram a compreender as nuances dessas lembranças e como elas se manifestam e são representadas.

Um dos depoimentos nos conduz à narrativa de Inês Bellisi, na época ainda muito jovem e morando num pequeno povoado próximo a *Montese*. Ela nos relata os fatos ocorridos nas proximidades de sua casa, e depois o atendimento dado ao soldado brasileiro ferido gravemente.

No dia 14 de abril de 1945, grupamentos brasileiros atacaram a localidade de CA'CREDA, onde eu morava com minha família. No avanço dos soldados, quando alguns deles se aproximaram da nossa casa, foram golpeados pelo fogo alemão. Dois ou três refugiaram-se na nossa cozinha. Entre esses estava o soldado Amorim, que estava ferido na perna, seu companheiro também ferido veio a falecer. Foi possível perceber que o ferido havia perdido muito sangue e estava fraco, precisava fornecer-lhe algo para comer, mas naqueles dias não tínhamos muita coisa.[...]. Alimentei aquele homem com alguns ovos que dispúnhamos.<sup>248</sup>

O tenente Amorim comandava o pelotão da 4.<sup>a</sup> Cia. do 1.º Regimento de Infantaria, e com seu grupamento estava posicionado nas cercanias de *Montese*, na localidade de *Campo del Sole*. A sua narrativa já foi publicada em livros na Itália. Entre as obras, citamos o livro *Gente di Gaggio*, n.º 17, editado em 1998.

Ressaltamos abaixo parte do seu depoimento, que foi publicado por uma revista militar brasileira:

O dia 14 era um lindo dia de primavera, muito claro, o que permitia uma perfeita visão sobre os nossos deslocamentos. A missão do meu pelotão era atingir Creda, à direita de Montese, mantendo contato com o inimigo, fixando-o a fim de que fosse atacado pela esquerda [...] CREDA ficava mais ou menos a uns 200 metros das posições inimigas.

<sup>248</sup> BELLISI, Inês. *Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni*. Montese (MO), Itália. 9 de set. 2001.

Nesse local deveríamos trocar tiros com os alemães, pois já tínhamos conhecimento que o terreno estava minado.[...] nosso avanço prosseguia com cautela e vagarosamente. A distância para percorrer para alcançar *Creda* era curta e a demora em ocupar essa posição deveu-se ao pesado bombardeio a que fomos submetidos. Nenhum de nós imaginou que encontraríamos tão grande concentração de fogos numa região.[...] *Creda* era constituída por duas casas com alvenaria e pedra [...] A essa altura, além do cabo Verani, tive mais duas baixas com morte. [...] De repente, alguém do meu pelotão, arriscando a vida, apareceu ao meu lado, arrastando-me com firmeza [...] eu estava coberto de sangue, nessa hora pude avaliar a gravidade do meu caso. [...] Eu estava muito fraco, entre as vozes dos soldados, escutei uma voz feminina, era a de uma jovem de 22 anos, que, ao tomar conhecimento que ali havia um homem ferido e que nada comeria, para aliviar meu jejum enviou-me dois ovos.<sup>249</sup>

São muitos os testemunhos que recordam da jornada difícil do dia 14 de abril de 1945. As populações que residiam nas imediações de *Montese* não chegaram a formar propriamente um povoado, mas conjuntos de casas. A maioria delas eram construções antigas, cujos atuais proprietários são descendentes de tradicionais famílias *montesinas*, que por várias gerações ali se fixaram. Podemos dizer que esse local é ainda hoje a parte rural do território.

Esses proprietários, por não se afastarem de suas casas, acompanharam ao longe a movimentação das tropas brasileiras. Os depoimentos tornaram-se uma constante e estão presentes ainda hoje quando o pesquisador busca informações sobre a FEB.

No cruzamento que fizemos entre o depoimento do tenente Amorin e Inês Bellisi, ele ferido e ela, a pessoa que atendeu a essa emergência do pelotão brasileiro, nos possibilitou ter uma visão detalhada dos fatos ocorridos naquele dia.

Esse pequeno quadro por nós descrito é um exemplo e aponta para outras situações idênticas, ou seja, as de pessoas que vivenciaram os mesmos horrores de um bombardeio, fatos que jamais foram esquecidos pela população *montesina* e que até hoje liga a história da cidade de *Montese* às tropas brasileiras.

Nas cerimônias cívicas que ocorrem na cidade de *Montese*, como nas

<sup>249</sup> REVISTA DO CLUBE MILITAR. Rio de Janeiro, fev, 1998.

demais localidades vizinhas, a população participa ativamente desses eventos, patrocinados pela comuna. Como os pequenos povoados são dispersos, a comunicação dos eventos é efetuada com a distribuição de cartazes, que são espalhados por diversos lugares indicando a programação festiva do dia. Geralmente, no fim do texto do cartaz encontramos os seguintes dizeres: *Se invita la cittadinanza*.

#### 4.3.3 2.º Monumento: a Max Wolff Filho

##### 4.3.3.1 Descrição do monumento

Na Itália, o monumento ao sargento Max Wolff Filho é chamado de cippo, o mesmo que colunata. É feito em pedra e, na concepção dos seus autores, procurou-se manter a rusticidade da pedra. Ela é mais larga na base e afina na extremidade, como um marco inserido no solo a indicar o local. A altura é de aproximadamente 1,30 m e a largura da base é de 0,80 m. A pedra possui o corte irregular e está assentada diretamente no terreno.

FIGURA 4 - O HERÓI



Próximo à ponta da colunata, foi afixada uma placa de bronze com os seguintes dizeres: *"Qui cadde combattendo per la Liberazione di Montese el 12 aprile. Max Wolff Filho 2.º sergente della Forza Expedicionária Brasileira - FEB. Serreta de Mazerno, 12 aprile 2001. Ambasciata Del Brasile, ufficio militare e*

*Amministrazione comunale di Montese*".<sup>250</sup>

#### 4.3.3.2 Histórico do monumento

A cidade de Montese, para celebrar os 56 anos do fim da Segunda Guerra, quis homenagear um dos responsáveis pela sua libertação. A pessoa escolhida foi o sargento Max Wolff Filho, que pertenceu ao 11.º R.I. da Força Expedicionária Brasileira. Das ações de guerra que participou, o sargento brasileiro deixou seu nome gravado na história montesina, e, como no Brasil, a figura de Max Wolff é lembrada, ainda nos dias de hoje, como o herói que lá perdeu sua vida.

#### 4.3.3.3 A trajetória

Os documentos que mostram quem foi Max Wolff Filho são raros e polêmicos, o que impediu de organizarmos com mais clareza os dados biográficos desse sargento, cuja história de heroísmo, reafirmo, persiste na memória dos combatentes brasileiros e do povo de *Montese*.

Esse levantamento foi possível a partir de estudos feitos em relatórios de combates efetuados pelo cel. Adhemar Rivermar de ALMEIDA em livro não editado e manuscrito.<sup>251</sup> É a biografia mais completa já apresentada nos últimos tempos, ao nosso ver, e que procuramos sintetizar.

Max Wolff Filho nasceu em 1912 na cidade de Rio Negro, Paraná. Vamos ao encontro da sua história quando já se encontrava servindo no Rio de Janeiro no 3.º R.I.

No Rio de Janeiro, a história de Wolff está intimamente ligada ao maj. Euclides Zenóbio da Costa, quando da organização da Polícia Municipal do Distrito

<sup>250</sup> Tradução: aqui morreu combatendo pela libertação de Montese, no dia 12 de abril, o 2.º-sargento Max Wolff Filho, da Força Expedicionária Brasileira - FEB. Serreta de Mazerno, 12 de abril de 2001. Embaixada Brasileira, adido militar e administração da cidade de Montese.

<sup>251</sup> ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Max Wolff, um símbolo, quase uma lenda**. Manuscrito. Rio de Janeiro, 1995, p. 41.

Federal, este o convidou, juntamente com outros militares do 3.º R.I., para ingressar na instituição.

Na formação dos quadros da Força Expedicionária Brasileira, Max Wolff foi considerado incapaz temporariamente durante os exames médicos. Mas o desejo de embarcar com a FEB foi tão grande que se submeteu a uma cirurgia, com sucesso; dessa maneira, pôde embarcar com o 11.º R.I. (no 2.º escalão) para a Itália.

Aos relatos obtidos sobre Max Wolff, juntam-se narrativas que retratam o perfil desse grande soldado. No acampamento San Rossore, em que ficaram os soldados do 2.º e 3.º escalões, as lembranças deixadas dos seus amigos mostram a pessoa de Max Wolff como um grande companheiro, que incutia a todos os sentimentos de amor à pátria, exaltando a honra que cada um devia sentir em estar servindo-a.

Num gesto de destemor, esse soldado estava sempre disposto a organizar patrulhas, com o objetivo de reconhecer as linhas aliadas, bem como na procura de companheiros feridos ou perdidos. Assim, Max Wolff recebeu o apelido de “Rei dos Patrulheiros”. Muito admirado pelo seu espírito de bravura, pela sua disciplina e pelo trato amável que tinha para com seus comandados, o sargento Wolff tornou-se muito popular entre os elementos do 1.º batalhão do 11.º R.I.

O dia 12 de abril de 1944 foi fatídico para Max Wolff Filho. Logo pela manhã, o posto de comando havia sido invadido pelos correspondentes de guerra. Entre eles, Joel Silveira e Thassilo Mitke, com o intuito de fazer reconhecimento dos locais onde seriam lançadas forças contra o inimigo. Havia notícias da grande movimentação de alemães na área, sem a certeza de se tratar de um reforço, ou uma retirada total ou parcial.

Cada batalhão deveria mandar pelos menos duas patrulhas para a verificação. Se possível, fazer prisioneiros e colher informações.

Os correspondentes de guerra traziam permissão para acompanhar as patrulhas. Os que estavam na linha de frente sabiam que, apesar do silêncio



reinante, aquele era um momento difícil, que - de um momento para outro - poderia ser totalmente revertido. Max Wolff convenceu os correspondentes para não seguirem com a patrulha.

O grupamento do sargento Wolff era constituído de 19 homens. A maioria deles pertencente ao pelotão especial do 1º pelotão do 11.º R.I., que muitos já conheciam como o “pelotão SS”.<sup>252</sup>

Não é possível afirmar hoje que a população de Montese conheça profundamente a história de Max Wolff Filho. Mas percebe-se que seu nome ficou gravado na história da cidade, e lá é visto como um herói libertador.

A intenção da população era homenagear o sargento erguendo um monumento no local, onde ele havia tombado, juntamente com componentes de sua patrulha. Isso foi no dia 12 de abril de 1945.

Nesse dia, a patrulha, com 12 homens, comandada pelo sargento Max Wolff Filho, parte com a missão de averiguar o terreno. Ao aproximar-se de um casario (cota 747) é seriamente atingida pelas metralhadoras postadas no interior da casa. O comandante Max Wolff morre na hora, e o terreno estava minado, ocasionando a morte de mais dois soldados. Esse episódio marcou profundamente a patrulha, bem como de seus companheiros do 11.º R.I. e da própria população de Montese.<sup>253</sup>

Os alemães receberam o ataque aliado com surpresa. Pelo menos demonstra o depoimento de Frido von SENGER, comandante do 14.º Corpo Blindado de Exército (14.ª Armada):

<sup>252</sup> O grupamento de Max Wolff recebeu o apelido de “pelotão SS”, em virtude da disposição de luta que possuía esse grupo. Uma particularidade que os combatentes também viam na tropa da SS alemã. Para maiores informações ver: ALMEIDA, Adhemar Rivermar. **Max Wolff, um símbolo quase uma lenda**. Manuscrito. Rio de Janeiro, 1995, p. 30. SOARES, Leonércio, em seu livro **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**, conta que o sargento repudiava essa associação.

<sup>253</sup> São poucos os documentos que retratam a pessoa do sargento Max Wolff Filho. Seu nome é quase uma lenda entre os ex-combatentes que participaram da Segunda Guerra Mundial. Da sua vida como militar no Brasil antes da Guerra pouco se sabe, os trabalhos que tentam reconstituir sua biografia foram baseados em depoimentos dos seus companheiros do 11.º R.I. Para saber mais sobre Wolff, vide ALMEIDA, Adhemar Rivermar. **Montese, marco glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

O ataque de 14 de abril contra o lado direito, onde se encontrava o Corpo da 14.<sup>a</sup>, aconteceu tão rápido e de surpresa, com tanta surpresa que, ao tomar consciência dos fatos, o ataque já estava em andamento [...]. Depois de atravessado a localidade de Tolé, a tropa aliada avança para o terreno que eu sempre havia me preocupado [...], a cidade é desocupada e tomada sem nenhuma resistência.<sup>254</sup>

A missão de conquistar Montese foi entregue ao 11.º R.I., na jornada de 14 de abril. Os brasileiros deveriam apoderar-se das seguintes localidades: Montese, cota 888 e Montello, além de ocupar a cota 747. Nesse mesmo dia, a 10.<sup>a</sup> Divisão de Montanha americana iniciava vigoroso ataque às posições alemãs, com o auxílio da artilharia brasileira.

Ocorrida nas cercanias de Montese e nas condições em que o fato aconteceu, a morte de Max Wolff suscitou escritores brasileiros e italianos, entre eles os memorialistas, a transporem nos seus escritos a “saga” do combatente.

Não foi difícil localizar o local onde a patrulha do sargento Max Wolff foi surpreendida pelos alemães, embora a questão seja polêmica. Como tais fatos dizem respeito às ações militares da tropa brasileira, os pesquisadores de Montese recorreram à historiografia brasileira e aos memorialistas da FEB. Entre os autores consultados, destacamos o cel. Adhemar Rivermar de ALMEIDA.

O autor pertenceu ao 11.º R.I. Ao retratar os momentos vivenciados pela patrulha, faz as indicações dos acontecimentos ocorridos no dia 12 de abril de 1945, demonstrados em mapas e grafados de maneira técnica pelos oficiais, que do observatório do comando acompanhavam os passos seguidos pela patrulha de Max Wolff.

Também são muitos os testemunhos que habitam ainda hoje a região onde tais fatos ocorreram. Essa localidade recebe muitas denominações, entre as quais: Mazerno, Serreta, Riva di Biscia. Mas para os brasileiros é a cota 742, que consta

<sup>254</sup> SENER, Frido von. Combater sem medo e sem esperança. In: *Montese - fascismo, guerra e ricostruzione*. Il Trebbio. Montese (MO), Itália: Ed. Golinelli., 1990, p. 283.

das cartas topográficas usadas pelos combatentes na época da guerra.

Desse modo, o monumento ao Max Wolff foi afixado sob uma árvore - diretamente no solo, ao lado de uma estrada vicinal asfaltada. Nas proximidades, estão situadas algumas casas esparsas, mais precisamente no local conhecido como Riva di Biscia, onde também podem ser vistas placas indicativas de outras comunas, como é o caso de Monteforte, onde ficava o observatório do comando brasileiro durante a invasão de *Montese*.

Do local do monumento, é possível observar-se ao longe a cidade de *Montese*, no alto, e as ravinas onduladas por onde a patrulha passou. A descrição feita pelos combatentes do 11.º R.I. foram depois transcritas pela historiografia militar brasileira.

Os fatos que marcaram os acontecimentos ocorridos com a patrulha do sargento Max Wolff estão, por conseguinte, ainda em nossos dias no imaginário febiano e da população montesina.

Como esse combatente é lembrado? É necessário retroagir aos fatos ocorridos no dia em que a patrulha saiu para inspecionar os campos vizinhos à cidade: à luz do dia, a patrulha parte, deixando para trás os correspondentes de guerra, que haviam insistido muito para acompanhar Max Wolff. Esses fatos seriam resgatados no documento "Partes do combate do 11.º R.I."

[...] Passaram pelo observatório de Monteforte, local de passagem obrigatória para atingir as posições inimigas. Desse ponto muitos acompanharam a coluna, que se distanciava. [...] Chegaram à localidade conhecida como Morsiani, onde Wolff deixou parte dos seus homens, temendo um ataque surpresa. [...] prosseguiram pela cota 747, aproveitando a vegetação que servia de cobertura. [...] ao se aproximarem do casario, a uns 20 metros, do canto esquerdo da casa saem os tiros de metralhadora. [...]. Wolff é ferido mortalmente, dobra as pernas e cai. [...] barragens de fogos são lançadas pelo inimigo.<sup>255</sup>

<sup>255</sup> RELATÓRIO – partes do combate do 11.º R.I. In: RIGONI, op. cit., p. 138.

A morte de Max Wolff Filho percorreu toda a frente de combate brasileira, repercutindo muito entre os soldados brasileiros, não somente os combatentes do 11.º R.I., ao qual ele pertencia, mas também entre os demais regimentos, visto a admiração que todos tinham pelo comandante.

Entre os ex-combatentes brasileiros e na Itália, Max Wolff é visto como um herói. Que sentimento é esse, que toca tão profundamente soldados e civis? Recentemente, Maria do Carmo Amaral abordou a questão do herói em sua pesquisa “O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias”.

Ao partirem para a guerra, os expedicionários sentiam-se depositários de um sentimento de esperança, a de que só eles poderiam salvar o Brasil dos países do Eixo. Os expedicionários reuniram em torno de si a responsabilidade de, representando o Brasil, defender o mundo e libertá-lo do agressor. Isso representava um ato de coragem que só poderia ser incorporado pelos “heróis”. O herói tem a função de dar segurança e paz aos oprimidos ele indica o caminho, torna-se um modelo a ser seguido pelos demais. Nesse sentido, possui uma finalidade moralizadora, servindo para avaliar e dirigir capacidades e condutas.<sup>256</sup>

Na Itália, a morte de Max Wolff também é quase uma lenda. Esse fato, que marcou profundamente a população, permeia o imaginário dos mais jovens, aqueles que ainda não eram nascidos na guerra.

Max Wolff recebeu as seguintes condecorações: “*Medalha de Campanha*”; “*Sangue do Brasil*”; “*Cruz de Combate de 1.ª Classe*”; “*Medalha Bronze Star*”; e a “*Medalha Silver Star*”. Essas duas últimas americanas.

É possível perceber o quanto a imagem de Max Wolff é forte e está ligada à idéia de libertação da cidade de Montese. Sobre a inauguração do monumento em homenagem a ele, a imprensa anuncia:

“No âmbito das celebrações do dia 25 de abril em Montese, Serreto, Riva

<sup>256</sup> AMARAL, Maria do Carmo. *O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias*. Dissertação (mestrado). 2001, Curitiba, Paraná, Universidade Federal do Paraná.

di Biscia (fração Mazerno) será inaugurada uma colunata para recordar o bravo herói brasileiro da Segunda Guerra Mundial, sargento da FEB, que foi morto pelo fogo alemão, era o 12 de abril de 1945. [...] Dois dias depois os soldados da FEB romperam a defesa alemã e libertaram *Montese*.<sup>257</sup>

O sentimento da perda do comandante marcou profundamente os brasileiros e italianos. Acreditamos que as dificuldades encontradas pelos soldados brasileiros já foram demonstradas anteriormente. A linha de defesa alemã era quase inexpugnável, o último reduto da Linha Gótica, representado por Montese com seus baluartes inacessíveis ao redor, gerou pontos de similaridade entre um povo batido e os homens envolvidos na causa libertadora. Conseqüentemente, a morte de Wolff é envolvida sob uma luz de um personagem heróico. O mesmo processo será depois extensivo a outros brasileiros mortos em combate, sentimento expresso pela população através dos monumentos erigidos nesses locais.

#### 4.4 GAGGIO MONTANO E OS MONUMENTOS DEDICADOS AOS COMBATES DE MONTE CASTELLO

##### 4.4.1 O *Front* Brasileiro nos Apeninos

A cidade de Gaggio Montano (Anexo 8), onde estão localizados os Monumentos Brasile e Liberazione, está situada no centro dos Apeninos-Tosco-Emiliano, aos pés de uma estação de esquis conhecida pelo nome de Corno Alle Scalle. A via de acesso mais rápida e moderna é a estrada 64, também chamada Porretana (próximo a Bolonha, a cerca de uma hora de carro). A pequena cidade pouco difere da época da guerra.

Esse burgo se distancia de Bolonha cerca de 60 quilômetros. Ela tem uma

<sup>257</sup> IL RESTO DEL CARLINO. Montese (MO), 22 de abril de 2001.

superfície de 58 quilômetros quadrados; e sua altitude é de 680 metros. O município limita-se ao norte com a cidade de Montese; ao sul, com Porreta Terme e Castel de Casio; ao leste, com Castel D'Aiano e Vergato; e ao oeste, Lizzano in Belvedere. Centros habitados: Silla, Marano, Africco, Rocca Pitigliana, Santa Maria Villiana, Pietrascolora e Bombiana.

Gaggio Montano possui cerca de 4.177 habitantes, e essa população praticamente dobra durante o período de férias, em razão do seu clima agradável e por estar próxima às termas de Porreta. Muitos moradores de Bolonha têm suas casas de verão em Porreta.

Por sua posição estratégica - na divisa com outros burgos -, Bolonha procurava manter na localidade uma fortificação sobre uma grande rocha de pedra, donde era possível avistar todas as terras vizinhas.

O antigo burgo medieval, cujas construções dos séculos XIII e XIV circundam o sopé de Sassò di Rocca (formação rochosa muito alta que pode ser vista de longe por qualquer pessoa que visite a cidade).

Os portais das construções formam a cinta protetora do município. O Palazzo Comunale é o centro da cidade, onde está localizada a prefeitura. A edificação é toda revestida de pedra de Montovolo, constituindo o marco principal da Praça Arnaldo Brasa, que recorda o nome do prefeito que reconstruiu a cidade no pós-guerra, e ela foi erigida durante as comemorações do centenário da Unificação da Itália, em 1961.

A topografia é acidentada. Saindo da via Roma (centro), subindo sempre, chega-se à igreja, uma edificação do ano de 1890 onde estão os dois padroeiros: São Miguel e São Nazário. É a mesma igreja onde os brasileiros assistiram a missas em 1944. Mas Gaggio Montano traz ainda resquícios da velha construção românica, que remonta ao século XI.

Durante o estacionamento das tropas brasileiras, a localidade era uma aldeia abandonada. Os bombardeamentos causaram perdas indescritíveis à cidade.

As casas se transformaram em ruínas.

#### 4.4.2 1.º Monumento “*Brasile*” em *Gaggio Montano*

Em 1995, por ocasião das comemorações do cinquentenário do término da Segunda Guerra em *Gaggio Montano* (como outras localidades italianas envolvidas no último conflito mundial), no ato de recordar o passado conflituoso, as memórias foram reavivadas, e muitos artigos e livros foram lançados, bem como realizadas homenagens, missas e outras manifestações.

O desejo de oferecer um monumento aos brasileiros da FEB já vinha sendo pensado há muito tempo pela comunidade *gaggense*. Depois de algumas reuniões feitas com os conselheiros da cidade, decidiu-se, numa decisão conjunta da sociedade local com a prefeitura, pela construção de um pequeno monumento que simbolizasse a recordação e a amizade entre italianos e brasileiros.

O monumento foi erigido em *Gaggio Montano*, precisamente na região mais conhecida como *Guanella*, local onde ocorreram sérios combates entre brasileiros e os alemães. Esse conjunto escultural é conhecido no Brasil com o nome “Ordem e Progresso”, mas os italianos o denominaram de “*Monumento Brasile*”.

Com suas próprias palavras, o jornalista italiano Daniele AMICARELLA, residente nas proximidades de *Gaggio Montano*, demonstra o sentimento que tem levado as comunidades dessa região da Itália a homenagear os brasileiros. A abertura da reportagem publicada pelo jornalista diz: “La Guanella 11 aprile 1995” - “Finalmente um reconhecimento oficial, da parte de nossa gente da montanha, ao sacrifício de tantos soldados brasileiros que morreram na batalha de Monte Castello”<sup>258</sup>.

O autor da matéria, assim nos pareceu, expressa o seu sentimento como um desabafo, como algo que se esperava há tanto tempo e que agora, cinquenta

<sup>258</sup> AMICARELLA, Daniele. La Guanella 11 aprile 1995. *Gente di Gaggio*, n. 11. ed. Gente di Gaggio, Bolonia, Itália, 1995.

anos depois, era realizado.

Seguindo na reportagem, o jornalista entrevista as pessoas presentes ao ato inaugural do monumento, entre elas o brasileiro Miguel Pereira e o cidadão italiano Francesco Arnoaldo Berti:

Faz cinqüenta anos que espero este momento, explica com evidente emoção o combatente Miguel Pereira, havíamos falado com “Checco” alguns dias depois do combate de Monte Castello. [...] O nosso Francesco Berti Arnoaldo Veli (Checco) doou uma pequena fração de terra de Guanella, a fim de que a esperança de Miguel Pereira e de outros combatentes não fosse esquecida. [...] Ao doar este terreno onde está o monumento da memória, disse “Checco”, na sua apaixonada intervenção, “eu apenas doeï ao Brasil uma coisa que já lhe pertencia, por razões que nascem no coração dos homens livre, e não devem ser agradecidas, porque a gratidão é nossa aos vossos e aos nossos mortos”.<sup>259</sup>

#### 4.4.2.1 Descrição do monumento

O monumento aos mortos brasileiros, inaugurado em abril de 1995, foi feito em pedra chamada “pietraserena”, trabalhada a martelo. Da base onde está assentado, o monumento mede 2 metros de altura. É encimado pela esfera, também em pedra, medindo cerca de 0,80 m. A base onde está assentado o monumento é feita do mesmo material e o piso que sustenta a escultura é em granilha branca (pedra e cimento), medindo 10 m de comprimento por 10 m de largura.

O projeto foi uma concepção do prefeito da cidade, que fez os primeiros rascunhos da obra. Mais tarde, tal concepção era organizada pelo geômetra Maurizio Sonori e a escultura foi realizada pela empresa Vecchi Francesco, com sede em Vergato (Anexo 11). A idéia da esfera é representar o centro de Bandeira brasileira, com o letreiro “Ordem e Progresso”.

<sup>259</sup> Id.



FIGURA 5 - O BRASIL



No meio da coluna de sustentação foi colocada placa de bronze com os dizeres: *“Comune di Gaggio Montano. Ai soldati della Forza Expedicionária Brasileira nel 50.º anniversario della Bataglia di Monte Castello, la popolazione gaggense riconoscente per la riconquista Libertà. Aprile 1995.”*<sup>260</sup>

#### 4.4.2.2 Histórico do monumento

O monumento ao soldado brasileiro construído em *Guanella* (em 1995), nas terras do senhor Francesco Berti, foi um dos primeiros dedicados à tropa brasileira. Guanella é o local mais próximo do Monte Castello, onde está situada a casa de verão da família Berti desde muitas gerações. O próprio Berti vivenciou de

<sup>260</sup> Tradução: município de Gaggio Montano. Aos soldados da Força Expedicionária Brasileira, no 50º aniversário da batalha de Monte Castello, a população gaggense reconhecidamente agradece pela reconquista da liberdade. Abril de 1995.

perto a guerra, foi partigiano, da brigada *Giustizia e Libertà*, e pôde acompanhar os combates ocorridos na região, desde a chegada dos brasileiros a *Gaggio Montano* - quando sua casa, estábulos e depósitos são ocupados por diversas companhias do 11º R.I., no enfrentamento contra os alemães bem guarnecidos no Monte Castello.

As tentativas para a tomada de Monte Castello atestam o grau de dificuldade encontrada pelos brasileiros e já apontados nesta pesquisa. Os acontecimentos ali ocorridos demonstraram a perseverança alemã em não entregar aquela posição (Anexo 9).

Os episódios marcantes estão registrados na memória daqueles que por ali passaram, nos cinco ataques levados ao morro. São também lembranças dos proprietários da Casa Guanella, bem como dos habitantes locais, testemunhos vivos que retratam esse período passado há não longínquos 50 anos.

São muitos os depoimentos de italianos e brasileiros que nos levam até Guanella. Entre os quais, destacamos o testemunho do capitão KLAS, do 11.º R.I., em obra recentemente publicada:

A terra tremia com as explosões e uma festa macabra transformou a madrugada do dia 3 de dezembro de 1944 em verdadeiro pandemônio.[...] Os minutos passam lentamente e não diminui a intensidade desnorteante do tiroteio. Os homens pedem granada de mão, pois diziam que era o melhor elemento para evitarem a aproximação do inimigo. [...] Chegamos até três horas da madrugada, totalizando praticamente, quatro horas de ação, sem esmorecimento dos ataques inimigos. [...] o capitão foi forçado a reconduzir ao seu posto um sargento que deixara o seu grupo em pleno combate. Esse sargento trazia estampada em sua fisionomia a tragédia que ia em sua alma. Olhos esbugalhados, faces amarelas, falando nervosamente. [...] nossa linha telefônica foi destruída e a ponta que vinha do batalhão ao P.C. da Cia., não foi mais encontrada [...] Estávamos sendo atingidos pela nossa própria artilharia.<sup>261</sup>

O relato do ex-combatente, na época subcomandante da 1.ª Cia. do 11.º

<sup>261</sup> KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella, um drama da FEB**. Curitiba, PR: Juruá, 2002.

R.I., diz respeito aos fatos ocorridos com esse grupo de brasileiros, quando se encontrava em Guanella, recém-entrados em linha. Quase 60 anos depois desses acontecimentos, KLAS nos mostra situações que, ainda hoje, suscitam dúvidas e provocam polêmica para o episódio, que ficou conhecido como a debandada da 1.<sup>a</sup> Cia.do 11.º R.I.

Para AMICARELLA - ao referir-se sobre o monumento inaugurado em Guanella -, essas recordações brasileiras são como instantâneos de uma vivência inserida naquele marco histórico. A placa simples colocada no monumento é como um sinal, uma pedra milenar da estrada percorrida pelos acontecimentos históricos nesse lado do Apenino, a brilhar para o resto do mundo<sup>262</sup>.

#### 4.4.3 2.º Monumento Liberazione

##### 4.4.3.1 Mary Vieira, a saga de uma artista.

O primeiro contato, que tivemos no Brasil, com a idéia da construção do monumento *Liberazione* foi através de uma reportagem feita pela Folha de S. Paulo, em 1995. A brasileira Mary Vieira, artista plástica, autora da obra, chamava a atenção pela idéia magistral de seu projeto, ao mesmo tempo em que nos intrigava, por ser uma pessoa desconhecida no Brasil e estar morando há mais de 50 anos na Itália, e com uma vasta produção artística.

Com uma documentação mais completa (extraída dos arquivos pessoais de Mary Vieira, da Embaixada Brasileira em Roma e da Assessoria Cultural da Região Emilia Romana), foi possível resgatar a biografia da artista, bem como de sua obra mais importante, segundo ela própria: o *Liberazione: monovolumi a ritmi*

<sup>262</sup> AMICARELLA, op. cit.

*aperti* (Libertação: monovolume a ritmos abertos).

Nas páginas que seguem, demonstramos a nossa reconstrução dos fatos históricos da tomada de Monte Castello e a conexão desses acontecimentos relacionada à saga de Mary Vieira e à concepção monumental do *Liberazione*.

A inauguração do monumento em junho de 2001 foi marcante para os gaggenses. Retratada aqui pela crônica de um cidadão.

No dia 21 de junho de 2001, um sol esplêndido iluminava a grande baixada entre Guanella e Monte Castello. Nesse dia de festa, junto ao prefeito de Gaggio Montano, engenheiro Roberto Melosi, estavam presentes os prefeitos das cidades vizinhas, representantes do governo italiano, o vice-prefeito de Bolonha, autoridades civis e militares, brasileiros e italianos.

Outros cem veteranos da Força Expedicionária Brasileira estiveram presentes, na inauguração do monumento que recorda o heroísmo dos soldados brasileiros, que deixaram a vida, ainda jovens, no longínquo 1944-1945, para a conquista deste Monte Castello, o último baluarte de defesa da 232.<sup>a</sup> Divisão Alemã... A grande obra, intitulada *Liberazione: monovolumi a ritmi aperti*, foi idealizada pela escultora de notoriedade internacional Mary Vieira....<sup>263</sup>

#### 4.4.3.2 Histórico do monumento

Mary Vieira nasceu em São Paulo, é descendente de tradicional família paulistana. Ainda muito jovem, freqüenta cursos de desenho e pintura na Escola de Belas Artes no Parque Municipal de Belo Horizonte. Seu professor foi Alberto da Veiga Guignard, artista conhecido em Belo Horizonte.

Nas palavras da autora:

[...] Com entusiasmo fiz boas aquarelas, ótimos desenhos em diversas técnicas, mas nada

<sup>263</sup> GUALANDI, Fabio. Crônica. In: *Gente di Gaggio Montano*, Bolonha, n. 23, Jul., 2001.

diminuiu a prioridade do meu interesse pelo espaço, pelas formas tridimensionais.<sup>264</sup>

Comecei mais ou menos em 1942 e, quando entrei na escola de Belas Artes [...], querendo fazer escultura paralelamente à pintura, já estavam realizados os meus primeiros trabalhos plásticos que chegaram aos "multivolumes" dos anos 1943-1948, que Guignard olhava com respeito, mesmo se preferia que eu me ocupasse sobretudo de desenho e pintura, aperfeiçoando a técnica da aquarela, com a qual me simpatizava especialmente.<sup>265</sup>

Entre os anos de 1944 e 1951, Mary organiza seu atelier em Sabará, passando depois por outras cidades, como Araxá, Poços de Caldas, Petrópolis e Salvador (Bahia), onde trabalha seus primeiros multivolumes e polivolumes de participação tátil pelo espectador.

Sobre suas pesquisas, ela se expressou assim:

As minhas pesquisas plásticas iniciadas no Brasil em 1943 (multivolumes e polivolumes) eram já, efetivamente, tipicamente dinâmicas, enquanto os concretistas suíços, alemães, belgo-holandeses e ingleses se interessavam somente pelas formas estáticas e unívocas ou por cores elementares, em campos estruturais, não opticamente vibratórios. [...] A crítica de arte européia e internacional considerou os meus polivolumes um dos momentos basilares que inauguraram em 1944 a tendência cinevisualista na América Latina.<sup>266</sup>

À procura de aperfeiçoamento, Mary transferiu-se para a Suíça em 1952. Desconhecendo o idioma alemão - conforme revelou a própria autora -, ela aproveitou-se dessa ausência de comunicação para forçar uma concentração e interiorização de suas idéias.<sup>267</sup>

São suas muitas obras públicas no Brasil. Uma das mais conhecidas é o monovolume *Liberdade*, projetado para a praça central de Belo Horizonte.

<sup>264</sup> VIEIRA, Mary. **Entrevista:** Conversando com Mary Vieira - comunicado à imprensa. Milão, Itália. s/data.

<sup>265</sup> Ibid.

<sup>266</sup> Ibid.

<sup>267</sup> VIEIRA Mary. **Comunicado à imprensa**, Fl. 11. Milão. 1998.

Acreditamos que seja da construção dessa obra em Minas Gerais, dada a sua similaridade, é que Mary Vieira tenha tirado a inspiração, quanto à interpretação que fez em relação ao monumento *Liberazione*, projetado e construído depois na Itália.

Outra obra de grande envergadura encontra-se no saguão de honra do Palácio Itamarati, em Brasília. E mais, em São Paulo, no Parque Ibirapuera, está o polivolume que homenageia Pedro de Toledo.

Na última década, foram estampadas em selos muitas das obras de Mary Vieira. O último selo lançado pelo Correio brasileiro foi em 1997, para a comemoração do 5º Centenário da Independência do Brasil, que mostrava também os pendores da artista com as cores.

Morando entre Milão e Suíça, por tantos anos, diversos trabalhos da escultora também se acham nas diversas praças dessas localidades, bem como nos museus da Europa e Estados Unidos. São vários prêmios internacionais recebidos durante sua carreira, conferidos pelos governos da França, Grécia e Itália.

Em 1976, a escultora participou da Bienal de Veneza, juntamente com outro brasileiro, Burle Marx.<sup>268</sup>

Assim se manifestou um poeta a respeito das esculturas expostas por Mary Vieira:

As aludidas esculturas de Veneza, Polivolumes, em alumínio anodizado, se caracterizam, não só pela força de construção, singularidade das linhas, fantasia no rigor, execução técnica exemplar, mas ainda pela carga de liberdade poética [...] Quando as vi e toquei, pois são componíveis aceitando a participação do fruidor-senti-me aliviado alguns minutos do peso da história, conferindo também por meio delas minha verdadeira identidade de poeta.<sup>269</sup>

Em 1995, quando estive em São Paulo para uma visita ao país, numa

<sup>268</sup> COMUNICADO À IMPRENSA. *Institut International pour la Recherche Esthetique et Progressiste*, Via Plínio, 7. Rome, Italie. 1981.

<sup>269</sup> MENDES, Murilo. *Crônica: "Mary Vieira"*, p. 2, Roma. 1976.

entrevista concedida, Mary Viera manifesta seu desejo de construir um monumento aos brasileiros que haviam lutado na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. A entrevista teve seu encarte no Caderno 2, e o nome do monumento já aparecia com o título *Libertação: monovolume a ritmos abertos*.

“Não faço um monumento à guerra, mas uma homenagem ao ideal de liberdade, pelo qual morreram nossos pracinhas.”<sup>270</sup>

Em outra situação foi perguntado à escultora sobre sua trajetória como artista, a saída do Brasil, o que a teria levado a essa decisão e quais eram suas raízes depois de ter permanecido tanto tempo fora do país.

Respondendo ao questionamento, ela assim se expressou:

Na Suíça, como na Europa em geral, encontrei somente a confirmação das minhas idéias de um vir-a-ser da plasticidade e possibilidades concretas, de realizá-las em escala monumental e em correlação arquitetônica urbanística apropriada, possibilidades que no Brasil dos anos cinquenta estavam latentes, mas utópicas no plano de um absorvimento nacional da tendência que a minha obra estava inaugurando, a do cinevisualismo plástico à coparticipação direta do perceptor [...] sempre me identifiquei com os problemas brasileiros e continuo, mesmo de longe a me preocupar com a realidade sociocultural do meu país, pelo qual não cesso, na Europa, de solicitar interesse e simpatia.<sup>271</sup>

Entre a criação e a execução da obra, a artista vinha trabalhando a idéia desde 1993, pensando na possibilidade de inaugurar o *Liberazione* durante os festejos do cinquentenário do término da Segunda Guerra Mundial. Tais comemorações tomavam vulto na Europa, e Mary Vieira sentia que esse era o momento propício das pautas brasileira e italiana, apresentando o projeto aos dois governos.

A obra, em mármore branco de Carrara e granito preto do Brasil, seria

<sup>270</sup> VIEIRA, Mary. *Entrevista*: “Conversando com Mary Vieira”, 1-14 - comunicado à imprensa. Milão, Itália. s/data.

<sup>271</sup> Id.

edificada no convale do Monte Castello, na região mais conhecida como Guanella, na pequena comuna de Gaggio Montano (Bolonha), lugar onde ocorreram os embates das tropas brasileiras.

Em 1996, Mary Vieira dá entrada ao projeto na prefeitura de Gaggio Montano, que foi registrado sob o nº 76, recebendo a assinatura do síndaco (Anexo 12). Trata-se da planta do monumento, em diferentes perspectivas. Nesse documento é citado o nome do proprietário das terras, que seria o doador do terreno, Francesco Arnoaldo Berti.<sup>272</sup>

O proprietário das terras, comendador Francesco Berti Arnoaldi Veli, nasceu em Guanella, e sua família habita esse velho burgo há muitas gerações.

No processo da construção do monumento, foi preponderante o papel de Francesco Berti, como doador do terreno, para a construção de dois monumentos.

Somente em 1998 foi resolvida a questão da doação definitiva do terreno em Guanella, para a construção do monumento. No comunicado à imprensa, a Embaixada Brasileira em Roma assim se manifesta:

Para o Brasil o ato de aceitação da cessão do espaço onde surgirá a prestigiosa obra plástica, foi firmado pelo embaixador do Brasil em Roma, Paulo Pires, na presença dos adidos militares brasileiros, das autoridades e personalidades da arte e da cultura brasileiras e italianas.[...] O solo onde aparecerá o monumento foi o campo de batalha que viu a conquista de Monte Castello, considerado um dos episódios determinantes da campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial.<sup>273</sup>

O lançamento da pedra fundamental ocorreu no dia 21 de fevereiro de 1999, e contou com as presenças do ministro da Cultura, Francisco Weffort, do Brasil; do prefeito Roberto Melosi, de Gaggio Montano; autoridades brasileiras e italianas; e a escultora Mary Vieira, que discursou em italiano:

<sup>272</sup> VIEIRA, Mary. **Progetto Monumento Commemorativo "Liberazione"**. Comune di Gaggio Montano, Bolonha, Itália, 1996.

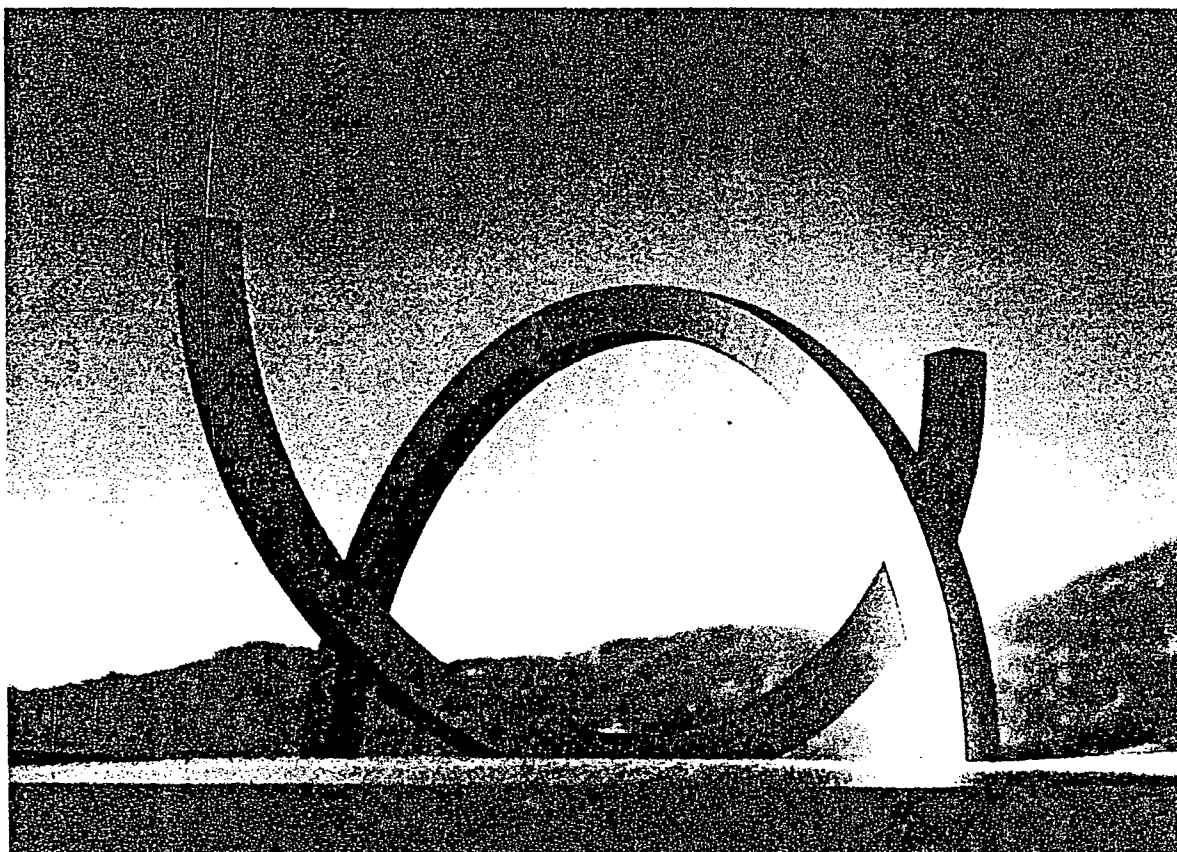
<sup>273</sup> RELEASE N.º 1. Embaixada do Brasil em Roma. 6 de out. 1998.



Neste gélido fevereiro de 1999, a pedra fundamental do monumento *Liberazione: monovolumi a ritmi aperti*, que projetei em 1994, hoje inicia a laboriosa construção. Curvam-se os céus do território de Monte Castello, onde os pracinhas venceram uma épica batalha na Segunda Guerra Mundial. Honra aos heróis [...] Glória aos conquistadores de Monte Castello, sob a luz de um monumento, nascido da liberdade estrutural, que tenho a honra de escrever neste espaço, neste excepcional evento, na tensão infinita do recorde historicizado.<sup>274</sup>

O Ministério da Cultura Brasileiro assumiu a idéia de Mary Vieira pelo projeto criado em 1996. Com o apoio da Lei Rouanet e, em conjunto com as associações dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira e de ex-combatentes italianos, o monumento foi finalmente concluído.

FIGURA 6 - O CÍRCULO (MONUMENTO *LIBERAZIONE A RITMI APERTI*)



<sup>274</sup> VEIRA, Mary. Guanella, 21 fev. 1999. In: **Comunicato Stampa I. Comitato Promotore del Monumento *Liberazione: Monovolume a ritmi aperti***. Piazza Aspromonte, n. 11, Milano, Itália, feb. 1999.

#### 4.4.3.3 Descrição do monumento

O monumento mede 7 metros de altura e 14 metros de largura. Foi inserido num círculo de 35 metros de diâmetro, bem ao meio de terras cultiváveis no vale do Monte Castello.

O projeto possui linhas arrojadas: são dois arcos brancos com mármore de Carrara e a base em granito preto baiano. Fiel aos princípios matemáticos do concretismo, a escultora esclarece que os arcos prolongados em suas extremidades se encontrariam no infinito.

Um dos arcos brancos, que aponta para a terra, simboliza a morte; o outro que aponta para o céu, isto é, para a transcendência que as mortes dos soldados significaram, definindo assim, por consequência, a “forte carga simbólica” do monumento *Liberazione*, segundo as palavras da autora em reportagem da Folha de S. Paulo, em 1995: “É uma dialética estrutural de curvas monumentais em direções opostas, abrindo-se ao futuro, o que exalta o sacrifício dos nossos combatentes na libertação da Itália ocupada pelos nazistas.”<sup>275</sup>

Na concepção do monumento Libertação: a Ritmos Abertos, a escultora Mary Vieira imaginou o movimento contínuo do sol, lançando sobre o solo a cruz projetada (do sol do meio-dia) - símbolo do heroísmo brasileiro.

Mary Vieira não participou das festividades da inauguração do *Liberazione*, pois veio a falecer antes de ver a sua obra completada, em fevereiro de 2001, aos 72 anos de idade. Responsável por esse trabalho da artista, a empresa Veronesi, através dos seus engenheiros, concluiu o monumento.

A obra é inaugurada no dia 21 de junho de 2001, com a participação de caravanas formadas por ex-combatentes e familiares, que foram para a Itália de diversas partes do Brasil. Os jornais italianos dão ampla cobertura ao acontecimento:

<sup>275</sup> FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 31 out. 1995.

*“Si inaugura il monumento ai caduti brasiliani. [...] Alle 12:00 è stato inaugurato il monumento che ricorderà il sacrificio di 500 soldati del ultimo conflitto mondiale [...]. Una intensa commozione [...] alla manifestazione erano presenti i pracinhas della formazione brasiliana insieme con i loro familiari”<sup>276</sup>*

No Brasil, as notícias da inauguração do monumento *Liberazione* passam despercebidas, mas, algum tempo depois, aparecendo nos jornais das diversas associações de ex-combatentes e nas revistas militares.

Na região compreendida por Bolonha e as pequenas comunas, na Itália, a inauguração do *Liberazione* foi assunto, durante vários meses, das manchetes estampadas nas revistas.

Com o título *La traccia dei brasilieri: un grande composizione scultorea nel panorama di Gaggio Montano*, uma das reportagens chama a atenção e procura lembrar aos leitores o ocorrido na localidade onde se encontra monumento, o episódio conhecido pelo nome dos 17 de Abetaia.

“No evento trágico do dia 2 de dezembro de 1944, uma patrulha brasileira atravessava em fila indiana um terreno plantado com milho. Ali era a “terra de ninguém” - os grãos não haviam sido colhidos. Das proximidades de um local chamado Spondela, um atirador alemão abate, quase que simultaneamente os rapazes da patrulha.”<sup>277</sup>

Esse episódio foi marcante para a população de Gaggio Montano, e está presente ainda hoje no imaginário de várias gerações a forma de como a patrulha pereceu. Esses homens, a princípio, foram dados como desaparecidos. Os corpos somente foram encontrados depois do inverno, e no exame dos distintivos dos uniformes constatou-se que eram soldados do 11º R.I e apenas um do Regimento

<sup>276</sup> IL RESTO DEL CARLINO. Bolonha, Itália. 22 jun. 2001. Tradução: Inaugura-se o Monumento aos Mortos Brasileiros. Às 12 horas foi inaugurado o monumento que recordará o sacrifício de 500 soldados no último conflito mundial. Uma intensa comoção. Nessa manifestação, estavam presentes os pracinhas da FEB, junto de seus familiares.

<sup>277</sup> ARGENTO VIVO. Revista do Sindicato Pensionati Italiani dell'Emilia Romagna. Bolonha, Itália. 2 de fev. 2002.

Sampaio.

A inauguração do monumento de Mary Vieira suscitou também momentos de reflexão demonstrados pela revista *O Argento Vivo*, de publicação mensal e sob o patrocínio de várias instituições de combatentes italianos.

“Vendo o grande complexo monumental, nascem tantas esperanças conquistadas com infinito sacrifício, no íntimo do coração, certamente nasce um credo que exorta a considerar a custódia de garantia de um grande bem precioso que se chama paz.”<sup>278</sup>

#### 4.5 MONUMENTO BRASILEIRO EM VERGATO

##### 4.5.1 Cidade de Vergato

A cidade de Vergato possui uma superfície de 60 km e pertence ao município de Bolonha. É limitada ao norte por Marzabotto e Savigno. Ao sul, por Gaggio Montano, leste por Grizzana Morandi, a oeste por Castel d’Aiano-Zocca. A população é de 6.670 habitantes.

Como as demais cidades localizadas nessa região, Vergato tem origens etruscas e romanas. A estrada que por ali passava ligava Bolonha a Pistóia. O nome da cidade é antigo, provavelmente tenha derivado de uma palavra popular “Ovvero”, o mesmo que “vero”, que significa verdade, ou seja, juntando-se a essa palavra, temos a palavra rigato (tecido famoso fabricado no local). Assim, ficou Vergato:

<sup>278</sup> LA VOCE DEI COMBATTENTI E REDUCI. Federazione Provinciale di Bologna, n. 5 e 6. Bolonha, dez. 2001.



de Vergato, onde funciona a prefeitura municipal.

Pelo percurso histórico de Vergato chegamos à localidade de Tolè, o objetivo dos soldados da 10ª D.I. de Montanha americana quando a missão brasileira, na primavera de 1945, se dirigia mais para Montese, situada nas proximidades. Em Tolè foi erguida uma pequena capela, e a placa ali colocada diz que é uma homenagem a todos os mortos da Segunda Guerra Mundial, inclusive os brasileiros.

Tolè hoje é famosa por suas fontes muito antigas, espalhadas por vários pequenos povoados. Todas remanescentes do período medieval. A cidade faz parte da Linha Gótica e tem sido alvo de estudo da participação norte-americana naquela localidade no período de abril de 1945.

O circuito histórico inclui nomes que estão ligados à memória dos combatentes brasileiros que atuaram na região já no final da guerra. Podemos citar os parques Parco Regional e *Corno Alle Scalle*, pertencentes à *Comuna de Lizzano de Belvedere*, onde se encontra o pequeno Mosteiro da *Madona Dell'Acero*, provavelmente do século XIII.

FIGURA 8 - A BATALHA



Próximo a *Vergato* estão ainda os parques históricos de *Monte Sole* e *Montovolo*. O *Monte Sole* está sempre na memória italiana, pois ali aconteceu a maior represália alemã, provocando a morte de centenas de civis - assunto por nós já mencionado no capítulo anterior.

#### 4.5.2 Descrição do Monumento

Para a construção do pequeno “*cippo*” (monumento Castelnuovo de Vergato), não foi organizado um projeto, conforme as autoridades locais. Utilizou-se a mão-de-obra dos construtores locais, sem nenhuma sofisticação (Anexo 13).

O pequeno monumento lembra um altar revestido de pedra, com 1,50 m de altura por 1,20 m de largura. O piso é revestido de blocos de mármore. Da construção e inauguração ocorrida no dia 20 de junho de 1998 até a foto recebida em setembro de 2002, percebem-se algumas mudanças.

No dia da inauguração, o monumento era encimado por uma cruz de ferro. Na foto atual, a cruz foi removida e em seu lugar foi colocada uma cápsula vazia de projétil de morteiro 81 mm. Desconhecemos os motivos que levaram à mudança da representação da cruz por uma bomba, acreditamos que os responsáveis tenham pretendido dar uma característica estética “militar” ou “bélica” ao monumento.

Na parte frontal do monumento está inserida uma placa de bronze clara, contrastando com a parte acinzentada das pedras. Nela estão gravadas palavras em letras douradas com a seguinte mensagem: “5 de março de 1945. Muitos soldados do heróico exército brasileiro morreram aqui para liberar uma terra que não era a deles, o sacrifício dos mortos não pode e não deve ser esquecido. 21 de junho de 1998, obra da Comuna de Vergato”.

A historiografia militar brasileira registra o episódio conhecido como “Os três heróis de *Castelnuovo*”, fato sempre lembrado pelos ex-combatentes. Quando o local foi conquistado pelos brasileiros, em março de 1945, próximo ao cemitério foram encontradas três sepulturas de soldados do 1º R.I. Assinalando o local havia

uma cruz de madeira, com a inscrição em alemão: “3 Tapfere-Brasil-24 de janeiro de 1945”<sup>279</sup> Provavelmente, esses soldados tenham morrido numa patrulha. O fato marcou profundamente a população, que o guardou e, para não esquecer, o gravou. Registros da memória ratificados na construção do monumento de Castelnuovo di Vergato.

#### 4.5.3 A História do Monumento

Acreditamos que a história do monumento de Vergato, dedicado aos brasileiros, necessite de maior respaldo de documentos. Para compreendermos melhor esse ato proporcionado pela prefeitura da cidade, reportamo-nos principalmente aos registros oferecidos pela comuna e testemunhos locais.

A participação brasileira na liberação dessa zona do Apenino é lembrada pelo atual prefeito: “[...] Uma intervenção direta dos mestres-de-obras da comunidade quer recordar um dos momentos mais significativos dos eventos bélicos que ajudaram as forças aliadas a romper o *front* e descer para o Vale do Reno, para liberar Vergato e, conseqüentemente, as vias de comunicação que conduziam à planície Padana”.<sup>280</sup>

A história do monumento de Vergato está ligada aos acontecimentos do mês de março de 1945, com a participação brasileira nesse *front* dos Apeninos.

Era uma frente de combate com cerca de 15 quilômetros, depois se dilatando cerca de 20 quilômetros, onde se situavam as íngremes elevações do Monte Belvedere, Gorgolesco, Monte Castello, Morro della Croce, Soprassasso e Castelnuovo. Apenas esse último é ligado à história do monumento.

Dos notáveis redutos acima citados, os alemães controlavam toda a atividade aliada no Vale Rio Reno e em seus afluentes Silla e Marano. Era o controle

<sup>279</sup> Tradução: aqui estão três heróis brasileiros.

<sup>280</sup> PASQUALE, Colombi, prefeito da cidade de Vergato. *Carta*. Vergato, Bolonha, Itália. 22 de ago. 2002.



da estrada 64 (*Porretana*), uma via estratégica que conduzia a Bolonha. Os alemães não deixariam os aliados atravessarem esse caminho. Com seus bem equipados observatórios, os germânicos mantinham observadores e atiradores de elite, o que causou sérios problemas às tropas.

Da parte do 4º Corpo do Exército não havia a intenção de desferir um ataque total aos alemães, mas foi recomendada à tropa uma atuação agressiva e permanente, de modo a manter naquela região as 32 divisões alemãs, para que não houvesse um deslocamento dessas à frente francesa.

Na frente de batalha havia dois grandes obstáculos que deveriam ser eliminados: a defesa alemã em Monte Castello e *Castelnuovo*. Em *Castelnuovo*, uma tentativa levada a termo, em novembro de 1944, pelo 2.º batalhão do 6.º R.I. brasileiro se apossou do lugar, mas depois foi retomada pelos alemães, que lá permaneceram até março de 1945.

Uma nova missão da parte brasileira se apresentou antes do inverno: a tomada de Monte Castello. Várias tentativas se mostraram infrutíferas, originando muitas perdas de vidas, o que fez transferir o objetivo de *Castelnuovo* para uma situação posterior à tomada de Monte Castello. Isso, na verdade, só ocorreria depois de fevereiro de 1945.

Porém, no dia 4 de março de 1945, dois regimentos brasileiros estavam preparados para desfechar o ataque a *Castelnuovo*. Eram o 6.º R.I. e o 11.º R.I. Vejamos o que diz José Juarez Bastos PINHEIRO, um veterano do Regimento Sampaio.

[...] Antes, porém, deve ser ressaltado que, encravado nas linhas brasileiras, como arrogante baluarte, projetava-se nas alturas o Soprassasso, monte de encostas escarpadas e quase inacessíveis, bem guarnecido e com vários núcleos de armas automáticas e de morteiros. De onde os adversários dominavam também toda a crista de elevações e demais áreas que seriam palmilhadas pela tropa atacante, no rumo dos seus

objetivos finais.<sup>281</sup>

Era necessário, por conseguinte, que o Soprassasso fosse neutralizado. Os brasileiros desencadearam, então, cerrado bombardeio sobre as posições inimigas, mas os alemães se mantinham persistentes na defesa. Numa demonstração do aprendizado feito em frente de campanha, o 1º e o 2º batalhões, do 6.º R.I., conseguem articular movimentos que surpreendem o adversário, ao passar por campos minados, e incursionando pela retaguarda e dominando o inimigo, e fazendo muitos prisioneiros. Caía o grande baluarte do Soprassasso, que - por mais de quatro meses - tantas dificuldades havia criado para o 4º Corpo do Exército, ou seja, aos brasileiros e americanos.

Desse modo, os bombardeios estavam agora direcionados para Castelnuovo. E já era quase noite, cerca de 19 horas, quando o 6º R.I., apoiado pelo 11º R.I., ocupou o pequeno povoado, abrindo brecha para os aliados avançarem sobre outros pontos estratégicos da Linha Gótica, que começava a desmoronar.

Novamente nos deparamos com um *front* que continha farta documentação sobre a 10ª de Montanha americana e sua estratégia de ação, voltada para os povoados de *Vergato*, *Tolè* e região. As fontes são muitas, quer sejam americanas ou italianas, com produção historiográfica recente. Da ação brasileira em *Castelnuovo*, temos as narrativas dos participantes da campanha da FEB, ou de outros combatentes envolvidos na ação do dia 5 de março de 1945.

Da cidade de *Vergato*, procuramos uma documentação mais específica, resultante de pesquisa realizada nos anos 90 pela cidade, com o apoio da Universidade de Bolonha e de seus vários segmentos, em especial o Departamento de Política e a Instituição e História da Faculdade de Ciências Políticas, essa última presidida pelo professor Mauro Pesce.

<sup>281</sup> PINHEIRO, José Juarez Bastos. *Castelnuovo no contexto da FEB*. Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Rio de Janeiro, julho de 1972.

Foi uma investigação organizada, levando-se em conta o recorte histórico situando a cidade entre 1943 e 1945, no sentido de compreender a vida da população nesse período, quando os cidadãos enfrentaram as provações mais difíceis com a ocupação alemã, além do bombardeamento aliado e da guerra civil, com o que esse impacto criou na sociedade.

Na metodologia empregada, os pesquisadores optaram pela análise documental das paróquias, pois os padres registraram a guerra quase como um cotidiano, embora se perceba que os estilos sejam diferentes. Os arquivos paroquiais são os que apresentam uma melhor documentação sobre o conflito e eles - dado a sua estrutura institucional - possuem o mais alto respeito da comunidade acadêmica.

A análise documental envolveu dez paróquias localizadas na região de Vergato, que compreendiam cerca de 7 mil pessoas. Os pesquisadores utilizaram-se das fontes orais, entrevistando perto de 14 padres e bispos, responsáveis pelas referidas instituições no período colocado em foco.

Como viviam seus habitantes e que registros foram deixados? A ordem seqüencial dos fatos, a presença alemã, os bombardeios, a presença da tropa americana e brasileira interessam de perto à nossa busca, que é intrigante e desafiadora, mas que resumimos numa pergunta: por que um monumento brasileiro em *Castelnuovo de Vergato*?

Os arquivos paroquiais descrevem bem esse período, e muitos documentos estão em forma de diários, nos quais são evidenciados não apenas os acontecimentos bélicos, mas também o enredo político e social de uma comunidade que se vê invadida por tropas de ocupação: a temível S.S. nazista e suas represálias contra os padres e os partigianos, em um confronto quase diário.

Observemos o que diz um pároco do Vale do Reno:

Nos meses de outubro e novembro, o comando alemão decide que a evacuação do

território deve ser imediata. A presença civil não era bem vista porque entre esses poderia haver partigianos e delatores. [...] As casas vazias poderiam acomodar melhor os soldados. Começa a odisséia dos desabrigados, que, juntando-se a outros que haviam chegado, procuram sair da linha do *front* à procura de um lugar mais seguro. [...] Improvisadamente perto das 5:00 h. aproximou-se de mim um oficial alemão, olhando o relógio e disse: Cinco minutos, todos os civis devem partir. Eu, estupefato, lhe perguntei: para onde? - A Bolonha, encontrará tudo em Bolonha.<sup>282</sup>

A dispersão dos habitantes de Vergato ocorre em direção a diversas localidades. Os habitantes vizinhos recebem a mesma ordem, mas se dirigem para a região de *Castel d'Aiano* e *Montese*, levando tudo o que podiam, inclusive animais, como vacas e porcos.

A narrativa dos sacerdotes toma caminhos diversos, alguns estão voltados para a causa partigiana, com depoimentos, destacando inclusive as *strage* perpetradas pelo comando alemão. Por outro lado, outros apontam a questão dos desabrigados, como a situação mais tocante nos relatos efetuados: a humilhação e a resignação das famílias, que tinham de abandonar tudo.

Quando a população retorna às suas casas, essas já não existem mais. Pelo menos 80% dos edifícios principais haviam sido destruídos, obrigando a população a improvisar abrigos inadequados, além de existirem as dificuldades que se apresentavam em relação ao fornecimento de alimentos, roupas e remédios.

Não são muitas as referências sobre os brasileiros nessa área. Acreditamos, porém, que um estudo mais profundo sobre a campanha de Castelnuovo encetada pela FEB possa, numa conjunção entre documentos brasileiros e italianos, esclarecer fatos que ainda não foram registrados pela historiografia brasileira e italiana, principalmente aqueles ligados, na visão não oficial da história, à conquista do *Soprassasso*.

O que dispomos são documentos esparsos, de famílias que conviveram

<sup>282</sup> ANDREUCCI, Marco. *Vergato 1943-45 - Memorie di Guerra dei paroci del Reno*. Bolonha: Tipografia Ferri-Vergato, 1994.

com brasileiros na região vizinha a Vergato. Principalmente em Porreta Terme, onde a população convivia na situação de retirantes.

Um desses testemunhos é de Franca Bai, que acolheu brasileiros em sua casa:

[...] Sim me recordo do Raul e do Dimas, do Quinto Exército comandado pelo general Alexander (sic). [...] Meu pai os conheceu na Trattoria Pace e os levou até em casa. Eu me recordo eram boas pessoas, generosos, amigos. [...] Nós lhe oferecíamos pão branco, o que era uma raridade na época. Depois eles foram transferidos para Genova, de onde deveriam partir para o Brasil. [...] Porém o brasileiro que recordo com mais afeto é o Benevides. Ele esteve repousando em Porreta por duas semanas, depois foi mandado de volta ao *front*. Um dia aparece lá em casa um brasileiro, dizendo que Benevides havia morrido num combate em Monte Castello.<sup>283</sup>

A comunidade de *Vergato* lembra dos brasileiros, embora a presença do soldado nessa frente de combate tenha sido de pouca duração.

A guerra encaminhava-se para o fim e poucos quilômetros separavam *Vergato* de Bolonha, mas todos tinham consciência de que esse fim não seria fácil. O *Soprassasso* permanecia nas mãos alemãs, bem como o controle da estrada 64 (*Porretana*) e os entroncamentos ferroviários que levavam rumo ao norte.

Era um ponto estratégico alemão, altamente defensável e coube aos brasileiros o avanço final da região, desalojando os alemães e abrindo frente para o IV Corpo do Exército liberar Bolonha.

Os jornais brasileiros distribuídos em frente de combate destacavam os fatos, pois o *Soprassasso* era uma barreira natural e uma estratégia usada pelos alemães quase ao fim da guerra. Os brasileiros festejaram a queda desde baluarte. Veja a manchete estampada num deles:

<sup>283</sup> ARBIZZANI, Luigi (Org.) *Esplorando Il Passato. Testemonianze e documenti della seconda guerra mondiale. Comune di Vergato*. Bolonha: Artgraf, 1989.

“Caiu o Gigante”. O Soprassasso é uma elevação cujo nariz de grande altura termina quase em cima da rota 64. Protegida por cotas estratégicas, é tornada um ponto forte de observação pelo inimigo, os morteiros ali assentados eram um eterno desassossego ao tráfego na via principal e estradas adjacentes, num grande espaço. De Castelnuovo, diremos, depende de sua queda a captura de Vergato, situada a 25 quilômetros, a sudoeste de Bolonha. Além disso, daí se tem domínio sobre uma vasta planície à frente. [...] Estava escrita, de modo brilhante, a história dos combates de 5 de março. Setenta e dois inimigos, entre os prisioneiros, feridos e mortos, traduziam a bravura e o denodo dos soldados do nosso batalhão. [...] agora o Soprassasso não é mais aquela esfinge. [...] a morte não vem mais dali e ele é apenas outro pedaço de terra italiana sob o sol da liberdade.<sup>284</sup>

Cinquenta anos depois da guerra, a cidade de *Vergato*, reconstruída, procura mostrar que mudou. Caminhando para uma modernidade com ação participativa da comunidade, ou seja, com um “diálogo mais direto com o cidadão”, a cidade se organiza no sentido de enfrentar o desafio progressista dos municípios vizinhos, principalmente Bolonha.

Na década de 90, *Vergato* tomou uma série de iniciativas, organizando um planejamento administrativo que veio ao encontro das necessidades de incrementar o comércio, o artesanato, e requalificar os serviços prestados pela comunidade. O objetivo era tornar o pequeno município um expoente no Vale do Reno.

Projetos são organizados na área cultural, atingindo a rede escolar como um todo, incrementado-se a leitura entre os estudantes dos diversos níveis. Desses projetos para a cultura, destacamos a restauração das 12 fontes situadas na cidade de Tolè, todas pertencentes ao ciclo medieval e que haviam sido danificadas seriamente com os bombardeios na guerra.

É dessa fase (1998) o projeto do Monumento aos Mortos Brasileiros. De linhas muito simples, idealizado pelas pessoas da comunidade e, conseqüentemente, sem assinatura de um escultor ou artista importante. Assim, acreditamos que a construção dessa pequena obra esteja inserida no momento

<sup>284</sup> E A COBRA FUMOU. Gaggio Montano, Itália, 31 de março de 1945.

histórico da cidade, que tenta recuperar dimensões importantes do seu passado.

E nessa busca incessante do passado de uma cidade quase desaparecida durante a guerra, os habitantes de *Vergato* valorizam os atos dos participantes, daqueles civis ou retirantes e dos soldados que por ali passaram, num momento crítico em que ocorreu a devastação. Ao tentar fazer o reconhecimento público de tais atos - com cerimônias honoríficas dedicadas à população que resistiu -, a cidade também homenageia os brasileiros. No dia da inauguração do pequeno monumento, o jornal da cidade chamava a atenção para a seguinte notícia:

*Amicizia e Ricordo. Amizade e Recordação. [...] Na jornada do dia 21 de junho de 1998, uma delegação da Embaixada Brasileira na Itália. [...] Se renova assim um hábito, que a cada ano representantes do governo brasileiro visitam os lugares onde combateu seu exército durante a Segunda Guerra Mundial. [...] Foi uma ocasião para consolidar os vínculos de amizade e reconhecimento, do que ocorreu há tantos anos, daquele legado a nossa gente que recorda os acontecimentos vividos por italianos e brasileiros, unidos por defenderem os ideais de justiça e liberdade. [...] Nesse mesmo dia foi inaugurado um pequeno monumento, realizado pelos operários da comunidade de Vergato e alguns voluntários das montanhas de Castelnuovo, ao lado do cemitério, local da batalha enfrentada pelos brasileiros no início do mês de março de 1945.*<sup>285</sup>

Os sentimentos relacionados aos valores e o desejo de continuidade e liberdade, paz e democracia são questões indelévels da memória italiana. O reconhecimento à gente da montanha, pela virtude e força no enfrentamento dos anos difíceis, pelos atos de humanidade direcionados no socorro aos feridos e desabrigados, provocou momentos de reflexão nas comunidades atingidas.

A visita oficial do presidente da República, Carlo Azeglio Ciampi, feita recentemente à cidade de Vergato para conferir a Medalha de Ouro ao Mérito Civil, em abril de 2002, vinha ao encontro do desejo da comunidade. No discurso feito para um grande público, Ciampi ressalta a coragem da população em pegar armas

<sup>285</sup> VERGATO INFORMA, n. 2, Vergato, Bolonha, Itália, 1998.

na defesa dos antigos valores da pátria: “uma sistemática e longa peregrinação” aos lugares da memória européia que Vergato não esquecerá.

Sobre a concessão da Medalha de Ouro ao Mérito Civil, o jornal da cidade retrata o discurso oficial do presidente da República italiana.

No dia 17 de abril de 2002 o presidente da República, Carlo Azeglio Ciampi, depois da “histórica etapa a Monte Sole”, com o presidente alemão, Johannes Rau, esteve em Vergato para a concessão da Medalha de Ouro de Mérito Civil à comunidade de Vergato. [...] Situada sobre a Linha Gótica, durante o último conflito mundial, a comuna se encontrou no centro dos opositores, sofrendo todo o tipo de violência perpetrada pela tropa alemã e o grande bombardeio dos aliados [...] foram 23 bombardeios aéreos, uma página escura e dolorosa, que terminou somente no dia 23 de abril de 1945, com a libertação do território. [...] A República Italiana e a República Federal da Alemanha em Marzabotto disseram que não pode haver mais um outono como aquele. Temos guardado na memória os fatos, as vítimas e tantas crianças, mulheres, os velhos, a longa mancha de sangue que marca a Linha Gótica. Não para reviver o passado, mas entrar no futuro com passos certos.<sup>286</sup>

O ato proporcionado pelo presidente da República foi ao encontro dos anseios da comunidade de Vergato. No fim dos anos 80, o prefeito da cidade, Hugo Nanni, havia lançado a idéia de que os acontecimentos da Linha Gótica deviam ser registrados em um livro. Esse projeto tornou-se realidade somente nos anos 90 com a edição de *Vergato 1943-1945. Memorie di guerra dei parroci dei Reno*.

A ação da sociedade de Vergato é sedimentada pela ação política de uma República Democrática, na qual as regiões têm autonomia especial e formam os grupos sociais e culturais que na Itália gozam de prestígio e preponderância. A ação dessas instituições, apoiada pelas prefeituras locais, desenvolve programas de interesse da população, entre eles destacamos os culturais. Essa mesma sociedade, herdeira dos fatos ocorridos na Segunda Guerra Mundial, solicitava uma maior participação do Estado no reconhecimento oficial do esforço de guerra da cidade de

<sup>286</sup> VERGATO INFORMA, n. 3, Vergato, Bolonha, Itália, 17 de abril de 2003.



Vergato.

O dia 17 de abril de 2002 foi uma data importante para a população, visto que finalizava ali também outra batalha, aquela contra a burocracia e as leis que dificultavam esse ato honorífico para a cidade.

O monumento de *Castelnuovo di Vergato*, que foi inaugurado em 1998, revestido de simplicidade quanto ao seu aspecto plástico, reforça, ao nosso ver, as características que moveram outras cidades vizinhas à Linha Gótica em homenagear os brasileiros. Os jornais de Vergato estamparam as palavras que nos levam ao entendimento desse vínculo entre os cidadãos dessa cidade e os brasileiros: “Esta é uma ocasião para assinalar o débito de reconhecimento que a nossa gente tem no ato de recordar os acontecimentos que foram vividos pelos italianos e brasileiros.”<sup>287</sup>

Acreditamos que os fatos ocorridos no dia 6 de março de 1945, um dia após o combate de *Castelnuovo*, possam reforçar a presença brasileira na memória dos habitantes dessa localidade nas montanhas. Ao cair da noite, um pelotão do 11º R.I. da FEB cai num campo minado não percebido pelos mineiros. Foram muitos os feridos, os mensageiros sentem dificuldade de pedir socorro, pois as linhas telefônicas foram rompidas, e o socorro demorou a chegar por pelo menos três horas. A notícia se espalha pelo batalhão: havia homens morrendo.

Na estrada 64 (*Porretana*) que ficava nas proximidades, havia presença de brasileiros do Batalhão de Saúde com uma viatura de ambulância. Um rápido esquema de resgate desses feridos é organizado, mas com a consciência de que todos correriam grave risco, pois não havia um mapeamento indicando os campos minados. Momentos de sacrifício e de solidariedade ocorridos nessa passagem não foram esquecidos por brasileiros e montanhese de *Castelnuovo di Vergato*.<sup>288</sup>

<sup>287</sup> VERGATO INFORMA, n. 2, 1998.

<sup>288</sup> Para maiores informações sobre o combate de Castelnuovo, ver ALMEIDA, Adhemar Rivermar. *Montese, Marco glorioso de uma trajetória*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985. p. 30.

#### 4.6 PROJETOS E AÇÕES EDUCATIVAS NA LINHA GÓTICA DE HOJE

Como destacamos neste capítulo, em cada cidade por nós abordada ao relatarmos sobre os monumentos brasileiros na Itália localizados na Linha Gótica, percebemos que a preocupação do resgate da memória do pós-guerra tem sido uma constante na trajetória da história italiana.

Com as celebrações do cinquentenário do término da Segunda Guerra Mundial, essa motivação tornou-se mais forte a partir do trabalho das instituições ligadas à memória da resistência italiana associadas às pesquisas oriundas das universidades, ou de pesquisadores autônomos.

Foram muitas as manifestações que marcaram a data de 25 de abril de 1945, dia considerado como o fim da guerra em território italiano. Dessas manifestações podemos destacar algumas na revista *Pátria*, comemorativa, que reúne parte de discursos, dos quais foi possível extrair mensagens sobre os valores morais e de patriotismo.

Na seção dedicada à Resistência e Política, o autor, ao publicar uma entrevista, transmite-nos pelo título escolhido da matéria a linha de conduta e o tom celebrativo da revista em questão, que acabou norteando a organização dos demais artigos: “Os ideais e os valores de ontem, ponto de referência na realidade de hoje.”

“Estamos na fase conclusiva das celebrações do 50º aniversário da guerra da libertação. Malgrado as dificuldades que o país atravessa, faz-nos lembrar que tem ocorrido em toda a Itália um difuso chamado à Resistência e seus valores e às suas conquistas.”<sup>289</sup>

Quais os valores que a Resistência italiana pode exprimir ainda hoje? É o que pergunta o autor da reportagem na mesma revista, ao mesmo tempo em que demonstra o valor da participação de todos num mesmo objetivo: a Liberdade.

<sup>289</sup> PATRIA INDIPENDENTE. 25 Aprile 1945 - Aprile 1995. Roma, Itália, 27 de março de 1995.

O transcorrer do tempo permite-nos analisar e refletir sobre os acontecimentos do passado, o período da guerra da libertação e da luta partigiana, com serena objetividade, sem os ressentimentos contra ninguém, mas recordando apenas o profundo amor pela Itália e o desejo de vê-la livre. [...] Os estrangeiros que uniram numa luta comum, formações partigianas de todo tipo, monarquistas, comunistas, católicos e, assim em diante, com o exército de libertação constituído no sul da Itália.<sup>290</sup>

Das cerimônias que comemoram o cinquentenário do fim da guerra em território italiano resultaram muitos projetos educativos desenvolvidos pelas comunas. Dos mais recentes, podemos destacar o que recebe o nome de Linha Gótica, organizado pela prefeitura de *Gaggio Montano* e iniciado-se no verão de 2002.

Em linhas gerais, o projeto partiu da reconstituição histórica das trilhas e posições-chave ocupadas pelas tropas alemãs, no intuito de conduzir por esses caminhos não apenas o turista eventual que chega à cidade, mas todo um trabalho pedagógico de integração organizado entre as escolas desses municípios, a partir desse ano.

<sup>290</sup> Ibid., p. 17.

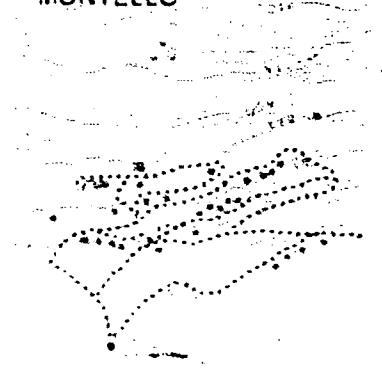
FIGURA 9 - PROGETTO REGIONALE "LÍNEA GÓTICA"



### Progetto "Linea Gotica"

La Regione Emilia-Romagna è impegnata in un programma di valorizzazione di tutta l'area appenninica teatro di eventi bellici negli anni 1943-1945. Attraverso interventi di recupero delle postazioni difensive tedesche lungo la Linea Gotica, delle località simbolo della presenza dell'esercito alleato, dei territori dove maggiore fu la presenza partigiana e il contributo della popolazione civile alla lotta di liberazione, si intende salvaguardare la memoria storica di questi luoghi e rendere omaggio a coloro che qui giunsero provenienti da ogni angolo della terra per affermare i valori della libertà e della democrazia contro la barbarie nazista e fascista. Durante la 2ª Guerra Mondiale gli Appennini furono luogo di conflitto e insieme di dialogo e di nuova conoscenza tra eserciti e popoli: oggi è questo secondo aspetto, di dialogo pacificato e non più tra nemici, che si vuol far rivivere. Luogo di pace, quindi, patrimonio e memoria di tutti i popoli della terra.

MONTELLO



Primeiramente, a parte inicial do projeto localiza os pontos dessa "caminhada pedagógica" claramente demonstrada no mapa, partindo de *Guanella* - onde encontramos o monumento brasileiro *Liberazione* -, segue pela escalada ao Monte Castello, passa pelas posições alemãs, que existem desde 1944, chegando até a pequenina Igreja dos Imigrantes - mais conhecida como Igreja de *Ronchidoso*. Trilhas transversais podem ser feitas para quem quiser chegar aos Montes *della Torracia* e *Belvedere*. Ambos ligados à história da Linha Gótica.

Esse programa prevê ainda uma conexão com o projeto educativo da cidade de *Montese*, intitulado *Montello*, do qual já fizemos referência neste mesmo capítulo.

Ao reorganizar as trilhas existentes, dando a elas uma conformidade pedagógica, o autor justifica esse posicionamento: "Durante a Segunda Guerra

Mundial, os Apeninos foram locais de conflitos, onde exércitos e a população se envolveram. Hoje existe um segundo aspecto do diálogo pacificador e não mais entre inimigos. É o que pretendemos reviver. Lugar de paz, patrimônio de todos os povos da terra”.<sup>291</sup>.

A presente pesquisa não se deteve diante de tantos outros documentos que nos reportaram a outras homenagens aos brasileiros, pois o nosso objeto de estudo são os monumentos. Mas não pudemos deixar de registrar a placa dedicada ao patrono dos capelães do Exército, o “Frei Orlando”, que no dia 20 de fevereiro de 1945 morreu num acidente trágico na região de *Bombiana*<sup>292</sup> (povoado vizinho a *Gaggio Montano*, Itália). A repercussão dessa morte atingiu, na época, todo o *front* brasileiro e deixou marcas no imaginário da população das localidades da região. Algumas dessas podem também demonstrar o caráter conflituoso da memória da ação *partigiana*.

Temos ainda pequenas placas erguidas em homenagem aos brasileiros, como a de *Cereglia (Vergato)* - construída em 23 de abril de 1989 -; a do município de *Neviano Rossi* e o pequeno monumento de *Riva*, próxima a *Montese* e inaugurado no dia 9 de junho de 2002. Este se tratando de uma placa triangular com um orifício no qual foi inserido o cano de um morteiro. A placa é dedicada a todos que combateram naquela região: americanos, partigianos, brasileiros, civis e alemães.

Conseqüentemente, diante da pesquisa que efetuamos dos monumentos brasileiros na Itália - em busca de respostas aos nossos questionamentos

<sup>291</sup> PATICCHIA, Vito. *Progetto regionale “Linea Gótica”*. Itinerário Guanella-Monte Castello-Ronchidoso-Gaggio Montano. Itália, ago. 2002.

<sup>292</sup> No dia 20 de fevereiro de 1945 havia grande movimentação de tropas brasileiras que se preparavam para a tomada de Monte Castello. Com o empenho de chegar até os postos mais avançados e dar uma bênção aos soldados brasileiros, frei Orlando saiu em companhia de oficiais brasileiros, um oficial italiano e um partigiano. O caminho era difícil, o terreno estava molhado e havia muita lama. Próximo a Bombiana, numa pequena elevação o veículo encalhou, todos desceram e o partigiano, num ato impensado, fez de seu fuzil uma alavanca para desbloquear o veículo. A arma disparou repentinamente e frei Orlando é atingido no peito e morre instantaneamente. O fato marcou profundamente as pessoas desses povoados e as tropas brasileiras, que tinham muita admiração e afeto pelo padre.

apresentados na introdução desta pesquisa -, percebemos o desencadeamento de fatos tornados evidentes que relacionam os brasileiros à memória italiana. Pela conexão histórica do ocorrido e assinalado nas memórias brasileiras e italianas, tornou possível delinear a presença dos soldados da Força Expedicionária Brasileira e a sua inserção nas cerimônias comemorativas na Itália.

Em situações diversas, procuramos constatar a presença do soldado brasileiro, cujo referencial era a guerra. Não somente a presença física, mas os registros da memória de seus participantes. Partindo das metodologias investigadoras, estas nos proporcionaram uma aproximação das hipóteses apresentadas no início desta pesquisa. Ao longo do trabalho, a pesquisa demonstrou o testemunho presencial que assinala a imagem brasileira retida na memória histórica daquelas cidades italianas.

Essas imagens transformaram-se em marcos materiais - os monumentos -, representações dos soldados brasileiros, vistos pelos testemunhos como “bons combatentes, como homens simples, de espírito humanitário e libertadores”, cuja história se mescla à dos cidadãos italianos, sejam civis ou partigianos. Assim, a imagem desses homens se sacraliza - os feridos, os mortos e trucidados -, vistos agora como mártires ou heróis, a galgar um novo panteão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial começou em setembro de 1939 com a invasão da Polônia, e terminou em maio de 1945 com a derrota das tropas nazi-fascistas. O Brasil participou dessa guerra num período considerado pequeno, completando oito meses de campanha em frente de batalha, mas dadas as dificuldades encontradas pelos soldados brasileiros, este espaço de tempo foi considerado relevante, diante do processo histórico resultante desse conflito.

Como apontamos no início deste trabalho, a oportunidade de viajar para a Itália, por duas vezes, motivou ao desafio da escolha do tema sobre os monumentos, lá construídos, em homenagem aos soldados da Força Expedicionária Brasileira. Tais placas e monumentos, naqueles dois momentos, afrontavam nossos conhecimentos, e uma questão necessitava de resposta: por que monumento foram erigidos apenas para os brasileiros?

Focalizamos nossos estudos no período entre 1945 e 2003. Ressaltamos com maior ênfase a pesquisa nos anos posteriores a 1995, marco inicial da construção monumentalística dedicada aos brasileiros, que se insere no contexto histórico italiano de celebração ao cinquentenário do fim da Segunda Guerra, marcado pelas comemorações internacionais.

As questões fundamentais desta investigação orientaram a uma proposta metodológica, e esta discussão sobre memória-história teve um papel preponderante.

O enfoque sobre a memória-história foi um passo decisivo para a nossa compreensão do processo de construção dos monumentos. Contamos com os testemunhos brasileiros e italianos - nossos atores do cenário imaginário e do concreto - que estavam prontos a disponibilizar tempo e memória na reconstrução do passado histórico, que era tão próximo de várias gerações.

O estudo sobre os monumentos brasileiros na Itália dedicados aos

soldados da Força Expedicionária Brasileira possui, portanto, um caráter histórico, e intentou determinar as circunstâncias políticas, isto é, de que maneira os fatos ocorreram e culminaram nessas homenagens.

Na primeira da etapa da pesquisa, realizada em 2000, procuramos localizar os monumentos dedicados aos soldados brasileiros que estão localizados nas cidades italianas de *Gaggio Montano*, *Montese*, *Vergato* e *Pistóia*, todas localizadas a 60 quilômetros de Bolonha, a parte mais setentrional da Itália, na celebre Linha Gótica, extremamente fortificada pelas tropas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial. Este era o *front* brasileiro.

A segunda etapa, constou de envio de questionários à Itália organizados no Brasil. Estes foram remetidos aos cidadãos italianos e direcionados às pessoas que conviveram com os soldados brasileiros entre os anos de 1944-1945. No processo constitutivo da memória do grupo estudado, foi primordial a coleta de subsídios que conseguimos reunir.

Nas entrevistas, direcionamos a análise no sentido de compreender de que maneira os fatos vivenciados pelas pessoas na Segunda Guerra Mundial foram manifestados e ultrapassaram os limites fronteiriços entre o Brasil e a Itália.

Na terceira etapa do estudo, procuramos nos inteirar da historiografia da Força Expedicionária Brasileira, verificando a bibliografia especializada sobre o assunto, e outras de interesse ao nosso objeto de pesquisa..

A quarta fase do processo metodológico foi, ao nosso ver, a mais produtora, pois se deu em território italiano, por ocasião da nossa permanência junto à população italiana por quase um mês. O contato com os habitantes das pequenas localidades nos possibilitou colher os testemunhos que foram gravados, depois traduzidos e transcritos.

Na ausência de testemunhos, percorremos os arquivos municipais, as pequenas bibliotecas, como a de *Gaggio Montano*, onde encontramos inúmeras publicações do pós guerra e que diziam respeito aos soldados brasileiros.



De grande valia para este estudo, foi a possibilidade proporcionada pelo Departamento de História da Universidade de Bologna e o *Istituto per la Storia della Resistenza* na mesma cidade de verificarmos seus arquivos, tendo acesso às últimas publicações sobre a Memória e a História. O acesso às pesquisas, conduziu-nos às evidências históricas descobertas, a partir de 1960 à da utilização da história oral, à nova historiografia italiana, que procurava enfocar a guerra, não mais sob o enfoque das campanhas ou dos exércitos que passaram pela Itália. Era a nova visão dos historiadores, voltados para temas sociais, para o cotidiano das famílias, para a questão dos desabrigados, para os problemas com a alimentação, enfim, para a posição dessas pessoas diante do quadro gravíssimo da própria guerra.

Preponderante, também, foi o levantamento efetuado pelos pesquisadores italianos, em relação aos monumentos construídos na Itália. Neste caso, embasaram nossa pesquisa os estudos de Patrizia Dogliani e Enzo Nizza, pesquisadores do *Istituto Nazionale per la Storia Del Movimento di Liberazione in Italia*. Entre os diversos artigos publicados, o que melhor norteou este trabalho foi " *Luoghi della Memória e monumenti*. Ao reportarem-se ao período do pós guerra, ou seja de 1945 a 1994, o levantamento amplamente divulgado nos seminários e encontros sobre memória e história, vieram de encontro aos objetivos de nossa pesquisa. Segundo os autores, até 1963, os marcos simbólicos erigidos na Itália foram dedicados às vítimas de um modo geral, neste caso, os mortos da Resistência, na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. Também não foram esquecidos os heróis da Unidade Nacional (1861), período conhecido como *Risorgimento*.

Outro dado importante apontou para um número surpreendente de monumentos construídos na década de 60, na verdade, são 62 obras catalogadas, cujo período coincidiu com a efervescência política européia, no episódio conhecido como Guerra Fria. Os monumentos dessa fase são caracterizados por homenagens à Liberdade.

Na década de 90, acompanhando o arrolamento proporcionado pelos

pesquisadores italianos, constatamos um “crescer” celebrativo em território italiano. São as cidades despontando em seus reclamos, na busca dos valores de ontem e expressos pelo desejo de liberdade, paz e democracia.

No processo de investigação que norteou esta pesquisa, ao questionarmos sobre os motivos da inserção da monumentalística brasileira em território italiano, é possível ratificarmos algumas das hipóteses aventadas neste trabalho. Foram desvendados momentos importantes da história italiana dos anos 90, que coincidem com a construção dos monumentos brasileiros:

a) A Itália vinha de um período conturbado (anos 70) quando a Máfia, no sul do país, causou uma série de infortúnios pelo número excessivo de vítimas. Era o momento de o país pedir o retorno dos ideais da Resistência, quando então os monumentos são erigidos para a sua valorização.

b) A partir de 1992, a Itália mergulha na Operação Mãos Limpas, um enorme esforço da Justiça para combater a corrupção, que atingia todos os níveis do governo italiano, quando líderes políticos e ex-chefes do governo foram enviados para os bancos dos réus, o que constituiu uma das maiores implosões do sistema político do pós-guerra.

c) As manifestações públicas atravessaram o território italiano, reforçando os “valores e acontecimentos longínquos”- são os velhos argumentos que ganham espaço.

Os monumentos brasileiros na Itália pertencem, portanto, a esse ciclo histórico da Itália, percebidos por nós como uma reivindicação dessas populações. A presença da FEB e de seus homens nesses marcos históricos é também o reconhecimento público do esforço de guerra dessas cidades. É a história da população que resistiu e se faz presente, aquela que narra as represálias, as matanças e as sagas dos desabrigados.

O tempo e os lugares demarcados pela pesquisa nos colocaram diante dos protagonistas italianos, pessoas das comunidades, diretamente ligados aos

brasileiros durante a guerra. São conexões que possibilitaram o acesso a nova historiografia produzida pelos especialistas e pelas memórias reconstituídas.

Mas, a nossa visão não foi apenas o enfoque militar, foi além, pois conseguimos focalizar o soldado brasileiro como pessoa na sua amplitude humana, no seu confronto com a experiência de outros povos, principalmente com os italianos.

A memória de guerra, registrada pelos personagens, carregou consigo lembranças relatadas nas histórias de vida que o tempo não apagou. São os laços identitários e de pertencimento, elos de uma conexão vigorosa na reconstrução da história.

As fontes orais nos permitiram resgatar as imagens deixadas pelos soldados brasileiros. Neste caso foram importantes os testemunhos de Francesco Berti, Giuseppe Cecchelli, Fabio Gualandi, Maria Marchi e Caterina Bruni, cidadãos italianos.

Sob outro ponto de vista, fizemos o contraponto, vasculhando as lembranças brasileiras quando entrevistamos os nossos ex-combatentes, entre eles: Eronides da Cruz, Aristides S. Vergés, Paulo Stankevecz, além de outros depoentes, que nos deram subsídios e livros de memórias, nos quais localizamos as reminiscências de Bertoldo Klas, José Gonçalves, Elber de Mello, Antonio Drombowski, José Edgar Eckert e José Alves da Silva.

O que registraram essas lembranças que fundamentaram a nossa investigação? Temos consciência da precariedade, ainda hoje, da documentação por nós encontrada. Não é uma história homogênea e, decorridos mais de 60 anos, é uma memória fragmentada e de muitas versões, com lacunas, distorções e contradições, impregnada pelo tempo, pela sucessão de outros fatos, de outras mentalidades, e de momentos políticos. Tentamos ao final, resgatar este grande mosaico de recordações, refletido pelos nossos protagonistas.

Das lembranças brasileiras ficaram retidas a emoção da partida e os

anseios de chegar à Itália, após uma longa viagem em alto-mar. A chegada nos primeiros acampamentos, mostrava a esses homens o grau de dificuldade que teriam de enfrentar. A ausência de uma infra-estrutura inicial, a falta de barracas e as adaptações que foram efetuadas na última hora pelo 5º Exército Americano, proporcionaram sofrimentos de toda ordem.

Em todos os acampamentos, era comum a presença de civis italianos, principalmente mulheres e crianças. Muitos foram alimentados pelos soldados brasileiros, e suas famílias não padeceram graças a esta ajuda. Tais referências aparecem sempre nos depoimentos. A miséria e a lamúria da população dos desabrigados era tocante e não passou despercebida. A população famélica possuía apenas a roupa do corpo. Muitas vezes o comando brasileiro avaliava esta situação, e apetrechos de cozinha e alimentos eram entregues a cada povoado, vilarejo ou conjunto de casas por onde a tropa passou.

A leitura dos diários e os depoimentos brasileiros conduzem a evidências, momentos de sensibilidade e solidariedade que não encontramos nos registros factuais da FEB.

No inter cruzamento dos depoimentos, a história dos brasileiros ressalta o bom relacionamento entre os soldados e as famílias italianas. O núcleo familiar durante a guerra era composto por mulheres, crianças e homens de bastante idade. Os homens em idade militar estavam no *front* ou eram prisioneiros em outros países, estavam desaparecidos ou tinham morrido.

A simplicidade dos homens que compunham a FEB logo atraiu a simpatia dos italianos, a língua latina foi outro fator de aproximação, mesmo com os *partigianos*, estes últimos, combatentes locais, prestaram serviços e lutaram ao lado dos americanos e brasileiros.

Outro fator de aproximação foi a religião católica. Inúmeros italianos recordam-se das missas em que os soldados brasileiros participavam, bem como das orações e do trabalho dos capelães militares, nas preces que eram realizadas,

muitas vezes alguns minutos antes da patrulha partir para uma missão.

Nas referências de Pierre Nora<sup>293</sup>, o homem contemporâneo, na sua dificuldade de manter a própria memória, consagra a ela “lugares”, e a história cumpre o seu papel de mediadora entre os homens e a tradição, cabendo a esta o papel de inventariante dos “lugares” onde esta memória esta colocada.

Desse modo, os monumentos brasileiros construídos na Itália, homenageando os soldados da Força Expedicionária Brasileira, podem ser vistos e percebidos como os “lugares da memória”, criados e edificadas pelas comunidades que os conceberam, localizados estrategicamente onde os fatos aconteceram. São modelos clássicos desses lugares, *Gaggio Montano, Montese, Vergato e Pistóia*, caracterizando, dessa maneira, o passado peculiar a todos, brasileiros e italianos, sinalizando com os valores de ontem e de hoje, a busca de identidade e pertencimento.

Como podemos pensar a relação dos habitantes de uma cidade com seus monumentos? Como diz Cristina Freire em sua obra *Além dos Mapas...* “Longe de se referirem a traçados urbanos abstratos, carregam-na de sentido simbólico; testemunham sistemas mentais da época em que foram criados e solicitados, não raro uma relação não apenas perceptiva mas também efabuladora, que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais e coletivas”<sup>294</sup>

Neste aspecto, nossa pesquisa mostrou a relevância dos atos comemorativos promovidos pelos agentes e instituições envolvidos no processo de construção dos monumentos na Itália. Neste caso, o reforço da memória histórica coletiva foi decisivo, para que os fatos da Segunda Guerra Mundial não sejam esquecidos. Esses agentes vivenciaram o tempo e o espaço de seus antepassados, cujos laços da memória ainda hoje estão ligados à guerra e dela fizeram parte seja como combatentes, seja como civis, homens, mulheres e crianças, que não

<sup>293</sup> NORA, op. cit..

<sup>294</sup> FREIRE, op. cit. p.55.

deixaram morrer as lembranças.

Ao trabalharmos com os monumentos históricos, o estudo obrigou-nos a uma aproximação com a arquitetura. Desse modo, foi possível nos familiarizar com as diversas formas de expressão e conceitos usados pelos especialistas dessa área, o que possibilitou um “olhar” às formas e significados expressos nos monumentos.

No caso do Monumento *Libertà* em Montese, construído por Italo Bortoletti, o autor evoca o passado histórico do povo, gravado naquele monumento. Nele foi possível detectar a linguagem subjacente e a expressividade marcada pelas máscaras de sofrimento que retrataram a guerra.

O Monumento *Brasile* foi construído para as celebrações do cinquentenário do término da 2ª guerra Mundial em *Gaggio Montano*, mais exatamente na localidade conhecida como *Guanella*. Este o local mais próximo ao *Monte Castello*, onde ocorreram episódios marcantes para os brasileiros que ali passaram e para a população italiana que não abandonou suas casas. Como símbolo principal deste monumento, os seus mentores utilizaram a simbologia da bandeira brasileira, ou seja, a esfera e os dizeres “ordem e progresso”, buscando desse modo, agregar ao monumento as expressões de grande valor para o Brasil.

O monumento *Liberazione: monovolumi a ritmi aperti*, construído por Mary Vieira em *Gaggio Montano*, inaugurado em 2001 foi marcante para os gaggenses e brasileiros. No processo demorado de sua execução, devemos ressaltar o trabalho infatigável da escultura que faleceu antes da inauguração. No discurso feito em fevereiro de 1999, é possível compreendermos o profundo significado desse empreendimento: “Curvam-se os céus do território de Monte Castello, onde os pracinhas venceram a épica batalha na Segunda Guerra Mundial”

O *Liberazione*, em sua monumentalidade, com seus arcos que se cruzam diante do morro, acenam para a transcendência dos tombados durante a campanha de Monte Castello, e está impregnado por um profundo significado filosófico, que vai além das linhas geométricas proporcionadas pela estética.

Dos relatos dos testemunhos, dos diários, das obras italianas destacadas nesta pesquisa, emerge a figura do brasileiro. São relatos envolventes que localizam os brasileiros e os inserem na história italiana. Os soldados da Força Expedicionária Brasileira marcaram para sempre as lembranças desses cidadãos e, assim, são vistos como bons combatentes, sinceros, dignos de confiança, solidários, libertadores e, acima de tudo, grandes amigos. Os laços de amizade se manifestam ainda hoje.

Conseqüentemente, essa memória fala dos laços de solidariedade, de amizade e fraternidade entre a população italiana e os brasileiros, em detrimento de outros soldados aliados que não são lembrados. Podemos avaliar essas manifestações, que se fazem presentes nas homenagens e nas celebrações anuais, que se repetem nas datas comemorativas pelos combates de Monte Castello (21 de fevereiro), Montese (14 de abril) e Castelnuovo (5 de março), nas regiões próximas à Bolonha e liberadas pelos brasileiros, na Segunda Guerra Mundial.

Nas celebrações que marcaram o cinquentenário do pós-guerra, os cidadãos italianos desfilaram em cortejo, depositarem flores e se emocionaram diante das lápides dos monumentos, que tomaram a dimensão de tumbas. Destes gestos, emergiram episódios marcantes para os italianos e brasileiros. Para muitos, ali estavam delineadas fisionomias inesquecíveis, dos entes queridos, imagens que retornavam de um tempo que será sempre lembrado.

Este trabalho não pretende fornecer uma resposta definitiva para o processo de investigação sobre os monumentos brasileiros construídos na Itália, mas ensejar outras pesquisas. Acreditamos que a confirmação de nossas hipóteses, possam ser úteis para outros estudos historiográficos.

Entendemos, de outro lado, que este estudo oferece apontamentos interessantes para focalizar a Força Expedicionária Brasileira e sua inserção na monumentalística italiana, e desse modo, trazer luzes à reflexão sobre esse tema tão relevante para a História Contemporânea Brasileira.

## FONTES

ALVES, Joaquim Victorino Portella. **Presença da FEB nos campos da Itália.** Palestra

BRASIL. MINISTÉRIO DA GUERRA. **Boletim Reservado Do Exército.** Rio de Janeiro, n.º 18 c, 11 out. 1943.

\_\_\_\_\_. **Boletim Reservado Do Exército** – Ministério da Guerra. Rio de Janeiro, Nº 18, 11 out. 1943.

CAMPOS, Aguinaldo José Senna Campos. **FEB – Organização, presença e importância.** Palestra

IMPrensa NACIONAL. Rio de Janeiro, 1947.

MELLO, Newton. **Meu diário na Itália.** Conferência – 30/6/44 a 8/7/45.

## FONTES PRIMÁRIAS

ENTREVISTAS orais e depoimentos realizados com os veteranos da FEB. Curitiba/São José dos Pinhais – Paraná. E cidadãos italianos nas comunas próximas a Bolonha.

ENTREVISTAS gravadas e filmadas que pertencem ao acervo do Museu do Expedicionário. Curitiba – Paraná.

## ICONOGRÁFICAS

Arquivo de fotografias do Museu do Expedicionário. Curitiba. Paraná. E arquivo fotográfico do Instituto da História da Resistência, em Bolonha. Filmes documentários sobre a FEB.

## IMPRESSAS

Crônicas

Memórias e diários

Periódicos dos regimentos

Relatórios de regimentos



## JORNAIS

JORNAL DE CAMPANHA SAMPAIO (Monte Castello – Diversos), 1945.

JORNAL ZÉ CARIOCA .dezembro 1944

SÓ PENAS.ABRIL DE 1945.

O CRUZEIRO DO SUL.8 de abril de 1945.

A COBRA FUMOU.31 de março 1945

IL RESTO DI CARLINO – Bologna,Itália. 1943-1945 e 2001-2002.

PATRIOTI.Itália. dezembro de 1944.

CRONACA DE PISTÓIA.-Italia.junho e novembro de 1966,setembro 1968,

VERGATO INFORMA.Itália.outubro de 1998,janeiro 1999,junho 2002

*La voce dei combatenti e reduci.* Bolonha.1998, 1999, 2000, 2001.

## OUTROS

Alimentos

Arquivo fotográfico

Depoimentos gravados (período de 1995-2002)

Diários

Equipamentos

Mapas

Relatórios de campanhas

Uniformes

## ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Eronides da Cruz. Curitiba. dezembro de 2002

Aristides Saldanha Vergés. Curitiba outubro e novembro de 2000

Antonio Dombrowski-(vídeo-documento) 1994.Museu Atilio Rocco.

São José dos Pinhais.Pr. março de 2002 .

Paulo Stankevecz. São José dos Pinhais. fevereiro de 2002.

Francesco Arnoaldo Berti – Guanella – Itália. junho de 2001

Fabio Gualandi. Gaggio Montano. Itália. junho de 2001.

Giuseppe Cechelli. Gaggio Montano. Itália. junho de 2001.

Maria Marchi. Gaggio Montano. Itália. junho de 2001.

Caterina Bruni. Gaggio Montano. Itália. junho de 2001

Ítalo Bortolotti. Montese. Itália 4 de agosto de 2002.

Mary Vieira. Milão, Itália. 19\_\_, 1995, 1998, 1999.

Miguel Pereira (vídeo documento) 12 agosto 2002.

## REFERÊNCIAS

ALBRICKER, Jarbas. **Memórias de um pracinha**. Minas Gerais: Imprensa Oficial Belo Horizonte, 1983.

ALBUQUERQUE, Ivo de. Alocução: **Sobre o Monumento Militar de Pistóia**. Petrópolis, RJ. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/docs/ial\\_19990624.htm](http://www.ihp.org.br/docs/ial_19990624.htm)> Acesso em: 19 mar. 2003.

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Max Wolff, um símbolo, quase uma lenda**. Manuscrito. Rio de Janeiro, 1995.

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Montese - Marco glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985.

AMARAL, Maria do Carmo. **O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Dissertação (mestrado). 2001, Curitiba, Paraná, Universidade Federal do Paraná.

AMICARELLA, Daniele. La Guanella 11 aprile 1995. **Gente di Gaggio**, n. 11. ed. Gente di Gaggio, Bolonia, Itália, 1995.

AMIDEN, Jamil. **Eles não voltaram**. Rio de Janeiro: Gráfica Riachuelo, 1960.

ANDREUCCI, Marco. **Vergato 1943-45 - Memorie di Guerra dei paroci del Reno**. Bolonha: Tipografia Ferri-Vergato, 1994.

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. Memória (res) sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Tradução: Jacy Alves Seixas. Campinas-SP: Unicamp, 2001.

ARBIZZANI, Luigi (Org.) **Esplorando Il Passato. Testemonianze e documenti della seconda guerra mondiale. Comune di Vergato**. Bolonha: Artgraf, 1989.

ARGENTO VIVO. Revista do Sindicato Pensionati Italiani dell'Emilia Romagna. Bolonha, Itália. 2 de fev. 2002.

ARRUDA, Demócrito Cavalcanti. **Impressões de um infante sobre o comando da FEB – Depoimentos dos oficiais da reserva sobre a FEB**. São Paulo: Cobraci, 1949.

BARRÉ, François. **Entrevista a Label France**. O patrimônio entre memória e o projeto. Disponível em: <<http://www.ambfrance.org.br/label/label35/patrimoine/01memoire.html>> Acesso em: 20 nov. 2002.

BARRÉ, François. **Entrevista concedida a Daniel Bermond**. Disponível em: <<http://www.ambfrance.org.br/label/label35/patrimoine/01memoire.html>> Acesso em: 20 nov. 2002.

BELLISI, Inês. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Montese (MO), Itália. 9 de set. 2001.

BELLISI, PICCINELLI, MORSIENI *et al.* **Montese – fascismo, guerra, ricostruzione**. Modena-Itália: Golinelli Editore, 1990.

BENJAMIN, Walter *apud* MONTENEGRO, Antônio Torres. **A Invenção das Comemorações**, Universidade de Pernambuco, 1998.

BERNADOTTI, Maria; CASALI, Luciano. **Al di qua e al di là della Linea Gotica 1944-1945. Regione Emilia-Romagna e Toscana**. Bolonha, 1993.

BERTAGNONI, Giuliana. *Condizioni materiali e consumi a Monzuno fra guerra e doppo guerra*. In: CASA, Brunilla Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **La montagna e la guerra L'Appennino fra Savena e Reno, 1944-1945**. Istituto per la Storia della Resistenza di Bologna: Ed. Aspasia, 1999.

BERTI, Francesco Arnaldo. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Gaggio Montano, Itália. 30 jun. 2001.

BERTI, Francesco Arnoaldi. **L'Azione Civile della brigata Giustizia e Libertà**, Bologna, Itália, 1999.

BERTI, Francesco. *Lotte sociali e lotta armata. La Resistenza nelle zone montane delle Province di Bologna, Modena e Pistóia*, no artigo **L'Azione civile della Brigata Giustizia e Libertà a Gaggio Montano**. Archivio Comunale di Gaggio Montano, Gaggio Montano, Bolonha, Itália, 1999.

BONASI, Hugo. *Cronache*. In: **IL RESTO DE CARLINO**, Bolonha, p. 13, 28 de jan. 2002.

BORRI, Alessandro. **4 Luglio 1944, la stragedi Biagioni**. Bolonha: Ed. Aspásia, 2000.

BORTOLLOTTI, Italo. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Montese, Itália, 4 de agosto de 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Rubem. **Crônicas de guerra**. (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

BRANCO, Manoel Thomaz. Castello. **O Brasil na II Guerra Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1969.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A Arquitetura e seu bom combate**. Fumec, 1998. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.br/ia/fumec.html>> Acesso em: 06 jul. 2000.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A arquitetura e seu combate**. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.Br/ia/fumec.html>> Acesso em: 06 jul. 2000.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BRUNI, Caterina. **Entrevista concedida à Carmen Lúcia Rigoni**. *Gaggio Montano* (BO). Itália, 30 de jun. 2001.

CARTAZ. **Itinerário didattico della Línea Gótica**. Montello, Montese, Itália, 2001.

CARVALHO, Estevão Leitão. **A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952, p. 374.

CASA, Brunella Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **Bologna in guerra. 1940-1945**. Milão-Itália: Editora Francoangeli, 1995.

CASALI, Luciano; BERNADOTTI, Maria. In: ARBIZZANI, Luigi (a cura di). **Al di qua e al di là della linea gotica: 1944-1945: aspetti sociali, politici e militari in Toscana e in Emilia-Romagna**, Bologna-Firenze, Regioni Emilia-Romagna e Toscana, 1993.

CASTELLO BRANCO, Humberto de Alencar. **Marechal Castello Branco e seu pensamento militar**. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1968.

CASTRO, Maria Almeida Couto. **Monumentos Brasileiros no Patrimônio Nacional**. *Revista do Icomos*. Brasil, Salvador, Bahia, 2000.

CECHELLI, Giuseppe. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. *Gaggio Montano*, Itália. 30 jun. 2001.

CLARK, Mark W. **Risco calculado**. Tradutor: Newton C. Andrade Mello. Rio de Janeiro: Bibliex, 1970.

COMUNICADO À IMPRENSA. *Institut International pour la Recherche Esthetique et Progressiste*. Via Plínio, 7. Rome, Italie. 1981.

COSTA, Otávio. **Trinta Anos Depois da Volta**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

COUTINHO, Lourival. **O General Góes Depõe**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco, 1956.

CRONACA DI PISTOIA. **Pistóia**. Itália, 3 de novembro de 1966.

CRONACA DI PISTOIA. **Pistóia**. Itália, 8 de junho de 1966.

CRONACA DI PISTOIA. **Pistóia**. Itália. 9 de junho de 1966.

CRUZ, Eronides. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Curitiba. 20 dez. 2000.

Dicionário "*Lo Zingarelli minore*". Bolonha-Itália: Editora Zanichelli, 1994.

Dicionário Aurélio Século XXI.

DOGLIANI, Patrizia. Luoghi della memória e monumenti. *In*: CASA, Brunella Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **Bologna in Guerra. 1940-1945**. Milão: Editora Francoangeli, 1995.

DOMBROWSKI, Antônio. **Depoimento**. Videodocumento. Museu Atílio Rocco. São José dos Pinhais, PR, out. 1994.

DOMENICO, Roy. Impressioni anglo-americane riguardo ai patigiani sulla Linea Gotica: il caso del Patriots Branch. *In*: **Al di qua e al di là della Linea Gotica, 1944-1945: aspetti sociali politici e militari in Toscana e in Emilia-Romagna e Toscana**, 1993.

DONDI, Mirco. Marzabotto: a la Stella Rossa, la Strage, la Memoria. *In*: CASA, Brunella Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **La montagna e la guerra L'Appennino fra Savena e Reno, 1944-1945**. Istituto per la Storia della Resistenza di Bologna: ed. Aspasian, 1999.

DUBY, George. **História e Nova História**. Tradução: Carlos Veiga Ferreiro. Lisboa: Teorema, 1986.

DUNN, Keith. Um conflito de idéias: as origens da Guerra Fria, *In*: **Military Review**. ECEM, EUA, 1977.

E A COBRA FUMOU. Gaggio Montano, Itália, 31 de março de 1945.

EAGLETON, Terry. **Ideologia uma introdução**. Tradução: Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

ECKERT, Edgard José. **Memórias de um ex-combatente**. Relato de um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Florianópolis: Ed. Insular, 2000.

ELLWOOD, David; MILLER, James; MUNDEN, Kenneth *apud* DOMENICO, Roy. In: Impressioni anglo-americane riguardo ai partigiani sulla Linea Gotica: il caso del Patriots Branch. pp. 335-353.

FACCI, Mario; BORRI, Alessandro. ***Porreta dall' Unità alla Repubblica (1858-1948)*** Comuna di Porreta. Bolonha, Itália: ed. Zampighi, 1998.

FEBVRE In: GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e história científica. ***Revista Brasileira de História***, São Paulo, v. 15, n. 28, 1993.

FERREIRA, Carlos Antero. ***Arquitetura e Monumentalidade - as origens***. Lisboa-Portugal, 1964. Dissertação (Concurso Público) Escola Superior de Belas Artes Portugal.

FIASCHI, Cesare. ***La Guerra Sulla Linea Gotica occidentale Div. Monterosa 1944-45***. Bolonha, Itália: Lo Scarabeo, 1999.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 31 out. 1995.

FREIRE, Cristina. ***Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo***. SESC São Paulo: Annablume, 1997.

GABRIELE, Mariano. ***La forza di Spedizione Brasiliana (FEB) nella Campagna d'Italia*** (setembre 1944 aprile 1945). Roma: Ufficio Storico SME, 1986.

GABRIELE, Mariano. La forza expedicionária brasileira (FEB) sulla linea gotica. In: ***Linea gotica 1944 esercite popolazione partigiani***. Milano: Angeli, 1986.

GERONDER, Jacob. ***A participação do Brasil na 2.ª Guerra Mundial e suas conseqüências***. São Paulo: Unicamp, 1986.

GIANNASI, Andréa. ***Il Brasile in guerra: la FEB nella campagna d'Italia***. Tese. Universidade de Pisa, Itália, 2000.

GONÇALVES, José. Nosso Revés em Somacolonía. In: ***Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB***. Rio de Janeiro: Cobraci, 1949, p. 185.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, Portugal: Ed. Confluenza.

GROSMANN, Jonathan. Violência e Silêncio: reescrevendo o futuro. ***Revista História Oral***. Gandalfi, São Paulo, 2000. pp. 7-23.

GUALANDI, Fabio. Crônica. In: ***Gente di Gaggio Montano***, Bolonha, n. 23, Jul., 2001.

GUALANDI, Fabio. ***Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni***. Gaggio Montano, Itália, 3 jun. 2001.

GUARINELLO, Norbert Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 28, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HENRIQUES, Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959.

HERTZ, Alfredo de Sá Earp. O sentido do passado para os arquitetos. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Arquitetos**. São Paulo, IAB, 1976.

HORTA, Maria de Lourdes. Educação Patrimonial. **Anais do 1.º Congresso sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística**. Porto Alegre, Pallotti, 1992.

IL RESTO DEL CARLINO. Bolonha, 3 de nov., 1944.

IL RESTO DEL CARLINO. Bolonha, Itália. 22 jun. 2001.

IL RESTO DEL CARLINO. Modena. Itália. 16 de abril de 1995.

IL RESTO DEL CARLINO. Montese (MO), 22 de abril de 2001.

KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella, um drama da FEB**. Curitiba, PR: Juruá, 2002.

LA RESISTENZA A BOLOGNA, TESTIMONIANZE E DOCUMENTI, **La Stampa Periodica Clandestina**, v. II, Bologna, 1996.

LA VOCE DEI COMBATTENTI E REDUCI. Federazione Provinciale di Bologna, n. 5 e 6. Bolonha, dez. 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernadete Leitão. Campinas (SP): Unicamp, 1996.

MACNEALY, Dean B.A.G. D. *Rapporto Storico del Reparto Brasiliano di Collegamento*. In: GABRIELE, Mariano. **La Forza di Spedizione Brasiliana**. Itália: Ufficio Storico SME, 1986, p. 418.

MAPA MONTESE. **Carte dei sentieri** - comune di Montese e Assessorato alla Cultura e al Turismo, Montese, Itália, 1999.

MARCHI, Maria. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Gaggio Montano, Itália. 30 jun. 2001.

MARCHI, Oreste. Carta. **Arquivo Paroquial de Gaggio Montano**. 16-12-1948. Bolonha, Itália 3 de julho de 2001.



MARX, Murilo; TELLES, Augusto Carlos da Silva (org). **O teu monumento é a tua Escola**. Atlas dos Monumentos Históricos de São Paulo. São Paulo: MEC, 1975.

MATHEWSON, Nathan S. **Storia Operativa della 1.<sup>a</sup> Divisione di Fanteria del Corpo di Spedizione Brasiliano**. P.R.O., War Office. Allegato n.º 3, 204, 5848. *In*: GABRIELE, op. cit.

MATHEWSON, Nathan. S. **Rapporto di situazione nº 23 dell' 11 marzo di 1945**. Public Record Office. Allegato. 204. 1324. *In*: GABRIELE, op. cit.

MATTOS, Carlos de Meira. **O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época**. vol. I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.

MAXIMIANO, César Campiani. **Onde estão nossos heróis - uma breve história dos brasileiros na 2.<sup>a</sup> Guerra**. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 1995, p. 108.

MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil-Estados Unidos 1937/1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

MELLO, Newton C. de Andrade. **Causas e conseqüências da participação do Brasil na II Grande Guerra. Conferência**. Rio de Janeiro: DIP, 1958.

MENDES, Wilson Teixeira. **A Escola Americana de Treinamento e Comando de Pelotão de Santa Agata dei Gotti**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1949.

MENEGUELLO, Cristina. **Arquitextos A preservação do patrimônio e o tecido urbano**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto007.asp>> Acesso em: 05 jul. 2000.

MODELLI, Ferruccio. (Org.). **Montese, 1943-1945**. Bologna: Scuola Grafica Salesiana, 1975.

MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia. **Memórias revisitadas**. *In*: **O Instituto Aggeu Magalhães, na vida de seus personagens**. Pernambuco: Instituto Aggeu Magalhães. 1997.

MONTESI E NOTIZIE. PERIODICO DI INFORMAZIONE E CULTURA SPECIALE. Fortaleza, Ceará – Brasil, ano VII. Il Trebbio, Montese. Itália. Setembro de 2000.

MORAES, João Baptista B. Mascarenhas de. **Memórias**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Gal. Cordeiro de Farias. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1960.

MORAES, Mascarenhas de. **Relatório Secreto**. Vol. I. MINISTÉRIO DA GUERRA, 1948.

MORRIS, Eric. **Circles of hell the war in Italy (1943-1945)**. New York: Crown, 1993.

MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

NORA, Pierre, *apud* BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora: da história do presente aos lugares da memória - uma trajetória intelectual. **História - Questões e Debates**, Curitiba, n. 24, pp. 105-125, jul/dez. 1996.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1993.

NORDIO, Oddone. **Momenti Fatali**. In: IL RESTO DEL CARLINO. Bolonha, pp. 20, 29, set. 2002.

O CRUZEIRO DO SUL. Itália, Publicação do Serviço Especial. 8 de abril de 1945.

O CRUZEIRO DO SUL. Publicação do Serviço Especial. Itália. 8 de abril de 1945.

OLIVEIRA, Dennison de. **A Ditadura do Estado Novo e a Luta contra o nazifascismo**. (1942-1945). Curitiba, Paraná: UFPR, 2003.

OLIVEIRA, Dennison de. **Cultura e Poder nas cerimônias militares das Forças Armadas Brasileiras**: o caso da vitória de Monte Castello. Curitiba-Paraná: UFPR, 2000.

OLIVEIRA, Dennison de; NAPOLITANO, Marcos (org). **História e Historiografia Militar**. Guia do Museu do Expedicionário. PET. Curitiba: UFPR, 2000.

PASQUALE, Colombi, prefeito da cidade de Vergato. **Carta**. Vergato, Bolonha, Itália. 22 de ago. 2002.

PATICCHIA, Vito. **Progetto regionale "Linea Gótica"**. Itinerário Guanella-Monte Castello-Ronchidoso-Gaggio Montano. Itália, ago. 2002.

PATRIA INDIPENDENTE. **25 Aprile 1945 - Aprile 1995**. Roma, Itália, 27 de março de 1995.

PATRIOTI, 1.<sup>a</sup> **Brigata Giustizia e Libertà**, n. 1, Bolonha, Itália, dez. 1944.

PECCI, Franco. Carta à redação. **Revista Gente di Gaggio**. n.º 7. p. 6 *Gaggio Montano*, Itália. 1992.

PEREIRA, Miguel. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Pistóia. Itália, agosto de 2002.

PINHEIRO, José Juarez Bastos. **Castelnuovo no contexto da FEB**. Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Rio de Janeiro, julho de 1972.

PINHEIRO, Juarez Bastos. **Castelnuovo no contexto da FEB**. Rio de Janeiro: ANVFEB, 1975.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 5, nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro *apud* NEVES, Lucila de Almeida. Memória, história e sujeito. **Revista História Oral**, n. 3, São Paulo, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Variações sobre a Técnica do Gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Queiroz, 1991.

REBELLO, Moacir Mallemont Filho. **A origem do Halloween**. Disponível em: <<http://www.redel.com.br/~mallemont/histórias/celtas/origem-celtas.htm>> Acesso em: 03 jul. 2000.

RELACUS, acústica arquitetônica. **História da Arquitetura. O “A” da Arquitetura no tempo**. Disponível em: <<http://planeta.terra.com.br/serviços/relacus/arquitetônica/história>> Acesso em: 02 jul. 2000.

RELEASE N.º 1. Embaixada do Brasil em Roma. 6 de out. 1998.

RESENHA. **Nave da palavra. Cidade-Espelho do tempo**. Disponível em: <<http://almandradex@ig.com.br>> Acesso em: 02 jul. 2000.

REVISTA DO CLUBE MILITAR. Rio de Janeiro, fev, 1998.

REVISTA EXPRESSO. **Um monumento americano**. Disponível em: <<http://primeirasedições.expresso.pt/ed1349/r0661,asp>> Acesso em: 26 dez. 2002.

RIEGL, Alois *apud* MARX, Murilo. **O Teu monumento é a tua escola**. Atlas dos Monumentos Históricos de São Paulo. São Paulo: FENAME, 1975, pp.21-24.

RIGONI, Carmem Lúcia. **Nas trilhas da 2.ª Guerra Mundial – as experiências, as vivências e os sentimentos do soldado brasileiro**. Curitiba: Editora Torre de Papel, 2002.

ROIT, Sabrina da; MONTICELLI, Roberta. La famiglia in guerra e il nuovo ruolo delle donne. *In*: CASA, Brunilla Dalla; PRETI, Alberto (orgs.). **La montagna e la guerra L'Appennino fra Savena e Reno, 1944-1945**. Istituto per la Storia della Resistenza di Bologna: Ed. Aspasia, 1999.

ROSA, Celso. **O pracinha na guerra**. São Paulo: Café Editora Expressa, 2000.

SANTOS, Francisco Ruas. **Fontes para a História da FEB**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.

SCHENEIDER, Jacob Emílio. **Vivência de um capelão da FEB**. Curitiba: Edições Rosário, 1983.

SENGER, Frido von. Combater sem medo e sem esperança. *In: Montese - fascismo, guerra e ricostruzione*. Il Trebbo. Montese (MO), Itália: Ed. Golinelli., 1990, p. 283.

SILVA, Helenice Rodrigues da. O fenômeno das comemorações como objeto de análise histórica. **Espaço Plural Unioeste - Cultura Universitária sem Fronteiras**, ano III, n.º 7, pp. 19-20, março de 2001.

SILVA, José Alves. **A saga de um catarina na FEB**. Florianópolis: Ed. do Autor, 2001.

SILVA, Maurício da. **Montese - fascismo, guerra, ricostruzione**. Montese-Modena, Itália: Il Trebbo. Golinelli Editore, 1990, p. 275.

SILVEIRA, Antorildo. **O 6.º Regimento de Infantaria Expedicionário**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1946.

SOARES, Leonércio. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba-PR: Edição do autor, 1998.

STANKEVECZ, Paulo. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. São José dos Pinhais, PR. 28 fev. 2002.

TROTA, Ezio. **Cronache di guerra fra Reno e Samoggia (1943-1945)**. Ed. Il Modena. Itália: Fiorino, 2000.

TROTA, Ezio. **Cronache di guerra fra Reno e Samoggia (1943-1945)**. Modena, Itália: Edizione Il Fiorino, 2000.

UZEDA, Olívio Gondin. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952.

VEIRA, Mary. Guanella, 21 fev. 1999. *In: Comunicato Stampa I. Comitato Promotore del Monumento Liberazione: Monovolume a ritimi aperti*. Piazza Aspromonte, n. 11, Milano, Itália, feb. 1999.

VERGATO INFORMA, n. 2, Vergato, Bolonha, Itália, 1998.

VERGATO INFORMA, n. 3, Vergato, Bolonha, Itália, 17 de abril de 2003.

VERGÉS, Aristides Saldanha. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Curitiba, nov. 2000.

VIEIRA, Mary. **Entrevista:** Conversando com Mary Vieira - comunicado à imprensa. Milão, Itália. s/data.

VIEIRA, Mary. **Progetto Monumento Commemorativo "Liberazione"**. Comune di Gaggio Montano, Bolonha, Itália, 1996.

WAACK, Willian. **As duas faces da glória**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZINGARELLI. **Minore**. Bolonha, Itália: Zanichelli Editore, 1994.